

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Mauricio Alves de Souza Pereira

**“RAMOS, CARVÕES, SABERES E TRADIÇÕES”:
O LÉXICO DAS BENZEDEIRAS NA REGIÃO DE SALINAS – MG**

Belo Horizonte

2025

Mauricio Alves de Souza Pereira

**“RAMOS, CARVÕES, SABERES E TRADIÇÕES”: O LÉXICO DAS BENZEDEIRAS
NA REGIÃO DE SALINAS – MG**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral

Belo Horizonte

2025

P436r

Pereira, Mauricio Alves de Souza.

“Ramos, carvões, saberes e tradições” [manuscrito] : o léxico das benzedei-
ras na região de Salinas/MG / Mauricio Alves de Souza Pereira. – 2025.
1 recurso online (258 f.) : pdf.

Orientador: Eduardo Tadeu Roque Amaral.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Letras.

Bibliografia: f. 143-150.

Apêndices: f. 151-258.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Salinas (MG) – Teses. 2. Língua
portuguesa – Regionalismos – Salinas (MG) – Teses. 3. Lexicologia – Teses. 4.
Sociolinguística – Teses. 5. Curandeiras – Salinas (MG) – Teses. 6. Medicina
popular – Teses . I. Amaral, Eduardo Tadeu Roque.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

“Ramos, carvões, saberes e tradições”: o léxico das benzedeiiras na região de Salinas – MG

MAURICIO ALVES DE SOUZA PEREIRA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 18 de março de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Eduardo Tadeu Roque Amaral - Orientador

UFMG

Prof(a). Bruno Oliveira Maroneze

Universidade Federal da Grande Dourados

Prof(a). Guilherme Fromm

Universidade Federal de Uberlândia

Prof(a). Márcia Verônica Ramos de Macêdo

UFAC

Prof(a). Maria Alice Mota

UNIMONTES

Belo Horizonte, 18 de março de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Tadeu Roque Amaral, Subcoordenador(a)**, em 20/03/2025, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Fromm, Usuário Externo**, em 21/03/2025, às 11:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcia Verônica Ramos De Macêdo, Usuário Externo**, em 21/03/2025, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Oliveira Maroneze, Usuário Externo**, em 21/03/2025, às 13:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Alice Mota, Usuário Externo**, em 26/03/2025, às 09:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4061835** e o código CRC **65B32C7C**.

DEDICATÓRIA

Esta tese de doutorado é dedicada em especial à minha avó, Avelina, minha primeira benzedeira e eterna inspiração. Foi ela quem, na simplicidade da zona rural onde morávamos, me ensinou, ainda criança, o poder transformador da fé e das palavras ao benzer. Naquela época, os recursos médicos escassos e a distância até a cidade grande faziam com que o acesso à saúde fosse quase impossível, mas a sabedoria de vovó, que era analfabeta, e das demais benzedeiros da região eram a esperança, o consolo e a cura para uma comunidade tão carente e necessitada como a nossa. Lembro-me, com imensa saudade, das vezes em que a vi benzer, cheia de dedicação e amor, cochichando suas rezas enquanto segurava três raminhos verdes que ela me pedia para colher no quintal. Saiba, vó, aí do céu, onde a senhora está agora, que foi sua força, sua devoção e o impacto que causou na vida de tantas pessoas que plantaram em mim a semente desse tema de pesquisa, que hoje se concretiza neste trabalho de doutoramento. Foi graças ao seu conhecimento e incentivo – apesar de ser uma mulher analfabeta – que hoje me torno doutor.

Dedico também esta tese às benzedeiros da região rural de Salinas que participaram desta jornada acadêmica, mulheres de fé e sabedoria, que abriram as portas de suas casas e seus corações para compartilhar comigo seus conhecimentos, suas histórias e suas práticas. As tantas benzeções que ouvi e aprendi deram vida às páginas deste texto. Infelizmente, algumas dessas mulheres, como Dona Nenzinha, partiram durante o percurso do meu doutorado, deixando, além da saudade, uma herança cultural e espiritual imensa, que ressoa em suas comunidades e, agora, neste trabalho. Saibam que este é um tributo às suas vidas e ao bem que fizeram a tantas pessoas que encontraram em suas rezas o alívio para dores e aflições.

Por fim, dedico este trabalho a todas as benzedeiros, conhecidas ou anônimas, que, ao longo do tempo, mantêm viva a tradição magnífica de benzer. Vocês são as guardiãs de um saber que transcende gerações, intermediadoras entre o humano e o divino, e um símbolo de resistência e cuidado em lugares e em tempos de dificuldade. Este estudo é uma homenagem e uma forma de preservar e valorizar suas histórias, suas práticas e a importância que têm para tantas vidas. Com eterna gratidão e respeito, celebro, em cada página deste trabalho, cada uma de vocês.

AGRADECIMENTOS

Concluir o doutorado é a concretização de um sonho, e posso afirmar que não me tornei doutor sozinho, pois tive o apoio de pessoas maravilhosas, a quem, de coração, agradeço.

A Deus, pela força e sabedoria concedidas em cada etapa desta jornada, e à Nossa Senhora Aparecida, minha eterna mãe e protetora, cuja intercessão me guiou e trouxe paz nos momentos em que achei que eu não iria conseguir.

Ao meu orientador, Professor Eduardo Amaral, que me acolheu desde o mestrado, pela paciência, dedicação e orientações sempre precisas, de modo que este projeto ganhasse forma e significado. Agradeço por sempre confiar em mim, por me incentivar a ser melhor e por ser uma fonte de inspiração profissional.

À Universidade Federal de Minas Gerais e ao CNPq, por proporcionarem o espaço e os recursos para o desenvolvimento deste estudo.

À minha família, que sempre acreditou em mim e me apoiou incondicionalmente. À minha mãe, Vera Lúcia, exemplo de força e amor, e à minha avó, Tereza, também benzedeira, que me ajudaram diretamente na coleta das entrevistas.

Aos meus colegas de trabalho do Biomáximo e da Escola Estadual Carlos Versiani, que compreenderam minha jornada e me apoiaram com palavras de incentivo.

Às benzedeiros que compartilharam comigo seus saberes, graças aos quais foi possível dar vida e sentido a este trabalho.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste estudo. Cada gesto de apoio e cada palavra de incentivo fizeram a diferença, e sou profundamente grato a todos vocês.

Eu sei. Eu aprendi. Não foi pra mim. Jesus veio ao mundo pra servir e não veio pra ser servido, eu também vim ao mundo pra servir e não pra ser servida. Porque se eu for servida, é bom. Se eu não for servida eu sirvo os outros, não é não? Se eu faço pelos outros, Deus faz por mim, é isso, nós troca em Jesus Cristo, não no povo aqui na Terra, nós troca em Deus. Se eu faço por ocê, Deus vem e faz por mim. Recebo de Deus a mesma coisa que eu fiz, né? Graças a Deus, é felicidade ainda tá viva, ainda tá viva, forte e inteligente, meu filho, forte e inteligente.

Dona Ana de Cruz, benzedeira, 91 anos

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo descrever o léxico das benzeções na região rural de Salinas, Minas Gerais, no intuito de observar em que medida o léxico de mulheres que lidam com as práticas religiosas do ato de benzer retrata a realidade sociocultural desse grupo e, a partir disso, construir um vocabulário com as lexias mais representativas. Salinas está localizada no norte do estado e possui uma grande quantidade de distritos, comunidades e fazendas pertencentes ao município, onde as práticas e tradições religiosas têm grande influência na cultura local. Para ancorar o estudo, lançamos mão das contribuições da Antropologia Linguística (Duranti, 2000), da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]; Eckert, 1992), da Lexicologia (Abbade, 2012; Biderman, 2001; Polguère, 2018), da Lexicografia (Krieger, 2006) e do histórico das benzeções (Cunha, 2018; Del Priore, 2001; Oliveira, 1983). Ancorados nos estudos de Sociolinguística Variacionista, realizamos a gravação e a transcrição de 13 entrevistas na zona rural da cidade de Salinas, com mulheres benzedeadas de terceira idade, das quais extraímos 150 lexias relacionadas à benzeção. Para cada lexia, elaboramos uma ficha lexicográfica, constando a dicionarização (ou não) de cada item em oito obras dicionarísticas da língua portuguesa, desde o século XVIII à atualidade, processo que possibilitou a construção do vocabulário das benzeções da região rural de Salinas. Com a análise dos dados, percebemos uma grande ocorrência de lexias voltadas ao campo lexical das plantas e objetos utilizados nas benzeções, como *ramos* e *cordão*, dos males contra os quais as benzedeadas atuam, como *quebrante* e *olhado*, e uma diversidade de nomes de santos padroeiros a quem essas mulheres recorrem em suas orações, como *Virgem Maria* e *Nossa Senhora Aparecida*. Entre as lexias que compõem o estudo, cerca de um quarto (26%) não estão dicionarizadas, o que revela uma contribuição importante da pesquisa para o registro do léxico da benzeção. Entre as 150 lexias, encontram-se substantivos, adjetivos, verbos e fraseologismos, com origem em línguas como latim, árabe, grego e tupi. Ademais, constatamos um uso linguístico marcado pela religiosidade e pelas crenças, de modo que as benzeções são tradições passadas de geração em geração e, ainda hoje, mesmo com o avanço da medicina, muito procuradas para males e aflições que fogem à explicação racional. Além disso, notamos como o ato de benzer possibilita às mulheres benzedeadas inclusão na sociedade, mesmo sendo elas, em sua grande maioria, não alfabetizadas, na medida em que são procuradas pela comunidade e são vistas como intercessoras e intermediadoras da cura de males que afligem pessoas em seu dia a dia.

Palavras-chave: léxico; benzedeadas; sociolinguística; Salinas.

ABSTRACT

The present research aims to describe the lexicon of benedictions in the rural region of Salinas, Minas Gerais, with the goal of examining to what extent the lexicon used by women engaged in the religious practices of blessing reflects the sociocultural reality of this group. Furthermore, it seeks to construct a vocabulary of the most representative lexemes. Salinas is located in the northern part of the state and encompasses a significant number of districts, communities, and farms, where religious practices and traditions have a profound influence on the local culture. To ground the study, we draw on contributions from Linguistic Anthropology (Duranti, 2000), Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]; Eckert, 1992), Lexicology (Abbade, 2012; Biderman, 2001; Polguère, 2018), Lexicography (Krieger, 2006), and the historical study of benedictions (Cunha, 2018; Del Priore, 2001; Oliveira, 1983). Based on Variationist Sociolinguistics, we conducted the recording and transcription of 13 interviews with elderly female blessing practitioners (benzedeiras) in the rural areas of Salinas. From these, we extracted 150 lexemes related to the practice of benedictions. For each lexeme, a lexicographic record was created, detailing whether or not each term appears in eight Portuguese-language dictionaries, spanning from the 18th century to the present day. This process enabled the construction of a vocabulary of benedictions specific to the Salinas region. Data analysis revealed a significant presence of lexemes associated with the lexical fields of plants and objects used in benedictions, such as branches and cords; the ailments addressed by the benzedeiras, such as "quebrante" (spiritual exhaustion) and "olhado" (evil eye); and a variety of names of patron saints invoked in their prayers, such as the Virgem Maria and Nossa Senhora Aparecida. Among the lexical items that make up the study, about one quarter (26%) are not listed in dictionaries, which reveals an important contribution of the research to documenting the "benzeção" lexicon. Among the 150 lexical units, there are nouns, adjectives, verbs, and phraseologisms, originating from languages such as Latin, Arabic, Greek, and Tupi. Moreover, we observed a linguistic use characterized by religiosity and belief systems, highlighting how benedictions are traditions passed down through generations. Even today, despite advancements in medicine, these practices remain widely sought for ailments and afflictions that elude rational explanation. Additionally, the act of blessing provides benzedeiras with social inclusion, even though the majority are illiterate. They are sought after by their communities and regarded as intercessors and mediators in curing afflictions that trouble people in their daily lives.

Keywords: lexicon; benzedeiras; sociolinguistics; Salinas.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo describir el léxico de las bendiciones en la zona rural de Salinas, Minas Gerais, con el propósito de observar en qué medida el léxico empleado por las mujeres que practican los actos religiosos de bendecir refleja la realidad sociocultural de este grupo. Además, busca construir un vocabulario con las lexías más representativas. Salinas se encuentra en el norte del estado y cuenta con una gran cantidad de distritos, comunidades y haciendas pertenecientes al municipio, donde las prácticas y tradiciones religiosas tienen una gran influencia en la cultura local. Para fundamentar el estudio, recurrimos a las contribuciones de la Antropología Lingüística (Duranti, 2000), la Sociolingüística (Labov, 2008 [1972]; Eckert, 1992), la Lexicología (Abbade, 2012; Biderman, 2001; Polguère, 2018), la Lexicografía (Krieger, 2006) y el histórico de las bendiciones (Cunha, 2018; Del Priore, 2001; Oliveira, 1983). Anclados en los estudios de la Sociolingüística Variacionista, realizamos la grabación y transcripción de 13 entrevistas en la zona rural de la ciudad de Salinas con mujeres bendecidoras de edad avanzada, de las cuales se extrajeron 150 lexías relacionadas con la práctica de las bendiciones. Para cada lexía, se elaboró una ficha lexicográfica, indicando la inclusión (o no) de cada ítem en ocho obras lexicográficas de la lengua portuguesa, desde el siglo XVIII hasta la actualidad, lo que permitió la construcción del vocabulario de las bendiciones de la región de Salinas-MG. A partir del análisis de los datos, observamos una alta incidencia de lexías relacionadas con el campo léxico de las plantas y objetos utilizados en las bendiciones, como ramas y cordones; los males contra los que actúan las bendecidoras, como el "quebranto" y el "mal de ojo"; y una diversidad de nombres de santos patronos a los que estas mujeres recurren en sus oraciones, como la Virgen María y Nuestra Señora Aparecida. Entre las unidades léxicas que componen el estudio, aproximadamente una cuarta parte (26%) no está registrada en los diccionarios, lo cual pone de manifiesto la importante contribución de la investigación al registro del léxico de la "benzeção". Entre las 150 lexías, se encuentran sustantivos, adjetivos, verbos y fraseologismos, con origen en lenguas como el latín, el árabe, el griego y el tupí. Además, constatamos un uso lingüístico marcado por la religiosidad y las creencias, destacando que las bendiciones son tradiciones transmitidas de generación en generación. Aún hoy, a pesar de los avances de la medicina, estas prácticas son buscadas para tratar males y aflicciones que escapan a la explicación racional. Asimismo, notamos cómo el acto de bendecir proporciona inclusión social a las mujeres bendecidoras, aunque la mayoría de ellas sean analfabetas, ya que son buscadas por la comunidad y vistas como intercesoras y mediadoras en la cura de males que afectan a las personas en su vida cotidiana.

Palabras clave: léxico; bendecidoras; sociolingüística; Salinas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Propriedades do erva-doce.....	102
Figura 2 – Bicheiro.....	104
Figura 3 – Espinhela.....	107
Figura 4 – Campos lexicais das benzeções.....	116

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Adj: adjetivo

Art: artigo

N.C.A.: não consta acepção

N.D.: não dicionarizado

NCf: nome composto feminino

NCm: nome composto masculino

Nf: nome simples feminino

Nm: nome simples masculino

Pl: plural

Prep: preposição

Pron: pronome

S: substantivo

Sing: singular

V: verbo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das participantes.....	77
Quadro 2 – Modelo de ficha lexicográfica.....	81
Quadro 3 – Modelo de entrada das lexias no vocabulário.....	86
Quadro 4 – Lexias mais frequentes.....	90
Quadro 5 – Tipos de olhado.....	112
Quadro 6 – Campo lexical das práticas e rituais religiosos.....	114
Quadro 7 – Campo lexical de doenças e mal-estares.....	114
Quadro 8 – Campo lexical de plantas medicinais e objetos rituais.....	114
Quadro 9 – Campo lexical de sentimentos e estados espirituais.....	115
Quadro 10 – Campo lexical de santos e entidades religiosas.....	115

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Salinas-MG.....	58
--------------------------	----

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Distrito de Nova Fátima.....	59
Foto 2 – Visão Panorâmica do centro de Salinas MG.....	62
Foto 3 – Museu da Cachaça de Salinas.....	63
Foto 4 – Sala das garrafas/Museu da cachaça de Salinas MG.....	63
Foto 5 – Praça Moisés Ladeia/Salinas MG.....	64
Foto 6 – Mercado municipal de Salinas MG.....	65
Foto 7 – Fundação de cultura de Salinas/antigo presídio da cidade.....	66
Foto 8 – Cine Teatro Salinas “João Costa”.....	67
Foto 9 – Folia de Reis de Valdir Redondo.....	70
Foto 10 – Celebração da bandeira de Sagrado Coração de Jesus/Distrito de Nova Fátima.....	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Classificação gramatical das lexias.....	93
Gráfico 2 – Percentual de lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.....	99
Gráfico 3 – Percentual de dicionarização por obra consultada.....	100
Gráfico 4 – Etimologia das lexias.....	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 LÍNGUA, LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE.....	21
1.1 Curandeirismo e benzeções no Ocidente.....	21
1.2 As práticas de benzeção na história do Brasil ontem e hoje.....	25
1.3 Linguagem e Cultura.....	30
1.4 Cultura popular, religiosidade e léxico.....	35
1.5 Estudos sociolinguísticos.....	39
1.5.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	41
1.5.2 Comunidades fala e comunidades de prática.....	44
1.6 Estudos lexicais.....	47
1.6.1 Lexicologia e lexicografia.....	48
1.6.2 Lexicologia social.....	51
1.6.3 Campos lexicais.....	53
1.6.4 Fraseologismos.....	55
2 SALINAS: HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÕES RELIGIOSAS.....	58
2.1 Aspectos geográficos: localização, clima, limites e comunidades.....	58
2.2 Histórico da cidade.....	60
2.3 As tradições religiosas na cultura popular salinense.....	68
2.4 As benzeções e as benzedeadas salinenses.....	73
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	75
3.1 Pesquisa de campo.....	75
3.2 Delimitação da população de pesquisa.....	76
3.3 Coleta de dados.....	77
3.4 Transcrições.....	79
3.5 Sobre as fichas lexicográficas.....	79
3.6 Sobre os dicionários consultados.....	82
3.7 Sobre o vocabulário.....	84
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	87
4.1 Análise quantitativa.....	87
4.1.1 Lexias e ocorrências.....	87
4.2 Classificação gramatical das lexias.....	92
4.3 Dicionarização das lexias.....	99
4.4 Medicina popular e saberes tradicionais a partir do léxico: divergências e convergências.....	101
4.5 Etimologia das lexias.....	107
4.6 Variação lexical entre as benzedeadas: quebrante e olhado.....	109
4.6.1 <i>Quebrante</i> e <i>Quebranto</i> : variações lexicais e funcionais.....	109
4.6.2 <i>Olhado</i> , <i>Olho Gordo</i> , <i>Olho Bobo</i> e <i>Olho Grande</i>	110

4.7 Campos lexicais das benzeções.....	113
4.8 A cultura das benzeções e das benzedeiiras salinenses.....	116
4.8.1 Ramos e carvões nas práticas de benzeção.....	117
4.8.1.1 Os ramos na cultura das benzeções.....	117
4.8.1.2 Os carvões na cultura das benzeções.....	118
4.8.2 A Transferência do Mal para a Benzedeira.....	120
4.8.3 Responsabilidade na transmissão da palavra sagrada.....	121
4.8.3 As benzeções e a proteção.....	128
4.8.5 Benzeção em animais: <i>engasgação</i>	128
4.9 Benzeções recorrentes no léxico das benzedeiiras.....	129
4.9.1 <i>Azia</i>	130
4.9.2 <i>Bicheira</i>	131
4.9.3 <i>Carne quebrada</i>	131
4.9.4 <i>Cobreiro</i>	133
4.9.5 <i>Dor de cabeça e dor de pontada</i>	134
4.9.6 <i>Engasgação</i>	135
4.9.7 <i>Estancção de sangue</i>	137
4.9.8 <i>Fogo selvagem</i>	138
4.9.9 <i>Inzipa</i>	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	143
APÊNDICE.....	151

INTRODUÇÃO

As benzeções são práticas históricas no Brasil, que sobreviveram durante gerações e, ainda hoje, estão presentes em vários locais, como é o caso da cidade de Salinas, Minas Gerais. O município possui um extenso território rural, no qual são encontradas benzedadeiras que mantêm viva a tradição de benzer. Ramos e carvões são os principais elementos utilizados nos benzimentos¹ realizados pelas mulheres da região, as quais, por meio de suas orações, mantêm fortes as tradições religiosas e o saber adquirido de seus antepassados.

Nas zonas rurais salinenses, há uma forte presença das tradições religiosas, a exemplo das novenas, dos terços em família, da *levantada* das bandeiras de santos padroeiros e, em especial, da prática das benzeções – orações de caráter majoritariamente católico, realizadas, sobretudo, por mulheres de terceira idade, para a cura de determinados tipos de dores e mal-estar. As rezas mais famosas são as de *mal olhado*, *quebranto*, *queimadura*, *dor de cabeça*, *espinhela caída*, *erisipela*, que, como outras, são passadas de geração em geração.

Diante disso, é possível admitir que, pela importância e forte presença dessas práticas religiosas na região, existe um campo lexical, criado social e historicamente, que se volta estritamente às benzeções. Isso porque, conforme Isquierdo (1996), o léxico consegue estabelecer relações entre a língua e a cultura de um povo e permite evidenciar, através da linguagem, as crenças, os costumes e as experiências de uma determinada comunidade, sendo influenciado pelos elementos que compõem suas vivências – o que pode ser exemplificado com as benzeções, que fazem parte da vida de muitos indivíduos moradores da zona rural de Salinas –, sobretudo as dos mais velhos.

Desse modo, o objetivo geral deste estudo é realizar um levantamento e uma posterior descrição lexical da fala das benzedadeiras na região rural de Salinas, buscando observar em que medida o léxico da comunidade pesquisada retrata a realidade sociocultural (cultura e saberes tradicionais) desses indivíduos, a fim de construir um vocabulário relacionado às práticas religiosas compartilhadas pelo grupo pesquisado e, dessa forma, contribuir para a expansão dos estudos linguísticos, especialmente no território norte-mineiro.

Como objetivos específicos, pretendemos:

- a) levantar aspectos socioculturais das zonas rurais da região de Salinas, com ênfase na relação dos moradores desses locais com as manifestações religiosas, muito especialmente com as práticas de benzeção;

¹ Neste trabalho, utilizaremos as denominações benzeção, benzimento e benzedura como sinônimas.

- b) descrever o léxico coletado nessas entrevistas e as crenças que são refletidas por meio das lexias utilizadas pelas benzedeiros da região salinense;
- c) construir fichas lexicográficas com origem e significado das lexias que compõem o campo semântico das práticas de benzeção, bem como evidenciar unidades lexicais dicionarizadas e não dicionarizadas;
- d) contribuir, por meio do material coletado, para os estudos culturais, dialetológicos e sociolinguísticos desenvolvidos no Brasil, bem como para a ampliação dos estudos lexicais de Minas Gerais e, principalmente, para a criação de um banco de dados que poderá auxiliar futuras pesquisas linguísticas e culturais na região de Salinas.

Quanto à metodologia, este estudo foi composto por dados de mulheres residentes na cidade de Salinas, Minas Gerais, as quais praticam a benzeção, num total de 13 indivíduos. Ressaltamos que, em um primeiro momento, foi pensado um número maior de entrevistadas, o que não foi possível devido a dois motivos. O primeiro deles é a escassez de mulheres benzedeiros atualmente, tendo em vista que é uma prática antiga e, apesar de muito procurada pelas pessoas para a cura de males, é pouco buscada para o aprendizado das benzeções e posterior repasse às gerações futuras. O segundo ponto são as limitações físicas e naturais da idade de algumas benzedeiros contatadas, as quais não conseguiram participar das entrevistas – por dificuldades de audição e compreensão, por exemplo.

Os dados foram coletados em gravações, de dezembro de 2022 a junho de 2023, realizadas a partir de entrevistas orais, tendo como base um roteiro semiestruturado. As entrevistas foram transcritas, possibilitando uma análise quantiqualitativa dos dados. Foram identificadas 150 lexias, todas relacionadas à benzeção, e, em seguida, foram feitas consultas em fontes lexicográficas do século XVIII, XIX e XX e em dicionários contemporâneos de língua portuguesa, para que se pudesse observar seu registro em várias obras especializadas ao longo do tempo.

Entre as perspectivas creditáveis aos estudos de base lexical, enfatizam-se, nesta oportunidade, aquelas que se instalam no terreno da lexia norte-mineira, especialmente na região rural de Salinas, tanto no que se refere à língua como ciência, quanto ao seu uso cotidiano. Por serem as práticas religiosas de benzeção atividades muito presentes na cultura desse local, percebemos, a partir de sua importância, que há um campo lexical vasto e com grande potencial para a pesquisa linguística. Por força disso, esta pesquisa reúne e sistematiza

essas lexias, das quais pouco se conhece, para que se tenha uma descrição – a mais completa possível – dos seus significados e de seu papel na representação da cultura da região em tela.

Em um primeiro plano, há uma motivação pessoal para a realização da pesquisa, visto que o autor deste trabalho aprendeu durante a infância com sua avó as práticas de benzeção e, por muito tempo, no período em que residiu na região de Salinas, foi procurado para fazer benzimentos. As rezas aprendidas foram de quebranto, olhado e dor de cabeça, muito buscadas pela população da região, sobretudo porque, para os fiéis, a oração realizada por uma criança era de muita valia.

No que tange às benzeções como objeto de estudo científico, este trabalho justifica-se pelo fato de representar a descrição do uso da língua portuguesa no grupo investigado, de colaborar para a ampliação do panorama linguístico no Brasil através de uma análise lexical, particularmente, do Norte de Minas Gerais, e, ainda, nas zonas rurais da região de Salinas, com relação às práticas religiosas de benzeção, pouco exploradas pelos estudos linguísticos. De acordo com Cunha (2018),

a religião é um dos nortes da cultura popular. É através dela que pessoas se encontram e se relacionam, trocam experiências e se ajudam mutuamente. A religião, principalmente no contexto de pequenas vilas, está intimamente ligada à função sociocultural do lugar, permitindo encontros, o que proporciona convivências e vínculos (Cunha, 2018, p. 23).

Corroborando essa ideia, podemos trazer à baila as considerações de Brandão (1980), para quem a religião é uma das principais formas de conhecer a cultura de um povo:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos (Brandão, 1980, p. 15).

A partir disso, entende-se que estudar o léxico das práticas religiosas de uma comunidade é uma forma de compreender não somente fatos linguísticos importantes sobre a população de falantes pesquisada, mas, sobretudo, entender como, a partir de um léxico voltado para as práticas religiosas, a cultura de um povo se mantém viva e é passada de geração a geração.

Com relação aos estudos sobre as benzeções, a maior parte das pesquisas concentra-se no fator sociológico, com uma boa quantidade de artigos publicados em periódicos. A título de

exemplo, Marin e Scorsolini-Comin (2017) empreendem uma discussão acerca das experiências (pessoais, religiosas, sociais e culturais) e das transformações desenvolvimentais das benzedeadas ao longo de suas trajetórias de vida, a partir de entrevistas realizadas com 10 benzedeadas residentes em cidades do interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Ainda nessa linha, Mendes e Cavas (2018) propõem uma reflexão teórica acerca dos processos de construção das identidades culturais de benzedeadas e benzedeados moradores de comunidades quilombolas, sob o enfoque dos estudos culturais e pós-coloniais. Os autores analisam as práticas tradicionais e as religiosidades sincréticas que moldam os cosmos particulares dessas mulheres e homens.

Em nível de pós-graduação, destacamos o trabalho de Bezerra (2005), que analisa as práticas mágico-religiosas das rezadeiras da cidade de Caruaru-PE. Há, ainda, a pesquisa de Santos (2016), voltada às práticas populares do benzimento, frente ao conhecimento científico, nas regiões de Pires do Rio e Palmelo e a importância desse grupo para a cultura da região. Enfatiza-se, também, a pesquisa de Soares (2019), que reflete sobre saberes e fazeres advindos de conhecimentos populares, exercidos em processos de cura e adoecimento e tem por objetivo conhecer as práticas populares de benzimento e uso de ervas nas regiões de Pirenópolis-Go e Brasília-DF. Há também o trabalho de Oliveira (2019), o qual descreve e interpreta o repertório de saberes e fazeres que integram os sistemas de benzer das benzedeadas no município de Matinhos, no litoral do Paraná, e busca compreender as relações de reciprocidade e as condições objetivas e subjetivas de reprodução dos sistemas de benzer, apontando as teias de reprodução/manutenção desse sistema e mostrando as tensões e dificuldades que o sistema apresenta.

No campo da Linguística, Duarte (2008) realizou uma pesquisa em que investigou terços de tradições rurais em situações de festa, em algumas comunidades rurais em Catalão, estado de Goiás, e mostrou como a motivação religiosa é um fator importante para a preservação da identidade sociocultural do homem do campo. Segundo a autora, essa prática religiosa é uma das formas mais produtivas de enraizamento de suas tradições culturais, sociais e linguísticas. Com esse trabalho, Duarte (2008) pôde compreender como a cultura popular cria, por meio da linguagem, seus modos sociais próprios de se produzir o sagrado.

Ainda convém mencionar a pesquisa de Bernardo (2015), que empreendeu um estudo no qual propôs compreender, em textos orais de natureza religiosa da comunidade São Domingos, em Catalão-GO, a dimensão mágico-religiosa da palavra que, na visão dos sujeitos da pesquisa, tem o poder de interferir no curso dos acontecimentos. O autor salienta que o

universo extralinguístico dos sujeitos está presente nos textos religiosos e participa da construção dos sentidos atribuídos aos signos linguísticos do catolicismo popular. Além disso, o estudo corroborou a tese de que a língua está intrinsecamente relacionada à cultura de um povo, especialmente na sua configuração léxica, onde os traços culturais de um povo melhor se evidenciam. Por essa razão, Bernardo (2015) reitera que a palavra, enquanto elemento fundamental das práticas analisadas em seu estudo, é concebida como elemento da sabedoria do homem que, compreendida como ação e meio de comunicação, adquire o poder de intervir sobre o mundo, assumindo uma dimensão mágico-religiosa.

Por fim, ainda nessa linha de estudos, Cunha (2018) analisa as rezas de cura populares inseridas no contexto das práticas de benzeção nas cidades históricas de Mariana (MG), Ouro Preto (MG) e Serro (MG), considerando-se a tradição oral e o rito no processo de interação social, quando é estabelecido o diálogo com Deus, no intuito de obter-se a cura. Na pesquisa, são consideradas as manifestações da linguagem como sendo fatores intimamente ligados aos fenômenos sociais, históricos e culturais, de modo a compreender as rezas populares como uma importante tradição oral e elemento de interação social entre as comunidades pesquisadas.

Como se vê, no levantamento acima, os estudos relacionados à prática de benzeção ainda conferem pouco espaço à análise linguística. Em vista disso, a contribuição inédita desta proposta de pesquisa reside, primeiramente, no fato de estudar o léxico da benzeção em uma região distinta daquelas já contempladas pelos estudos linguísticos, a região norte-mineira de Salinas-MG, e, ainda, com uma abordagem diferente daquelas que já foram realizadas: estudar as práticas de benzeção com ênfase no léxico que é compartilhado pelas mulheres benzedoras.

Sabe-se que as práticas religiosas, embora sejam passadas de geração em geração, tendem a se reduzir ao longo do tempo e, com isso, perdem-se, também, importantes registros linguísticos. Desse modo, será possível fazer o registro desses dados da língua portuguesa – sobretudo das benzeções, das quais pouco se conhece – para que, posteriormente, seja possível ter acesso a eles e estudá-los.

Com este trabalho, almejamos ampliar a compreensão acerca da natureza lexical da região salinense, especialmente das mulheres que lidam com as práticas de benzeção, bem como resgatar a historicidade sociológica do povo norte-mineiro a partir dos elementos lexicais presentes na fala desse grupo de falantes. Isso porque, consoante Isquierdo (2001), “o estudo de um léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida e à visão de mundo de um determinado grupo” (Isquierdo, 2001, p. 91).

Quanto à organização deste trabalho, é feita a seguinte divisão:

Após esta introdução, apresenta-se o capítulo 1, de cunho teórico, com os principais contributos da Linguística que ancoram as discussões aqui empreendidas, como a relação entre cultura e linguagem, o léxico e a cultura popular, os estudos sobre variação linguística e os estudos lexicais. Posteriormente, é apresentado o capítulo 2, com as informações atinentes à região de Salinas e às benzeções. São apresentadas as características geográficas da cidade de Salinas, como localização, clima e limites, bem como alguns aspectos históricos relevantes. É também tecida uma discussão sobre a relação do município de Salinas com as práticas de benzeção. Em sequência, no capítulo 3, é apresentada a metodologia que norteou esta pesquisa, dando ênfase à região estudada, aos critérios utilizados nas entrevistas e nas transcrições, à escolha das lexias, à construção das fichas lexicográficas e aos critérios de construção do vocabulário. Em seguida, no capítulo 4, é feita a análise das lexias coletadas, com o detalhamento de aspectos como a classificação gramatical, a etimologia, o percentual de dicionarização por obra, bem como os aspectos culturais revelados pelo léxico das benzedeadas. Por fim, há as considerações finais desta pesquisa, seguidas do apêndice, com foco nas fichas lexicográficas construídas neste estudo e no vocabulário das benzedeadas.

1 LÍNGUA, LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

1.1 Curandeirismo e benzeções no Ocidente

As práticas religiosas sempre estiveram presentes nas relações sociais. A crença em divindades e no poder espiritual para melhoria da qualidade de vida perpassa diversas civilizações e culturas. Nas palavras de Cunha (2018),

em toda a história da humanidade sempre existiu uma ligação do homem com as forças sobrenaturais, inclusive o surgimento do mundo e da humanidade é explicado em várias mitologias sob a vertente espiritual. Desde tempos imemoriais o homem estreita seus laços com o sagrado e encontra nele a resposta a várias indagações (Cunha, 2018, p. 19-20).

Essa forte relação entre o homem e o sobrenatural pode ser observada desde os povos primitivos, isso porque, de acordo com Aguiar (2010), “a fragilidade do homem primitivo frente à natureza, às doenças e às demais dificuldades de sua existência tornava-o carente do sobrenatural, como forma de proteção em meio a um cenário tão adverso” (Aguiar, 2010, p. 8). Para esses povos, era comum que os indivíduos convivessem numa maior integração com a natureza, recorrendo, quando necessário, a métodos de cura empíricos, isto é, baseados nos conhecimentos disponíveis à época, com forte influência do misticismo e das forças naturais, atrelados aos recursos disponíveis na natureza.

Nesse período, em que eram escassas as fontes de obtenção de conhecimento, os saberes baseados na experiência tornavam quem os detinha pessoas de poder e prestígio. Ao discutir essa questão, Gewehr *et al.* (2017) afirmam que

aqueles que praticavam as curas, que possuíam conhecimento empírico sobre a fragilidade do ser humano, as virtudes das plantas e dos venenos dos animais eram considerados detentores de poderes, de faculdades fantásticas, sendo diferenciados dos demais homens. Suas práticas de cura, envolvidas em rituais extraordinários, tornavam-nos conhecidos como mediadores entre o homem e os deuses, ou entre o homem e a natureza, pois a capacidade de curar doenças transformava-os em detentores do poder sobre a vida e a morte (Gewehr *et al.*, 2017, p. 33-34).

Um claro exemplo de prática religiosa, que surge no enlace entre religiosidade e cultura popular, é a benzeção. O ato de benzer está relacionado à cura de moléstias do corpo ou mesmo de conflitos familiares, interpessoais e sociais, e, apesar de raro atualmente, foi muito praticado ao longo da história.

Não é possível datar com precisão o período exato em que surgem as práticas de benzeção, porém, conforme discutido por Cunha (2018), elas são realizadas desde a Idade

Média, num período em que a religiosidade era um dos principais elementos da vida da população.

Muito embora, nesse período, tenham ganhado força os estudos na área da medicina, com a tentativa de explicar, de modo mais racional, as comorbidades que acometiam o corpo humano, o misticismo e a religiosidade continuaram influenciando o pensamento acerca da saúde. Isso é confirmado por Laplantine (1991), para o qual a análise das relações entre a prática médica e as terapêuticas populares estabelece uma clivagem forçada. Para o autor, ao lado da medicina estariam o empírico, a farmacopeia, o racional e o orgânico, ao passo que, ao lado das práticas populares, estavam o simbólico, o ritual, o irracional, o psicológico e o social (LAPLANTINE, 1991). Na Europa, durante o século XVI, mais especificamente em Portugal, o discurso médico era fortemente marcado pela religiosidade. Sousa (2014) salienta que

o objetivo central dos estudos de fisiologistas e de médicos de Portugal girava em torno da seguinte afirmação da doença: quando determinado homem ou mulher estivesse acometido de uma doença, só existia uma explicação: Deus estava castigando aquela pessoa pelos pecados cometidos durante a vida. Todos os estudos tinham por base tal pensamento religioso (Sousa, 2014, p. 23).

Para essa mesma autora, os estudos médicos da época ainda estavam presos ao pensamento religioso e enfatizavam o corpo feminino, buscando compreender o destino biológico da mulher. Em Portugal, os médicos, conforme Sousa (2014), eram criadores de conceitos, os quais possuíam determinada função no interior do corpo social. No caso dos conceitos relacionados ao corpo feminino, as explicações estavam fortemente ligadas à moral da época e ao sobrenatural, de modo que se destacava a visão de fragilidade perante o corpo feminino e o fato de o seu papel social ser exclusivamente a reprodução. De acordo com a autora,

os conceitos e explicações do estatuto biológico da mulher estavam associados a outras explicações de cunho moral e metafísico. Um exemplo disso está refletido em um pensamento muito comum, que já vem sendo propagado por longos anos, a ideia da fragilidade do corpo feminino, comparado ao masculino; justamente porque, biologicamente, os ossos da mulher são mais fracos e menores do que os dos homens, conseqüentemente a isso, ela é mais frágil, psicologicamente, do que o homem (Sousa, 2014, p. 24).

A esse respeito, Costa (2012) observa que, frente a essa ideologia de desvalorização das mulheres, a imagem clássica da mulher nasce da repressão à sabedoria e ao poder que emanam do feminino. Com isso, a partir do momento em que o regime patriarcal começa a integrar muito fortemente as culturas ocidentais, a mulher foi, cada vez mais, relegada a

segundo plano. Nas palavras de Costa (2012), há um recrudescimento do preconceito contra a mulher, “passando a ser vestida com o véu da submissão, do enquadramento e da sensibilidade, que em nada tinha a ver com o poder de observação e raciocínio, mas antes com a fragilidade” (Costa, 2012, p. 27).

Com essa forte influência do patriarcalismo, ainda nas palavras de Costa (2012), as mulheres foram se tornando “cidadãs de segunda classe”, de modo que, enquanto aos homens cabia o espaço público, elas foram confinadas ao espaço privado, em que sua função se reduzia ao cuidado do lar e da prole. Devido a essa visão preconceituosa lançada ao sexo feminino nessa época, era inaceitável que mulheres ultrapassassem as barreiras do espaço privado. Para Costa (2012),

quando o cristianismo começou a exercer seu domínio na Europa, na Idade Média, as figuras femininas tiveram de ser enquadradas em modelos pré-estabelecidos pela igreja, onde a obediência e a pureza eram as máximas a serem seguidas. As que não se enquadravam eram consideradas (pejorativamente) bruxas, que eram duramente perseguidas, por serem mulheres e por serem bruxas, reflexos do “medo da mulher” desencadeado por uma sociedade que ainda desconhecia determinados funcionamentos corporais, psicológicos e até sociais, como um todo. Havia, então, em grande medida, intolerância social frente ao desconhecido (Costa, 2012, p. 28).

A constatação de Costa (2012) demonstra que a visão negativa legada às mulheres foi sendo perpetuada, sobretudo àquelas que fugiam ao que era considerado “papel de mulher”. Estas, então, começaram a ser associadas aos poderes malignos, conforme assevera Borges (2019):

Por muito tempo, a imagem das bruxas esteve associada à maldade, crueldade e feitiços malignos. Na tradição cristã, as bruxas teriam uma aliança com o diabo, ou estariam a seu serviço na figura de mensageiras do pecado, da desgraça e da perdição. Não por coincidência, essa maldade também estava relacionada com o universo feminino (Borges, 2019, p. 29).

Essa percepção, conforme o autor, estava atrelada aos conhecimentos bíblicos, visto que, na Bíblia, a mulher é considerada a portadora do pecado original, associada à serpente, em uma representação da astúcia, sedução e danação. Nas imagens evocadas no imaginário bíblico, a culpa da perdição do mundo é atribuída à mulher.

Nessa perspectiva, as benzedeadas não fugiram ao arquétipo da bruxaria, tendo em vista que suas práticas, conforme Oliveira (1985), sempre evocaram lembranças das bruxas. Ao definir a rezadeira, a autora afirma que

ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.

De modo semelhante ao médico feiticeiro indígena, ao xamã que se tornou um especialista na ciência de curar doenças através da medicina popular, dos conhecimentos da magia e da religião, a benzedeira é, na sociedade urbana, uma pessoa que possui uma função similar. Mas também evoca algumas lembranças das bruxas (...) ela faz adivinhações, às vezes lê sorte, lida com o mistério e com as coisas do além (Oliveira, 1985, p. 25-26).

Assim, a prática da benzeção, que levava a mulher ao espaço público e evidenciava seu poder e sabedoria, destoando dos valores morais mais antigos, foi alvo de preconceito. Essa concepção discriminatória é explicada por Sousa (2014), para a qual as mulheres, por treinarem seu olhar buscando em seus quintais, hortas e diversas plantas os signos e significados das práticas de cura e cuidados com o próprio corpo, eram discriminadas tanto pelos médicos quanto pelos religiosos, pois estes entediam que o campo do sobrenatural e do mágico se constituía como privilégio de poucos, somente daqueles escolhidos por Deus, não era admitido que mulheres invadissem tais espaços na tentativa de se apropriar destes saberes, a exemplo de curandeiras e benzedeadas.

É importante pontuar, no entanto, que, apesar do temor da população e do poder religioso nesse período com relação a essas mulheres, sua atuação foi de suma importância para o tratamento das comorbidades que afetavam o corpo social – em todas as camadas sociais. De acordo com Nogueira (2004),

apesar das condenações, os homens da Idade Média necessitavam da presença da feiticeira como terapeuta de seus males físicos e sociais. Atuando na aldeia, a feiticeira sobe o castelo do nobre, ao palácio do bispo e inclusive ao próprio paço real. A consciência medieval resgata da Antiguidade a idéia da ação mágica benéfica, que justifica a existência da *boa feiticeira* que, na visão popular, e até mesmo na erudita, empregava seus conhecimentos resultantes de séculos de práticas acumuladas de feitiçaria – para curar ou amenizar doenças (Nogueira, 2004, p. 44-45).

As considerações do autor evidenciam que havia uma ambivalência na atuação das rezadeiras, na medida em que eram vistas como necessárias à cura de males que acometiam a população e, ao mesmo tempo, era repudiada em relação aos valores tradicionais da época. Apesar desse destaque do feminino na sociedade por meio das benzeções, Cunha (2018) apregoa que

não houve por parte dessas mulheres a intenção de desafiar e equiparar-se às autoridades médicas e eclesásticas da época, muito pelo contrário, percebe-se que a benzeção nada mais era do que um recurso imediato e eficaz para o combate de doenças cotidianas que foram crescendo graças à escassez e ineficácia da medicina tradicional da colônia (Cunha, 2018, p. 21).

No entanto, o que prevaleceu perante a essas práticas foi a ideologia discriminatória sobre a figura feminina, tendo em vista que, seguindo o pensamento patriarcal já mencionado, o corpo da mulher se constituía como um “receptáculo sagrado”, cuja finalidade era a procriação. Portanto, como assevera Sousa (2014), “dos corpos femininos exalavam temores e poder; tais mulheres, para o pensamento da época, apresentavam-se como verdadeiras aliadas do Diabo, enfeitçadas e feiticeiras” (Sousa, 2014, p. 25), fato que motivou uma intensa perseguição a essas personalidades, sobretudo no período da Inquisição, em que essas mulheres foram consideradas hereges e bruxas.

Ao mesmo tempo em que foram perseguidas, as práticas de curandeirismo e benzeção foram importantes para o público feminino, tendo em vista o destaque que as mulheres recebiam na sociedade e a própria troca de conhecimento sobre o corpo feminino. Sousa (2014) elucida que

essa relação que ali se estabeleceu com o sobrenatural significou mais do que um simples processo de cura, quando da ausência de médicos, foi um importante momento para que mulheres tivessem a oportunidade de compartilhar saberes relativos aos seus corpos. Saberes estes oriundos das mais diversas áreas geográficas. Negras, mulatas, índias e brancas realizam trocas de conhecimento, refletidos em gestos, palavras e práticas de cura relativa a cada cultura. Enquanto a ciência médica ia de encontro ao pensamento mágico destas mulheres, elas continuavam ali, tentando restituir a saúde e a vida (Sousa, 2014, p. 25).

Com isso, as moléstias que afligiam a população medieval possuíam, de um lado, o discurso médico e, por outro, o discurso religioso, ambos com suas diferentes práticas de cura. Dessa maneira, o exercício do curandeirismo e da benzeção foi se expandindo, a partir da troca de conhecimentos e seu repasse para as gerações futuras.

1.2 As práticas de benzeção na história do Brasil ontem e hoje

Mais precisamente no Brasil, a atuação de benzedeiras foi recorrente durante o período colonial, tendo em vista a escassez de profissionais especializados no trato de doenças que afligiam a população e, ao mesmo tempo, na crença de que as patologias não estavam relacionadas apenas ao bem-estar físico, mas, sobretudo, espiritual. Consoante Del Priore (2001),

nos primeiros tempos da colonização, homens e mulheres acreditavam que a doença era uma advertência divina. Considerado um pai irado e terrível, Deus afligiria os corpos com mazelas, na expectativa de que seus filhos se redimissem dos pecados

cometidos, salvando, assim, suas almas. A enfermidade era vista por muitos pregadores e padres, e também por médicos da época, como um remédio salutar para os desregramentos do espírito. Nessa perspectiva, a doença nada mais era do que o justo castigo por infrações e infidelidades perpetradas pelos seres humanos (Del Priore, 2001, p. 78).

A autora ressalta que as doenças, no pensamento da população, possuíam uma forte conexão com a crença no demônio. A mulher melancólica, por exemplo, era, aos olhos dos médicos, “alguém que sofria de um infernal incêndio acompanhado de medo e tristeza” (DEL PRIORE, 2001, p. 83). Assim, até mesmo os médicos recorriam a outras técnicas além da medicina tradicional, o que pode ser observado pelos registros de Abreu (2011):

Os médicos luso-brasileiros nas primeiras décadas do século XVIII seguiram a tendência de incorporar na arte médica teorias distintas, conciliando a teoria dos humores com as práticas mágicas. Para combater os malefícios e doenças atribuídas ao demônio, a exemplo da melancolia, a medicina recorria tanto a remédios naturais, quanto a orações e esconjuros. João Curvo Semedo, Bernardo Pereyra e Brás Luís de Abreu são apenas alguns dos médicos portugueses que usavam de diversos remédios para expulsar os demônios dos corpos de homens, mulheres e crianças (Abreu, 2011, p. 153).

Desse modo, a população da época cria que a medicina tradicional não era suficientemente capaz de solucionar as moléstias que a acometiam, portanto era muito comum recorrer à medicina popular, a qual se mesclava com as práticas religiosas. Além disso, havia uma pouca quantidade de profissionais da saúde disponíveis à população, o que acentuava a necessidade de se recorrer a outros métodos de cura. Nesse sentido, Del Priore (2001) constata que

médicos eram reduzidos em número e no saber, residindo, preferencialmente, nas principais cidades e vilas, nas sedes das capitânicas. Nas palavras de um cronista do século XIX: “Médicos que possuam a ciência e o caráter são geralmente os últimos a se estabelecer num país relativamente novo”. Somem-se outros fatos, como a extensão territorial da colônia, a falta de lucratividade da profissão, a péssima fiscalização do exercício profissional e do comércio de drogas medicinais, as lamentáveis condições sanitárias e hospitalares, e compreende-se por que as mulheres detentoras de um saber-fazer autêntico sobre doenças e curas tomaram a frente nos tratamentos capazes de retirá-las e suas famílias das mãos de uma medicina que não se mostrava competente para curar mazelas e doenças de qualquer tipo. Assim também era possível escapar da pecha de que tanto mais adoeciam quanto mais pecavam (Del Priore, 2001, p. 82).

Com a escassez de recursos médicos, as rezadeiras recorriam às curas informais, como fórmulas gestuais e orais ancestrais, bem como a fabricação de remédios produzidos a partir de plantas, minerais e animais. Esses saberes uniam-se aos conhecimentos vindos da África – baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches – e as cerimônias de cura indígena,

apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. Dessa maneira, conforme Del Priore (2001), “conjurando os espíritos, curandeiras e benzedeadas, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões” (DEL PRIORE, 2001, p. 81).

Reforçando as ideias de Del Priore (2001), Cunha (2018) também ressalta que o surgimento das práticas de benzedeadas em território brasileiro ocorreu com a forte influência da cultura africana, tendo em vista o grande contingente de africanos escravizados trazidos ao Brasil, os conhecimentos dos aborígenes – sobretudo relacionados à flora – e o catolicismo português. Sob esse ângulo, Costa (2012) admite que

a prática das rezadeiras não consiste em uma religião no sentido oficial do termo, com qualquer regularização ou institucionalização, mas antes representa uma espécie de aglomerado de práticas religiosas advindas de diversas culturas (africanas, indígenas, européias), fator que comprova a incrível coexistência (e permanência) de rituais de diferentes religiosidades. Essa coexistência nos remete ao fato de que uma rezadeira pode pertencer a qualquer denominação religiosa, não precisando ser necessariamente católica, espírita ou candomblecista, por exemplo, para ser rezadeira, quebrando as barreiras dos particularismos institucionais impostos ao sagrado pelas conveniências mundanas (Costa, 2012, p. 29).

Com isso, evidencia-se que a atuação das benzedeadas não se inscrevia em apenas uma cultura ou uma religião específica, mas refletia um verdadeiro hibridismo religioso, que lançava mão, em suas práticas, de gestos, orações, ervas, entre outros elementos. Um exemplo de moléstia registrado historicamente entre a população brasileira e que, ainda hoje, é alvo das práticas de benzedeadas é o quebranto. Conforme o relato de Del Priore (2001),

mulheres, fazendo cruces sobre a pessoa doente, recitavam uma oferenda:

*Anecril [alecrim] que foste nado
Sem ser semeado
Pela virtude que Deus te deu
Tira esse olhado
O seja cobranto [quebranto]
Tira mal a este cristão.*

O combate ao quebranto era velho conhecido das benzedeadas e curandeiras, que não hesitavam em utilizar-se das virtudes terapêuticas de espécimes vegetais típicas do Brasil (Del Priore, 2001, p. 90)

Definido pelo dicionário Michaelis (2015) como um “suposto estado mórbido que se diz produzido pelo mau-olhado de certas pessoas”, o quebranto foi – e ainda é – um dos principais males para o qual a atuação da benzedeadas é buscada. Isso reforça a crença de que as doenças não são causadas apenas por agentes físicos, mas também por fatores espirituais, de modo que a medicina tradicional não dá conta de tratar. Assim, as orações proferidas pelas

benzedeiros cumprem papel fundamental no processo de cura espiritual, pois, por meio delas, é estabelecido um contato entre o doente e Deus. De acordo com Cunha (2018), é por meio das palavras que as benzedeiros estabelecem uma comunicação com o transcendente, e é mediante o diálogo com o Divino que as benzedeiros atingem a cura.

Nas benzeções, a respeito das palavras evocadas, elas exercem influência sobre a pessoa que está sendo benzida, a qual acredita que, ao ser alvo da reza, será curada do mal que lhe aflige. Acerca disso, consoante Cunha (2018),

na tradição das rezas de cura, a palavra presente nas orações (sendo ela vocalizada ou não) representa o pensamento positivo, suas memórias e suas crenças, sendo ela capaz de curar aqueles que porventura estejam fragilizados, mas que, mesmo inconscientemente, acreditam e confiam na eficácia de seus saberes (Cunha, 2018, p. 31).

A autora salienta que, no universo das religiões, há um forte cuidado no uso de palavras sagradas, de modo que somente as benzedeiros podem proferir os enunciados das rezas, com restrição de lugar e de pessoa a quem tais rezas são proferidas. Além disso, há a crença de que as benzeções devem se manter inalteradas para que não percam sua força. Cunha (2018) exemplifica tal fato a partir do candomblé, em que “os ensinamentos são passados através da oralidade, a palavra também é imbuída de poder, inclusive mantém vários preceitos em sigilo, os quais podem ser compartilhados apenas com iniciados dessa religião” (Cunha, 2018, p. 32).

De mais a mais, com relação à atuação dessas mulheres, Del Priore (2001) assevera que

o papel da curandeira ou benzedeira consistia em retirar o doente do mundo profano, graças ao emprego de palavras, prescrições e objetos simbólicos. Os sentimentos que ela despertava, medo, confiança etc., reforçavam a situação de poder da qual gozava e, mesmo se seus cuidados fracassassem, a inquietude e a angústia de seus clientes diante do desconhecido garantiam-lhe prestígio permanente (Del Priore, 2001, p. 96).

Apesar de ser um exercício iniciado em tempos remotos e muito ligado a tradições antigas, a prática de benzeção perdurou no tempo e, ainda hoje, é comum que muitos indivíduos recorram às benzedeiros. Quanto a esse ofício, Oliveira (1983) afirma que

as benzedeiros são profissionais de cura cuja técnica essencial de trabalho é a benção, a benzeção, o benzimento, seja através da possessão, seja através da invocação de entidades associadas ao domínio do sagrado e reconhecidas como adequadas a esse fim. Mesmo que operem com outros recursos de cura da natureza (receitas, banhos, massagens), o que as caracteriza é que elas se reconhecem enquanto agentes situadas entre a religião e a medicina popular (ou só de religião), cujo ato básico de cura provém do exercício da benção: benzeção, imposição de mãos, benzimentos, passes (Oliveira, 1983, p. 24).

De acordo com a autora, as benzedeadas realizam um trabalho que se renova por meio de formas de comunicação e manipulação do sobrenatural, com base nos mistérios da religião e na troca entre homens e deuses. De mais a mais, essas mulheres mesclam a medicina popular e as crenças religiosas, sendo estas últimas os elementos de maior força nas práticas de benzeção.

Consoante Oliveira (1983), as mulheres benzedeadas funcionam como uma espécie de conselheiras que, ainda que conheçam as diversas fontes físicas causadoras de enfermidades, sempre falarão em nome da fé, visto que seu ofício se articula a partir do dado religioso. Em outras palavras,

as benzedeadas, ao definirem suas práticas, recriam o mundo, o modo de viver subalterno, na forma própria de se situarem nas relações sociais por meio de um trabalho, no qual reafirmam e reproduzem a sua cultura e, com ela, a sua categoria profissional: a das articuladoras de benzeções (Oliveira, 1983, p. 25).

Nas considerações de Oliveira (1983), as benzedeadas são marcadas pelos conhecimentos relacionados à medicina e à religião popular, geralmente provenientes do campo, cuja atuação é voltada para os males que afetam o corpo, as relações sociais e o sistema social. Geralmente, essas mulheres são chamadas à atividade quando alguém passa por dificuldades ligadas a doenças, conflitos na família ou nas relações interpessoais e sociais.

Essas mulheres não se organizam em corporações religiosas, isto é, praticam as benzeções de forma liberal, diretamente com as pessoas que as procuram. Em muitos casos, as mulheres prestam esse ofício de forma voluntária, sem cobranças financeiras pelas suas benzeções. Por esse motivo, elas desempenham um importante papel no local em que moram, visto que a população a elas recorre quando necessita de sua bênção.

A presença das benzedeadas é mais forte em contextos rurais, sobretudo de locais pequenos em que os habitantes se conhecem. Cunha (2018) ressalta que

principalmente em contextos de zona rural e pequenas vilas, onde a comunidade é carente e não há fácil acesso a hospitais e postos de saúde, a benzedeadas exerce um importante papel social em prol do bem-estar da sua comunidade. Assim, muitas dessas mulheres, na medida em que prestam serviços aos enfermos, foram se tornando figuras importantes do seu meio social e, mesmo que inconscientemente, elas interferem no processo histórico e social do qual fazem parte. Dessa maneira, elas são legitimadas pela comunidade e passam a ressignificar a cura de várias mazelas presentes no cotidiano de suas vidas (Cunha, 2018, p. 30).

Nesses locais, fortemente marcados pela religiosidade, até mesmo a medicina, já avançada, conta com a participação das benzedeadas, conforme salientado por Borges (2019).

Nos dias atuais, existe um diálogo entre alguns médicos, que atuam em regiões das zonas rurais e curandeiros populares. Por viverem uma relação de proximidade com essas pessoas, os profissionais acabam por vivenciar a atuação e o prestígio dos curandeiros em suas comunidades. Alguns desses profissionais indicam determinadas rezadeiras ou benzedeadas, ainda que como complemento dos saberes médicos oficiais (Borges, 2019, p. 39).

Tais observações podem ser ilustradas com o caso da zona rural da cidade de Salinas, em que podemos encontrar benzedeadas que residem nos distritos e povoados pertencentes ao município. Em sua maioria de terceira idade, as mulheres que atuam nesse ofício o fazem de forma gratuita, sem motivação financeira, mas de modo a manter viva a tradição das benzedeadas e de contribuir para a manutenção do bem-estar de sua comunidade por meio da fé.

1.3 Linguagem e cultura

A língua é um elemento de suma importância para o estabelecimento das relações sociais. Sua evolução foi essencial para o desenvolvimento das civilizações, visto que era o meio pelo qual os seres humanos expressavam suas necessidades e sentimentos. Por meio das diversas formas de linguagem, as ideias, os costumes e a cultura foram sendo construídos, logo possuem uma estreita afinidade.

A relação entre linguagem e cultura, conforme Chauí (2006), é imanente, haja vista que um elemento não existe sem o outro. Não é possível o desenvolvimento da cultura sem que haja linguagem, ao mesmo tempo em que a linguagem é fortemente marcada pela cultura. A relação entre esses dois itens, porém, nem sempre foi percebida dentro dos estudos linguísticos, e, para compreender como ocorreu esse desenvolvimento, é necessário proceder a uma retrospectiva histórica, que se inicia na Antiguidade.

Nessa perspectiva, de acordo com Borges Neto (2004), anteriormente ao século XIX, a Linguística era dividida em duas grandes vertentes: a nacional e a filológica. A primeira vertente baseava-se nos trabalhos dos filósofos Platão e Aristóteles, este último, em suas análises, afirmava que o homem é, na Terra, o único “animal político”, tendo em vista a sua capacidade de sociabilidade e civilidade e, principalmente, de linguagem, pois ele possui a palavra como instrumento de socialização, a qual exerce poder político e ideológico sobre os indivíduos (CHAUÍ, 2006, p. 147). A vertente filológica, por sua vez, ancorava-se nos gramáticos alexandrinos, os quais já consideravam a noção de variação linguística, todavia

marcando-a como um desvio, sendo, portanto, considerada a vertente precursora, em um prisma histórico, do caráter prescritivo nos estudos linguísticos.

Ainda para Borges Neto (2004), o caráter científico da Linguística é iniciado a partir do século XIX – momento em que surge a linguística histórico-comparativa – devido à grande influência das revoluções que modificaram sobremaneira o pensamento da humanidade. Nesse cenário, o autor destaca os estudos desenvolvidos por Bopp, Schleicher, Grimm, Schlegel, Osthoff, Brüggemann, Delbrück e Hermann Paul.

Logo, com a força dos movimentos de caráter científico, no final do século XIX, a Linguística consolidou-se como uma ciência. A partir da primeira metade do século XX, com os trabalhos do linguista Saussure e seu *Curso de Linguística Geral*, essa área de estudos começou a ganhar espaço, autonomia e destaque entre as Ciências Humanas. Acerca desse importante linguista, Milani (2011) destaca que

Saussure parece ter verdadeira obsessão por ver aplicada aos estudos linguísticos uma metodologia clara, não por ser mais interessado que os outros, mas por conviver de modo direto e conhecer claramente o movimento, que atingia a todos, de aperfeiçoamento do modelo científico existente. Saussure retomou o tema da definição do objeto de estudo e da metodologia aplicável à Linguística, e nisso foi brilhante, identificando com precisão qual o objeto de estudo da Linguística e qual a melhor forma de o estudar (Milani, 2011, p. 103).

Dessa forma, com um entendimento mais apurado a respeito da linguagem humana, as línguas naturais passaram a ser vistas como produtos essenciais dos seres humanos e da vida em sociedade, servindo ao processo de comunicação, de forma a mediar as trocas de informações, o compartilhamento de experiências e a discussão de pensamentos e ideias.

A língua, nesse sentido, configura-se como um elo entre os indivíduos, posto que os conecta uns aos outros, fortalecendo e conferindo coesão aos laços sociais e, desse modo, à coletividade; ao mesmo tempo em que promove a singularização dos indivíduos, haja vista que cada qual apresenta particularidades no modo de usá-la.

Dessa maneira, sendo a linguagem e seu produto, a língua, partes constitutivas da sociedade, é inegável que elas tenham uma íntima relação com a cultura, definida por Eagleton (2005) como um conjunto de valores, crenças, costumes e práticas que definem o modo de viver de um grupo social. Para o autor, esses elementos permitem que o indivíduo seja inserido e consiga interagir em sociedade, negociando maneiras de agir nos contextos de que faz parte. De mais a mais, para o autor, a cultura tem um viés cumulativo, posto que abrange

conhecimentos e experiências ao longo de gerações, ao mesmo tempo em que esses saberes são construídos e reconstruídos.

Ainda conforme Eagleton (2005), a cultura é transmitida aos homens ao longo do tempo, de maneira que ela é revivida e atualizada por aqueles que dela desfrutam. Com isso, o autor conclui que a cultura não é fruto da ação isolada de um único ser humano, mas de toda a coletividade, em um processo de criação, aprendizagem e cooperação. Para que isso aconteça, há um item essencial que possibilita a transmissão e a revitalização cultural entre os membros de um grupo social: a linguagem.

Ao discutir a afinidade entre linguagem e cultura, Câmara Jr. (1972) afirma que é possível entender a cultura como “o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste com o mundo físico e o mundo biológico” (Câmara Jr., 1972, p. 51). Para esse autor, a língua torna-se um fato cultural por ser um produto do homem, funcionando na sociedade para a comunicação de seus membros. Sob esse viés, há uma espécie de mutualismo entre língua e cultura, visto que a língua depende da cultura e, ao mesmo tempo, é importante para que ela, a cultura, seja mantida e transmitida às gerações vindouras (Câmara Jr., 1972).

Essa integração entre língua e cultura foi analisada com afinco pela Antropologia Linguística, subárea dos estudos antropológicos que observa o uso da língua pelos falantes em sociedade, compreendendo a linguagem como uma ferramenta de uso social e a fala como uma prática cultural. Para Duranti (2000), a Antropologia Linguística versa na transmissão e reprodução da cultura, nas relações que se estabelecem entre os sistemas culturais e nas formas de organização social, bem como no papel exercido pela linguagem na forma como os indivíduos veem o mundo.

As principais teorias que entrelaçam a cultura e a linguagem foram explicadas na obra de Duranti, que categorizou e analisou seis vertentes culturais, as quais apresentam a cultura como algo diferente da natureza, como conhecimento socialmente distribuído, como comunicação, como um sistema de mediação, como um sistema de práticas e como um sistema de participação.

Na visão de que *a cultura difere da natureza*, a linguagem é vista, segundo Duranti, como algo inerente à cultura, que funciona na categorização do mundo natural e cultural. A linguagem, nessa vertente, é um sistema de classificação arbitrário, que indica as crenças e as práticas culturais de uma determinada comunidade (Duranti, 2000).

Já com relação à *cultura como conhecimento socialmente distribuído*, o autor apregoa que a cultura pode ser definida como tudo que se deve conhecer ou acreditar a fim de agir de maneira aceitável para os membros de uma comunidade. A cultura, sob esse ponto de vista, é apreendida, de maneira que ela se configura como conhecimento de mundo e os membros de uma comunidade devem não somente apresentar saberes sobre certos fatos que circundam sua vivência, mas também compartilhar modelos de pensamento, formas de compreender o mundo, de fazer inferências etc. Em síntese, conhecer uma cultura é conhecer uma linguagem (Duranti, 2000).

Além disso, *a cultura é também vista como comunicação*, de modo que ela se apresenta como um sistema de signos, uma representação do mundo, que dá sentido à realidade. Ao apresentar essa corrente sobre a cultura, Duranti faz alusão ao filósofo Levi-Strauss, para quem a mente humana é igual em todos os lugares, porém é utilizada de maneira distinta na construção cultural, de acordo com a necessidade de cada espaço e de cada modo de vida. A cultura se constrói, inclusive, conforme as necessidades comunicativas de cada povo, observando-se sua realidade social, histórica, política etc. (Duranti, 2000).

Para Duranti, *a cultura também se caracteriza como um sistema de mediação*. Pode-se assimilar a linguagem com as ferramentas criadas e utilizadas pelos indivíduos, dentro de cada cultura, para o intermédio na realização de seus trabalhos e atividades cotidianos. A linguagem, nessa perspectiva, também é um instrumento construído e moldado pelos falantes para promover a comunicação e intermediar suas práticas sociais.

Com isso, *a cultura transforma-se em um sistema de práticas*. Para explicar essa corrente, Duranti retoma os estudos de Pierre Bordieu para explicitar como a linguagem, dentro das culturas, é um conjunto de práticas que integram na comunidade um sistema particular de palavras e regras gramaticais. Ela, a linguagem, conforme Bordieu, ostenta um poder simbólico na medida em que apresenta inovações, a todo instante, em sua modalidade comunicativa. Duranti faz uso do conceito de *habitus*², de Bordieu, para explicar que enunciados da língua têm o poder de realizar ações desde que haja um sistema de disposições previamente estabelecido entre os habitantes de uma comunidade. Essas ações são responsáveis por controlar a inclusão, a permanência e exclusão dos significados dentro de uma cultura.

² A partir de investigações conduzidas na Argélia e entre agricultores na região francesa de Béarn (Bourdieu, 1963, 1972), o conceito de *habitus* emerge da necessidade prática de compreender as conexões entre o comportamento dos indivíduos e as estruturas sociais, bem como os condicionamentos envolvidos nessas conexões. Dessa forma, Bordieu definiu *habitus* como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas

Por fim, *a cultura é um sistema de participação*, tendo em vista que a comunicação verbal é de natureza social, coletiva e participativa, de modo que usar a língua significa poder participar de interações sociais. Para Duranti, as palavras oferecem muitas possibilidades para que os seres humanos se conectem uns aos outros, com as situações cotidianas, com os acontecimentos, atos, crenças e sentimentos. Isso ocorre porque a linguagem tem a capacidade de descrever o mundo, delimitando as dimensões sócio-históricas de cada momento.

Além de Duranti, outros estudos corroboram essa íntima relação da cultura e da linguagem, como Morin (1991), o qual salienta que

a cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada / organizadora via veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade (Morin, 1991, p. 17).

Para esse estudioso, é através da linguagem que as representações do imaginário coletivo se manifestam, tecendo as características da cultura de um povo, a qual institui as regras que organizam a vivência em sociedade.

Essa ideia de que a língua de um povo formata sua cultura foi amplamente trabalhada por Sapir e por seu sucessor, Benjamin Whorf, na chamada teoria da relatividade linguística, ou hipótese Sapir-Whorf, explicada por Marcondes (2010), em síntese, da seguinte maneira:

Segundo a hipótese Sapir-Whorf, a língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de sua língua. Há portanto uma interdependência entre linguagem e cultura. Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida (Marcondes, 2010, p. 78).

Desse modo, a cultura é responsável pela formatação da visão de mundo dos indivíduos, e uma das maneiras de se observar e compreender como funciona e como se caracterizam essas práticas culturais é através do léxico, que está intimamente ligado à cultura.

1.4 Cultura popular, religiosidade e léxico

O conceito de cultura popular apresenta muitas ramificações, visto que ambos os elementos que compõem essa expressão – *cultura* e *popular* – apresentam múltiplas e diferentes significações. Contudo, ao analisar as tentativas de definir do que se trata essa modalidade cultural, alguns elementos ganham destaque, como a noção de manifestação da cultura de um povo e suas produções, resultado da interação de pessoas de dada região.

Com relação à cultura em uma perspectiva mais abrangente, Paula (2008) explica que

cultura é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos e ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas (Paula, 2008, p. 259).

Restringindo o conceito à vertente popular, a gênese da cultura popular está no próprio contexto de vivência do homem e é explicada por Souza (2014), para quem

a cultura popular nasce da adaptação do homem ao ambiente onde vive e envolve diversas áreas de conhecimento, como artes, artesanato, crenças, folclore, hábitos, ideias, linguagem, moral, tradições, usos e costumes. Ela surge das tradições e costumes e é transmitida de geração para geração, principalmente, de forma oral (Souza, 2014, p. 17).

Para o autor, a cultura popular surge com as manifestações criadas por um grupo de pessoas que participam ativamente de atividades dentro do seio de uma sociedade, e é transmitida sobretudo oralmente, dos mais velhos para os mais novos. Logo, a cultura popular, dependente das interações contínuas que se estabelecem entre indivíduos, é fortemente influenciada pelas crenças de um povo e pelo modo como as pessoas vivem e produzem sua arte, música, culinária, religiosidade etc. (Souza, 2014, p. 20). Considerando esse último aspecto – a religiosidade –, Pastor (1982) afirma que a relação entre a religião e a cultura é íntima e fundamental. As culturas humanas encontram seu próprio fundamento na incondicionada certeza da religião, sem a qual permaneceriam totalmente vazias (Pastor, 1982, p. 92).

Com isso, é possível entender a religiosidade como um elemento da cultura popular, havendo, inclusive, a noção de catolicismo popular, definido por Rosseti e Munhoz (2017) como um conjunto de práticas desvinculadas da religião oficial, com uma forma própria de ver o sagrado. De acordo com os autores, pode-se entender esse fenômeno como um conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotados pelos fiéis.

Acerca dessa questão, Ferreti (2007) salienta que a religião popular é definida em comparação com a religião oficial, de maneira que a expressão “popular” pode ser entendida em dois âmbitos. Por um lado, refere-se às pessoas que não pertencem ao grupo dos especialistas da religião – o clero, os sacerdotes – e este sentido se relaciona com o catolicismo popular. Por outro lado, em outras formas populares, como nas religiões afro-brasileiras e nas igrejas Pentecostais, em que a religião popular não está relacionada a uma forma de religião erudita, a conotação popular se refere ao sentido de grupos dominados na sociedade, especialmente nas relações entre as classes sociais, e tem sido visto como uma fonte de resistência e de liberação.

Na senda dessas discussões, é possível entender a benzeção como um elemento que se insere na religiosidade e na cultura popular, tendo em vista se tratar de uma manifestação religiosa que compõe as práticas culturais de um povo, sendo passada de geração a geração – sobretudo de maneira oral.

Em vista disso, a religiosidade faz parte da cultura, e esses dois itens, como se pode observar, estão intimamente relacionados com a linguagem. Logo, nota-se que a linguagem possui um forte caráter social, tendo em vista que é fruto da natureza humana. Por meio dela, os indivíduos expressam aquilo que sentem e pensam e, principalmente, estabelecem interação, fator essencial para a vida em sociedade. Nesse sentido, as palavras são as ferramentas pelas quais o homem exprime aquilo que deseja; é através delas que são nomeados os objetos, os sentimentos e tudo aquilo que se conhece.

A partir disso, destaca-se o léxico, um conjunto dinâmico e heterogêneo de palavras que compõem o conhecimento internalizado e por meio do qual o falante se expressa. Para Coelho (2008), o léxico é “o inventário das unidades significativas responsáveis pela conceituação e representação do universo empírico natural e do sociocultural produzido pela atividade dos homens em sociedade” (Coelho, 2008, p. 14).

Por força disso, as ciências do léxico tornam-se a área dos estudos da língua que melhor consegue refletir a relação do indivíduo com a sociedade e, portanto, com a cultura. O léxico

evidencia, através das palavras das quais o falante lança mão, isto é, das escolhas lexicais, os pensamentos, os sentimentos, as ideologias, as crenças, os costumes e todas as suas peculiaridades. Essa afirmação é constatada por Sapir (1969), para quem

o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade (Sapir, 1969, p. 45).

A afirmação de Sapir é sustentada e expandida por Biderman (1978), a qual afirma que o léxico de uma língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos, ao mesmo tempo em que abrange todo o universo conceptual da língua. Para a linguista, qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Assim, os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua (Biderman, 1978, p. 139).

Logo, entende-se que estudar o léxico de uma comunidade permite entender seu sistema de valores e crenças, bem como a sua cultura, o que se comprova com o posicionamento de Isquierdo (1996, p. 93), para quem o léxico, na medida em que recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura.

Atendo-se ao estudo da cultura popular, o léxico pode ser uma excelente ferramenta, pois, ainda conforme Isquierdo (2001), “o estudo de um léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida e à visão de mundo de um determinado grupo” (Isquierdo, 2001, p. 91).

Em Minas Gerais, alguns estudos sobre a relação entre o léxico e a cultura já foram realizados, entre os quais citamos a pesquisa de Souza (2008), realizada em território norte-mineiro, intitulada *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. No trabalho, o autor realizou um estudo linguístico-histórico-cultural do município de Águas Vermelhas, tendo como foco o campo semântico do mundo rural. O pesquisador constatou a existência de um vocabulário regional e casos de influências lexicais da região nordeste do Brasil, principalmente da Bahia, apontando aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância do homem rural e da pecuária no município pesquisado.

Outro estudo que mostra a relação entre léxico e cultura foi *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Ribeiro (2010), que mostra como

os estudos lexicológicos apontam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se inserem. A pesquisadora, em seu trabalho, constatou casos de retenções, de variações e mudanças linguísticas ao longo do tempo na comunidade linguística pesquisada, a existência de um vocabulário regional e de casos de influências vindos do vocabulário do interior paulista. Ela encontrou também lexias que são comuns no Sul e Norte de Minas Gerais, evidenciando, em seus resultados, aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância da agricultura e da pecuária de invernada presentes em Passos, fatores que influenciam diretamente o léxico.

Há também a pesquisa de Freitas (2012), intitulada *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*, que realizou uma investigação do léxico rural da Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana de Minas Gerais, e suas relações com a história e a cultura locais. A pesquisadora conseguiu construir um glossário da fala rural composto por 335 lexias, extraídas de entrevistas realizadas na região.

E, ainda nessa linha, destacamos a pesquisa de Miranda (2013), *Léxico e cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis-MG*, a qual analisou como o léxico é influenciado por fatores sociais na região de Sabinópolis. Através dos resultados obtidos por meio da pesquisa, que evidenciaram os aspectos históricos, sociais e culturais da região, principalmente relacionados à lida com a terra, o pesquisador mostrou, novamente, que os estudos lexicológicos apontam estreita relação do homem com a cultura e o ambiente em que se encontra inserido.

Mais recentemente, na dissertação intitulada *O léxico da cachaça em Salinas-MG*, Pereira (2021) analisou as relações entre cultura e linguagem em entrevistas orais realizadas com trabalhadores que atuam no ramo cachaceiro, principal atividade econômica da cidade de Salinas. O trabalho, que teve como produto final um glossário, fez o estudo de 272 lexias, as quais denotam práticas culturais realizadas a partir da cachaça no município, relacionadas a fatores como economia e religião.

Todos esses trabalhos estabelecem a ligação existente entre a palavra e o mundo exterior, como parte constitutiva do ser humano e dos grupos sociais em que eles se inserem, levando em conta os vínculos sociais, culturais, religiosos e afetivos presentes nas relações humanas. Logo, o léxico, por ser o retrato da cultura de um povo, compõe o universo da cultura popular, sendo reflexo do pensamento, das ideologias e crenças dos falantes. No caso particular da religiosidade, nota-se que ela exerce uma forte influência na cultura popular, e tudo isso é

refletido no léxico, por meio dos itens que nomeiam as benzeções, os elementos utilizados nessas práticas, bem como as crenças que envolvem esse processo.

1.5 Estudos sociolinguísticos

Antes do surgimento da Sociolinguística, os estudos voltados à linguagem davam maior destaque à estrutura da língua, com pouco espaço para o contexto social em que ela estava inserida. Essa noção foi reforçada por duas grandes correntes, muito importantes para os estudos linguísticos: o estruturalismo e o gerativismo.

Na visão estruturalista, cujo expoente foi o genebrino Saussure, já mencionado anteriormente neste trabalho, a língua era vista como objeto central dos estudos linguísticos, considerando-a, junto à fala, como itens independentes um do outro. Com relação ao estudo da língua, item sobre o qual Saussure se debruçou, ele propôs dois enfoques, um estático e outro voltado à evolução. Isso porque o autor considera a língua um sistema de regras estático, homogêneo e regular, motivo pelo qual sua análise deve enfatizar os aspectos formais e estruturais do fenômeno linguístico (Saussure, 2006 [1916]).³

Um grande contributo dos estudos saussurianos para as ciências da linguagem foram as dicotomias por ele propostas. O teórico genebrino distingue *langue* e *parole* e *sincronia* e *diacronia*. Com relação à primeira dicotomia, que pode ser entendida como língua e fala, Saussure (2006 [1916]) ressalta que a *langue* é homogênea e social, um sistema de signos, um acervo depositado por meio da fala no cérebro dos falantes, motivo pelo qual é considerada essencial. A *parole*, por sua vez, é um ato individual de vontade, heterogênea, uma manifestação concreta da *langue*, portanto é acessória e acidental.

No tocante à segunda dicotomia, Saussure aponta duas perspectivas a partir das quais a língua pode ser estudada. A sincronia corresponde a um recorte da língua em um momento histórico, seja no passado, seja no presente, como um registro que apreende as relações que se estabelecem entre os elementos do sistema linguístico. Na diacronia, a língua é avaliada como um elemento fruto de evoluções orquestradas pelo tempo, logo um item dinâmico e mutável. Para Saussure, em sua visão estruturalista, é a perspectiva sincrônica que garante o estudo da língua como ciência.

³ Embora, neste trabalho, seja citado Saussure, tem-se consciência de que a obra *Curso de Linguística Geral* não foi escrita por ele, mas por seus discípulos.

Com relação a essas dicotomias, Saussure afirma que os fenômenos variáveis não podem ser visualizados na *langue*, que é social, mas sim na *parole*, que é individual. Ademais, a evolução linguística, segundo o linguista, acontece em alguns elementos, o que já é suficiente para se refletir em todo o sistema. Ainda para o autor, o falante não tem consciência das mudanças que se estabelecem entre os recortes sincrônicos da língua. Apesar da visão estruturalista de Saussure e do fato de ele não se deter aos fatores externos ao sistema linguístico, é importante ressaltar que o linguista já reconhecia a língua como um fenômeno social e como produto de uma convenção estabelecida entre os falantes.

Por outro lado, atendo-se à segunda corrente mencionada, denominada gerativismo, ela ganha destaque nos Estados Unidos a partir da década de 1960, com o linguista Noam Chomsky. Para ele, a língua era considerada um meio de expressar o pensamento e, diferentemente do estruturalismo, deveriam ser valorizadas as dissonâncias entre as linguagens naturais e os outros sistemas de símbolos. Na visão chomskyana, a faculdade da linguagem é inata ao ser humano, e as línguas possuem características que são universais (Chomsky, 1978).

Nessa concepção, a competência linguística era vista como um conjunto de estruturas e processos mentais, de maneira que cada indivíduo estaria munido de um sistema que o permitiria agir e interpretar. Em outras palavras, a língua é concebida como um sistema de princípios universais e como um conhecimento mental que o indivíduo tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem – a competência (Chomsky, 1978). Diante disso, para o gerativismo, a função do linguista é descrever a competência linguística dos falantes, posto que cada qual é capaz de construir infinitas frases, mesmo aquelas mais complexas e nunca vistas por esses indivíduos.

Em vista disso, é possível notar que as duas correntes – estruturalismo e gerativismo – consideram a língua como uma realidade abstrata, cuja evolução não deve ser pensada a partir de fatores históricos e sociais. É com uma visão oposta a essas duas correntes que, na década de 1960, também nos Estados Unidos, começam a ganhar destaque os estudos sociolinguísticos.

A Sociolinguística tem William Labov como precursor, uma vez que sua metodologia fez com que esse campo de estudos se desenvolvesse e ganhasse destaque no cenário dos estudos da linguagem. Ao propor o estudo da língua de maneira diretamente vinculada e influenciada pelo contexto social, o linguista percebe a língua como heterogênea e dinâmica.

Os estudos da Sociolinguística, então, passaram a se ancorar nas contribuições da Linguística, da Antropologia e da Sociologia. Para essa nova visão, as línguas sofrem mudanças ao longo do tempo, e isso decorre da interação entre os falantes que delas utilizam e à adequação

que estes fazem, observando-se o contexto sócio-histórico-cultural em que estão inseridos. Essa perspectiva, fortemente desenvolvida por Labov, ficou conhecida como Teoria da Variação e Mudança, abordada na seção que se segue.

1.5.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Sociolinguística Variacionista, ou Teoria da Variação, se desenvolveu a partir dos métodos utilizados por Labov para coletar dados das variedades do inglês faladas em Nova York, publicados na obra *The Social Stratification of English in New York City* (1966), junto a seus estudos sobre as características do inglês afroamericano, os quais impulsionaram as pesquisas relacionando língua e sociedade.

Coelho *et al.* (2010), ao discorrerem sobre a visão de Labov – expoente da Teoria da Variação –, sintetizam o pensamento do autor afirmando que

não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação (Coelho *et al.*, 2010, p. 22).

Considerando, então, que as línguas são heterogêneas, Weinreich, Labov e Herzog (1968) pontuam que estruturas heterogêneas são necessárias para o funcionamento de qualquer língua, e os falantes têm a competência para codificar e decodificar tal heterogeneidade. Desse modo, para a Sociolinguística, mais particularmente para a Sociolinguística Variacionista, a variação e a mudança são inerentes às línguas, as quais são influenciadas por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Para a análise dessa mudança, a Sociolinguística dispõe de uma metodologia bem definida, destacando-se cinco elementos formulados pelos teóricos Weinreich, Labov e Herzog (1968) para o estudo da variação e mudança, a saber: (i) restrição ou fatores condicionantes: elementos de ordem geral que efetivam a mudança e que diferenciam possíveis mudanças de mudanças impossíveis de ocorrer, apontando, também, as direções da mudança; (ii) encaixamento: a forma como uma mudança linguística encaixa-se nas relações sociais e linguísticas; (iii) avaliação: o modo como os falantes de dada comunidade avaliam a mudança

e como eles reagem a ela; (iv) transição: a forma propriamente dita como ocorre o processo de mudança e, por fim (v) implementação: o porquê, o quando e o onde as mudanças acontecem. Neste trabalho, contudo, não será abordada a questão da mudança. Ainda com relação à metodologia proposta pela Sociolinguística, tal estudo passa por momentos bem definidos, como a escolha de variáveis, a pesquisa de campo (com registro da fala), a transcrição e a análise (quantitativa e qualitativa) dos dados coletados.

Entre as modalidades fala e escrita, a que interessa a esta pesquisa é a fala, visto que será estudada a fala das benzedeadas que residem na região rural de Salinas-MG. Nessa modalidade, alguns tipos de variações podem ser encontrados, entre as quais: variação diatópica (relacionada à questão geográfica), diastrática (ligada à classe social do falante) e diafásica (ligada às diferenças entre estilo ou situações comunicativas) (Coelho *et al.*, 2010). Ao discutir a Sociolinguística, Rodrigues (2004) destaca que as variações ocorrem em duas principais ordens, na fala e na escrita. Conforme o autor,

à primeira ordem pertencem as variantes que se podem chamar *dialetais* em sentido amplo: variantes espaciais (dialetos geográficos, variantes de classe social (dialetos sociais ou diastráticos), variantes de grupos de idades (dialetos etários), variantes de sexo (dialetos masculino e feminino), assim como variantes de gerações (variantes diacrônicas). Na segunda ordem de variação incluem-se as variantes que, segundo sugestão, diremos de *registro*: variantes de grau de formalismo, variantes de modalidade (fala e escrita) e variantes de sintonia (ajustamento ao receptor). Tanto as variações da primeira ordem assim como da segunda se superpõem e se entrecortam de diversas maneiras, do que resulta uma situação extremamente complexa, mesmo quando nos limitamos à observação da língua de um só indivíduo (Rodrigues, 2004, p. 12).

Nessa mesma perspectiva, Mussalin e Bentes (2006) dão especial atenção a dois tipos de variedades, as quais, segundo elas, são as que mais motivam a mudança. Para as linguistas, “podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica ou (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)” (Mussalin; Bentes, 2006, p. 34).

As autoras explicam que a variação diatópica é claramente perceptível quando se comparam os modos de falar de indivíduos de regiões distintas, como um falante da região Sul e da região Nordeste, por exemplo, em que se percebem particularidades no léxico, na fonologia, na morfossintaxe etc. Nesta pesquisa, esse tipo de variação não será enfatizado, conforme os objetivos anteriormente elencados.

Com relação à variação diastrática, Mussalin e Bentes (2006) salientam que ela compreende a classe social, a idade, o sexo, a situação ou o contexto social. Todos esses fatores influenciam as particularidades no modo de falar de cada indivíduo, inclusive as escolhas lexicais realizadas pelos falantes, mesmo aqueles que residem em uma mesma localização geográfica, como é o caso das benzedadeiras que compõem este estudo.

Ao longo de seu desenvolvimento, a Sociolinguística passou por transformações, sobretudo em seu escopo e metodologias. Nessa seara, Freitag, Martins e Tavares (2012) apresentam uma síntese do trabalho de Eckert (2012) a respeito das três ondas da Sociolinguística, dentro das quais se inserem importantes estudos para a compreensão da variação.

A primeira onda, iniciada com os estudos de Labov sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, estabeleceu uma base sólida para o estudo da variação, evidenciando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade etc. Essa onda subsidiou a premissa de que as variedades linguísticas carregam o *status* social de seus falantes (Freitag; Martins; Tavares, 2012, p. 920).

Os estudos dessa primeira onda possibilitaram o surgimento da segunda onda sociolinguística, caracterizada por estudos etnográficos de populações menores e mais localmente definidas, abarcando categorias sociodemográficas mais abstratas, a fim de evidenciar como o vernáculo assume valor local, a exemplo dos estudos de Milroy (1980) acerca das redes sociais (Freitag; Martins; Tavares, 2012, p. 921). Tal teoria, para os estudos da linguagem, tenta refletir o papel do falante na inovação ou na manutenção de características linguísticas a partir dos muitos ou dos poucos contatos que ele, o falante, estabelece com outros falantes ou comunidades diferentes da sua. Em outras palavras, as redes sociais servem “para verificar o papel do falante na inovação linguística (ou o bloqueio dela)” (Battisti, 2008, p. 2).

Em linhas gerais, uma rede social pode ser caracterizada pelo conjunto de falantes que mantêm relações de contato entre si, as quais podem ocorrer por laços fortes – quando há um alto grau de proximidade – ou fracos – quando o grau de proximidade é baixo (Milroy, 1980). De acordo com Milroy (1980), mesmo longe fisicamente, os indivíduos, ao estabelecerem contato, “contaminam-se”. Esse contato é que, segundo ela, promove a interação e institui normas sociais entre os falantes, de modo que as mudanças linguísticas podem ou não ocorrer.

No caso das benzedadeiras, é interessante observar como as redes sociais se estabelecem. Essas mulheres, apesar de residirem em diferentes regiões rurais da cidade de Salinas,

compartilham uma prática comum – a benzeção –, portanto se conhecem e compartilham saberes.

A terceira onda, por sua vez, combina os estudos de primeira e de segunda onda, com foco nas pesquisas sobre as chamadas comunidades de práticas. No veio laboviano, comunidades de fala são definidas como agrupamentos de indivíduos que compartilham não necessariamente os mesmos traços linguísticos, mas o mesmo juízo de valor acerca desses traços, e os reconhecem como legítimos para a identificação do grupo. Por sua vez, a comunidade de prática é definida como um agrupamento de indivíduos que partilham perspectivas em comum, valores e conhecimentos, interagindo entre si para se aperfeiçoarem e replicarem esses valores e conhecimentos (Freitag; Martins; Tavares, 2012, p. 922). Para que melhor se compreenda essas duas acepções, que serão utilizadas para a análise da fala das benzedeadas, a próxima seção versará nas definições de comunidades – de fala e de prática.

1.5.2 Comunidades fala e comunidades de prática

Ao estudar a variação e a mudança linguística, Labov considera que é dentro das comunidades de fala que acontece a interação entre língua e sociedade, de modo que, para o autor, é a comunidade, e não o indivíduo, que interessa ao sociolinguista. Ao definir esse conceito, Labov pontua que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). Além disso, o linguista salienta que os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando se encontra variação altamente estratificada na fala real.

Com isso, nota-se que a definição laboviana a respeito das comunidades de fala não se atém ao uso linguístico compartilhado pelos falantes, mas sim às atitudes que se assemelham diante dos fatos linguísticos. Desse modo, a uniformidade das normas compartilhadas pelos grupos de falantes acontece, conforme Labov, quando a variável linguística possui marcas sociais que são evidentes às pessoas. Dessa maneira, os falantes devem ter consciência dos usos da língua e ser capazes de emitir juízos de valor, positivos ou negativos, sobre as variáveis linguísticas.

Percebe-se, nesse âmbito, como Labov busca certa homogeneidade ao definir a comunidade de fala, já que, para o autor, ela não é marcada pelas regras linguísticas observadas

na fala individual – que possuem forte variação –, mas nas atitudes dos falantes no que tange às normas e aos usos linguísticos – que se apresentam mais uniformes.

A partir dessa visão, o sociolinguista Gregory Guy amplia a noção de comunidade de fala, apontando que ela pode ser caracterizada a partir de três critérios, a saber: (i) o compartilhamento de traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; (ii) a alta frequência de comunicação entre os falantes da comunidade e (iii) a similaridade das normas e atitudes no que concerne ao uso da língua (Guy, 2001). Para esse autor, os limites que se estabelecem entre as comunidades de fala devem ser observados a partir, sobretudo, das diferenças gramaticais, e não somente na frequência de uso de uma variável.

Além da visão de gramatical de Guy para a definição da comunidade de fala, há outras definições que versam em outros critérios, como o social. Nesse contexto, Hymes (1972), por exemplo, esboça seu conceito como uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala e das variedades linguísticas. O autor enfatiza critérios sociais, defendendo a heterogeneidade da comunidade de fala e salientando que um indivíduo pode participar de diferentes comunidades (Hymes, 1972). Nessa mesma linha, Gumperz (1996) constata que as comunidades de fala são construídas mediante uma variedade de redes de socialização, as quais são marcadas pelo compartilhamento de padrões de uso e formas de interpretação da língua.

Portanto, evidencia-se que a Sociolinguística Variacionista enfatiza a comunidade de fala, ao contrário do que propõe Eckert (1992), cuja proposta de estudo da variação enfatiza as chamadas comunidades de prática. Para a autora, a análise sociolinguística variacionista, ao focar características como sexo, idade, classe socioeconômica e etnia, não reconhece a importância da prática e da atuação do indivíduo na comunidade de fala e como isso interfere em seus usos linguísticos.

Baseada na definição de Jean Lave e Etienne Wenger, Eckert (1992) sinaliza que

a comunidade de prática nos afasta da comunidade definida por um local ou por uma população. Em vez disso, concentra-se em uma comunidade definida pelo engajamento social – afinal, é a esse engajamento que a linguagem serve, não o lugar e nem as pessoas como um grupo de indivíduos (Eckert, 1992, p. 7, tradução nossa⁴).

⁴ The community of practice takes us away from the community defined by a location or by a population. Instead, it focuses on a community defined by social engagement - after all, it is this engagement that language serves, not the place and not the people as a bunch of individuals (Eckert, 1992, p. 7).

Em sua definição, a autora salienta que uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se reúnem em torno do engajamento mútuo em algum empreendimento comum. Modos de fazer, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – conforme a autora, as práticas – emergem no curso de sua atividade conjunta em torno desse empreendimento. Assim, pode-se entender que uma comunidade de prática é diferente da noção tradicional de comunidade, principalmente porque é definida simultaneamente por seus membros e pela prática na qual esses membros se engajam. Com isso, Eckert (1992) conclui que são as práticas da comunidade e a participação diferenciada dos membros que estruturam a comunidade socialmente.

Para exemplificar, Eckert (1992) afirma que uma comunidade de prática pode ser composta por pessoas que trabalham juntas em uma fábrica, frequentadores regulares de um bar, um grupo de recreação de bairro, uma família nuclear, parceiros policiais, a Suprema Corte, entre outros. Além disso, as comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensivas ou difusas; elas nascem e morrem, podem persistir através de muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas com outras comunidades.

De mais a mais, os indivíduos participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada na multiplicidade dessa participação. De acordo com Eckert (1992), em vez de ver o indivíduo como uma entidade desconectada flutuando no espaço social, como membro de um determinado grupo ou conjunto de grupos, ou mesmo como um feixe de características sociais, é preciso se concentrar nas comunidades de prática.

Analisando a proposta de Eckert, Freitag (2014) discorre que

os indivíduos, ao escolherem pertencer a esta ou àquela comunidade, compartilham repertórios de práticas, entre os quais as práticas linguísticas. A observação de comunidades de práticas permite identificar como as variantes linguísticas assumem significado social, possibilitando estabelecer relação mais direta entre língua e significado do que em um estudo baseado em uma comunidade de fala, que, dado o seu delineamento, não permite controlar as relações estabelecidas entre os falantes e suas implicações na dinâmica linguística (Freitag, 2014, p. 101).

Diante disso, Freitag (2014) considera que, ao estudar a variação linguística como uma prática social, além das análises quantitativas, é necessário observar os falantes em comunidades de prática, como proposto por Eckert. Assim, tomando por base esse modelo de análise, a entrevista sociolinguística mostra-se um instrumento relevante não somente para fins

de coleta de dados de fala, mas também para realizar um inicial diagnóstico dos grupos ou comunidades formadas em torno de um empreendimento comum.

Ainda para Freitag (2014), as narrativas de experiência pessoal que são obtidas nas entrevistas sociolinguísticas deixam transparecer pistas sobre a relação dos indivíduos nas redes sociais das quais participam e sobre as identidades sociais reconhecidas em uma localidade. Para ilustrar esse pensamento, a autora pontua que,

nas comunidades de prática, a liderança, por exemplo, pode dar ao líder o poder de propor inovações, até mesmo linguísticas, já que o grupo de liderados o legitima e o segue, aderindo aos comportamentos por ele adotados. É também nas comunidades de prática que se pode observar, por meio de estudo etnográfico, como as relações entre uso da linguagem, estilo e construção de identidade se dão para cada indivíduo. Como podemos ver, a documentação linguística é premissa da Sociolinguística Variacionista e pode auxiliar as ações de registro patrimonial da diversidade linguística no Brasil (Freitag, 2014, p. 182).

Diante dessas considerações, pode-se notar como a noção de comunidades de prática pode auxiliar na compreensão do uso que as benzedeiros fazem da linguagem, tendo em vista se tratar de um grupo cuja atuação gira em torno de um empreendimento comum – a benzeção. Com isso, seus valores, suas crenças e suas atividades dentro da comunidade podem influenciar o comportamento linguístico dessas falantes, sobretudo no que tange às suas escolhas lexicais.

1.6 Estudos lexicais

Os estudos voltados ao léxico podem ser observados desde a Antiguidade Clássica. Ao fazer um retrospecto histórico sobre esse campo de estudos da linguagem, Abbade (2012) afirma que é possível remontar ao Oriente, durante o século IV a.C, na Índia, quando Panini organizou a padronização da língua sânscrita, elaborando uma gramática chamada *Ashtâdhyâyi*, com uma abordagem fonética, fonológica e morfológica dessa língua, que diferenciava a língua falada pelo povo da época e aquela utilizada pela literatura clássica. Nessa gramática, Panini definiu uma sintaxe para o idioma sânscrito, bem como elementos significativos da língua, a exemplo das *palavras reais* (as lexias) e das *palavras fictícias* (os morfemas), itens que contribuíram para o desenvolvimento dos estudos lexicais.

Já no Ocidente, em meados do século V a.C, de acordo com Abbade (2012), começam as primeiras reflexões conhecidas envolvendo o léxico. A autora pontua que os filósofos gregos já discutiam sobre a relação entre palavra e ser, entre signos e universo. Assim, foi nessa época

que se alicerçou o campo da semântica, visto que, com base em reflexões filosóficas, houve uma preocupação quanto ao estudo da palavra e seu conceito, relacionando ideia e forma. Além disso, houve uma importante contribuição dos latinos a respeito da oposição entre *sistema* (gramática da língua) e *norma* (uso social efetivo da língua) como fatores que, ao mesmo tempo, conservam a língua e permitem mudanças.

Ainda conforme Abbade (2012), do Renascimento até o século XVIII, o estudo do léxico foi desenvolvido em torno de dois eixos: a confecção de dicionários e o estudo da palavras em uma perspectiva filosófica. Abbade (2011) pontua que a abordagem do léxico foi deixada de lado para dar lugar às preocupações acerca dos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos, e o que se fazia com as palavras não era nada além de organizá-las alfabeticamente e buscar suas definições a partir de sua literatura.

Hoje, os estudos lexicais já compreendem a relação que se estabelece entre as palavras e o mundo exterior, como forma de compreender não somente as palavras que compõem uma língua, mas também o que elas representam ao falante e ao grupo do qual esse falante participa. Quando se pensa na relação que se estabelece entre as palavras de uma língua e a forma como elas refletem os traços culturais de um povo, Abbade (2011) salienta que

língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza (Abbade, 2011, p. 1332).

Diante disso, entendendo a forte relação entre a língua e a sociedade, a ampliação do estudo da palavra permitiu o desenvolvimento de duas áreas do léxico: a lexicologia e a lexicografia, que serão mais bem discutidas na seção seguinte.

1.6.1 Lexicologia e lexicografia

Ambas são áreas dos estudos lexicais que possuem o mesmo objeto de análise, a palavra, e diferem uma da outra quanto à abordagem metodológica. A lexicologia versa na categorização e análise das palavras dentro do léxico. Nessa perspectiva, Barbosa (1990) assevera que a “lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança” (Barbosa, 1990, p. 157).

Nesse ínterim, a autora afirma que a lexicologia trata do estudo científico do léxico e se atém, sobretudo, à definição de conjuntos e subconjuntos lexicais, à análise e descrição de estruturas morfológicas, sintáticas e semânticas das lexias e à categoria ideológica e força persuasiva das lexias. De mais a mais, Barbosa (1990) ressalta que a lexicologia tem como escopo a relação do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a abordagem da palavra e seu papel na construção de visões de mundo e a influência do contexto em cada palavra (Barbosa, 1990).

Além disso, a lexicologia contribui para a descrição dos fenômenos que envolvem as palavras, como a polissemia, homonímia, homossemia total (sinonímia), homossemia parcial (parassinonímia), hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia. Outrossim, essa área de estudos da Linguística possui métodos que possibilitam a análise distribucional e a análise sêmica, a questão dos campos semânticos e dos domínios de experiência, entre tantos outros estudos relacionados às palavras (Barbosa, 1990).

Ainda em relação à lexicologia, Polguère (2018) define-a como um campo da Linguística que se dedica ao estudo das características das unidades lexicais de uma língua, também chamadas de lexias. Em contraste com a definição casual de palavra, que pode resultar em ambiguidade, a lexicologia utiliza o termo técnico "unidade lexical" ou "lexia", que se subdividem, segundo o autor, em lexema e locução.

O lexema, conforme Polguère (2018), é uma generalização do signo linguístico do tipo forma de palavra: cada lexema da língua é estruturado em torno de um sentido exprimível por um conjunto de formas de palavra que somente a flexão distingue (Polguère, 2018, p.54). A locução, por sua vez, tem caráter congelado e semanticamente não composicional, podendo ser definida como uma entidade da língua apresentada ao lexema que é estruturada em torno de um sentido exprimível por meio de um conjunto de sintagmas congelados, semanticamente não composicionais, que se distinguem somente pela flexão (Polguère, 2018, p.62).

Consoante o autor, existem quatro tipos de locução: verbal, nominal, adjetiva e adverbial, para os quais o autor apresenta os seguintes exemplos:

- a) **as locuções verbais:** MOER OS OSSOS [Moeram-se os ossos em praça pública];
- b) **as locuções nominais:** ÁGUA DE COCO [Helena nos ofereceu uma deliciosa água de coco];
- c) **as locuções adjetivais:** EM PEDAÇOS [Sua bela leiteira ficou em pedaços];

- d) **as locuções adverbiais:** NO PEITO E NA RAÇA [A banda lançou-se no peito e na raça em um pequeno improvisado para encerrar o show] (Polguère, 2018, p.58).

Nos exemplos dados pelo autor, nota-se que os elementos separados, quando juntos numa sentença, ganharam novo significado. Este significado não é derivado da combinação semântica de cada um dos seus componentes, mas sim um significado manifestado através de um conjunto de sintagmas fixos (Polguère, 2018, p. 62). A expressão adverbial "no peito e na raça", por exemplo, que significa "fazer com empenho", possui um significado fixo e não é composto pela combinação do significado de cada constituinte [peito (parte do corpo) e raça – (etnia)].

Assim como a lexicologia, a lexicografia se detém ao estudo da palavra, porém situando-se, conforme Barbosa (1990), como uma forma de tratamento, compilação, classificação, análise e processamento da palavra. Para a autora, “os discursos lexicográficos são simultaneamente registros de palavras e objeto de estudo da Lexicografia, enquanto investigação fundamental; esta, a seu turno, é objeto da Metalexigrafia, que se define, por sua vez, como epistemologia da ciência lexicográfica” (Barbosa, 1990, p. 155).

Para Krieger (2006), a lexicografia é a ciência que se dedica à prática dicionarística. Consoante a autora,

a lexicografia é o domínio de maior tradição dentre as ciências do léxico. Tal tradição está diretamente relacionada à sua vertente aplicada, viés que justifica sua clássica concepção de ser arte, tomada no sentido grego, de técnica de fazer dicionários. Essa prática de ordenar alfabeticamente o conjunto de itens lexicais de um idioma e de agregar informações sobre seu conteúdo e uso, compondo obras de referência linguística, é uma atividade que vem de muitos séculos. Já existia nas culturas mais antigas do oriente, embora as primeiras obras tivessem particularidades organizacionais distintas dos dicionários atuais (Krieger, 2006, p.164).

Ainda com relação a essa vertente dos estudos do léxico, a divisão das obras lexicográficas pode ser feita em obras prescritivas, as quais prescrevem como as palavras devem ser usadas, e obras descritivas, as quais descrevem como as palavras são usadas, a exemplo dos vocabulários – produto final desta pesquisa, que sintetizará as lexias encontradas na fala das benzedeadas que se atêm à prática do benzer.

Como se observa, o termo *lexia* é recorrente nos estudos lexicais. Pottier (1978) considera como lexia as unidades lexicais memorizadas, isto é, unidades lexicais que um falante

retira, durante a fala, da memória lexical, as quais estão em constante processo de fixação e cuja permanência na língua ocorre mediante a sua reprodutibilidade.

Biderman (2001), ao tratar dessa questão, discute que os termos *palavra* e *vocábulo* são, muitas vezes, usados de forma confusa e imprecisa, de modo que os linguistas cunharam o termo *lexema* para designar a unidade léxica abstrata na língua. Para a autora, os lexemas manifestam-se no discurso através de formas fixas e variáveis, sendo estas últimas mais recorrentes em línguas flexivas e aglutinantes, como o português. Um exemplo disso, retirado do *corpus* desta pesquisa, é o lexema BENZER (grafado em maiúsculo para indicar que se trata da unidade abstrata, conforme a metodologia adotada por Biderman (2001)), que se manifesta discursivamente, nas entrevistas, como *benzi*, *bezeu*, *benzeram* etc. Biderman (2001) chama de lexias essas formas que aparecem no discurso, sendo, portanto, *benzi*, *bezeu* e *benzeram* lexias.

Dentro desse mesmo viés, Biderman corrobora as explicações de Pottier e divide as lexias em simples (a palavra em sua concepção tradicional, como *cadeira*) e complexas (formadas a partir de uma integração semântica que se manifesta formalmente, como *sinal vermelho*). Biderman (2001) dá um especial enfoque às lexias complexas, salientando que é necessário manter nesse feixe os lexemas formados por componentes que o sistema ortográfico mantém separado por hífen ou espaço em branco, em contraposição às lexias simples, grafados em um único segmento.

Expandindo essa discussão, Abbade (2012) faz uma objetiva diferenciação entre os conceitos de *palavra*, *lexia*, *termo* e *vocábulo*. Para a autora, a *palavra* é um termo genérico, tradicionalmente usado na língua, que faz parte do vocabulário de todos os falantes, trata-se de uma unidade significativa que abrange as diversas significações do conteúdo linguístico. A *lexia*, por sua vez, é a unidade significativa do léxico de uma língua, isto é, é uma palavra que tem significação lexical. O *termo*, para a autora, é a palavra particular de uma ciência, de uma arte, de um ofício, de uma profissão, ou seja, uma palavra utilizada em contextos específicos. Diferente da palavra, o termo tem seu significado assegurado, mesmo fora do contexto, de maneira isolada, e pode ser composto por uma ou mais palavras. Já o *vocábulo*, conforme Abbade (2012), é a palavra considerada apenas quanto à forma, independentemente da significação que nela se encerra (Abbate, 2012, p. 145-146).

Ainda para essa autora, a palavra não possui apenas a significação lexemática, pode ser também morfemática, isto é, gramatical. Por sua vez, a lexia tem significação externa ou referencial, ou seja, apenas lexemática (Abbate, 2012, p. 146).

1.6.2 Lexicologia social

A lexicologia social, também conhecida como Lexemática ou Semântica Estrutural, é um ramo da lexicologia que se volta ao estudo do *significado léxico* no plano linguístico. De acordo com Abbade (2012), existem palavras que não possuem significado léxico, como as interjeições, as partículas de afirmação ou negação, artigos, preposições, pronomes, entre outros. Apesar de estarem presentes nos fenômenos lexicais e pertencerem ao vocabulário da língua, essas palavras não constituem objeto de estudo da Lexemática, visto que não são lexias, isto é, não contêm significação lexical.

Ao definir a Lexemática, Coseriu (1982) afirma que

A lexemática ou semântica estrutural corresponde ao nível estrutural sistemático da lexicologia do conteúdo, que também abrange a lexicologia semântica associativa (que adota outro ponto de vista no que se refere às relações entre os significados), assim como, em outros níveis estruturais, uma lexicologia semântica da norma e uma lexicologia semântica do discurso (que incluiria também o estudo das preferências e das «constantes» semânticas dos escritores) (Coseriu, 1982, p. 50).⁵

Em outras palavras, Coseriu (1987) pontua que a Lexemática volta-se ao estudo funcional do vocabulário, uma espécie de análise do conteúdo lexical das línguas, em que o termo *significado* pressupõe uma delimitação precisa em relação a outros tipos de conteúdo linguístico, ao passo que o termo *lexical* indica uma delimitação igualmente exata frente a outros tipos de significado (Coseriu, 1987, p. 206).

Para o autor, a Lexemática se ocupa exclusivamente da estruturação das relações de significação, ideia que é corroborada por Abbade (2012), a qual acrescenta que, na língua, apenas as relações de significação são estruturáveis, de modo que a Lexemática se interessa justamente pelo conteúdo da significação. Quanto a esse aspecto – a significação –, Coseriu (1987) classifica cinco tipos, a saber:

- (i) *Significação categorial*: corresponde ao modo da apreensão do mundo extralinguístico, ao modo de ser das palavras no discurso, distinguindo-se em substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

⁵ Do original: La lexemática o semántica estrutural corresponde al nivel estrutural sistemático de la lexicología del contenido, la cual abarca también la lexicología semántica asociativa (que adopta otro punto de vista en lo que se refiere a las relaciones entre los significados), así como, a otros niveles estructurales, una lexicología semántica de la norma y una lexicología semántica del discurso (la que abarcarla también el estudio de las preferencias y «constantes» semánticas de los escritores) (Coseriu, 1982, p. 50).

- (ii) *Significação instrumental*: relaciona-se ao significado dos morfemas (artigos, preposições, prefixos, sufixos, entre outros).
- (iii) *Significação estrutural ou sintática*: resulta da combinação de unidades lexemáticas e morfemáticas em uma oração (singular, plural, ativo, passivo, presente, passado, futuro, entre outros).
- (iv) *Significação ôntica*: diz respeito ao valor existencial e só existe no plano das orações, observando o estado das coisas designado na oração (afirmativo, negativo, imperativo, entre outros).
- (v) *Significação lexical*: corresponde ao que a palavra significa enquanto organização de mundo.

Para a lexicologia social, cabe o estudo desse último tipo de significação, o lexical. Isso porque, conforme Abbade (2012), os estudos estruturais do significado lexical devem corresponder à língua funcional, isto é, o modo como a língua funciona a partir de uma língua histórica. Para a autora, “todo falante precisa ser um poliglota de sua própria língua e ter tantas línguas funcionais quanto necessite para realizar o seu discurso” (Abbade, 2012, p. 149). Com isso, a Lexemática torna-se uma disciplina profícua para o resgate da identidade e da história de um povo, tomando como base os estudos linguísticos e lexicais.

1.6.3 Campos lexicais

Dentro dos estudos do léxico, destacam-se também os chamados campos léxicos, ou campos semânticos, definidos, conforme Dubois (2014), como conjuntos de lexemas que abarcam uma área conceitual específica, representando um subconjunto do léxico, os quais, juntos, constituem um vocabulário. Expandindo essa discussão, Biderman (1981) faz alusão à criação de redes semânticas, criadas a partir desses campos léxicos. Conforme a autora,

uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos. As palavras nucleares dentro de um campo léxico provavelmente são as palavras mais frequentes dentre as palavras de conteúdo léxico. Podem também constituir os primitivos léxicos de uma língua, sendo por isso, as primeiras palavras significativas que um indivíduo aprenderia (Biderman, 1981, p. 139).

A autora salienta, ainda, que é difícil traçar limites entre áreas lexicais, posto que o léxico é um sistema dinâmico e aberto a mudanças. Assim, uma mesma lexia pode ser inserida em mais de um campo léxico. Essa afirmação encontra respaldo nas discussões de Pottier (1978), para quem é o discurso ou a situação de comunicação que determina o funcionamento de uma lexia, tendo em vista que cada lexia pode possuir diferentes significados, estando, pois, em diferentes campos semânticos.

Partindo dos estudos de Semântica Estrutural, Coseriu expandiu as noções acerca dos campos lexicais, usando como aporte a teoria dos campos linguísticos de Trier (1931). Trier, conforme pontua Abbade (2012), contribuiu significativamente para os estudos da Semântica Moderna, visto que analisa as palavras entendendo que uma está sob a dependência das outras, de maneira que elas se unem como em uma cadeia, em que a mudança de um conceito acarreta a modificação nos conceitos vizinhos.

Ao definir o que é um campo lexical, Coseriu (1981) assevera que

um campo léxico é um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo), que se dividem em valores mais específicos, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico ("traços distintivos lexicais" ou semas). Assim, por exemplo, "froid" (frio) - "tiède" (morno) - "chaud" (quente) - "brûlant" (ardente) é um campo léxico do francês. As relações entre os termos em um campo léxico são análogas às relações entre os fonemas em um sistema vocálico ou consonantal. Um campo é muitas vezes representado por uma palavra "arquilexemática" correspondente ao seu valor unitário, mas isso não é necessário para que o campo exista como tal. Os campos admitem vários níveis de estruturação, no sentido de que um campo de um determinado nível pode ser incluído como unidade em um campo de nível superior. Os valores de ordem muito geral, que funcionam em séries de campos (por exemplo, "animado", "inanimado", "pessoa", "animal"), podem ser chamados de clasemas (termo proposto por B. Pottier) (Coseriu, 1981, p. 135)⁶.

Com isso, pode-se dizer, consoante Abbade (2012), que as palavras formam um *campo linguístico* por meio de um *campo conceitual* e exprimem uma visão de mundo de acordo com a reconstrução que elas possibilitam. Nesse âmbito, o campo léxico representa uma estrutura,

⁶ un campo léxico es un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos lexemas dividen en valores más determinados, oponiéndose entre sí por diferencias mínimas de contenido léxico («rasgos distintivos lexemáticos» o semas). Así, por ejemplo, «froid» - «tiède» - «chaud» - «brûlant» es un campo léxico del francés. Las relaciones entre los términos en un campo léxico son análogas a las relaciones entre los fonemas en un sistema vocálico o consonántico. Un campo está representado muchas veces por una palabra «arquilexemática» correspondiente a su valor unitario, pero esto no es necesario para que el campo exista como tal. los campos admiten varios niveles de estructuración, en el sentido de que un campo de un nivel determinado puede quedar incluido como unidad en un campo de nivel superior. Los valores de orden muy general, que funcionan en series de campos (por ejemplo, «animado», «inanimado», «persona», «animal»), pueden llamarse clasemas (término propuesto por B. Pottier) (Coseriu, 1981, p. 135).

um todo articulado, em que existe uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que se organizam em uma espécie de mosaico. Dessa maneira, a autora conclui que

as palavras que ocupam determinado campo estão individualmente determinando seus significados pelo número e pela situação. As palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. As palavras só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim, para entender a lexia individualmente, é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão (Abbade, 2012, p. 151).

Portanto, nota-se que tanto a lexicografia quanto a lexicologia são essenciais na realização deste trabalho, que tem como foco de análise as lexias que fazem parte do cotidiano de mulheres que lidam com as benzeções. Essa prática, por ser importante na vida do grupo pesquisado, motiva o léxico por ele empregado. Assim, com as contribuições da lexicologia, o estudo das lexias presentes na fala das salinenses permite evidenciar aspectos não só linguísticos, mas também sociais e culturais. Por sua vez, as contribuições da lexicografia auxiliam no registro desse léxico, a partir da construção de um glossário, armazenando informações que constituem a identidade de um povo.

Cruzando os ramos conceituais discutidos neste capítulo, é possível compreender que a língua configura-se como um elo entre os indivíduos, conectando-os uns aos outros, fortalecendo e conferindo coesão aos laços sociais. Além disso, não se pode negar que a linguagem e seu produto, a língua, são partes constitutivas da sociedade e, portanto, elas possuem uma íntima relação com a cultura. Compreender essa cultura por meio da linguagem pode ser possível através do léxico, visto que ele é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade. Em vista disso, estudar o léxico de um povo permite entender seu sistema de valores e crenças, logo, a sua cultura.

1.6.4 Fraseologismos

A fraseologia, segundo Klare (1986), é definida como uma subdisciplina da lexicologia. Em suas palavras,

enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para nós um critério essencial para a classificação da fraseologia no campo geral da lexicologia como subdisciplina lexicológica (Klare, 1986, p. 355).

O autor considera a fraseologia como uma subdisciplina da lexicologia, uma vez que os fraseologismos são constituídos por palavras. Além disso, outro motivo para classificá-la como uma subárea da lexicologia é o fato de que “os fraseologismos possuem uma função denominativa semelhante à das palavras e, por isso, também estão incluídos no léxico” (Klare 1986, p. 356). Assim, os fraseologismos, por serem compostos de palavras e compartilharem a mesma função denominativa, se configuram como um aspecto específico dentro de um campo de estudo mais abrangente: as lexias.

Seguindo essa linha de raciocínio, Ortíz Alvarez (2000, p. 75) salienta que a fraseologia tem como objeto de estudo “a análise de combinações de palavras que formam unidades lexicais ou que têm o caráter de expressões fixas”. Nessa mesma perspectiva, Ortiz Alvarez e Huelva Unternbäumen (2011, p. 9) a definem como: “Ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica”.

Desse modo, entendendo a fraseologia como o estudo das unidades fraseológicas ou fraseologismos, Monteiro-Plantin (2017) aponta que se trata de

combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que muitas vezes de forma inconsciente (Monteiro- Plantin, 2017, p. 1).

Nessa perspectiva, os fraseologismos recebem diversas denominações, dependendo da perspectiva adotada: *locuções fraseológicas*, *fraseolexemas*, *frasemas*, *idiomatismos*, *lexemas idiomáticos*, *expressões idiomáticas*, *lexias complexas*, entre outras. Nesta pesquisa, será adotado o termo *fraseologismo* para lexias que se encaixarem nos padrões descritos pelos autores aventados. Além de serem conhecidos por vários nomes, eles também não possuem definições simples. Conforme Silva (2014, p. 27), a idiomaticidade diz respeito à divergência entre o significado dos elementos e o significado do fraseologismo, podendo haver maior ou menor discordância, o que permite classificá-los com base em uma idiomaticidade parcial ou total. O segundo critério, conforme a autora, diz respeito à estabilidade, que envolve a sequência fixa dos constituintes do fraseologismo. O terceiro critério, por sua vez, refere-se à incorporação dos fraseologismos no vocabulário de uma língua, ou seja, à sua lexicalização.

Diante disso, podemos observar que os fraseologismos são combinações de palavras cujo significado difere dos significados das unidades lexicais que as constituem, tendo um sentido específico. A título de ilustração, Xatara (2013) apresenta a expressão estar [alguém] em *saia justa*, a qual não significa literalmente que a pessoa está com uma peça de roupa apertada no corpo, mas sim que está passando por uma situação embaraçosa.

Outro aspecto dos fraseologismos é a possibilidade de variação, posto que certas unidades fraseológicas variam em suas composições, como ocorre com a colocação no português em "velha/o coroca" (Tagnin, 1989), em que há variação de gênero, e em "louco/doido varrido" (Tagnin, 1989), onde não se vê a possibilidade de uso de louca ou doida.

Nesse sentido, Oliveira (2022) – em seu trabalho de doutorado que analisa as unidades fraseológicas que possuem em sua constituição os nomes *homem* e *mulher*, reunindo-as em campos lexicais – resume três características que particularizam os fraseologismos: (i) convencionalidade, já que o significado final do conjunto não é formulado a partir da somatória do significado das palavras que compõem a expressão; (ii) cristalização, pois as unidades fraseológicas são incorporadas como um bloco e acionadas automaticamente pelo falante, armazenadas como unidades e (iii) rigidez variável, visto que, quanto ao aspecto formal, não são totalmente rígidas, podendo sofrer variação composicional restrita (Oliveira, 2022, p. 39).

O conhecimento dos fraseologismos é importante para entender algumas lexias – que não apresentam uma classificação gramatical específica – no léxico das benzedeadas, como será visto no capítulo de análise.

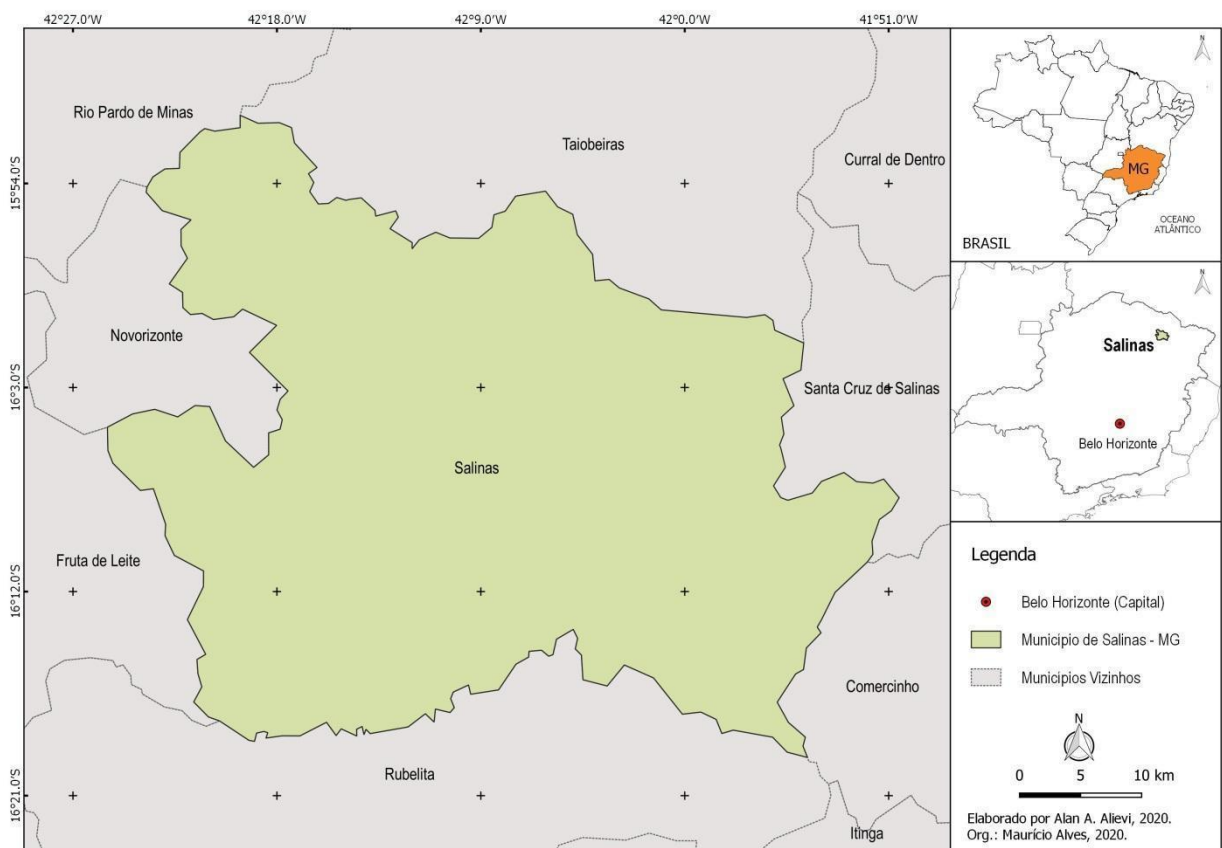
2 SALINAS: HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Neste capítulo, serão apresentados alguns dados importantes para a compreensão da região pesquisada, incluindo aspectos geográficos, históricos e culturais, a fim de que se conheça a cidade de Salinas e o motivo pelo qual são fortes, nesse território, as práticas de benzeção.

2.1 Aspectos geográficos: localização, clima, limites e comunidades

A cidade de Salinas, cuja extensão territorial é de 1.862,117 km², está localizada na mesorregião do Norte de Minas e, juntamente com outros municípios, compõe a região do Alto Rio Pardo, conforme pode ser observado no Mapa 1.

Mapa 1 – Salinas-MG



Fonte: Alevis (2020).

De acordo com o último levantamento realizado pelo IBGE, em 2022, a população da cidade está estimada em 40.178 habitantes (IBGE, 2022), alcançando, portanto, uma densidade demográfica de 20,75 hab/km². Grande parte desses moradores residem na região rural da cidade, tendo em vista que Salinas possui uma extensa área não urbana. Alguns dos principais povoados pertencentes à cidade são: Boqueirão, Baixa de Areia, Baixa Grande, Canela d’Ema, Cantinho, Curralinho, Espanta Boiada, Lage Bonita, Laginha, Nova Fátima, Pavão, Pedra do Peixe, Sucesso, Pinhãozeiro, Vargem do Retiro e Vereda. Na imagem abaixo, é possível observar uma das comunidades rurais citadas, o distrito de Nova Fátima, visitado durante a realização das entrevistas com as benzedeiros.

Foto 1 – Distrito de Nova Fátima



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Todas essas comunidades rurais, por um lado, dependem da administração central da cidade de Salinas, principalmente no que se refere ao comércio e ao sistema de saúde. Por outro, esses povoados são de extrema importância para o desenvolvimento econômico da cidade, visto que o comércio, em grande parte, depende dos produtos agrícolas produzidos nas zonas rurais – carnes, frutas, legumes, laticínios, cachaça, entre outros (Prefeitura de Salinas, 2020). Acerca disso, o IBGE aponta que o percentual de pessoas ocupadas é de 16,3%, sendo que o rendimento médio dessas pessoas gira em torno de 1,5 salário-mínimo (IBGE, 2020). É importante ressaltar que as maiores oportunidades de emprego na região giram em torno da agricultura e pecuária.

Com relação à educação, o IBGE verificou, no último censo, que 97,2% dos indivíduos entre 6 e 14 anos são escolarizados. O município conta com escolas municipais e estaduais tanto na área urbana quanto na área rural, com todos os segmentos da educação básica. Com relação à oferta de educação superior, Salinas conta, principalmente, com duas instituições de ensino superior: a Universidade Estadual de Montes Claros (que oferta o curso de Contabilidade) e o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (que oferta cursos de bacharelado e licenciatura em diversas áreas do conhecimento). Além disso, há polos de universidades a distância, particulares, que ofertam outros cursos superiores.

Com relação ao clima, os dados do governo brasileiro, produzidos pelo IBGE, atestam que a região salinense é marcada pelo clima semiárido, em que se registram altas temperaturas no decorrer de todo o ano, estando o período de chuvas compreendido entre os meses de outubro e março. As chuvas são de suma importância para a região, principalmente para as zonas rurais, cuja manutenção financeira ocorre, sobretudo, por meio da agricultura (IBGE, 2021).

A distância rodoviária entre Salinas e a capital mineira, Belo Horizonte, é de 640 km, e a cidade dispõe, além de empresas de ônibus que fazem transportes para as principais cidades mineiras, de um aeroporto que opera voos regulares para a capital.

Os municípios limítrofes ligados a Salinas, conforme o Mapa 1, são Rio Pardo de Minas, Taiobeiras, Santa Cruz de Salinas, Comercinho, Rubelita, Fruta de Leite e Novorizonte, os quais também contribuem para o desenvolvimento econômico da cidade, visto que muitos habitantes dessas cidades circunvizinhas estão constantemente em Salinas, principalmente porque a cidade oferece muitas opções de comércio e serviços de saúde.

2.2 Histórico da cidade

Dados divulgados pelo IBGE e pela Prefeitura de Salinas afirmam que a descoberta das regiões que hoje compõem a região do Alto Rio Pardo se iniciou na metade do século XVI, nas excursões de Francisco Bruza Espinosa, que saiu de Porto Seguro, na Bahia, e passou pelas regiões do Norte de Minas. No século seguinte, o terceiro Conde da Ponte, António José de Melo e Torres, iniciou a ocupação dessa região, instalando uma fazenda de criação de gado às margens do Rio Pardo e, desse modo, percorrendo toda a região e chegando ao Rio Salinas, onde encontrou jazidas de sal-gema (Prefeitura de Salinas, 2020).

Ainda de acordo com os dados históricos divulgados pela prefeitura da cidade, em seu site oficial, por ser a região de Salinas sempre rica em sal, especiaria que, na época, era escassa

e muito requisitada para a conservação de alimentos e manutenção pecuária, o desbravamento ocorreu mediante a exploração desse produto, especialmente a partir do Caminho da Bahia, também chamado de Caminho dos Currais do Sertão – uma antiga via terrestre de acesso ao sertão das Minas Gerais durante o período colonial. A descoberta de sal no território fez expandir a criação de gado e a vinda de moradores para a região, que se tornou, devido a isso, um povoado da Comarca do Serro Frio, em 1720 (Prefeitura de Salinas, 2020).

D. Faustina Fernandes Pessoa, proprietária dos terrenos na região, doou uma grande área para a construção de uma capela sob a proteção de Santo Antônio e para que, em torno dela, fossem construídas as casas dos moradores e fiéis vindouros. Assim, foi crescendo o Arraial de Santo Antônio de Salinas, nome dado em homenagem ao padroeiro Santo Antônio e às jazidas de sal, como distrito pertencente até então a Rio Pardo de Minas.

Com a vinda de mais pessoas para o local, o arraial foi desmembrado da freguesia de Rio Pardo, da qual pertencia, pela Lei provincial número 730, de 16 de maio de 1855, criando a freguesia de Santo Antônio de Salinas (Assemblèa Legislativa, 1855). Nesse mesmo ano, em 15 de fevereiro, D. Ana Maria de Araújo doou o terreno para o cemitério local. Assim, a região foi crescendo e tendo como expoente econômico não só o sal, mas também a atividade pecuária e agricultura que foi sendo desenvolvida ali (Prefeitura de Salinas, 2020).

Alguns anos depois, foi criado o município, a partir da Lei Provincial nº. 2.725, assinada pelo presidente da Província de Minas Gerais, Joaquim José de Sant'Anna e, em 1883, foi instalada a 1ª. Câmara de Vereadores, momento em que ocorre a emancipação político-administrativa do município, o que faz com que, mais tarde, em 4 de outubro de 1887, a vila de Santo Antônio de Salinas seja elevada à categoria de cidade. A denominação Santo Antônio de Salinas, por meio da Lei nº 843, de 7 de setembro de 1923, é mudada para Salinas, como se conhece atualmente (ALMG, 1923).

A Foto 2 apresenta, panoramicamente, a cidade de Salinas atualmente.

Foto 2 – Visão panorâmica do centro de Salinas-MG



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Entre os principais pontos da cidade, que guardam consigo a importância cultural e histórica do município, podemos ressaltar o Museu da Cachaça (fotos 3 e 4), um dos principais pontos turísticos da cidade. O museu simboliza o produto que o denomina como bem de alta relevância para a economia e para a cultura de Salinas e da região. O espaço foi projetado para ser um diferencial no Norte de Minas e no Brasil, como instrumento cultural de difusão do item de maior valia na economia da região, a cachaça, guardando importantes elementos da história e da cultura da cachaça no município (Prefeitura de Salinas, 2023).

Foto 3 – Museu da cachaça de Salinas



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Foto 4 – Sala das garrafas/Museu da cachaça de Salinas



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Dentro da cultura salinense, é importante dar ênfase à cachaça, visto que a cidade é conhecida como capital nacional da cachaça, famosa pela produção dessa bebida consumida mundialmente. A cidade obteve o título no ano de 2018, por meio da Lei Ordinária nº 13.773, que confere ao município de Salinas o título de Capital Nacional da Cachaça (Brasil, 2018).

Salinas possui a maior quantidade de marcas registradas e fabrica as mais vendidas cachaças do Brasil, as quais são exportadas para diversos países (MAPA, 2020). Além disso, é o único local a oferecer um curso superior em Tecnologia e Produção de Cachaça, o qual capacita pessoas que querem investir nesse ramo – atualmente, principal atividade econômica da cidade –, razão pela qual possui esse museu.

Outro ponto de renome na cidade é a Praça Moisés Ladeia (foto 5), que foi inaugurada em 4 de outubro de 1991. É a principal praça do centro da cidade, na qual estão instalados bancos, sede social da Prefeitura, Igreja Matriz de Santo Antônio e os bares mais movimentados da cidade. O local é ponto de encontro de jovens e espaço de manifestações culturais e apresentações artísticas regionais, como saraus poéticos, música, teatro, exposições de arte e festas escolares, além de celebrações religiosas, a exemplo da encenação da Paixão de Cristo, e de caráter folclórico.

Foto 5 – Praça Moisés Ladeia/Salinas-MG



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Outro dos pontos mais importantes da economia e da cultura salinense é o mercado municipal (foto 6), inaugurado em 1972. Na ocasião, foi concebido para abrigar vendedores e compradores de produtos da agricultura familiar, muito embora, à época, esse termo não existisse. Hoje, o mercado é ponto de encontro desses mesmos atores que buscam a troca de bens e produtos, além da troca de afeto, de cultura, de informação e experiências. No espaço

comercial, os visitantes encontram opções de alimentação, artesanato, legumes, verduras, frutas, laticínios e doces produzidos na região.

Foto 6 – Mercado municipal de Salinas



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Um outro espaço que representa a cultura salinense é a Fundação de Cultura (foto 7), que está instalada no antigo presídio da cidade, construído em 1922, recuperado e reformado em 2010. Está localizado na praça Floriano Peixoto, onde foi construído um pequeno espaço para apresentações artísticas. A Fundação Municipal de Cultura foi criada para desenvolver e administrar as ações culturais do município de Salinas, objetivando dar celeridade aos processos de realização de eventos e centralizar, num mesmo ambiente jurídico, todas as fases administrativas desses eventos. Além disso, o espaço também trabalha o desenvolver das vocações artísticas como a música, a poesia e artes cênicas.

Foto 7 – Fundação de cultura de Salinas/antigo presídio da cidade



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Também marcado por ser um importante ponto de difusão da cultura na cidade de Salinas, o Cine Teatro Salinas (foto 8), antigo cinema da cidade, foi reinaugurado em 23 de novembro de 2012. Um dia histórico para a cultura local salinense, tendo em vista que trouxe de volta as exibições fílmicas iniciadas em 1956. O local carrega a nomenclatura de Cine Teatro Salinas “João Costa”, em homenagem ao saudoso e maior historiador e divulgador da cultura de Salinas: João Costa (1928-2009).

Evidencia-se, nesse sentido, que a cidade de Salinas possui um histórico cultural muito forte, marcado, principalmente, pela produção da cachaça, pela religiosidade e pelas tradições rurais, as quais ainda se mantêm vivas e repassadas de geração em geração.

Foto 8 – Cine Teatro Salinas “João Costa”



Fonte: Prefeitura de Salinas.

Além dos espaços físicos, há também que se ressaltar os eventos que marcam a cultura e as tradições salinenses, com destaque para o Festival da Cachaça e o Reacendendo a Fogueira.

O Festival da Cachaça, realizado anualmente, busca divulgar o produto de maior renome na cidade e, também, impulsionar o turismo. A festa contribui para o fortalecimento da produção e comercialização da cachaça, alavancando o seu comércio e, dessa maneira, o crescimento econômico do município e da região. De acordo com a Prefeitura de Salinas, a agricultura familiar é a grande responsável pela produção da matéria prima destinada à confecção de cachaça na região de Salinas, motivo pelo qual o festival privilegia a população que lida com a agricultura.

Por sua vez, o Reacendendo a fogueira é um evento realizado pela Prefeitura de Salinas para garantir o reacender da tradição junina nas festas de São João e São Pedro, além de relembrar a culinária típica da estação. O objetivo central do projeto é o resgate dos festejos juninos, a promoção e valorização das tradições culturais mais genuínas que compõem a cultura do município. Costumes como rituais religiosos, danças, músicas e pratos típicos são reativados e postos à apreciação das novas gerações, promovendo o contato intergeracional e mantendo viva a cultura da cidade.

Esse último evento, de modo especial, visa resgatar as tradições juninas, incluindo rituais religiosos, danças e pratos típicos, proporcionando um contato intergeracional e

mantendo viva a cultura da cidade. Assim, a realização da festa junina evidencia a importância das tradições religiosas e culturais na identidade e na vida do município de Salinas.

2.3 As tradições religiosas na cultura popular salinense

De acordo com o IBGE, a cidade de Salinas apresenta três religiões predominantes: católica (32.845 adeptos), evangélica (4.404 adeptos) e espírita (102 adeptos). Por possuir uma grande maioria de indivíduos professantes do catolicismo, a cidade é marcada por muitas tradições relacionadas a esse credo.

No mês de janeiro, ganha destaque a famosa Folia de Reis, uma das mais antigas e tradicionais manifestações culturais do Brasil. Sua gênese está profundamente enraizada na tradição religiosa e na cultura popular brasileira, de maneira que essa festividade está presente em diversas regiões do Brasil, especialmente durante o período natalino.

Esse movimento religioso, de acordo com Castro e Couto (1977), tem origem europeia e remonta ao século XIII, na época das Cruzadas. A folia era realizada pelos cavaleiros cristãos que retornavam à Europa após a reconquista da cidade de Belém, onde teriam visitado o Menino Jesus na manjedoura. Esses cavaleiros realizavam uma peregrinação conhecida como "a adoração dos magos", reencenando a jornada dos três reis magos em busca do Messias recém-nascido.

Com o passar do tempo, a tradição da folia de reis se espalhou pelo continente europeu e chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses. Em solo brasileiro, o movimento fundiu-se com as tradições indígenas e africanas, resultando em uma manifestação cultural única e rica em simbolismo. Conforme Pergo (2012),

a tradição da "Folia de Reis" teria chegado ao Brasil por intermédio dos portugueses no período da colonização, uma vez que essa manifestação cultural era realizada por toda a Península Ibérica, sendo comum a doação e recebimento de presentes a partir da entoação de cantos e danças nas residências. Nessa linha de argumentação, a Folia de Reis teria surgido no Brasil no século XVI, por volta do ano de 1534, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravos. Dessa forma, a Folia de Reis brasileira passou a ser composta pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto ao estilo, ao ritmo e ao som, entretanto, mantendo a mesma crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos (Pergo, 2012, p. 1).

A folia de reis, em Salinas, é celebrada entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, momento em que se comemora o nascimento de Jesus. Durante esse período, grupos de foliões,

também chamados de "companhias" ou "ternos", percorrem ruas, casas e igrejas, entoando cantos e músicas em louvor ao nascimento do Salvador.

Os reizeiros, como são conhecidos, atuam, principalmente, nas regiões rurais da cidade de Salinas, nas comunidades que compõem o município. A celebração é marcada por elementos simbólicos e rituais que a tornam uma experiência única, posto que os foliões se vestem com trajes coloridos e decorados com fitas, lantejoulas e outros adornos brilhantes que externam sua alegria.

Na tradição de reis, os foliões visitam a casa de todos os moradores das comunidades, carregando bandeiras, estandartes e a famosa "estrela guia", símbolo da estrela que guiou os reis magos até Belém. Eles também levam consigo instrumentos musicais, como violões, violas, triângulos, sanfona, pandeiros e tambores, que acompanham as canções e melodias características da festividade. Durante essas visitas às casas e igrejas, os foliões entoam cânticos tradicionais, conhecidos como "folias", que narram a história dos reis magos e o encontro com o Menino Jesus. Essas canções são passadas de geração em geração e carregam um profundo sentimento de fé e devoção.

É comum, nas comunidades, os visitados receberem os foliões com comidas e bebidas típicas da região, como forma de gratidão à alegria trazida pelos reizeiros ao seu lar. Em um dos cantos mais tradicionais da folia de reis em Salinas, inclusive, os foliões perguntam: “Oh dona de casa, o que tem pra me dar?”, ao passo que os visitados respondem: “garrafa de vinho e docinho de araçá”.

A folia de reis na cidade de Salinas, ao longo dos anos, tem sido preservada e renovada por meio do esforço de grupos folclóricos tanto da zona urbana quanto das zonas rurais. Tais iniciativas, apoiadas pelo governo municipal, buscam manter viva a tradição, promovendo encontros, festivais e apresentações que permitem a troca de experiências e a valorização dessa manifestação cultural regional. De mais a mais, a Folia de Reis é considerada um patrimônio cultural da cidade, do estado e do Brasil, conforme a descrição do IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico.

Também denominadas ternos ou companhias, as folias são manifestações culturais-religiosas cujos grupos se estruturam a partir de sua devoção aos santos como: Reis Magos, Divino Espírito Santo, São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, entre outros. Geralmente, são formados por cantadores e tocadores, podendo apresentar personagens, como reis, palhaços e bastiões, que visitam casas de devotos distribuindo bênçãos e recolhendo doativos para variados fins. Apresentam características regionais e as indumentárias variam de grupo para grupo, podem ser encontrados foliões que utilizam trajes militares, vestes de palhaço, máscaras ou roupas comuns. Os instrumentos que conduzem os cantos são as violas, violão, cavaquinho, pandeiro, bumbos, sanfona e caixas. Possuem como principal elemento

simbólico a bandeira e organizam-se a partir de ritos, como o giro ou jornada, encontros, festas e cumprimento de promessas (IEPHA, 2017).

Em Minas Gerais, de acordo com o IEPHA (2020), há registro de 2000 folias cadastradas. Sabemos que esse número é maior, visto que há muitas as quais não são registradas, como é o caso das folias das comunidades rurais da cidade de Salinas. A Foto 9 representa a Folia de Reis de Valdir Redondo, única folia realizada em território salinense e registrada no IEPHA.

Foto 9 – Folia de Reis de Valdir Redondo



Fonte: Governo do Estado.

Outro evento importante, de cunho católico, realizado na cidade de Salinas, é a festividade em devoção a Santo Antônio, padroeiro do município. De acordo com registros históricos do governo municipal, o primeiro nome dado à cidade foi Santo Antônio de Salinas, motivo pelo qual, desde sua origem, guarda-se uma estreita relação entre o local e o santo.

No dia 17 de junho de 1983, o então prefeito, Antônio Carvalho da Silva, instituiu o dia 13 de junho – dia de Santo Antônio no Brasil – como feriado municipal. Desde então, realizam-se festividades em comemoração ao padroeiro, as quais reúnem grande parte da população católica do município. Na igreja, também denominada pelo nome do santo, a maior da cidade, são celebradas missas, realizadas barraquinhas, apresentações, bingos beneficentes e shows, tudo de maneira filantrópica e contando com a ajuda dos fiéis.

É importante lembrar que, apesar de a cidade de Salinas ter Santo Antônio como seu padroeiro, há, compondo o município, muitas comunidades e distritos, de maneira que cada

qual guarda uma devoção particular com algum santo. Desse modo, há também festividades de cunho religioso realizadas nesses locais conforme a devoção específica. Um exemplo disso é o distrito de Nova Fátima, onde reside boa parte das benzedeiros entrevistadas nesta pesquisa. O local possui como padroeira Nossa Senhora de Fátima, que tem seu dia comemorado em 13 de maio. Na data, a paróquia realiza missa em ação de graças, barraquinhas, bingos e leilões beneficentes em prol da paróquia e da igreja da comunidade.

Ainda com relação às comunidades rurais que compõem o município, estas também apresentam muitos movimentos de cunho religioso, com destaque para o levantamento de bandeiras de santos padroeiros (popularmente chamado de levantada de bandeira), uma prática de longa data realizada na tradição religiosa e cultural dos católicos que residem nas zonas rurais da cidade de Salinas. Esses movimentos, que unem toda a comunidade, celebram a devoção ao santo padroeiro da região, o qual é associado a histórias, milagres e tradições que marcam o local. Além disso, o levantamento de bandeiras é uma prática que mantém acessa a identidade e a cultura dos grupos católicos – dos quais muitas benzedeiros fazem parte.

Nesses eventos, as bandeiras são adornadas com fitilhos coloridos e a imagem do santo padroeiro. No momento de erguer a bandeira, são realizadas festividades acompanhadas por músicas, cânticos e preces que unem as pessoas em um sentimento de devoção coletiva. De mais a mais, essas festas, muitas vezes, incluem procissões ao redor da comunidade, missas solenes, danças folclóricas, feiras de comida e artesanato e demais atividades que evocam a cultura e identidade religiosa do local.

Passados alguns dias do hasteamento da bandeira, é comum que alguém a “roube” e guarde-a em sua casa durante o período de um ano, momento no qual ela será novamente erguida no mastro que, geralmente, fica em frente à igreja do local. O “ladão da bandeira”, como é conhecido, se responsabiliza por ornamentá-la e entregá-la aos fiéis, que saem da casa onde a bandeira foi guardada rumo às procissões e à igreja na qual será levantada.

Para os devotos que participam das celebrações, o içamento da bandeira representa um símbolo de fé, esperança e comunhão, que ratifica o senso de pertencimento e unidade na comunidade e nos movimentos religiosos, como se pode observar na Foto 10.

Foto 10 – Celebração da bandeira de Sagrado Coração de Jesus/Distrito de Nova Fátima



Fonte: Paróquia São Geraldo de Salinas.

Na foto (10), encontram-se as mulheres da comunidade de Nova Fátima, unidas pelo levantamento da bandeira do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro do grupo católico Apostolado de Oração. Duas das mulheres que aparecem na foto são benzedeadas e participaram das entrevistas desta pesquisa.

Em face do exposto, nota-se como a cidade de Salinas é rica em tradições culturais provenientes da religiosidade, com destaque para as festividades que ocorrem na zona urbana e nas zonas rurais que compõem o município. Os movimentos ressaltam a importância da fé e da união na vida das pessoas, além de proporcionarem um espaço para a expressão cultural, onde música, dança, culinária e artesanato se unem para formar um mosaico da identidade religiosa católica da cultura local.

2.4 As benzeções e as benzedeadas salinenses

Assim como as tradições religiosas já citadas no bojo da cultura salinense, as benzeções também se destacam como atos que compõem crenças e práticas religiosas da região, apesar

de, atualmente, existirem poucas benzedeadas em exercício, sendo que a maioria reside nas zonas rurais. É oportuno mencionar que as comunidades que compõem a região salinense são carentes de assistência médica e infraestrutura clínica, motivo pelo qual as práticas de benzeção são fortalecidas nesses locais, visto que tratam muitas das principais comorbidades que acometem os indivíduos.

Na região, é possível encontrar não somente mulheres que lidam com a benzeção, mas também homens, apesar de ser em menor quantidade. Isso ratifica o que é discutido por Oliveira (1983), a qual pontua que o ofício de benzer é mais fortemente exercido por mulheres do que por homens.

É importante enfatizar que as benzedeadas desempenham um papel fundamental nessas comunidades rurais, sobretudo porque, através de suas orações, trazem consolo, cuidado e uma conexão espiritual profunda para aqueles que as procuram para sair de alguma aflição. As benzedeadas salinenses são mulheres de faixa etária mais avançada, dotadas de conhecimentos transmitidos através de gerações, normalmente aprendidos com seus pais, que aprenderam com seus avós, de maneira oral.

Nas comunidades rurais da cidade de Salinas, onde o acesso à assistência médica é, muitas vezes, limitado, as benzedeadas assumem um papel de destaque na promoção da saúde e do bem-estar. Nas considerações de Oliveira (1983), mulheres que benzem operam com recursos de cura da natureza (receitas, banhos, massagens), e o que as caracteriza é que elas se reconhecem enquanto agentes situadas entre a religião e a medicina popular (ou só de religião), cujo ato básico de cura provém do exercício da bênção: benzeção, imposição de mãos, benzimentos, passes, entre outros (Oliveira, 1983, p. 24).

Por meio de suas práticas ancestrais, aprendidas com as gerações passadas, baseadas em ervas medicinais, preces e gestos simbólicos, elas tratam desde dores físicas até doenças consideradas espirituais. É válido lembrar, como se pode observar nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, que essas mulheres são procuradas não somente em casos nos quais a medicina científica encontra-se inacessível, mas também quando essa medicina convencional falha, no sentido de as pessoas enfrentarem condições de saúde complexas e inexplicáveis.

Além do aspecto medicinal, a atuação das benzedeadas nas comunidades salinenses envolve também aspectos espirituais e emocionais. Elas, por meio de suas orações, conseguem oferecer apoio emocional, escuta atenta e palavras de encorajamento, constituindo uma fonte de consolo em momentos de perda, luto e dificuldades emocionais. Nas benzeções descritas nas

entrevistas, é possível perceber como as pessoas são motivadas a persistir na fé e, por meio dela, livrar-se dos males que lhes afligem.

As práticas de benzimento, em Salinas, não possuem registros históricos que precisem seu início, tampouco as pessoas que se destacaram nesse cenário. No entanto, conforme se pode notar nas entrevistas, são práticas que sempre existiram e, nos dias atuais, continua a ser uma parte vital da cultura religiosa salinense.

Algumas benzedoras têm adaptado suas práticas para que elas consigam coexistir com a medicina convencional, enquanto outras permanecem mais ligadas às raízes espirituais e culturais aprendidas com seus antepassados – questão que vai ser mais bem debatida na análise deste trabalho. Ainda assim, a busca pela benzeção, em Salinas, continua despertando interesse, fato que justifica o interesse nas práticas tradicionais e na sabedoria das benzedoras, não apenas como fonte de cura, mas também como um reflexo importante da diversidade e da riqueza do patrimônio cultural brasileiro manifestado nessas práticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam a realização desta tese, passando pela pesquisa de campo, a delimitação do *corpus*, os locais onde realizamos a coleta dos dados, a escolha das participantes que compõem esta pesquisa, as técnicas e procedimentos adotados na coleta das entrevistas, o modo como foram realizadas as transcrições, a organização das fichas lexicográficas, a justificativa dos dicionários selecionados para a análise aqui empreendida, bem como a estrutura do vocabulário, resultado final deste trabalho.

3.1 Pesquisa de campo

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa de campo pode ser caracterizada como aquela cujas características prezam pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, realiza-se coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. Nesta tese, em se tratando de uma pesquisa de campo com veio linguístico, seguimos os pressupostos da Sociolinguística e adotamos a metodologia proposta por Labov (1972), cujos objetivos não enfatizam uma teoria da fala, nem estudar a língua com a intenção exclusiva de descrevê-la, mas sim pensar o uso da língua e entender o que ela revela sobre a estrutura não só linguística, mas também social de uma comunidade.

Dessa maneira, pretendemos analisar o uso que determinadas falantes da zona rural da cidade de Salinas fazem da língua, especialmente com relação ao léxico, para entender de que forma a atividade que eles desempenham em suas comunidades reflete em suas maneiras de se comunicar. Em outras palavras, queremos mostrar que a atividade de benzer revela um uso lexical específico, com lexias relacionadas às benzeções e compartilhadas pelas benzedadeiras.

Para tal levantamento, fomos a campo, entre os meses de dezembro de 2022 e junho de 2023, e entrevistamos 13 benzedadeiras nas zonas rurais salinenses, para levantar, em suas falas, lexias que se relacionam ao campo semântico das benzeções. As zonas rurais encontram-se a uma distância aproximada de 30 a 40 quilômetros do centro administrativo, e não possuem rodovias. As estradas são de terra e de difícil acesso, mas nenhum desses fatores impossibilitou a chegada até as comunidades e a realização das entrevistas.

É importante salientar que há, na região, poucos homens que praticam a benzeção, motivo pelo qual, neste trabalho, houve uma preferência por entrevistar somente mulheres, já

que se encontram em maior quantidade em relação à prática e o quantitativo masculino não seria suficiente para estabelecer comparações categóricas a respeito da fala desses indivíduos. Em um trabalho futuro, há possibilidade de enriquecer os estudos lexicais incluindo-se entrevistas com homens benzedores.

3.2 Delimitação da população de pesquisa

Com relação aos locais em que a pesquisa foi realizada, todas as entrevistas foram feitas nas casas das benzedoras, as quais residem em comunidades rurais da cidade de Salinas. Inicialmente, foi feito um contato prévio com essas mulheres, solicitando sua contribuição na pesquisa. Em seguida, após o aceite, foi feita uma visita e realizada a entrevista. Inicialmente, a proposta desenhada no projeto era de serem entrevistadas 15 mulheres, no entanto, há que se ressaltar a dificuldade em encontrar benzedoras atuantes, que estão dispostas a serem entrevistadas e que possuem condições para fazê-lo. No momento do contato inicial, recebemos duas recusas. Além disso, algumas benzedoras que atuavam nas regiões pesquisadas faleceram, outras, por limitações advindas da idade – questões auditivas e cognitivas –, não conseguiram conceder a entrevista.

Quanto à escolha das participantes, o critério que selecionamos foi o de ser mulher e benzedora, bem como ter nascido no município de Salinas. Não fizemos, como em outras pesquisas sociolinguísticas, uma estratificação baseada em fatores como faixa etária e escolaridade, pois nosso objetivo versa no levantamento de lexis relacionadas às benzeções e compartilhadas entre o grupo de benzedoras modo geral. É importante frisar, porém, que todas as entrevistas que obtivemos foram de mulheres com idade superior a 60 anos e de diferentes níveis de escolaridade, apesar de a estratificação não ter sido controlada nesta pesquisa.

Abaixo, apresentamos algumas informações básicas sobre as 13 entrevistadas, importantes para a compreensão de alguns aspectos do *corpus*, como os códigos das entrevistas, que são utilizados para identificar os trechos inseridos ao longo deste texto.

Quadro 1 – Perfil das participantes

CÓDIGO	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO/ ATIVIDADE
BZD1-DOR64	F	64	FUNDAMENTAL COMPLETO	SERVIÇAL ESCOLAR
BZD2-JOR83	F	83	NÃO ESTUDOU	APOSENTADA
BZD3-MAR86	F	86	NÃO ESTUDOU	APOSENTADA
BZD4-GER72	F	72	NÃO ESTUDOU	APOSENTADA
BZD5-MAR90	F	90	NÃO ESTUDOU	APOSENTADA
BZD6-DEL87	F	87	NÃO ESTUDOU	APOSENTADA
BZD7-LUC70	F	70	FUNDAMENTAL INCOMPLETO	APOSENTADA
BZD8-TER67	F	67	FUNDAMENTAL INCOMPLETO	APOSENTADA
BZD9-NEN76	F	76	FUNDAMENTAL INCOMPLETO	APOSENTADA
BZD10-EST72	F	72	FUNDAMENTAL COMPLETO	APOSENTADA
BZD11-ZIZ64	F	64	FUNDAMENTAL COMPLETO	APOSENTADA
BZD12-LOU80	F	80	FUNDAMENTAL INCOMPLETO	APOSENTADA
BZD13-ANA91	F	91	NÃO ESTUDOU	APOSENTADA

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

3.3 Coleta de dados

Para adquirir informações sociolinguísticas, é fundamental que o entrevistado se sinta à vontade durante o processo de entrevista, uma vez que uma fala mais espontânea aumenta as

chances de identificarmos, durante as análises posteriores, elementos linguísticos e culturais do interlocutor e da comunidade da qual ele faz parte. Contudo, há um desafio na obtenção desse grau de naturalidade, já que o entrevistador e o dispositivo de gravação são elementos externos que levam o entrevistado a monitorar o discurso. Este desafio é conhecido como o paradoxo do observador, conforme discutido por Labov (2008 [1972]), o qual afirma que a pesquisa linguística em uma comunidade busca entender como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas. No entanto, o linguista só consegue obter tais informações por meio de uma observação sistemática.

Nesse contexto, Freitag (2017) reforça a importância da elaboração de um roteiro de entrevista sociolinguística que seja estruturado de modo a incentivar o participante a falar naturalmente, esquecendo que está sendo monitorado por um gravador. Para enfrentar esse desafio, optamos por registrar as conversas usando um celular, uma vez que essa é uma ferramenta comum para a maioria das pessoas e oferece boa qualidade na captura de áudio. Durante cada entrevista, colocamos o celular sobre a mesa ou o sofá, e, em diversos momentos, as benzedeadas esqueciam que estavam sendo gravadas. Quanto ao roteiro, elaboramos previamente algumas perguntas, todas relacionadas ao ato de benzer, desde o aprendizado das benzedeadas até o atual momento em que as benzedeadas atuam (apêndice 1).

De acordo com a metodologia proposta por Labov (2008 [1972]), as narrativas de experiência pessoal desempenham um papel importante dentro da entrevista sociolinguística, pois promovem a espontaneidade. Por essa razão, incluímos também perguntas sobre fatos interessantes vividos pelas benzedeadas, histórias de terceiros, com o objetivo de tornar a entrevista mais informal e fazê-las se sentirem mais à vontade.

É preciso salientar que o roteiro semiestruturado não se aplicou totalmente a todas as entrevistadas, tendo em vista que as entrevistas tomaram rumos diferentes. Assim, as perguntas iam sendo adaptadas conforme as respostas recebidas pelas mulheres benzedeadas, sempre no intuito de adquirir o maior número de informações possível e, com isso, maior quantidade de lexias relacionadas à benzeção.

Para a realização da gravação, apresentamos às entrevistadas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética da UFMG, pelo parecer nº 5.634.994, e pedimos a elas que o assinassem, caso concordassem. Como algumas das participantes não sabiam ler ou tinham dificuldade, fizemos a leitura de todo o termo e, ao final, coletamos sua assinatura.

3.4 Transcrições

Após coletadas as 13 entrevistas e assinados os termos de consentimento, foram realizadas as transcrições dos arquivos de áudio, os quais somaram 5h48min37seg. Conforme indicado por Freitag (2017), uma vez que as entrevistas tenham sido coletadas, a transcrição é realizada com base na audição impressionística, ou seja, o pesquisador escuta o áudio e procede à transcrição correspondente. Para a autora, o sistema de notação utilizado na transcrição varia de acordo com os objetivos específicos de cada projeto de pesquisa (Freitag, 2017, p. 14).

Seguindo uma abordagem semelhante, Brum-de-Paula e Spinar (2002) destacam a existência de três modalidades de transcrição: fonética, fonológica e ortográfica, com ou sem relação com a gravação sonora, e com ou sem consideração dos espectros acústicos. Segundo as autoras, a transcrição não está sujeita a regras rígidas e definitivas; ao contrário, deve ser adaptada de acordo com os objetivos específicos de cada pesquisa. Isso ocorre porque o *corpus* geralmente é coletado por pesquisadores que se dedicam ao estudo de um fenômeno particular, e, portanto, as decisões relacionadas à transcrição estão intrinsecamente ligadas a esse fenômeno (Brum-De-Paula; Spinar, 2002, p. 5).

Neste estudo em particular, a transcrição adotada foi do tipo ortográfica, sem considerar aspectos fonéticos, como modificações nas vogais, redução de ditongos, falta de "r" ou formas no plural, nasalização, iotização, entre outros. Isso se justifica porque nosso principal objetivo nesta abordagem é identificar as unidades lexicais que se relacionam com o campo semântico das benzeções, sem qualquer preocupação com as normas de uso linguístico da comunidade pesquisada. Nesse contexto, a transcrição desempenha um papel fundamental na recuperação do contexto das unidades lexicais, o que é essencial para a elaboração do vocabulário das benzedeadas.

Ressaltamos que aspectos fonéticos foram levados em conta apenas nas lexias que compõem o corpus, pois a forma como são pronunciadas, às vezes, varia entre as benzedeadas.

3.5 Sobre as fichas lexicográficas

Após a conclusão das transcrições, procedemos à identificação das unidades lexicais relacionadas ao domínio semântico da benzeção. A seleção dessas unidades levou em consideração os elementos que compõem o ato de benzer, como as plantas usadas para benzer, os santos evocados nas orações, os males que são alvo das benzedeadas, entre outros. Em

seguida, elaboramos fichas lexicais, nas quais cada uma dessas lexias é detalhadamente apresentada.

Bevilacqua, Sales e Silva (2023, p. 91) discutem como ocorre a elaboração de fichas terminográficas⁷ para glossário, aproximando-se das fichas que criamos neste trabalho. De acordo com as autoras, a ficha visa fornecer informações relativas à entrada da lexia e aponta para a estrutura interna dos verbetes, ou seja, o que se conhece como microestrutura do dicionário. Por isso, as fichas são um dos itens essenciais para a elaboração de um glossário, dicionário ou base de dados. Para as autoras, de forma geral, as fichas devem incluir:

- a) Entrada: registro do termo selecionado, a respeito do qual são dadas as demais informações constantes na ficha; no caso desta tese, a entrada principal é a lexia coletada nas entrevistas relacionada à benzeção, em português.
- b) Categoria gramatical, gênero e número;
- c) Fonte da entrada: referência do texto de onde foi coletado o termo (no caso desta pesquisa, as entrevistas realizadas);
- d) Definição: explicação do significado do termo;
- e) Fonte da definição: referência do texto de onde foi retirada a definição (aqui, serão identificadas as entrevistas das quais as lexias em questão foram retiradas);
- f) Contexto: exemplo de uso do termo (que será feito com trechos das entrevistas);
- g) Fonte do contexto: referência do texto de onde foi retirado o contexto;
- h) Remissivas: indicação de entradas para formas sinônimas ou entradas que fornecem informações complementares; podem estar indicadas por “Ver também”;
- i) Equivalentes: termos nas línguas estrangeiras correspondentes ao termo em português (em razão dos objetivos desta pesquisa, não faremos menção aos equivalentes);
- j) Notas: observações que complementam as informações dadas para especificar a que se refere a entrada, para esclarecer diferenças entre as línguas, entre outras possibilidades.

Cada entrada na ficha contém o número correspondente à unidade lexical, a unidade lexical a ser descrita, sua categoria morfológica, o número de vezes que ocorre nas transcrições

⁷ Embora a citação mencionada seja da área da Terminologia, utilizamos o modelo de ficha terminológica apenas como referência e orientação para a construção da ficha em nosso trabalho, que se insere no campo da Lexicologia. O modelo serviu como um norte para a estruturação, sem que houvesse uma transposição direta dos conceitos específicos da Terminologia.

das entrevistas, as partes transcritas das entrevistas em que a unidade lexical é encontrada e, por fim, a inclusão (ou não) dessa unidade lexical nos dicionários selecionados para a pesquisa.

Devido ao foco específico desta pesquisa no léxico relacionado à benzeção, muitas unidades lexicais que possuem significados convencionais na linguagem cotidiana assumem significados diferentes quando utilizadas no contexto das orações. Conseqüentemente, embora algumas dessas unidades lexicais estejam documentadas em dicionários, a acepção associada à benzeção, muitas vezes, não está devidamente registrada. Nesse contexto de pesquisa, foi decidido que, nas entradas da ficha, apenas as acepções relacionadas ao campo semântico em análise seriam incluídas. Em outras palavras, mesmo que uma unidade lexical seja mencionada em dicionários, se a acepção relacionada à benzeção não estiver presente nos registros, a informação indicada na entrada será "não consta acepção" (n.c.a.), conforme veremos nas fichas e no capítulo de análise.

No que se refere às ocorrências das lexias, ressaltamos que consta, nas fichas, o número correspondente à quantidade de vezes em que elas ocorrem nas entrevistas, porém, para efeito de ilustração, serão apresentadas apenas cinco ocorrências de fala (quando o número de ocorrências superar esse quantitativo), haja vista que há lexias que ocorrem apenas uma vez e lexias que aparecem em uma quantidade bastante superior. Salientamos, ainda, que a inserção de alguns excertos na ficha serve para que se consiga recuperar o contexto em que a lexia foi empregada e, desse modo, entender seu significado dentro do campo das benzeções.

O quadro 2 apresenta um modelo de ficha lexicográfica que será utilizada para a sistematização das lexias levantadas nesta pesquisa.

Quadro 2 – Modelo de ficha lexicográfica.

<p>Número da ficha – lexia (classificação morfológica) _____ Número de ocorrências <i>Trechos do corpus em que a lexia apareceu</i></p>
<p>Registro em dicionários</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau (1728): 2. Morais Silva (1789): 3. Chernoviz (1890): 4. Aulete (2008): 5. Aurélio (2010): 6. Houaiss (2012): 7. Michaelis (2015): 8. DHPB (2021):

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

3.6 Sobre os dicionários consultados

De acordo com Biderman (2004), os dicionários abrigam o repositório lexical da cultura, servindo como um arquivo que preserva aquilo que a memória humana não pode reter. A autora argumenta que os dicionários funcionam como a memória coletiva do vocabulário de uma sociedade, desempenhando o papel de uma organização estruturada do léxico e uma tentativa de descrever o vocabulário de uma língua (Biderman, 2004, p.185). Portanto, na presente pesquisa, os dicionários desempenham um papel crucial, uma vez que nos permitem investigar se as unidades lexicais identificadas no estudo já estavam presentes e registradas em edições de dicionários de séculos anteriores, se sofreram alterações em sua grafia e significado, ou se ainda permanecem em uso informal pelos falantes, sem registro formal.

Logo, para a análise das lexias, elencam-se dicionários antigos e contemporâneos, a saber: *Vocabulario Portuguez e Latino* (P. Raphael Bluteau – 1728), *Diccionario da língua portugueza* (António de Moraes Silva – 1789), *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias accessorias para uso das famílias* (Pedro Luiz Napoleão Chernoviz – 1890), *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – 2010), *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (Antônio Geraldo da Cunha – 2012), *O Dialeto Caipira* (Amadeu Amaral – 1982) – tendo em vista que o estudo será realizado na zona rural e, possivelmente, aparecerão muitas lexias características do falar caipira – e também dicionários que estão disponíveis eletronicamente, como o *Aulete* (2008), o *Houaiss* (2012), o *Michaelis* (2015) e o *Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII* (Biderman e Murakawa – 2021).

Conforme destacado por Silvestre (2001), o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), de autoria do Padre Raphael Bluteau, representa um marco histórico na lexicografia da língua portuguesa. Esta obra introduziu inovações em relação aos objetivos dos dicionários e explorou metodologias que aprimoraram a pesquisa lexicológica (SILVESTRE, 2001, p. 1). Devido à sua relevância nos estudos lexicográficos e ao fato de que o padre Bluteau compilou grande parte do vocabulário da língua portuguesa até o século XVIII, esta fonte nos permitirá determinar se as palavras analisadas nesta pesquisa já estavam em uso e eram documentadas naquele período, bem como se sofreram mudanças em sua estrutura morfológica ao longo do tempo.

A segunda obra consultada, o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1789), de Antonio de Moraes Silva, é de grande importância devido ao fato de o autor ter incluído palavras brasileiras

em sua obra. De acordo com Nunes (2010), este dicionário se tornou uma referência durante os séculos XIX e XX, consolidando a lexicografia da língua portuguesa.

Com relação ao *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias accessorias para uso das famílias* (Pedro Luiz Napoleão Chernoviz – 1890), Guimarães (2005) ressalta que, nas vastas áreas rurais, onde a maioria da população brasileira vivia, a escassez de médicos era evidente, motivo pelo qual os manuais de medicina popular do Dr. Chernoviz desempenharam um papel crucial na disseminação das práticas e conhecimentos aprovados pelas instituições médicas oficiais entre a população, superando a falta de acesso regular a médicos (Guimarães, 2005, p. 502). A obra será usada na pesquisa tendo em vista o seu caráter popular da época em que foi publicada, o que pode enriquecer a construção das fichas lexicográficas e a análise dos dados quanto às práticas de cura operadas nas benzeções.

A escolha do dicionário *Aurélio* é justificada pelo fato de ser uma das obras lexicográficas mais utilizadas pelos brasileiros. Fruto de mais de três décadas de pesquisa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, esta obra, lançada na década de 1970, vendeu mais de um milhão de exemplares em sua primeira edição. Segundo Lohse (1988), o dicionário Aurélio é fundamental na descrição lexicográfica do português, particularmente na variedade brasileira da língua, e desempenha um papel normativo no Brasil (Lohse, 1988, p. 147).

Outrossim, devido ao avanço tecnológico, muitos dicionários estão disponíveis eletronicamente, inclusive de forma gratuita, como o Grande Dicionário Houaiss (2012), o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015) e o Dicionário Caldas Aulete (2008). Escolhemos essas três fontes, pois são atualizadas e abrangentes, proporcionando acesso a uma grande variedade de palavras. O dicionário Aulete, em particular, é um dos mais completos, com mais de oitocentos mil verbetes. Essas fontes eletrônicas nos auxiliarão na busca de descrições de palavras que surgiram nos séculos XX e XXI e na comparação de definições contemporâneas com as que aparecem em obras mais antigas.

Por fim, elencamos o *Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII* (Biderman e Murakawa – 2021). O projeto do DHPB como é mais conhecido, foi idealizado pela Professora Maria Tereza Biderman e foi executado até o final pela vice-coordenadora do projeto, Clotilde Azevedo Murakawa. O dicionário é composto por 10.470 verbetes, e o seu objetivo, conforme Murakawa (2015), foi a construção de um repertório lexical a partir de documentos dos séculos XVI, XVII, XVIII e começo do XIX que registraram a língua portuguesa no período do Brasil colonial. Nesse sentido, consideramos relevante essa obra na elaboração de nossa pesquisa, tendo em vista que possui um acervo de palavras

registradas no mesmo tempo em que as benzeções eram realizadas no Brasil, bem como o fato de ser uma obra recente e elaborada por pesquisadoras renomadas no campo dos estudos lexicais.

Todos os dicionários mencionados contribuirão para o registro e a descrição das palavras selecionadas, sendo utilizados para a elaboração das fichas lexicográficas apresentadas no próximo capítulo. Essas descrições não só nos ajudarão a compreender o registro e a evolução das palavras, mas também servirão como base para a construção do vocabulário sobre as benzeções que integra esta tese.

3.7 Sobre o vocabulário

Para compreender a elaboração do vocabulário, é fundamental, primeiramente, distinguir as diferenças entre um dicionário, um vocabulário e um glossário, conceitos que foram abordados de maneira detalhada por Barbosa (2001) e Haensch (1982). De acordo com Barbosa (2001), os dicionários atuam no âmbito do sistema linguístico e buscam teoricamente abranger todo o léxico disponível em uma língua. Sua unidade fundamental é o lexema, e eles se esforçam para apresentar todos os significados de um verbete sempre que possível. No entanto, os vocabulários, de acordo com a autora, operam no nível da norma linguística e concentram-se em um domínio específico de conhecimento, utilizando como unidade os vocábulos e termos especializados. Portanto, eles apenas contemplam os significados dos verbetes pertinentes à área abordada pelo vocabulário. Por sua vez, o glossário está ancorado no nível da fala, adotando como unidade a palavra com um significado singular. Dessa forma, ele estrutura-se para oferecer apenas um significado do verbete, isto é, aquele que se manifesta em um contexto particular.

Haensch (1982 *apud* Barbosa 2001), por sua vez, sugere que vocabulário e glossário podem ser considerados sinônimos, desempenhando o papel de descrever o significado das palavras em um texto específico ou de um autor. Além disso, eles podem denotar um conjunto de palavras, frequentemente termos técnicos, com a intenção não de serem abrangentes, mas sim de servirem como ferramenta de orientação e facilitação da compreensão de um texto, por exemplo.

Tomemos, a título de ilustração, a lexia *caroço*, que ocorre em algumas das entrevistas. Em um dos dicionários consultados, o *Aulete*, a lexia aparece com treze acepções (1. Núcleo de

certos frutos (as drupas), formado por uma camada muito dura que envolve a semente, como a da manga e da ameixa; 2. Semente de vários frutos, com a casca endurecida, como a da uva e da melancia; 3. Pop. Erupção ou protuberância na pele; 4. Pop. Pequena porção de farinha que não se dissolve em mingaus, cremes etc; 5. Pej. Dinheiro, fortuna; 6. Metal. Cilindro de argila que se introduz na fôrma para a fundição de uma boca de fogo, quando não se quer que ela saia maciça, mas com a alma formada; 7. Metal. Tubo de ferro ou de cobre coberto com tamiça e argila, empregado para produzir o resfriamento na fabricação de bronze e aço; 8. Glândula linfática inflamada ou ingurgitada; 9. Fig. Pessoa que incomoda, chateia, perturba; 10. Bras. Inibição, engasgo (durante um discurso); 11. Bras. Gír. Gorjeta de pequeno valor; 12. Bras. Gír. Cliente que dá gorjetas de pouco valor ou que não as dá. [T. us. por garçons e garçonetes e, tb., por outros profissionais do comércio.]; 13. Bras. Gír. Corrida de táxi pequena, ligeira e, portanto, de pouco valor [Us. por taxistas, esp. por cooperativados.].

Como visto, são listadas todas as acepções possíveis – já conhecidas e registradas formalmente – para a palavra *caroço*, com os significados de, teoricamente, todos os contextos em que ela pode aparecer. Em um vocabulário, como vimos em Barbosa (2001), é apenas apresentada uma acepção, aquela que ocorre no contexto do texto em análise. Neste caso, em nosso vocabulário sobre as benzeções, será recuperada apenas a acepção 3 (erupção ou protuberância na pele), que designa um dos males-alvo das benzeções.

É importante considerar, ainda, que nem todas as lexias registradas em dicionários apresenta a acepção relacionada ao contexto em que as lexias foram empregadas nas entrevistas, visto se tratar de um campo lexical próprio – o das benzeções. Como ilustração, a lexia *estanhar* está dicionarizada em quatro das obras consultadas. No entanto, em nenhum dos registros aparece a acepção relacionada à benzeção, em que *estanhar*, de acordo com as entrevistas, designa o ato de um cobreiro manifestar-se ou espalhar-se pelo corpo. Posto isso, a criação do verbete, no que tange ao significado da lexia, observa o contexto em que ela foi usada, conforme o caso observado.

Portanto, considerando a definição estabelecida por Barbosa (2001), o vocabulário desta pesquisa inclui uma acepção específica para cada lexia, relacionada ao contexto em que essa lexia surgiu nas entrevistas. Em relação à estrutura de cada verbete, recuperamos as informações contidas nas fichas lexicográficas e apresentamos, em cada verbete, os seguintes elementos: a lexia, a indicação de sua inclusão ou exclusão no dicionário, sua estrutura morfológica, sua definição e um exemplo retirado do corpus. O Quadro 3 oferece um exemplo de como a lexia é apresentada no vocabulário.

Quadro 3 – Modelo de entrada das lexias no vocabulário.

LEXIA • Estrutura Morfológica • Definição • Exemplo do *corpus*.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Os passos metodológicos apresentados neste capítulo foram seguidos para a seleção das lexias que compõem o léxico das benzeções na região de Salinas, isto é, aquelas mais relevantes e que mais espelham a realidade sociocultural do grupo pesquisado em se tratando das benzedeadas e de sua atuação dentro das comunidades da qual fazem parte. Tais lexias são estudadas com base nas fichas lexicográficas apresentadas no capítulo seguinte.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Análise quantitativa

Após a apresentação das fichas lexicográficas das lexias que compõem o léxico das benzedeadas na região rural de Salinas, apresentamos alguns dados numéricos relacionados à dicionarização, classificação morfológica e etimologia dessas lexias.

4.1.1 Lexias e ocorrências

Para uma melhor visualização dos resultados, apresentamos, a seguir, uma relação das lexias, com a quantidade, entre parênteses, de ocorrências de cada uma delas.

- | | |
|---------------------------|-------------------------------|
| 1. abatido (2) | 22. benzer (163) |
| 2. abrição de boca (3) | 23. benzimento (13) |
| 3. agraciada (3) | 24. bicheira (16) |
| 4. alecrim (2) | 25. Bom Jesus da Lapa (5) |
| 5. alfavaca (1) | 26. brasa (4) |
| 6. alfazema (1) | 27. bravura (1) |
| 7. alma pesada (1) | 28. brubutando (borbotão) (1) |
| 8. ambição/ibição (3) | 29. cambotar (1) |
| 9. anjo custódio (1) | 30. capiaçu (capim-açu) (1) |
| 10. apostolado (3) | 31. carne quebrada (12) |
| 11. arrepio (1) | 32. caroço (10) |
| 12. artimijo (1) | 33. carregada (2) |
| 13. atentação/atentar (6) | 34. carvão (6) |
| 14. Ave Maria (21) | 35. cobreiro (29) |
| 15. azia (4) | 36. conferência (1) |
| 16. bandeira (9) | 37. confessar (3) |
| 17. bendito (canto) (4) | 38. cordão (25) |
| 18. benzeção (24) | 39. corpo aberto (2) |
| 19. benzedeira (3) | 40. corpo fechado (1) |
| 20. benzedor (12) | 41. culto (8) |
| 21. benzedura (1) | 42. curador (2) |

43. depressão (1)
44. deslocadura (8)
45. desterrar (1)
46. devoção (34)
47. diabo (2)
48. dor de cabeça (51)
49. dor de pontada (8)
50. encruzilhada (1)
51. engasgação (36)
52. enxaqueca (2)
53. erva-cidreira (6)
54. erva-doce (2)
55. espinhela (9)
56. espinho de cobra (2)
57. espírito (2)
58. espreguiçar (1)
59. estancação de sangue (14)
60. estanhar (5)
61. estrela rota (2)
62. excomungado (3)
63. fé (51)
64. fedegoso (3)
65. ferida (13)
66. fio de arame (1)
67. fogo selvagem (8)
68. folha de tomate (2)
69. galho de pimenta (4)
70. hóstia (1)
71. impinge (27)
72. inveja (9)
73. inibição (ibição) (1)
74. izipa (39)
75. Jesus Misericordioso (4)
76. judiar (1)
77. Mãe Rainha (1)
78. mágoa (1)
79. mal (12)
80. mal-estar (1)
81. malvadeza (1)
82. malvado (1)
83. mesa branca (2)
84. mesa do altar (1)
85. missa (27)
86. mofina (2)
87. mortência (1)
88. murchar (9)
89. Nossa Senhora Aparecida (30)
90. Nossa Senhora da Ajuda (1)
91. Nossa Senhora de Fátima (3)
92. Nossa Senhora do Desterro (2)
93. Nossa Senhora do Livramento (2)
94. Nossa Senhora do Monte Serrado (2)
95. novena (24)
96. ofendido de cobra (3)
97. olhado (71)
98. olho bobo (1)
99. olho gordo (10)
100. olho grande (4)
101. oliveira (1)
102. oração (177)
103. oração de comer feijão (1)
104. oração de deitar (1)
105. oração pra achar uma coisa perdida
106. osso vendido (2)
107. padroeira/o (2)

- | | |
|------------------------------------|--|
| 108. pagão (5) | 130. Santa Iria (3) |
| 109. pai nosso (15) | 131. Santa Luzia (5) |
| 110. pelar o olho (1) | 132. Santíssima Trindade (2) |
| 111. penitência (1) | 133. Santo Expedito (4) |
| 112. perdão (5) | 134. São Bispo (2) |
| 113. porteira (1) | 135. São Francisco Fabrião (São Fabião)
(2) |
| 114. primeira comunhão (2) | 136. São João (2) |
| 115. quebrante (103) | 137. São Miguel (14) |
| 116. quebrante de querer bem (4) | 138. sarar (56) |
| 117. quebrante de raiva (6) | 139. semana santa (5) |
| 118. quebrante de ruindade (2) | 140. sexta-feira da paixão (3) |
| 119. raizeira (2) | 141. sombra (2) |
| 120. rama brava (1) | 142. terço (33) |
| 121. ramo (48) | 143. tribulação (1) |
| 122. ramo de andu (1) | 144. tutano (8) |
| 123. reza (165) | 145. usura (1) |
| 124. reza de arma de fogo (4) | 146. valida (4) |
| 125. reza para cortar o vento (18) | 147. vassourinha (2) |
| 126. rezar (438) | 148. verme (8) |
| 127. rio jordão (1) | 149. verruga (7) |
| 128. rosário (1) | 150. Virgem Maria (22) |
| 129. Sagrado Coração (2) | |

Entre as lexias apresentadas, há algumas que ocorrem com mais frequência ao longo das entrevistas, a exemplo da lexia *rezar*, que ocorre 438 vezes, *oração*, com 177 menções, *reza*, a qual apareceu 165 vezes, *benzer*, 163 vezes, e *quebrante*, com 103 ocorrências. Além dessas, destacamos *Ave Maria*, *benzeção*, *benzer*, *cobreiro*, *cordão*, *devoção*, *dor de cabeça*, *engasgação*, *fé*, *impinge*, *izipa*, *missa*, *Nossa Senhora Aparecida*, *novena*, *olhado*, *oração*, *quebrante*, *ramo*, *reza*, *rezar*, *sarar*, *terço* e *Virgem Maria*, todas elas ocorreram 20 ou mais vezes, conforme o quadro (4) a seguir.

Quadro 4 – Lexias mais frequentes.

Lexia	Número de ocorrências	Lexia	Número de ocorrências
rezar	438	devoção	34
oração	177	terço	33
reza	165	Nossa Senhora Aparecida	30
benzer	163	cobreiro	29
quebrante	103	impinge	27
olhado	71	missa	27
sarar	56	cordão	25
dor de cabeça	51	benzeção	24
fé	51	novena	24
ramo	48	Virgem Maria	22
izipa	39	Ave Maria	21
engasgação	36		

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

A maior ocorrência da lexia *rezar* pode ser explicada pelo fato de, nas entrevistas, ser uma variante de *benzer*, como em: “Sei **rezar** também de cobra, de veneno de cobra quando pica a gente, eu também sei rezar. É. Essa aí eu já **rezei** ne animal, né? Gente, eu nunca **rezei**, não, mas ne animal eu já **rezei** um mucado de vez” (BZD11-ZIZ64). De fato, o dicionário Houaiss, entre as sete acepções aventadas para o verbo rezar, apresenta uma delas como: “realizar benzeduras em; benzer <rezar um desnutrido enfezado>” (Houaiss, 2012).

Assim como a benzedeira (BZD11-ZIZ64), todas as demais entrevistadas também se referem à prática de *benzer* como a prática de *rezar*, motivo pelo qual o verbo *rezar* foi mais recorrente nas conversas do que o verbo *benzer* – tópico principal das entrevistas.

É interessante pontuar ainda, no que tange à lexia *rezar*, que se trata de um verbo muito comum entre os professantes do catolicismo. Estudiosos da área religiosa afirmam que existe, por exemplo, uma distinção nos usos dos verbos *rezar* e *orar* por católicos e protestantes (evangélicos). A esse respeito, Toledo (2023) ressalta que,

na prática cristã católica, não há nenhuma diferença de valor no uso desses verbos, embora seja mais comum utilizar o verbo “rezar”: vamos rezar, vamos rezar a Missa, vamos rezar o Terço etc. Durante a celebração da Missa é muito comum o sacerdote anunciar quando vai fazer uma oração, utilizando o verbo “orar”, “oremos”. O verbo “rezar” também é utilizado quando convida a assembleia para algumas orações, por exemplo, “rezemos” a oração que o Senhor nos ensinou. Entre os evangélicos é mais comum a utilização do verbo “orar”. Normalmente é utilizado o convite “vamos orar”. A oração, no âmbito evangélico e pentecostal, geralmente é feita de modo espontâneo. A crítica lançada aos católicos relaciona o ato de rezar à repetição, ou seja, só recitam orações prontas e que isso, segundo eles, seria uma vã repetição (Toledo, 2023, p. 50).

Apesar de serem dadas como sinônimas pelo dicionário – a exemplo do Houaiss –, *rezar* e *orar* apresentam motivações religiosas em seu uso. Nota-se que o uso mais recorrente do verbo *rezar* por pessoas católicas está intrinsecamente ligado à prática de recitar preces específicas, como o pai-nosso, ave-maria e o credo, geralmente em momentos formais de devoção, como durante a missa, em novenas ou em momentos de oração pessoal. A palavra *rezar*, além de se apresentar como sinônima de *benzer*, denota primordialmente uma conexão profunda com rituais litúrgicos e uma reverência especial em relação aos santos e à Virgem Maria, frequentemente solicitando sua intercessão junto a Deus, como nos casos de benzeção.

Por outro lado, como discutido por Toledo (2023), o uso mais recorrente do verbo *orar* por pessoas evangélicas abrange uma abordagem mais espontânea e pessoal na comunicação com Deus. A oração evangélica é frequentemente vista como uma conversa direta com Deus, em que os fiéis expressam seus sentimentos, preocupações e gratidão, sem a necessidade de liturgias específicas. Para os evangélicos, a oração é uma prática contínua e íntima, que pode ocorrer individualmente ou em grupos de adoração, buscando uma conexão pessoal e direta com o divino.

Com relação ao léxico das benzedeadas, tal explicação encontra respaldo, tendo em vista que, apesar de rezar e orar serem sinônimos, a lexia *rezar* apresentou número de ocorrências muito grande, ao contrário da lexia *orar*, que apareceu, ao longo das entrevistas, somente uma vez: “*Aí ele foi me dar a benção de joelho, eu falei: ‘não, meu filho, não precisa, não. Não tá tendo esse direito mais de ninguém tá dobrando, a gente dobra o joelho pra orar pra Deus, não pra se dar benção a pai e padrinho, não’*”. Isso porque todas as entrevistadas são professantes do catolicismo, religião em que as práticas de benzeção estão fortemente presentes.

Em relação às lexias *oração* e *reza*, ambas tiveram números próximos de ocorrência nas entrevistas, 177 e 165 vezes, respectivamente. É interessante notar que a lexia *reza*, substantivo, é utilizada para se referir a algum tipo de benzeção, como ocorre em: “*a mesma reza de quebranto é a de olhado*” (BZD1-DOR64) e “*tem as reza que eu falei... Tem uma que fala: Santo Antônio tinha três fia, uma fiava, uma tecia. Uma caiu no fogo, ardeu. Foi, perguntou a*

Virgem o quê que que sararia. Ela foi falou assim, foi falou assim: “Três cuspo na boca, três vezes sararia” (BZD2-JOR83). Esse uso é registrado pelo dicionário Houaiss, como uma variante informal que significa ‘série de palavras que, por superstição ou credence, são proferidas com o intuito de benzer, de afastar o mal’ (Houaiss, 2012).

Quanto à lexia *quebrante/quebranto*, esta foi a de maior ocorrência entre aquelas que denotam males contra os quais as benzedeadas atuam, com 103 manifestações nas entrevistas. A explicação para isso reside no fato de que, por se tratar da benzeção mais comum, todas as benzedeadas entrevistadas tinham conhecimento da oração. Conforme os relatos, a benzeção de *quebranto* é uma das mais procuradas, ao lado do *olhado*, lexia que apresentou 71 ocorrências nas entrevistas.

Apesar de serem empregadas de modo parecido, uma das benzedeadas explica que o *quebranto* pode ser adquirido a partir do momento em que uma pessoa quer muito bem à outra a ponto de deixá-la em situação de mal-estar; ao contrário do *olhado*, que é contraído quando se é alvo do sentimento de ódio ou raiva de alguém: “*quebrante e olhado é a mesma coisa, cê põe o quebrante, tem ele de querer bem e tem ele de raiva. De querer bem é uma coisa, e o de raiva, de matar, é outra*” (BZD1-DOR64).

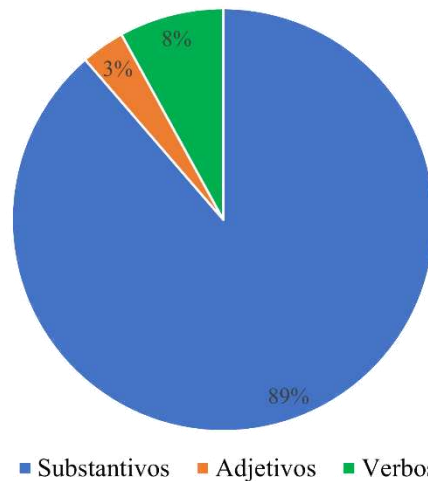
Com relação às lexias que nomeiam os males contra os quais as benzedeadas impõem suas rezas, destacaram-se, na pesquisa, *dor de cabeça*, *izipa*, *engasgação*, *cobreiro* e *impinge*. Conforme as benzedeadas, além do *quebranto* e do *olhado*, essas são as principais procuras por benzeção, motivo pelo qual a ocorrência desses itens foi maior.

Além disso, *Virgem Maria* e *Ave Maria* foram lexias também com grande ocorrência, tendo em vista a devoção das benzedeadas e o fato de, em todas as benzeções, a oração *Ave Maria* acompanhar a prática. Isso se deve ao fato de, na tradição católica, a oração *Ave Maria* ser uma das mais praticadas, junto ao *Pai-nosso*.

4.2 Classificação gramatical das lexias

Três classes gramaticais compõem o total de lexias apresentadas: verbo, substantivo e adjetivo, conforme se pode observar no gráfico 1.

Gráfico 1 – Classificação gramatical das lexias



Fonte: autoria própria.

A partir dos dados apresentados no gráfico 1, pode-se observar que o léxico das benzedeiças na região rural de Salinas, MG, com ênfase nas 150 lexias coletadas, revela uma distribuição das categorias gramaticais na qual predominam os substantivos, com apenas 5 adjetivos e 12 verbos identificados. Essa distribuição evidencia a relevância de nomes, tanto concretos quanto abstratos, na prática discursiva das benzedeiças, uma vez que esses termos são essenciais para nomear os elementos-chave de sua prática, como as plantas usadas nas benzeções, as rezas, os males contra os quais se rezam, os nomes de santos, entre outros. Dito de outro modo, no contexto das benzeções, o saber prático e oral está ligado majoritariamente à nomeação de elementos do cotidiano das mulheres entrevistadas. Esse resultado era esperado, já que estudos realizados no âmbito do léxico também mostram uma prevalência de nomes. Exemplo disso é o estudo sobre o léxico da cachaça (Pereira, 2021), também realizado nessa região, o qual registrou índices de classificação gramatical parecidos.

A respeito da pequena quantidade de adjetivos, pode-se inferir que, na prática das benzedeiças, a descrição de estados ou qualidades é menos central do que a nomeação de objetos e ações. A título de constatação, os adjetivos que compõem o léxico estudado voltam-se ao estado em que se encontram os envolvidos na benzeção antes ou após o benzimento, como se observa nos trechos:

(1) Às vezes uma hora eu tô **carregada**, né? As perna doendo, o corpo doendo, cabeça doendo, moleza, abrindo a boca, um sono, que tô deitando. "Ah, fulano, benze ne mim", benze ne mim, graças a Deus, né?
(BZD3-MAR86)

(2) *Pega, quando cê reza muito fica até meio assim, **abatido**.* (BZD9-NEN76)

(3) *Pede, faz aquele pedido, pedindo aquela graça. A gente tá precisando daquela graça, a gente pede aquela graça e já fui muito **agraciada**, muito, muito, muito mesmo. Não tenho nem palavras pra agradecer a Deus por tantas graças que eu já recebi pra mim e pra toda a minha família, porque sempre eu sou **agraciada**.* (BZD8-TER67)

(4) *Eu tenho. Tenho devoção com Nossa Senhora da Aparecida, tudo o que eu pego com ela, eu sou **valida**. Eu tenho devoção com essa santa, que eu vou falar com ocê. Graças a Deus, tudo o que eu peço pra Nossa Senhora da Aparecida eu sou **valida**, né?* (BZD5-MAR90)

Nos excertos apresentados, os adjetivos *abatido*, *carregada*, *valida* e *agraciada* são utilizados para descrever estados emocionais e físicos, bem como relações espirituais e de devoção na tradição das benzedadeiras.

Em (1), o adjetivo *carregada* descreve sintomas físicos e emocionais de mal-estar, como dores nas pernas, moleza e sono excessivo. No campo das benzeções, observa-se que essa lexia expressa uma condição negativa, resultante da acumulação de energias indesejadas e desequilíbrios espirituais causados a partir do mau-olhado. Esse estado, como se observa na fala da benzedeira, é descrito como algo que afeta o corpo de maneira intensa, havendo a necessidade de benzer-se para aliviar tais sintomas. Em síntese, a lexia *carregada* possui uma conotação simbólica de sobrecarga espiritual, a qual é tratada pela benzeção.

Em (2) o adjetivo *abatido* tem um sentido semelhante, denotando uma condição física e emocional de fraqueza após a realização de rezas nas quais a pessoa alvo da benzeção está espiritualmente *carregada*. No entanto, diferentemente de *carregada*, que sugere uma condição imposta por fatores externos e por outras pessoas que promovem o mau-olhado, *abatido* mostra-se, conforme se observa no trecho em tela, como uma consequência natural do esforço espiritual empregado pela benzedeira. Com isso, é possível evidenciar que a prática da benzeção possui um impacto também físico, o que revela a estreita conexão entre o corpo e o espírito no ato de benzer.

Por fim, os adjetivos *agraciada* e *valida* aparecem em (3) e (4), e ambos estão associados à ideia de recompensa e resposta divina. Nesse sentido, *agraciada* é utilizado pela benzedeira em um contexto de agradecimento pelas bênçãos recebidas, de maneira que ela expressa a sua percepção de ter sido favorecida por Deus em resposta às suas preces e à sua prática religiosa. Nesse caso, pode-se observar que o adjetivo não apenas qualifica o indivíduo como receptor de uma graça, mas também reafirma a eficácia das práticas devocionais e a

relação de reciprocidade entre a benzedeira e a santidade para a qual ela pede intercessão. Além disso, pode-se notar, também, o uso reiterado de *agraciada*, fato que destaca a importância do reconhecimento das graças recebidas no discurso das benzedeadas.

Mais especificamente em (4), *valida* tem relação com a fé em Nossa Senhora Aparecida, de modo que a *lexia* foi usada para expressar um estado de ser ouvida e atendida em suas preces. Ao longo das entrevistas, foi possível notar que cada benzedeira possui sua santidade de devoção, a quem ela recorre durante a benzeção para ser intercessor da cura. Ao dizer que foi *valida*, a benzedeira reforça sua confiança na eficácia das rezas e no vínculo estabelecido com seu santo de devoção, que não a desampara.

Os verbos identificados no léxico das benzedeadas, por sua vez, descrevem as ações centrais do ato de benzer, como

(5) *Eu benzo de muitas coisas. De muitas coisas eu benzo. Mas tem uma reza que eu não vou rezar jamais, que ela me maltrata demais, demais, demais, demais, eu não vou rezar essa reza mais. É a oração de Nossa Senhora do Monte Serrado, não posso rezar, eu não durmo de noite. Eu passo a noite **brubutando** na cama, levanto, fico caminhando no meio dessa casa com uma lanterna na mão, vou lá fora, venho aqui, vou lá, venho aqui. (BZD13-ANA91)*

No excerto em questão, a *lexia* *brubutando* é utilizada para descrever um estado de desconforto físico e mental sofrido pela benzedeira após a recitação de uma reza específica, a *Oração de Nossa Senhora do Monte Serrado*. Esse verbo, no contexto em que foi empregado pela entrevistada, representa um estado de agitação, que inclui insônia, inquietação e comportamentos como caminhar pela casa e sair repetidamente. Nessa perspectiva, a *lexia* carrega uma conotação de desequilíbrio físico e espiritual, visto que a benzedeira não consegue encontrar paz interior após realizar essa oração, fato que indica a sobrecarga espiritual associada a essa prática específica na visão da entrevistada.

É interessante observar a repetição do advérbio *demais* no discurso, o qual enfatiza a intensidade do mal-estar, da angústia e da desorientação noturna. Outrossim, é importante pontuar que, no contexto das benzeções, as entrevistadas salientaram que o equilíbrio espiritual seria fundamental para a eficácia da prática, e alguns fatores – como a oração mencionada – levaria a uma dissonância entre a energia da benzedeira e as forças espirituais evocadas pela reza. Desse modo, a experiência negativa de estar *brubutando*, a partir do relato da mulher,

estaria ligada à própria natureza da oração, que provavelmente invoque energias e forças com as quais a benzedeira não consegue lidar adequadamente.

A partir dessa análise, o verbo *brubutar* revela a vulnerabilidade das benzedeiros ao executarem certas rezas e sugere que, mesmo dentro de um campo de conhecimento espiritual estabelecido, há momentos em que o poder das rezas transcende a capacidade de controle do indivíduo, resultando em mal-estar, como foi possível observar nos excertos apresentados anteriormente com o adjetivo *abatido*. Essa vulnerabilidade é um aspecto importante das práticas de benzeção e se reflete, no caso analisado, na decisão da benzedeira de não mais realizar aquela oração.

Outra manifestação verbal no léxico das benzedeiros pode ser observada na lexia *judiar*, conforme exemplificado em (6)

(6) *Que o olhar do mau-olhado também judeia com a gente, né?* (BZD3-MAR86)

É importante considerar, inicialmente, que o verbo *judiar* tem uma origem controversa no português e, conforme Fiorin (2008), é derivado do substantivo *judeu*, fazendo alusão ao tratamento cruel que os judeus receberam historicamente. *Judiar*, portanto, na língua portuguesa, segundo o Houaiss, significa causar sofrimento físico ou moral; atormentar, maltratar.

Na língua em uso, o verbo *judiar* é amplamente utilizado para se referir a qualquer forma de abuso físico ou emocional, e esse uso foi ampliado, no contexto das benzeções, para expressar o sofrimento causado por forças externas, sejam elas humanas ou espirituais, como no caso do mau-olhado, apresentado em (6). Nesse particular, a lexia não se refere diretamente a uma ação humana concreta, mas ao impacto espiritual e negativo que o mau-olhado pode causar.

Para as benzedeiros, o mau-olhado é a crença de que a inveja ou a má intenção de outra pessoa pode causar doenças e outros impasses na vida de alguém, exigindo a intervenção de uma benzedeira para restaurar o bem-estar. Assim, no léxico das benzeções, o verbo *judiar* atribui ao olhar maligno uma capacidade de causar grande sofrimento, ao mesmo tempo em que confere agência ao mau-olhado, como se ele fosse uma força ativa que “maltrata” de maneira deliberada a pessoa atingida. Com isso, reforça-se a percepção, já discutida no capítulo teórico, de que as práticas de benzeção lidam sobretudo com forças espirituais invisíveis que podem

infligir sofrimento a alguém, isto é, males contra os quais a medicina e o saber científico não são capazes de atuar.

Ainda em relação às ocorrências verbais, a lexia *desterrar* chama atenção, conforme se observa em (7):

(7) *Eu rezo assim: com três raminhos, um de cada vez, "Com dois que põe, com três que tira, com os poder de Deus e da Virgem Maria, com Deus na frente e Jesus na guia e vou rezando Ave Maria". Até faço as três vezes com cada raminho de cada vez e aí eu pego e rezo e ofereço pra Nossa Senhora do Desterro "que **desterrais** aquele quebranto e olhado para as ondas do mar aonde que — aquela pessoa, fala o nome da pessoa — aquela pessoa não vê nem galo cantar e nem boi berrar". (BZD8-TER67)*

Como apontado pelo dicionário Houaiss (2012), etimologicamente, *desterrar* vem do vocábulo composto "des-" + "terra" + "-ar", que significa "expulsar da terra" ou "banir". Dessa maneira, o verbo possui a ideia de remover algo ou alguém de um lugar, exilando-o para um local distante. No português atual, *desterrar* ainda mantém esse sentido de 'banir' ou 'expulsar', e é com essa conotação que ele aparece nas práticas de benzeção, empregado no sentido de afastar ou exorcizar influências espirituais ou negativas que estejam afligindo a pessoa, como o *quebranto* ou o *mau-olhado*.

No excerto em tela, a lexia é empregada em uma oração dirigida à Nossa Senhora do Desterro, uma figura da tradição católica associada ao exílio da Sagrada Família para o Egito. A invocação a essa santidade, no contexto das benzeções, serve para pedir a intervenção divina no banimento de influências negativas, e reflete a crença de que esses males precisam ser removidos para longe da pessoa afetada, de preferência para um lugar onde não possam causar mais danos, representado pela benzedeira através do trecho "ondas do mar", um espaço vasto e inalcançável, de onde o mal não pode mais retornar. Isso reforça a intenção das benzeções de afastar permanentemente as forças negativas, de maneira a garantir a proteção da pessoa afetada. De mais a mais, o ato de *desterrar* é performado através de uma sequência ritualizada, envolvendo, conforme o relato da entrevistada, gestos e a repetição de orações. A título de constatação, o uso de "três raminhos, um de cada vez" e a repetição da Ave Maria três vezes sublinha esse caráter ritualístico da benzeção, de modo que o número três, de forte significado simbólico para os cristãos, reforçaria a eficácia do ato de benzer.

Ainda nessa perspectiva, ressalta-se que a reza oferecida a Nossa Senhora do Desterro, santa de devoção da entrevistada, solicita não apenas a cura do mal que aflinge a pessoa benzida,

mas o *desterro* desse mal para um lugar distante, onde não possa afetar ninguém "aquela pessoa não vê nem galo cantar e nem boi berrar". Mais uma vez, é possível notar como a benzedeira, por meio das palavras que evoca, atua como mediadora entre o mundo real e o espiritual, utilizando sua ligação com o divino para restabelecer o bem-estar do indivíduo que a procura.

Outras lexias encontradas no corpus, também de caráter verbal, são *murchar* e *cambotar* – empregadas para caracterizar o estado final dos ramos usados nas benzeções.

(8) *E se ocê benzer com ramo, ela tiver com muito quebranto, o ramo **murcha**. Você pode pegar ele inteirinho assim, em pezinho, ele **murcha** e deita assim.* (BZD7-LUC70)

(9) *O raminho **murcha**. Aí se ocê... Se eu fico em pé assim, não sei não, mas se ocê rezou numa pessoa, que ocê termina a sua reza, aí cê vê o raminho **cambota**, né?* (BZD5-MAR90)

Ambas as lexias descrevem a maneira como os ramos, empregados no ato de benzer, reagem ao contato com a energia negativa, como o quebranto e o mau-olhado. Em um primeiro momento, é válido ressaltar que o verbo *murchar* refere-se ao enfraquecimento e à perda de vitalidade, particularmente em plantas. Quando uma planta *murcha*, há uma sinalização de decadência. No léxico das benzeções, a partir dos relatos, quando a benzedeira utiliza um ramo para benzer alguém afetado por um desses males, esse instrumento natural reage ao estado espiritual da pessoa, de modo que, se o indivíduo estiver gravemente afetado por energias negativas, o ramo, que é extraído da planta ereto e saudável, *murcha* visivelmente após a reza.

Para as benzedeadas entrevistadas, o *murchar* do ramo indica a absorção ou a detecção de uma carga espiritual negativa, quase como se o ramo atuasse como um medidor da intensidade do mal, uma vez que a sua vitalidade diminui à medida que ele "carrega" a energia negativa da pessoa benzida.

Em adição, o uso da lexia *murchar* reflete a visão de renovação e cura através das benzeções, tendo em vista que, assim como uma planta *murcha*, ela pode ser reidratada e reviver; da mesma forma, ao "murchar" o ramo, o mal-estar espiritual da pessoa é exposto e pode ser tratado com a benzeção e a intercessão do santo de devoção evocado no ato.

Em um viés similar, a lexia *cambota*, utilizada em (9), apesar de não ser dicionarizada, aproxima-se, no contexto das benzeções, ao verbo "cambaleiar", associado a movimentos abruptos e quedas. Como se pode observar no excerto, *cambotar* é o movimento do ramo que, após a reza, além de *murchar*, "dobra" ou "cai" de forma visível, o que reflete um nível ainda mais intenso da reação espiritual. Assim, a lexia *murchar* aponta a absorção de uma carga

negativa, ao passo que a lexia *cambotar* pode ser vista como um colapso completo do ramo, o qual sinaliza que a energia negativa é tão forte que causa uma reação ainda mais imediata e perceptível, já que foi sobrecarregado pela energia que retirou da pessoa.

É importante observar, através desse ato, a confirmação, na visão da benzedeira, da eficácia das benzeções, tendo em vista que o fenômeno visual de deterioração imediata do ramo reflete a detecção do mal por meio da atuação da benzedeira. Ainda convém enfatizar, a partir das duas lexias em voga, um aspecto interessante da prática de benzeção, que é o uso de elementos naturais, como ramos e carvões, servindo como ferramentas de diagnóstico, já que a reação física desses elementos à reza é interpretada como uma evidência visível do estado espiritual da pessoa benzida. Dito de outro modo, o ramo murcho (ou o carvão afundado na água, que será discutido mais à frente) torna-se um meio de comunicação entre o mundo espiritual e o real, revelando aquilo que não pode ser visto a olho nu nem explicado pela medicina convencional ou pela ciência.

Em síntese, a distribuição de classes gramaticais observada no léxico das benzedeadas rurais de Salinas, apesar de refletir um vocabulário voltado majoritariamente para a nomeação de elementos da prática da benzeção, apresenta lexias de caráter verbal e adjetival que representam a cultura e as tradições transmitidas pelas benzedeadas e suas práticas.

4.3 Dicionarização das lexias

O gráfico 2 mostra a porcentagem de lexias que estão registradas ou não nos dicionários utilizados nesta pesquisa, conforme descrito na metodologia. As lexias são consideradas dicionarizadas quando aparecem em pelo menos um dos dicionários consultados, enquanto as que não constam em nenhum dos dicionários são classificadas como não dicionarizadas, conforme o gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual de lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

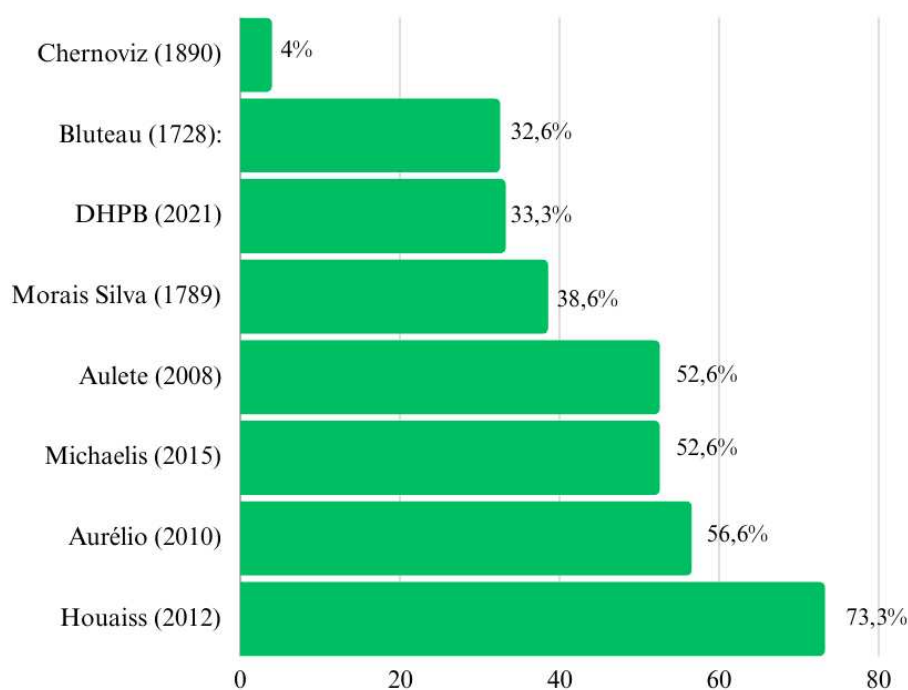


Fonte: autoria própria.

Das 150 lexias identificadas, a maior parte está registrada nos dicionários. Vale destacar que, nesta pesquisa, todas as lexias foram tratadas como unidades de análise. Portanto, algumas lexias compostas que aparecem como não dicionarizadas podem ter sido registradas em suas formas simples. Um exemplo disso é a lexia *dor de pontada* (um dos males físicos que é alvo das benzeções), que foi classificada como não dicionarizada, mas cujos elementos *dor* e *pontada* podem ser encontrados separadamente nos dicionários consultados. Isso evidencia que o léxico das benzeções é formado, em grande parte, por termos já presentes nos dicionários, tanto os mais antigos – como o de Bluteau (1728) e Morais Silva (1789) – quanto os mais recentes.

O gráfico 3 a seguir apresenta o índice de lexias dicionarizadas em cada uma das obras consultadas.

Gráfico 3 – Percentual de dicionarização por obra consultada



Fonte: autoria própria.

Conforme o gráfico 3, os dicionários contemporâneos apresentam um maior índice de lexias dicionarizadas – Houaiss (2012) com 73,3%, Aurélio (2010) com 56,6%, seguidos de Michaelis (2015) e Aulete (2008), ambos com 52,6%. O dicionário de Morais Silva, do século XVIII, apresentou um índice expressivo de lexias dicionarizadas, 38,6%, seguido do DHPB com 33,3% e de Bluteau (1728) com 32,6% de lexias registradas. Em Chernoviz (1890), que contempla palavras do campo da medicina popular, apresentaram-se 4% de registros.

Sob esse viés, os altos índices de lexias dicionarizadas em obras contemporâneas, como Houaiss (2012) e Aurélio (2010), indicam que muitas das lexias utilizadas pelas benzedeadas foram reconhecidos e incorporados à língua padrão nos últimos anos. Com efeito, essa inclusão se relaciona ao crescente interesse por estudos culturais e linguísticos regionais, que ajudam a trazer à vista elementos do português popular e regional. Ao mesmo tempo, mesmo esses dicionários contemporâneos não chegam a registrar a totalidade das lexias, isto é, algumas palavras continuam restritas ao uso oral e cultural específico das benzedeadas.

Além disso, a presença significativa de lexias em dicionários antigos, como o de Moraes Silva (38,6%) e o de Bluteau (32,6%), demonstra que parte desse léxico remonta a períodos remotos, o que evidencia que o vocabulário das benzedeadas possui raízes históricas, algumas das quais com origem no português antigo e em influências culturais e linguísticas trazidas durante a colonização – já que a religião católica, a qual influencia fortemente o léxico das benzedeadas, foi trazida junto com os colonizadores.

4.4 Medicina popular e saberes tradicionais a partir do léxico: divergências e convergências

A respeito da obra *Dicionário de Medicina Popular*, produzida por Chernoviz (1890), foram encontrados registros importantes sobre o tratamento dado a algumas doenças que também são mencionadas pelas benzedeadas. As entrevistas revelam registros relevantes sobre plantas e algumas doenças tratadas pelas benzedeadas, fato que demonstra a interseção entre os saberes tradicionais e o conhecimento popular médico do século XIX. Isso é capaz de evidenciar que as práticas de benzedeadas e o uso de plantas medicinais fazem parte de um sistema integrado de cura, enraizado em tradições orais e também documentado por registros históricos.

Com efeito, o fato de encontrar plantas e doenças específicas no dicionário de Chernoviz, que também são alvo das benzedeadas, mostra que, desde tempos remotos, a medicina popular e a benzedeadas não operam de forma isolada, elas podem ser vistas como práticas complementares. Ao longo das entrevistas, as benzedeadas relataram sua preferência em benzer usando ramos de ervas com propriedades medicinais, como *erva-doce* e *erva-cidreira*, conforme o exemplo (10).

(10) *Eu costume mais... Lá em casa sempre quando as meninas pedem pra rezar — que elas pede pra rezar daqui, pra mim rezar de lá —, eu pego uns raminho de erva-doce, erva-cidreira, uns raminho de... Eu sempre pego uma*

folha que faz chá, depois, assim que gente usa, né? Não colho mato qualquer, não. Colho mais de erva-cidreira ou folha de laranja, umas coisas assim. (BZD11-ZIZ64)

É possível observar que o uso de ramos de plantas medicinais pelas benzedadeiras, conforme indicado no trecho “eu sempre pego uma folha que faz chá... não colho mato qualquer”, revela um entrelaçar dos saberes tradicionais e da espiritualidade. A entrevistada diz fazer uma escolha cuidadosa de ramos específicos, como erva-doce ou folha de laranja, o que reflete sua intenção de realizar o ritual de benzeção e, para além disso, incorporar o conhecimento fitoterápico da medicina popular à sua prática. De acordo com Chernoviz (1890), a erva-doce, por exemplo, possui propriedades terapêuticas, conforme a figura 1.

Figura 1 – Propriedades do erva-doce

ANIZ ou HERVA DOCE. *Pimpinella anisum*, Linneo. Planta da família das Umbellíferas, originária da África, cultivada nas hortas de Portugal e do Brasil (fig. 64). Os fructos, impropriamente chamados *sementes*, usam-se em medicina, na perfumaria e confeitaria. Apresentam-se debaixo da fôrma de grãos ovóides, de côr esverdeada, sabor aromático, e cheiro agradável.

São estimulantes e empregadas nas cólicas em infusão que se prepara á maneira de chá, com uma colher *de chá* de fructos de herva doce e uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 64. — Aniz ou herva doce.



Fig. 65. — Aniz estrelado.

Fonte: Chernoviz (1890).

Logo, nota-se que a preferência por plantas com propriedades medicinais, como erva-doce, destaca que essas ervas são valorizadas na medicina popular por suas propriedades calmantes e relaxantes, o que faz muito sentido nas práticas de benzeção, em que se busca o alívio do corpo e do espírito. Em tese, a integração entre o uso medicinal e espiritual das plantas mostra, sob a ótica das mulheres benzedadeiras, uma compreensão holística de cura, posto que o mesmo elemento natural pode agir sobre diferentes dimensões do ser humano – a cura do corpo e da alma.

Da mesma forma, a obra de Chernoviz apresentou registros de lexias relacionadas às doenças que são alvo das benzeções, como *bicheira*, *cobreiro* e *espinhela caída*.

Em relação à *bicheira*, vejamos o relato de uma benzedeira em (11)

*(11) Aí agora que eu peguei esse benzer assim de bicho, ne **bicheira**. Aí chegou um vizinho de lá e trouxe umas vaca lá perto de casa, lá no Mangueiro. E a vaca, espinho cortou o peito da vaca, né? Aí pegou bicho, aí ele pegou e falou assim: "Manda a X rezar, aquela diabinha sabe". Aí meu marido falou comigo, eu peguei e benzi na teta da vaca, aí quando foi, passou uns três dias, chegou lá em casa: "Oh reza desgraçada", xingou. "Parece que secou", que reza doida é aquela? Matou na hora. Eu falei assim: "nunca eu vou rezar ne nada seu, que cê tá xingando a minha oração". Aí o homem ficou sem graça (BZD12-LOU80).*

Os registros sobre *bicheiro* no *Dicionário de Medicina Popular* de Chernoviz (1890) revelam como enfermidades associadas à infestação por larvas afetam tanto animais quanto humanos, como se pode observar na figura 2:

Figura 2 – Bicheiro

BICHEIRO. Dá-se este nome a uma quantidade de bichos ou larvas que se encontram em qualquer parte do corpo do homem, particu-



Fig. 105. — Mosca vareja.

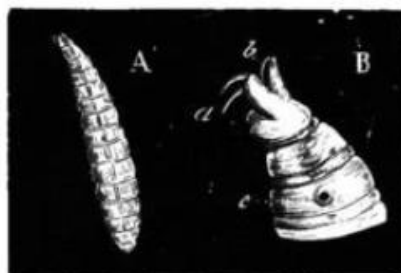


Fig. 106. — Larva da mosca vereja (*).

larmente na pelle e no interior do nariz. Estes bichos são produzidos pela *mosca varejeira*, commum na provincia do Rio de Janeiro, onde tive acca-sião de a observar (fig. 105 e 106). A mosca varejeira é quasi duas vezes maior que a mosca commum; tem o corpo esverdeado e luzidio, a bocca roxa-amarellada, azas transparentes; quando vòa faz um zumbido parti-cular. Introduz os seus ovos debaixo da pelle por meio de uma especie de verruma. Posto o ovo, transforma-se este em uma larva que produz inflammação e suppuração com que se nutre. Esta larva, ou, fallando vulgarmente, esta *vareja*, tem desesseis a vinte millimetros de compri-

(*) A, larva; B, extremidade do lado da cabeça, engrossada; a, ganchos; b, corno car-nudo; c, estigma.

Fonte: Chernoviz (1890).

No dicionário de Chernoviz, *bicheira* é descrita como uma infestação de larvas que ocorria muito frequentemente, à época, em pessoas, mas também podia se manifestar em animais, em feridas abertas, recebendo o nome de *bicheiro*. O tratamento, conforme indicado na obra de Chernoviz, envolve a remoção das larvas e a aplicação de substâncias que evitam a reinfestação. No entanto, no contexto das comunidades rurais, como mostrado no excerto da benzedeira, a intervenção espiritual através da benzeção seria uma alternativa eficaz ao tratamento da patologia.

No relato, a benzedeira realiza uma reza sobre a teta da vaca acometida pela *bicheira*, utilizando seu conhecimento espiritual para intervir em uma situação que, de acordo com o relato do vizinho, obteve sucesso imediato: “matou na hora”. Com isso, pode-se constatar, na visão da entrevistada, a eficácia simbólica da benzeção, que é vista pelos membros da comunidade como um meio legítimo de tratar enfermidades espirituais e físicas.

Outra lexia que denota enfermidade apontada como alvo das benzeções e registrada por Chernoviz é o *cobreiro*. O autor define o cobreiro, ou sua variante *cobrelo*, como ‘uma erupção na pelle de pequenas bolhas, cheias de um liquido amarellado, e cujo volume varia desde o da cabeça de um alfinete até ao de uma azeitona e mais’ (Chernoviz, 1890). O tratamento, conforme o médico, pode ser realizado seguindo as orientações:

Tratamento. Cumpre untar as bolhas, sem as rasgar, com azeite doce, polvilhal-as depois com polvilho. Forma-se assim uma especie de envoltorio que abriga as bolhas, e lhes permite seguir todas as suas phases sem estarem expostas a alguma causa de ruptura; murcham então rapidamente, seccam, e a molestia termina em pouco tempo. Este methodo é o mais simples, e o mais vantajoso. O doente usará de bebidas refrigerantes, taes como a limonada de limão, de laranja, o cozimento de cevada; e seguirá um regimen simples, mais vegetal do que animal. As ulcerações que sucedem à quéda das crostas, serão lavadas com esponja molhada em agua morna (Chernoviz, 1890, p. 630).

Na orientação, o médico sugere que o tratamento pode ser feito com azeite doce e polvilho. No entanto, para uma das benzedeadas, não há cura para essa doença a não ser a oração.

(12) *E têm coisas que o médico não cura, igual cobreiro. Cobreiro o médico não cura, não. Cobreiro é aquela coisa que é coisa de aranha põe, aquelas bolha de água que quando quebra, escorre e vai crescendo. Aquilo é cobreiro e não sara com remédio de farmácia, não. É oração (BZD13-ANA91).*

A partir do relato da entrevistada, nota-se que, apesar de a medicina popular documentar o cobreiro como uma doença física, a persistência desse tipo de afecção em um tempo no qual os recursos farmacológicos eram limitados levou ao desenvolvimento de alternativas de cura ligadas à espiritualidade. Em outras palavras, Chernoviz registra tratamentos paliativos comuns à época, como o uso de unguentos e emplastos. Entretanto, a narrativa da benzedeadas explicita que essas medidas não eram suficientes, dando lugar à benzeção como solução da patologia.

No relato feito pela benzedeadas, há uma oposição entre a medicina formal e a cura espiritual: “cobreiro o médico não cura, não”. Além disso, a benzedeadas atribui o surgimento do cobreiro a “coisa de aranha” e descreve as bolhas que se rompem e se espalham, de modo a reforçar que é uma doença de natureza peculiar, associada a forças invisíveis e misteriosas.

É oportuno mencionar que o relato da benzedeadas enfatiza que certos males, como o cobreiro, não respondem aos tratamentos convencionais, e exigem intervenções espirituais. Juntando esse relato a outros presentes nas entrevistas, é comum observar que, para as mulheres benzedeadas, a benzeção e a medicina tradicional funcionam como saberes complementares, de

forma que a medicina lida com doenças mais concretas e tangíveis, enquanto as rezas abordam afecções ligadas a forças invisíveis ou espirituais.

A lexia *espinhela* também é registrada por Chernoviz e mencionada nos relatos das benzedeiras. Veja-se a definição e a observação dadas pelo médico:

Figura 3 – Espinhela

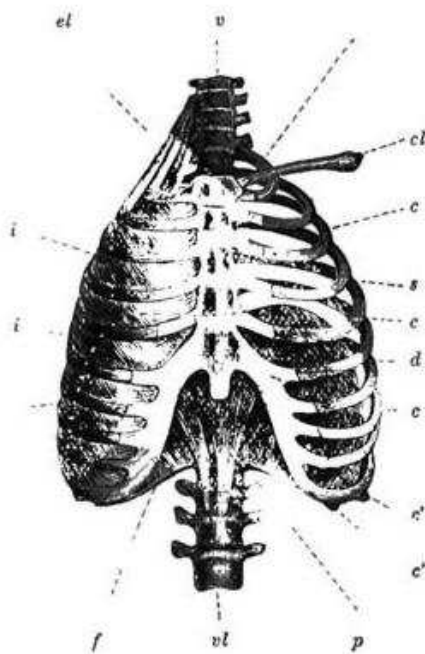


Fig. 443. — Costellas (*).

ESPINHELA. Na parte anterior e média do peito acha-se um osso que se estende desde a parte inferior do pescoço até ao lugar chamado *bocca do estomago*: este osso tem o nome de *esternon*. A sua extremidade inferior é terminada por um prolongamento cartilaginoso, chamado *espinhela* (fig. 443). Muitas pessoas servem-se da expressão *espinhela cahida*, o que é um erro, porque a espinhela não póde cair. Esta expressão designa para certas pessoas a inflammação do estomago, para outras a tísica pulmonar; emfim um emagrecimento rapido; mas, torno a dizer, a expressão de *espinhela cahida*

nada significa e deveria desaparecer da linguagem.

Fonte: Chernoviz (1890).

Em relação à espinhela caída, a benzedeira faz o seguinte relato:

(13) *Tem umas reza que eu rezo, eu rezo de espinhela caída. Essa mulher sofria uma dor que não tinha remédio que sarava ela, eu rezei e sarou e não doeu mais nunca. E tem os dia da semana de eu rezar. É, quarta-feira. A espinhela caiu, eu meço a espinhela e agora eu rezo, eu vejo que tanto que tá caída, se é do lado direito ou se é do lado esquerdo, ali eu sei, no cordão, os médico não mede no cordãozinho, eu sei como é que é. Agora rezo e levanta a espinhela da pessoa. As pessoa saí sadia aí, eu faço aqueles cordãozinho de oração. Eu faço uma oração e dou à pessoa e a pessoa carrega aquela oração, não deixa ninguém pegar nela, a pessoa só (BZD13-ANA91).*

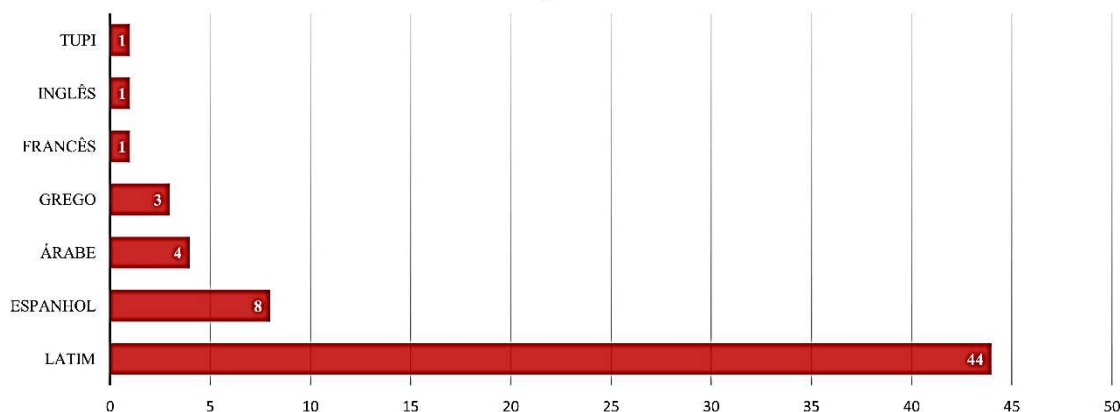
Chernoviz define a *espinhela* como a extremidade inferior do osso esterno, localizada na parte anterior do tórax, e ainda critica a expressão popular *espinhela caída*, afirmando que não faz sentido do ponto de vista anatômico, uma vez que a cartilagem da espinhela não pode "cair". O autor manifesta uma postura prescritiva em relação ao uso do termo, salientando que essa expressão é usada erroneamente para descrever diferentes condições, como inflamações estomacais, emagrecimento repentino ou tuberculose.

No relato da benzedeira, a *espinhela caída* é tratada como uma condição real, associada a dores e mal-estar que a medicina convencional não consegue resolver. Nessa seara, a benzedeira afirma que, ao realizar sua prática de benzeção, consegue "levantar a espinhela" e curar a pessoa. A entrevistada faz isso medindo a espinhela com um "cordãozinho de oração" para verificar se o desequilíbrio está mais acentuado no lado direito ou esquerdo. Além do mais, a eficácia de sua prática seria validada pelo desaparecimento da dor e pelo alívio do sofrimento da pessoa tratada.

Outro aspecto relevante, que marca a tradição da benzeção de *espinhela*, é o dia específico para a reza (quarta-feira), o que indica que a cura envolve também uma dimensão simbólica e ritualística, que deve respeitar dias e procedimentos determinados. Outrossim, o cordãozinho de oração, que a benzedeira entrega à pessoa benzida como amuleto, carrega uma dimensão protetora e espiritual que complementa a cura e a prática da benzeção.

4.5 Etimologia das lexias

Com relação à origem das lexias, há, como já se esperava, um predomínio de palavras originadas do latim, somando 44 ocorrências no total. Além disso, ocorrem, também, no léxico das benzedeadas, palavras de origem inglesa, grega, árabe, francesa, espanhola e tupi, conforme consulta ao dicionário Hoauiss (2012). Ressaltamos que, por não ser a etimologia das lexias o foco deste estudo, optamos por buscar o étimo daquelas que apresentam apenas uma palavra em sua estrutura. Além disso, reconhecemos a relevância de investigar a origem das palavras utilizadas, especialmente para determinar se provêm diretamente do latim ou se foram incorporadas posteriormente ao português. No entanto, considerando que esse não é o foco principal da pesquisa e que tal análise demanda um aprofundamento etimológico específico, deixamos essa questão em aberto para estudos futuros. Veja-se o gráfico 4.

Gráfico 4 – Etimologia das lexias

Fonte: autoria própria.

Nesse âmbito, a prevalência de palavras de origem latina no léxico das benzedeadas reflete a herança linguística do português, cuja base é essencialmente formada por termos advindos do latim vulgar. De acordo com Mendes, Medeiros e Oliveira (2017), essa influência se consolidou historicamente por meio da igreja e de práticas culturais, como a medicina popular e as rezas, que eram transmitidas oralmente. Assim, muitas palavras ligadas à saúde e ao espiritual vieram do latim, dada sua presença em rituais religiosos e na medicina erudita da época, como evidenciado nas obras de Chernoviz e na tradição oral preservada pelas benzedeadas.

Por conseguinte, a influência do latim vulgar no português favoreceu a incorporação de termos relacionados a plantas medicinais e doenças, áreas diretamente ligadas às benzedeadas. Algumas palavras da área passaram do latim ao português tardiamente, por via erudita, e a continuidade entre o conhecimento erudito e o popular explica por que muitas das lexias utilizadas pelas benzedeadas apresentam essa origem, funcionando como uma ponte entre medicina, espiritualidade e tradição oral no contexto rural das benzedeadas salinenses.

Ademais, a predominância de palavras de origem latina no léxico das benzedeadas de Salinas, em contraste com a presença quase inexistente de termos de origem indígena, aponta para a influência histórica e cultural do catolicismo e das práticas religiosas trazidas pelos colonizadores portugueses.

É importante enfatizar que o latim foi a língua oficial da Igreja Católica por séculos e teve papel central na liturgia, nas orações e nos textos religiosos. Com efeito, durante o período colonial no Brasil, as práticas de evangelização pelos missionários católicos disseminaram esse vocabulário religioso em comunidades locais, sendo que benzedeadas, muitas vezes ligadas às

tradições populares de fé, incorporaram elementos dessas práticas, incluindo palavras de origem latina que carregam conotação espiritual e sagrada.

Por outro lado, a quase ausência de palavras de origem indígena no léxico das benzedeadas pode ser explicada por esses fatores culturais. É importante ressaltar que se esperava um índice maior de lexias originadas das línguas indígenas, sobretudo porque, no léxico das benzedeadas, há muitas menções a plantas usadas nas práticas de benzeção. No léxico da cachaça, por exemplo, estudo feito na região e já citado anteriormente, há um significativo percentual de lexias de etimologia indígena, especialmente naquelas que nomeiam plantas.

Nessa perspectiva, acerca da baixa presença da etimologia indígena no léxico das benzedeadas, é válido mencionar que tais práticas se desenvolveram em um contexto majoritariamente influenciado pela cultura europeia e cristã, com pouca integração dos saberes e vocabulários indígenas. Outrossim, a imposição do cristianismo pelos colonizadores muitas vezes marginalizou as práticas e crenças indígenas, o que limitou sua integração com as tradições religiosas populares, como a benzeção. Isso não significa que as culturas indígenas não tenham influenciado as práticas populares no Brasil, contudo, no caso específico das benzedeadas entrevistadas, o léxico reflete predominantemente o contexto de um cristianismo popular profundamente enraizado no imaginário português, no qual a linguagem vinculada ao latim e à religiosidade europeia predominava.

4.6 Variação lexical entre as benzedeadas: *quebrante* e *olhado*

As entrevistas evidenciaram uma variação lexical em itens que denominam males contra os quais as benzedeadas atuam, como *quebrante*, *quebranto*, *olhado*, *olho gordo*, *olho bobo* e *olho grande*, que aparecem com diferentes sentidos e demonstram nuances culturais na interpretação de energias e intenções que afetam o bem-estar das pessoas que buscam as benzeções.

4.6.1 Quebrante e Quebranto: variações lexicais e funcionais

As lexias *quebrante* e *quebranto*, que apresentam variação no nível fonético, são empregadas de forma intercambiável nas entrevistas, referindo-se ao mal causado por energias que afetam uma pessoa ou um animal. Ambas representam um tipo de mal-estar que exige uma

benzeção para sua cura. Em dado momento da entrevista, uma das benzedeadas afirma: “*A mesma reza de quebranto é a de olhado. Quebrante e olhado é a mesma coisa, cê põe o quebrante, tem ele de querer bem e tem ele de raiva*” (BZD1-DOR64), o que demonstra que *quebranto* pode ser sinônimo de *olhado*.

Além disso, as benzedeadas deixam claro que o quebranto como um fenômeno espiritual, bem como categoriza suas causas com base na intenção emocional da pessoa que “pôs” o quebranto. A distinção mais significativa é dada pelas lexias *quebrante de querer bem*, *quebrante de raiva* e *quebrante de ruindade*, como se observa em: “*Têm pessoas que têm um olho tão... Um olho que não é culpa da própria pessoa. Pega numa planta assim, já mata*” (BZD1-DOR64).

De acordo com a entrevistada, esse tipo de quebrante ocorre involuntariamente, sendo atribuído a um afeto excessivo que gera consequências negativas. Por outro lado, o *quebrante de ruindade* é causado por intenções hostis, como inveja e rancor, conforme explicado por outra benzedeadas, que diz: “*Tem o quebrante de querer bem e tem o de ruindade. O mau-olhado é de olhar pros outros com raiva, e tem o olho gordo pro lado da gente do que a pessoa tem ou do que a pessoa é*” (BZD3-MAR86).

Dessa forma, percebe-se uma diferenciação entre formas de quebrante, o que evidencia o impacto das diferentes emoções humanas no plano espiritual, que, quando são colocadas em alguém, só podem ser “tiradas” por meio da benzeção.

4.6.2 Olhado, Olho Gordo, Olho Bobo e Olho Grande

O item lexical relacionado ao *olhado* e suas variações — *olho gordo*, *olho bobo* e *olho grande* — espelha diferentes intensidades e intenções associadas ao ato de “carregar” uma pessoa com energia negativa.

De acordo com França Neto (2014), a lexia *olhado*, do ponto de vista morfológico e lexical, apresenta o sufixo *-ado*, caracterizando-se como uma forma nominal no participípio. Logo, exemplifica um caso de derivação imprópria, uma vez que o verbo *olhar* passa a ser utilizado como substantivo. Assim, o *olhado* representa uma forma nominal derivada do verbo original. Ainda conforme o autor, a presença desse termo nas tradições populares se conecta a referências antigas, como as encontradas no *Livro de São Cipriano*, no qual o conceito de *olhado* é descrito. Essa lexia evidencia como os significados oriundos do imaginário religioso

medieval – no qual o livro de São Cipriano está inserido – permanecem vivos nas narrativas orais de rezadeiras e rezadores.

Há pessoas que dispõem de grande poder ou força magnética. Geralmente essa força reside nos olhos e daí a teoria do mau-olhado. Quem não tem, por acaso, encontrado certa pessoa que, ao lhe ser apresentada, desde logo grandemente nos impressiona pela força do seu olhar e faz sentir esquisitas sensações? Muitas vezes, em uma reunião, os olhos humanos são levados, atraídos irresistivelmente por outro humano olhar. Sem explicação, sente-se preso, e não consegue livrar-se dele. É a força do olhar. Pois bem, há o olhar que além de fixar e penetrar, consegue secar, paralisar e até matar (São Cipriano, p. 117, 2009).

França Neto (2014) assevera que, do ponto de vista morfolexical, há uma variação na passagem de *mau-olhado* (registrado no *Livro de São Cipriano*) para *olhado* (usado pelas rezadeiras e rezadores) – o que se confirma no léxico das benzedadeiras salinenses, já que a ocorrência da lexia *olhado* prevaleceu nas entrevistas. Essa mudança envolve a supressão do adjetivo *mau*, sem, contudo, alterar o sentido essencial da expressão. A lexia preserva a ideia de um olhar carregado de energia negativa, capaz de causar danos a outro ser. No imaginário descrito no Livro de São Cipriano, o olhar é visto como portador de uma força metafísica, expressa como "grande poder" ou "força magnética", capaz de "secar", "paralisar" e "matar". Para o mesmo autor, essa crença sobre a influência destrutiva do olhar permanece nas práticas orais, motivando rezas e fórmulas mágicas voltadas para curar os sinais físicos dessa energia prejudicial, ainda hoje interpretada como manifestações de doença.

Nos relatos das benzedadeiras salinenses, observa-se uma classificação dos tipos de olhado existentes, conforme o quadro 5.

Quadro 5 – Tipos de olhado

Lexia	Significado	Exemplo
<i>Olhado</i>	É usada como sinônimo de <i>quebrante</i> , referindo-se a um tipo de influência negativa causada pela simples observação.	<i>A mesma reza de quebranto é a de olhado</i> (BZD1-DOR64).
<i>Olho gordo</i>	É usada para descrever a inveja ativa, em que o emissor deseja o que é do outro, prejudicando-o energeticamente.	<i>É o olho gordo, olho grande, olho de inveja. A pessoa pensa: 'Isso podia ser meu'</i> (BZD3-MAR86).
<i>Olho grande</i>	É usada para destacar o desejo exacerbado de posse, com uma carga mais direta de ambição e cobiça.	<i>Olho grande é querer o que é do outro, como se não bastasse o que cê tem</i> (BZD3-MAR86).
<i>Olho bobo</i>	É usada para refletir uma forma leve e inconsciente de mau-olhado, na qual a pessoa não tem a intenção explícita de prejudicar, mas ainda assim afeta negativamente o alvo	<i>Um olho bobo pode secar uma planta ou fazer mal a uma criança</i> (BZD1-DOR64).

Fonte: autoria própria.

A partir dessa classificação, é possível notar como as variações lexicais espelham a complexidade das relações humanas e espirituais percebidas pelas benzedeadas, em que o olhar, em suas diversas formas, pode ter um impacto negativo na saúde e no bem-estar dos indivíduos. Logo, observa-se, por um lado, que essas práticas linguísticas nomeiam males e representam uma organização simbólica das relações sociais e espirituais da comunidade; e, por outro, a riqueza da oralidade e da vitalidade das práticas culturais e religiosas que permeiam as comunidades rurais de Salinas.

Com base nas considerações tecidas no capítulo teórico, os fraseologismos são combinações de palavras que possuem características como idiomaticidade, estabilidade e convencionalidade, além de não apresentarem significado correspondente à soma dos significados literais de suas partes constituintes. A partir disso, podemos analisar por que expressões apresentadas no quadro, como *olho gordo*, *olho grande* e *olho bobo*, podem ser classificadas como fraseologismos.

Conforme destacado, a idiomaticidade refere-se à divergência entre o significado literal das palavras e o sentido atribuído à expressão como um todo. No caso das lexias em tela, *olho gordo* extrapola o significado literal das palavras *olho* e *gordo*, representando a ideia de inveja ativa e prejudicial. Por sua vez, *olho grande* simboliza cobiça ou ambição exagerada, sem relação literal com um tamanho físico. Além disso, *olho bobo* descreve um mau-olhado

inconsciente, um conceito cultural e simbólico. Dito de outro modo, o significado das lexias não pode ser deduzido diretamente de suas partes constituintes.

Outrossim, os fraseologismos são unidades relativamente fixas, sendo reconhecidos e usados como blocos linguísticos nos contextos em que ocorrem. As lexias analisadas demonstram essa estabilidade, visto que usadas de forma convencional pelas benzedeadas, em contextos específicos de práticas culturais e espirituais. Ademais, a sequência das palavras não é facilmente alterada, mantendo-se como formas cristalizadas no uso cotidiano. Quanto à convencionalidade, as lexias são reconhecidas e compreendidas dentro da comunidade que utiliza o léxico das benzedeadas, indicando que o significado é compartilhado e entendido dentro de um contexto cultural.

Por fim, conforme os critérios teóricos, os fraseologismos estão incorporados no léxico de uma língua, refletindo o conhecimento e as práticas discursivas de seus falantes. Nesse contexto, as lexias em voga são parte do vocabulário cultural das benzedeadas e carregam significados ligados às crenças e práticas espirituais desse grupo.

4.7 Campos lexicais das benzedeadas

Os campos lexicais possibilitam compreender a organização do léxico dentro de uma língua e revelar como ele reflete a cultura e o pensamento dos falantes. Segundo Coseriu (1981), um campo lexical é formado por um conjunto de lexias que compartilham um conceito comum, ressaltando a interdependência entre as palavras e o contexto cultural em que estão inseridas. No caso das benzedeadas analisadas neste trabalho, o léxico se organiza para refletir crenças, valores e experiências comunitárias, isto é, o léxico espelha a forma como as mulheres benzedeadas entendem e lidam com questões de saúde e espiritualidade.

Com base nessa perspectiva teórica e nas lexias identificadas nas práticas de benzedeadas, é possível organizar algumas dessas palavras em campos lexicais que abrangem temas relacionados às práticas espirituais, doenças, plantas medicinais, rituais e sentimentos. Com isso, é possível observar as interconexões entre esses conceitos, bem como revelar como a linguagem expressa a cultura popular e religiosa por meio do uso de certas lexias.

Quadro 6 – Campo lexical das práticas e rituais religiosos

Lexias: *benzeção, conferência, devoção, missa, novena, oração, penitência, primeira comunhão, rezar, rosário, terço.*

Fonte: autoria própria.

Esse campo agrupa as palavras associadas às práticas religiosas e espirituais que as benzedeadas realizam e das quais participam, evidenciando a fé e a devoção na vida dessas mulheres. Desse modo, a frequência dessas lexias destaca que o léxico das benzedeadas está conectado aos ritos cristãos, sobretudo católicos.

Quadro 7 – Campo lexical de doenças e mal-estares

Lexias: *azia, bicheira, caroço, carne quebrada, cobreiro, deslocadora, dor de cabeça, dor de pontada, engasgação, espinho de cobra, espinhela caída, estancção de sangue, enxaqueca, fogo selvagem, impinge, inzipa, mal-estar, ofendido de cobra, olhado, quebrante, verme, verruga.*

Fonte: autoria própria.

Neste campo, encontram-se as lexias que nomeiam as enfermidades e desconfortos tratados pelas benzedeadas. Dessa maneira, tais lexias espelham a dimensão prática e curativa das benzeções, de modo que o léxico funciona como instrumento de nomeação da doença e de cura espiritual através de outras lexias que são invocadas nas práticas de benzeção.

Quadro 8 – Campo lexical de plantas medicinais e objetos rituais

Lexias: *alecrim, alfavaca, alfazema, artimijo, capiaçu, erva-cidreira, erva-doce, vassourinha, galho de pimenta, ramo, carvão, folha de tomate, cordão*

Fonte: autoria própria.

Esse campo destaca a utilização das plantas (das quais se extraem os ramos usados nas benzeções) e objetos simbólicos nos rituais de cura, como o carvão.

Quadro 9 – Campo lexical de sentimentos e estados espirituais

Lexias: *abatido, abrição de boca, alma pesada, ambição, arrepio, atentação, bravura, brubutando, carregada, corpo aberto, corpo fechado, depressão, devoção, espreguiçar, fé, mágoa, malvadeza, mortência, tribulação, usura.*

Fonte: autoria própria.

As lexias deste campo refletem os aspectos emocionais e espirituais que afetam os indivíduos e que são frequentemente tratados pelas benzeções, o que evidencia que as benzeções também atuam na dimensão psicológica e emocional dos enfermos.

Quadro 10 – Campo lexical de santos e entidades religiosas

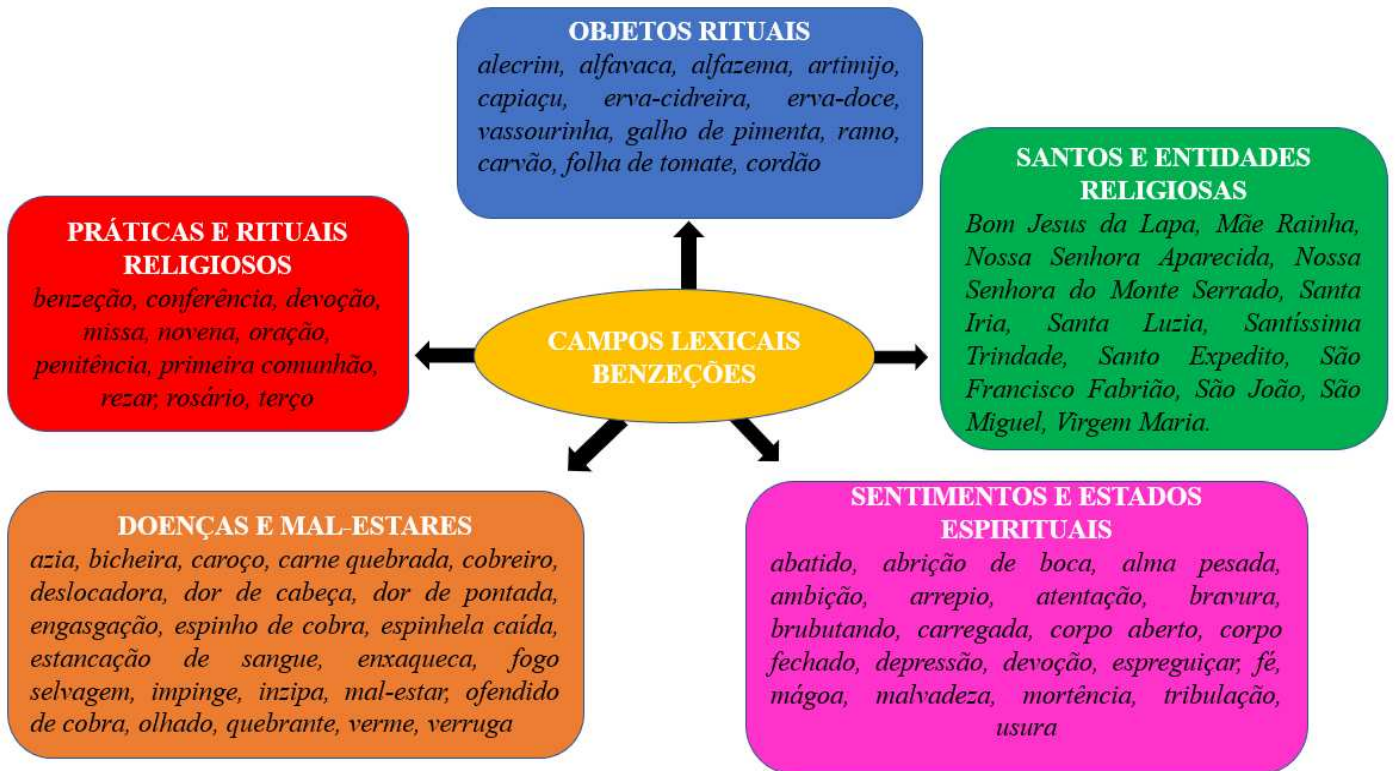
Lexias: *Bom Jesus da Lapa, Mãe Rainha, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Monte Serrado, Santa Iria, Santa Luzia, Santíssima Trindade, Santo Expedito, São Francisco Fabrião, São João, São Miguel, Virgem Maria.*

Fonte: autoria própria.

Esse campo reflete a devoção a santos e figuras sagradas, muito presentes nas práticas de benzeção. Nessa perspectiva, a invocação de nomes de santos mostra que o léxico usado nas rezas convoca o poder espiritual de santos para intervir nas curas.

A figura 4 sintetiza os campos lexicais e as lexias que compõem cada campo.

Figura 4 – Campos lexicais das benzeções



Fonte: autoria própria.

Com isso, cada campo lexical representa um componente das práticas de benzeção. Assim, reforça-se a interação entre linguagem e cultura como algo central na manutenção das tradições, uma vez que o léxico utilizado nas benzeções expressa a cura de enfermidades, bem como reforça a identidade cultural e religiosa do grupo.

4.8 A cultura das benzeções e das benzedeiros salinenses

Com base nas considerações feitas no capítulo teórico, em especial Ferraz (2006), que destaca como a análise do léxico permite identificar aspectos relevantes dos grupos sociais que o utilizam e manipulam, e de Biderman (1978), a qual aponta que qualquer sistema lexical representa a soma da experiência acumulada de uma sociedade e o patrimônio cultural que ela preserva, observa-se, na análise dos dados, que o léxico das benzedeiros é vasto, diversificado e reflete as práticas culturais das mulheres que praticam o ato de benzer.

4.8.1 Ramos e carvões nas práticas de benzeção

As práticas de benzeção em Salinas, conforme os relatos das entrevistadas, fazem uso de elementos naturais como *ramos* e *carvões*. Esses objetos, para as mulheres benzedoras, simbolizam proteção e purificação, bem como atuam como ferramentas rituais para identificar, neutralizar e transferir energias negativas. Nesse processo, destaca-se como a escolha dos ramos, a forma como eles são usados durante a benzeção e a observação dos carvões durante a prática espelham crenças culturais ricas na região. A partir das transcrições realizadas com as benzedoras da região, é possível entender como esses elementos possuem um papel importante na cultura de cura e proteção dos salinenses.

4.8.1.1 Os ramos na cultura das benzeções

O uso de ramos verdes nas rezas é comum nas benzeções. Nesse sentido, as benzedoras utilizam ramos para realizar sinais da cruz sobre o corpo da pessoa enferma ou afetada, visto que, para essas mulheres, eles possuem a capacidade de absorver o mal e canalizar energias negativas para fora do corpo. Somado a isso, o número três é associado ao uso dos ramos, de maneira a reforçar a simbologia espiritual, uma vez que o três remete à Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo. Uma das benzedoras afirma:

(14) *Eu rezo com três raminhos. No primeiro você faz o sinal da cruz e fala o nome da criança: 'Fulano, eu te benzo de quebrante e olhado, com os poderes de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado.' Ai você reza o Pai Nosso e oferece para o santo de sua devoção (BZD1-DOR64).*

(15) *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de erva-doce, um galinho de alfavaca, um galinho de erva-cidreira, que tem pessoas que gosta de benzer com galho de pimenta, aí já não é bom, porque o galho de pimenta se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo pela o olho (BZD6-DEL87).*

Como se pode observar em (14) e (15), a escolha dos ramos não é aleatória, de maneira que as benzedoras demonstram preferência por ramos frescos e verdes, que representam, em sua visão, a vida, a renovação e a capacidade de cura. Além do mais, há uma prevalência de uso de ramos que servem como plantas medicinais, como afirmado anteriormente.

Por outro lado, a crítica ao uso do *galho de pimenta* demonstra uma preocupação da benzedora com a energia que certas plantas podem carregar e a forma como a densidade do

mau-olhado pode desequilibrar essa energia. A pimenta, nesse contexto, é interpretada pela benzedeira como um elemento que pode ser perigoso quando usado incorretamente. Com efeito, a fala "*se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo pela o olho*" aponta que a pimenta pode amplificar ou desencadear uma reação espiritual indesejada, especialmente em casos de males intensos ou sobrecarregados de energia negativa. Dessa maneira, percebe-se que, nessa tradição, o uso inadequado de certos elementos componentes das benzeções pode colocar tanto a pessoa benzida quanto a benzedeira em risco.

Nessa mesma linha de raciocínio, além de serem usados durante a benzeção, os ramos também servem como ferramentas de diagnóstico. Ao final da reza, a benzedeira observa os ramos para identificar possíveis sinais de que o mal foi transferido para eles, haja vista que a aparência do ramo pode indicar se o problema foi curado ou se persiste. Um ramo que murcha rapidamente, por exemplo, é visto como um sinal de que ele absorveu a energia negativa que estava afetando a pessoa, como se pode verificar nos exemplos (16) e (17).

(16) Quando o ramo seca rápido demais, é porque ele tirou todo o quebrante que tava na pessoa. Aí você joga fora, de preferência em água corrente, pra levar o mal embora (BZD2-JOR83).

(17) Eu descobro porque na hora que eu tô com os ramo na mão, a minha mão treme, o sangue treme na veia, eu sei, eu sei e o sinal dá nos ramo, dá na hora (BZD13-ANA91).

Desse modo, observa-se como o mal pode, a partir da benzeção, tornar-se algo visível e tangível, capaz de se transferir de um corpo para outro e ser eliminado pela natureza e pela intercessão divina. Ainda nesse contexto, jogar os ramos em água corrente é uma prática comum entre as benzedoras, pois a água é vista por elas como um meio de purificação definitiva, que impede que o mal retorne à pessoa ou à benzedeira.

4.8.1.2 Os carvões na cultura das benzeções

Além dos ramos, o carvão é outro elemento natural utilizado pelas benzedeadas para identificar e combater energias negativas, sobretudo nas rezas de quebrante e olhado. Na benzeção, o carvão é colocado em água durante o ritual e observado atentamente para detectar

sinais da presença de mal espiritual. Quando o carvão afunda, isso é interpretado como um indicativo de que o indivíduo está sob influência de um mal ou energia negativa.

(18) *Você joga o carvão na água. Se ele ficar boiando, tá tudo bem. Mas se ele afundar, é sinal que tem quebrante ou olhado. Aí você tem que benzer mais vezes até o carvão parar de afundar (BZD2-JOR83).*

(19) *Rezo, de quebrante pode rezar com carvão também, com ramo e com carvão. Você pega e joga três brasinhas acesas dentro, aí de acordo com cê reza, se afundar os três, tá ruim; se afundar só um, é um homem; se for duas, é mulher (BZD1-DOR64).*

Nos relatos (18) e (19), nota-se como a prática de diagnóstico, por meio do simbolismo da leveza e da gravidade, é utilizada na cultura da benzeção. Isso porque o carvão, por ser um elemento leve, deveria naturalmente boiar e, quando ele afunda, é um sinal de que carregou um peso espiritual, identificando a necessidade de mais intervenções de benzimento.

Além disso, a fala da benzeadeira apresenta uma distinção interessante em relação ao número de carvões que afundam e como isso indica o gênero da pessoa que colocou o mau-olhado: “*Se afundar só um, é um homem; se for duas, é mulher*”. Mais uma vez, esse fato ratifica a importância da simbologia numérica na prática das benzeções, em que o número um está normalmente associado ao masculino e o dois ao feminino, na visão das benzeadeiras. Somado a isso, a divisão entre masculino e feminino também aponta que a forma como o mal se manifesta pode variar de acordo com o gênero, exigindo da benzeadeira uma abordagem específica em cada caso, reconhecendo que cada ser humano carrega consigo forças distintas que afetam o bem-estar de alguém.

Ainda em relação ao uso dos carvões nas benzeções, uma das benzeadeiras declara:

(20) *Sei se é homem ou se é mulher, porque cê sabe que do homem é mais forte, da mulher é mais fraco. Porque é, cê rezando cê sabe. O homem é mais forte assim, que o mal do homem é mais forte, da mulher é mais fraco (BZD13-ANA91).*

Diante disso, observa-se como a fala da benzeadeira denota uma percepção específica sobre gênero nas práticas de benzeção, uma vez que o mau-olhado emitido por homens é mais forte do que o emitido por mulheres.

É importante salientar que a distinção, conforme o relato, não se baseia em uma observação direta, mas na percepção espiritual desenvolvida pela experiência na prática

benzeção. A benzedeira afirma que experimenta uma diferença energética conforme o gênero do emissor do mau-olhado, sendo capaz de distinguir a origem do mal durante o ato de rezar. Dito de outro modo, na cultura das benzeções, é importante enfatizar a intuição e a experiência prática da benzedeira, na medida em que a dissonância entre o mal proveniente de um homem ou de uma mulher nem sempre é visível, mas sim percebido sensorialmente durante a reza.

De modo geral, a utilização de ramos e carvões reforça que existe uma cultura construída a partir dos saberes tradicionais das benzedeiros salinenses, de modo que esses elementos naturais são participantes ativos do processo de cura, com a capacidade de interagir com energias invisíveis.

4.8.2 A transferência do mal para a benzedeira

Na cultura das benzeções, um outro aspecto importante relacionado ao uso de ramos e carvões é a possibilidade de que o mal retirado da pessoa seja transferido para a própria benzedeira. De fato, muitas entrevistadas mencionaram que, após realizar muitas benzeções, sentem um cansaço espiritual e físico, como se o mal se alojasse temporariamente em seu corpo.

(21) *Quando a gente reza muito nos outros, a gente fica com aquela mortência no couro. Aí eu mesma tenho que ser benzida (BZD1-DOR64).*

De acordo com (21), o processo de cura é uma troca de energias, na qual a benzedeira atua como intermediária entre a pessoa enferma e as forças espirituais que trazem a cura. É interessante observar que os ramos e os carvões, nesse contexto, atuam como extensões da própria benzedeira, absorvendo temporariamente o mal para depois serem descartados ou, se houver uma sobrecarga espiritual muito forte, pode ser transferido para a pessoa que está realizando a benzeção.

Em outro momento das entrevistas, uma benzedeira relata:

(22) *Quando eu tô rezando aí meu filho fala: "Virgem Nossa Senhora, caça uma pessoa pra rezar nocê, caça uma pessoa pra rezar nocê, olha como é que cê ficou". Eu começo tremendo, tremendo, tremendo, tremendo e não é muito bom não, mas eu rezo. Eu sei. Eu aprendi. Não foi pra mim. Jesus veio ao mundo pra servir e não veio pra ser servido, eu também vim ao mundo pra servir e não pra ser servida. Porque se eu for servida, é bom. Se eu não for servida eu sirvo os outros, não é não? Se eu faço pelos outros, Deus faz por mim, é isso, nós troca em Jesus Cristo, não no povo aqui na Terra, nós troca em Deus. Se eu faço por ocê, Deus vem e faz por mim. Recebo de Deus a*

mesma coisa que eu fiz, né? Graças a Deus, é felicidade, ainda tá viva, ainda tá viva (BZD13-ANA91).

Observa-se, em (22), um comportamento altruísta em relação à prática da benzeção, pois, mesmo que reconheça o desgaste físico e emocional que a atividade lhe causa – evidenciado pelo tremor e pelo mal-estar após cada ritual –, a benzedeira reforça que nunca recusa realizar a reza, justificando sua atitude por meio de uma visão religiosa baseada no exemplo de Jesus Cristo, com quem a benzedeira se compara em relação ao seu ofício.

Nesse diapasão, a descrição do tremor e do desconforto físico explicita que a prática da benzeção implica custos espirituais e corporais para a benzedeira, posto que o mal transferido da pessoa benzida pode ser absorvido por quem realiza a benzeção. Ainda, apesar de ser alertada sobre a necessidade de buscar alguém para benzer seu próprio mal, a benzedeira prioriza o serviço aos outros. Assim, reforça-se a ideia discutida no capítulo teórico de que as benzeções não são serviços ofertados para a obtenção de lucro, mas sim um auxílio espiritual, que transcende as relações humanas e é visto como uma oferta a Deus, em uma relação de reciprocidade.

4.8.3 Responsabilidade na transmissão da palavra sagrada

Todas as benzedeiros entrevistadas, em algum momento da entrevista, compartilharam as benzeções que conheciam, porém duas chamaram atenção ao preferirem não verbalizar as rezas por considerá-las muito fortes e perigosas quando usadas de modo inadequado. Veja-se, em (23) um relato a respeito da *benzeção de arma de fogo*, capaz de inativar qualquer arma diante de uma situação de perigo, conforme o relato de (BZD5-MAR90).

(23) PARTICIPANTE: *Sei, mas essa eu não ensino ninguém, não. Perigosa. Não pode espalhar, não. Não posso falar, não.*

ENTREVISTADOR: *E serve pra quê?*

PARTICIPANTE: *Pra arma não dar fogo. É moço, é. Com fé em Deus, se falar essas palavra três vezes, oh, meu Deus, a arma não dá fogo de jeito nenhum.*

ENTREVISTADOR: *Tá certo. E a senhora já rezou alguma vez em arma?*

PARTICIPANTE: *Eu já, mas, oh, gente, o marido meu me ensinou, foi ele que me ensinou, né? Porque eu não sabia dessa reza, não. Depois, ele me ensinou e eu fiquei sabendo.*

Em face desse relato, é demonstrada pela benzedeira uma perspectiva muito interessante das práticas de benzeção em relação ao poder da palavra e da fé. No discurso da entrevistada, percebe-se a possibilidade de “travar” uma arma de fogo por meio de uma reza, mostrando que as benzeções vão além da cura física e emocional – no caso analisado, estendendo-se ao campo da proteção.

Frente a isso, a benzeção de armas de fogo, no imaginário das benzedeiros, indica que a palavra tem o poder de interferir na matéria, podendo agir sobre objetos que representam perigo, neutralizando forças destrutivas e protegendo contra a violência. Nesse contexto, a arma, que pode ser vista como um símbolo de agressão, pode ser controlada por meio da palavra sagrada, repetida três vezes.

Quando a benzedeira destaca “com fé em Deus, se falar essas palavra três vezes, oh, meu Deus, a arma não dá fogo de jeito nenhum”, ela evidencia sua crença de que a eficácia da benzeção não depende somente da fórmula verbal que é proferida, mas também – e, talvez, principalmente – da fé depositada nessa reza. Isto é, a palavra sagrada, quando enunciada com fé, interfere no funcionamento da arma e impede que o disparo aconteça.

Acrescenta-se que a benzedeira expressa, ainda, uma preocupação com o sigilo desse tipo de reza, afirmando que “não pode ensinar” e que essa prática “não pode ser espalhada”, atitude a qual revela que nem todo conhecimento é acessível ou deve ser compartilhado indiscriminadamente. Acerca disso, Lara define o tabu verbal como um fenômeno social e psicológico que se baseia na crença de que certos animais, plantas, objetos e até pessoas possuem uma relação simbólica com os vocábulos que os representam. Assim, pronunciar esses termos seria proibido, sob o risco de punições ou danos para quem os verbalizar. Para o autor, se as palavras compartilham da natureza daquilo que significam, então possuem poder mágico, por exemplo, se a palavra *diabo* é pronunciada, seu efeito imediato é a invocação do próprio Diabo; se, para o povo judeu, não se deve invocar o nome de Deus em vão, era necessário encontrar outra forma de se referir a ele: *Aquele que é*, Yahvé (Lara, 2006, p. 214).

Nesse sentido, a discussão apresentada por Lara sobre o tabu verbal e os eufemismos encontra um paralelo interessante com (23), em que a benzedeira se recusa a ensinar ou proferir uma benzeção por considerá-la perigosa, o que evidencia o poder simbólico das palavras em contextos culturais específicos e como sua pronúncia pode ser vista como um ato de invocação

ou materialização de forças que escapam ao controle humano. Isso ocorre porque a benzedeira acredita que a reza para impedir que uma arma dispare possui um poder intrínseco tão forte que sua repetição ou ensino pode trazer riscos, denotando a ideia de que, em certos contextos, as palavras não são apenas meios de comunicação, mas entidades performativas, capazes de gerar efeitos reais no mundo.

Ao longo das entrevistas, as benzedeiros relatam que aprenderam a benzer com seus antepassados, e que, apesar de estarem disponíveis para ensinar e repassar essas rezas a quem quer que seja, essa é uma prática que tem se tornado escassa, tendo em vista que as gerações atuais não têm demonstrado tanto interesse em aprender as benzeções, como se observa no trecho de (BZD1-DOR64).

(24) ENTREVISTADOR: *É. É verdade. A senhora já ensinou as suas benzeções pra alguém? Já passou pra frente?*

PARTICIPANTE: *Tô querendo, mas o povo hoje não tá querendo aprender.*

ENTREVISTADOR: *Não quer aprender.*

PARTICIPANTE: *As coisas boas de antigo, não, viu? Muito difícil.*

Retomando o sigilo demonstrado na reza de arma de fogo, percebe-se que certos saberes são reservados para situações específicas e devem ser transmitidos com grande cuidado. Com efeito, a decisão de não divulgar a reza reflete um sentimento de responsabilidade ética e uma estratégia para evitar o uso indevido do conhecimento.

Portanto, nota-se que as práticas de benzeção não se resumem a um conjunto de orações proferidas aleatoriamente, mas envolvem também um conjunto de valores que orientam o comportamento da benzedeira.

Outra benzeção, nos relatos das benzedeiros, com a qual se deve ter cautela é o *ofendido de cobra*. Veja-se o excerto (25):

(25) ENTREVISTADOR: *Uhum. Certo. Tem alguma, essa eu acho que a senhora já respondeu, se tem alguma reza que a senhora queria ter aprendido e não aprendeu?*

PARTICIPANTE: *Tem, tem várias, né? Várias rezas, igual a de fogo, tem a de cobra. Só que é de cobra eu nunca rezei, e nem me arrisco a rezar.*

ENTREVISTADOR: *De cobra é o que que a senhora fala?*

PARTICIPANTE: *De ofendido. Eu não arrisco rezar, porque ela se errou, pronto. E é umas palavras tão esquisita.*

ENTREVISTADOR: *De cobra, a senhora fala o quê? Pra matar a cobra?*

PARTICIPANTE: *Não, se a pessoa for ofendido, como se a cobra pica uma pessoa. For ofendido. É. Essa é umas palavras muito assim, eu não sei. Ela, ela, ela é assim, eu sei ela mais ou menos, só que eu nunca rezei e não rezo, não, porque eu tenho medo. Diz que é uma das orações mais fortes que têm.*

ENTREVISTADOR: *Uhum.*

PARTICIPANTE: *É. Ela fala assim: "Eirio, eiroio, eirana, sapaitiana", as palavras são mais ou menos essas.*

ENTREVISTADOR: *É muito difícil.*

PARTICIPANTE: *É muito difícil, aí se encruza os dedo e fala: "Eirio, eiroio, eirana, sapaitiana", aí rezou as três vezes, se vem no Creio em Deus Pai e reza "até está sentando", cê não pode falar "a mão direita".*

ENTREVISTADOR: *Hum.*

PARTICIPANTE: *Aí cê só pode terminar a rezar o Crem em Deus Pai depois que o ofendido tá bem. O final, padrinho rezava se errasse, cê errou, cê começa de novo; se tornou errar, cê começa de novo. Se ocê errou as três vezes o fendido não tem cura, não. É por isso que eu não eu rezo, eu tenho muito medo. É uma coisa que é responsabilidade, né? É, eu tenho muito medo. Igual o médico perder uma pessoa. É, essa eu não rezo, não. Eu aprendi, eu aprendi, eu sei ela, mas eu não rezo, não. Eu tenho muito medo. Umas palavra esquisita, né?*

Mais uma vez, a decisão da benzedeira de não realizar a oração, apesar de conhecê-la parcialmente, evidencia um medo devido à dificuldade da execução e as possíveis implicações envolvidas na realização incorreta da benzeção. Face ao relato, nota-se que a reza contra picada de cobra é considerada uma das orações mais fortes e difíceis de aprender e executar, em função da natureza incomum das palavras utilizadas, que não pertencem ao léxico cotidiano: “é umas palavras tão esquisita [...] ‘Eirio, eiroio, eirana, sapaitiana’” (BZD10-EST72). A partir desse trecho, pode-se observar dessa estrutura linguística que as benzeções estão ligadas à oralidade tradicional, sendo transmitidas de forma oral e com pouca ou nenhuma documentação escrita. Desse modo, a memorização e a repetição exata das palavras são essenciais, e qualquer erro pode comprometer o resultado, o que contribui para o receio da benzedeira.

De igual modo, a benzedeira mostra-se preocupada com a responsabilidade envolvida na execução da reza, reconhecendo que um erro durante o ritual acarreta consequências graves

e irreversíveis: "se errou as três vezes o fendido não tem cura, não." Nesse sentido, a responsabilidade é comparada à de um médico, que pode perder uma vida em caso de falha, pois, assim como o médico tem a responsabilidade de salvar vidas, a benzedeira também sente o peso de garantir a cura espiritual (e física, no caso da picada de cobra) da pessoa que lhe procurou para benzer.

4.8.4 As benzeções e a proteção

Em determinados momentos das entrevistas, foi possível notar como as benzedeiiras associam as benzeções à proteção pessoal de quem é benzido. Um exemplo disso é a prática de benzer cordões, que demonstra como o uso de objetos tangíveis é carregado de significados espirituais e simbólicos. Observe-se o relato de (BZD13-ANA91):

(26) PARTICIPANTE: *Eu tô rezando no cordãozinho de uma pessoa: "Eu falo: Você não deixa ninguém pegar no cordãozinho". Essa menina que mora ali em riba, lá não sei onde aquele lugar que ela trabalha pra lá, ela mandou, meu pai mandou eu vir aqui, mandou fazer uma oração pra ela e eu fiz. "Mas, filha, eu só não posso mandar e nem posso te entregar, só posso pôr na mão dela". Mas tem uma oraçãozinha que eu faço e dou à pessoa, pra pessoa não...*

ENTREVISTADOR: *A senhora faz no cordão, é?*

PARTICIPANTE: *No cordãozinho e tem que por esse cordãozinho onde é que ninguém não pega.*

ENTREVISTADOR: *A senhora faz com que esse cordão?*

PARTICIPANTE: *Eu faço um cordãozinho, qualquer um cordãozinho. Eu faço uma oração num cordão, ali perto da pessoa, porque o que eu tenho devoção é com São Miguel, eu tenho só com os anjos e os o anjos tem, São Miguel tem o combate, né? Ele combate tudo que vem, tudo que vem ele combate, que gente dele até nas oração deles que ele tá falando, que ele combate. Então eu faço aquelas oração e envio pra um e envio pra outro, envio pra outro, mas tudo, deu tudo certo, tem pessoa que tá só me agradecendo, só me agradecendo, só me agradecendo por causa disso, das oração. As oração é oração que eu faço com muita fé, eu faço e eu rezo aquelas oração, dou três nozinho no cordão e dou à pessoa. Eu falo: "Você não pode, não pode deixar uma pessoa pegar". Eu fiz uma oração pra uma mulher em São Paulo, em Osasco, que ela pediu pra fazer, eu fiz então tô contando procês, quando foi, eu mandei pra ela, não sei o que que ela fez lá com essa oração, ela recebeu, mandou falar pra mim que ela recebeu, tava muito alegre, daí três dias ela apareceu debaixo do meu travesseiro, ela fogue.*

Se você deixa uma pessoa pegar nela, ela foge. Ela não fica com você, ela veio pra debaixo do meu travesseiro, quando eu olho pro travesseiro, eu olho ela debaixo.

À luz de (26), a benzedeira descreve a prática de rezar sobre um cordão para entregá-lo à pessoa como forma de proteção contínua, demonstrando que a benção pode ter resultados também a longo prazo. Dessa maneira, o cordão, na tradição analisada, atua como um canal de energia espiritual, que está, após ser benzido, impregnado pela oração e pela fé da benzedeira.

Além disso, a benzedeira enfatiza uma característica da prática que é a regra de exclusividade sobre quem pode tocar o cordão, revelando que o cordão, uma vez benzido, carrega uma energia pessoal e intransferível, que pertence exclusivamente à pessoa para quem foi destinado. Além do mais, a interferência de outra pessoa pode quebrar o vínculo espiritual e comprometer a proteção que o objeto oferece.

Assim como as demais benzedeiros, que pontuam sua devoção em algum santo no qual depositam suas benções, a entrevistada destaca que sua devoção é especialmente orientada a São Miguel Arcanjo, conhecido por seu papel de guerreiro espiritual e protetor contra as forças do mal. Em acréscimo, a menção ao combate espiritual, na figura de São Miguel, reforça a ideia de que o mal é uma presença constante, contra a qual a proteção deve ser renovada e mantida – motivo pelo qual o cordão torna-se um instrumento de defesa espiritual contínua, cuja força reside na fé e na devoção da benzedeira e da pessoa que o recebe.

De mais a mais, o relato sobre o cordão que retorna ao travesseiro da benzedeira demonstra que a eficácia da benção dependeria da observância da instrução (não permitir que um terceiro toque o cordão). Com isso, quando essa instrução é violada, e o cordão volta para a benzedeira, percebe-se que, na cultura das benções, o poder espiritual é dinâmico e que existe uma responsabilidade espiritual da benzedeira, recebendo de volta o item que foi por ela abençoado. Por fim, a benzedeira enfatiza que as pessoas que a procuram expressam gratidão pelo sucesso das orações, deixando evidente que sua prática é reconhecida e valorizada pela comunidade em que atua.

Em outro momento das entrevistas, outra benzedeira narra um episódio sobre a oração de Nossa Senhora do Monte Serrado, em que ela evidencia sua crença no poder protetivo das orações. Na narrativa, a benzedora demonstra como a oração, quando carregada junto aos pertences da pessoa, é vista como uma barreira contra situações de perigo, reforçando a importância da fé, da devoção e da materialização do sagrado por meio da palavra escrita, conforme relata a participante (BZD10-EST72), em (27).

PARTICIPANTE: *Eu tenho a oração nossa senhora do Monte Serrado. É uma oração muito boa, essa eu tenho ela em cópia.*

ENTREVISTADOR: *Ela serve pra quê, dona Maria?*

PARTICIPANTE: *Ela serve pra defender ocê do perigo, né? Igual o X mesmo, finado X, uma vez ele viajou, que queimou tudo as coisa, que o homem pegou fogo e queimaram tudo. Então não morreu uma pessoa, ele tava com a oração dentro dos documentos. Na carteira de trabalho e a oração dentro do documento dobradinha. Aí depois pegou fogo e só viu o povo chorando, chorando, chorando, todo mundo chorando que só ficou com a roupa do corpo, né? Aí a policial ciscando, achou os documento dele perfeito, porque tava oração ali.*

ENTREVISTADOR: *Hum, não queimou?*

PARTICIPANTE: *Não queimou nada. Então ela defende, né?*

ENTREVISTADOR: *Uhum.*

PARTICIPANTE: *Ela defende a pessoa, a pessoa que bem souber anda com ela na carteira, a cópia dela na carteira, né? Porque ela protege a pessoa, é uma oração muito boa, é oração de Nossa Senhora do Monte Serrado, então era bom demais.*

Como se observa em (27), a benzedeira destaca que a oração de Nossa Senhora do Monte Serrado tem a função de proteger contra perigos concretos. Para justificar isso, é relatado o episódio de um incêndio em que, embora o fogo tenha destruído quase tudo, a oração guardada nos documentos permaneceu intacta, o que foi interpretado pela benzedeira como um sinal da intervenção divina. Além disso, o fato de não haver vítimas e de os documentos terem sido preservados reforça, na visão da entrevistada, a capacidade da oração de afastar danos.

De maneira similar ao que foi descrito sobre o cordão por outra benzedeira, a prática de carregar a oração escrita nos documentos mostra a crença de que o sagrado pode ser materializado em objetos físicos e que essa presença contínua é essencial para garantir proteção. Nesse sentido, a oração dobrada junto aos pertences pessoais funciona, assim como o cordão, como um amuleto espiritual que age de forma invisível e constante para proteger a pessoa de situações inesperadas, como o acidente narrado.

Somado a isso, é possível apontar, novamente, o destaque para o fato de a proteção depender da fé e da devoção de quem carrega a oração. A expressão “a pessoa que bem souber”,

no relato da benzedeira, evidencia que a eficácia da oração está ligada ao respeito e ao zelo com que é tratada.

Em vista disso, tanto nos relatos do cordão e da oração, percebe-se uma relação de reciprocidade espiritual, já que, para as benzedeiças, o poder da oração é ativado quando a pessoa demonstra fé e obediência em relação ao objeto sagrado, de maneira que a proteção divina é um ato de intervenção e uma recompensa pela devoção do indivíduo.

4.8.5 Benzeção em animais: engasgação

Uma das lexias levantadas na pesquisa e relacionadas à cultura das benzeções é a *engasgação*, que, apesar de ser feita em humanos, é praticada principalmente em animais. Os relatos das benzedeiças sobre a benzeção de animais explicitam a extensão do cuidado espiritual a todos os seres vivos, que não se limita apenas a seres humanos, mas inclui também animais domésticos e de criação, na medida em que a saúde e o bem-estar dos animais são parte da vida comunitária.

Com isso, conforme relatado abaixo, as benzeções em animais, como porcos, vacas e cachorros, ratificam que as orações também respondem às necessidades da vida rural – sem muitos recursos e pouco acesso a cuidados veterinários. Vejam-se os relatos (28), (29) e (30).

(28) (BZD10-EST72): *Já. Cachorro, vaca, gente, tudo já benzi, porco. Tudo já benzi.*

ENTREVISTADOR: *Porco também?*

(BZD10-EST72): *Porco. Uma vez engasgou uma porca de Carequinha, bem ali no fundo do quintal: “Essa porca tá lá morrendo”. Eliane: “O que eu faço?”. “Pode deixar”. Aí eu fui lá, rezei. Aí voltei, aí daqui eu tornei rezar. Noutra dia a porca amanheceu sãozinha.*

(29) (BZD9-NEN76): *De engasgação, filho, eu já benzi em criação. Um dia uma vaca até da minha irmã comeu as mangas, e aí engoliu uma manga e aí passou: “Oh, minha filha, olha com o que a vaca tá aí, naquela ânsia, naquela ânsia, como é que faz, minha filha? E pai não fazia reza de engasgação, não, de engasgação ele não sabia reza, não. “Pois sim, minha filha, vem aqui procê ter que coisar”. Rapidinho eu fiz um benzimento, perguntei: “Oh, pai, a vaca é mansinha?” Ele disse: “Eu levo o cordãozinho e ponho no pescoço dela”. Rapidinho pai pois, depois a vaca deu aquela tosse, afundo, quando ela tossiu a manga foi jogada na hora, desengasgou na hora.*

(30) (BZD10-EST72): *A de engasgação é mais difícil, mas só que com fé em Deus, desengasgo qualquer pessoa, nem só pessoa, qualquer vivente. Esses tempo, Lourinha, a vaca engasgou lá, a melhor vaca que ela tinha, boa*

leiteira. Aí ela ligou praqui: “Oh, Maristela, pelo amor de Deus, minha vaca tá engasgada, a vaca melhor que eu tenho. E como é que eu vou fazer? E vai morrer porque tá engasgada e não desengasga, não”. Aí eu falei: “Tá bom, Loura, pode deixar, daqui meia hora ela, ela tá desengasgada”. Rezei na vaca. Não levou meia hora, ela ligou, falando que a vaca tinha desengasgado.

É oportuno destacar como os exemplos (28), (29) e (30) destacam a confiança das benzedeadas na eficácia das suas rezas, mesmo diante de situações difíceis, como animais engasgados. Quando uma delas afirma: “a de engasgação é mais difícil, mas só que com fé em Deus, desengasgo qualquer pessoa, nem só pessoa, qualquer vivente.” (BZD10-EST72), é revelado que o ato de benzer depende da fé em Deus, que é vista como a verdadeira fonte de cura. Isso é importante porque, na cultura das benzeções, a mesma confiança é aplicada em seres humanos e em animais, salientando uma visão espiritual inclusiva, para a qual todos os seres vivos são dignos de cuidado e proteção divina.

Nessa mesma perspectiva, a cura de animais, conforme os excertos, reflete a importância econômica dos bichos na vida das comunidades rurais salinenses. As vacas leiteiras e os porcos, por exemplo, são fundamentais para a subsistência, e sua morte poderia prejudicar as famílias que deles dependem para sua alimentação e obtenção de lucro.

Além disso, a benzeção em animais demonstra a solidariedade e a prontidão das benzedeadas, que se dispõem a ajudar sempre que são chamadas, mesmo quando o problema envolve seres não humanos. Com efeito, o fato de atenderem a pedidos urgentes, como o caso da vaca engasgada, deixa clara a responsabilidade espiritual e comunitária que essas mulheres assumem.

Ademais, em um dos relatos, a benzedeadora menciona novamente o uso de um cordão colocado no pescoço da vaca, evidenciando, mais uma vez, a materialização da reza em objetos que servem para a proteção e a cura.

Por fim, nota-se que, na cultura das benzeções, todos os seres vivos merecem cuidado espiritual, fato que demonstra que a proteção e a cura não são exclusivas às pessoas, haja vista que cuidar de um animal é também cuidar da harmonia da comunidade em que a benzedeadora vive – papel que ela assume ao se dispor na sociedade como benzedeadora.

4.9 Benzeções recorrentes no léxico das benzedeadas

A relação entre linguagem, cultura e religiosidade popular, como destacada pelos estudos de Duranti (2000) e Eagleton (2005) mencionados no capítulo teórico, é central para

compreender práticas sociais como as benzeções. Tais práticas são preservadas principalmente por meio da oralidade e refletem uma forma de conhecimento popular enraizado na vivência comunitária e nas tradições religiosas. A linguagem, nesse contexto, além de ser um meio de comunicação, atua como instrumento de mediação cultural e espiritual.

Com isso, o léxico utilizado nas benzeções possibilita observar como valores e crenças são mantidos e transmitidos ao longo das gerações, fortalecendo a identidade cultural de uma comunidade. Na região rural de Salinas-MG, a partir das entrevistas coletadas, evidencia-se a integração entre linguagem e cultura, conforme discutido nas teorias de Biderman (1978), de maneira que o léxico das benzeções reflete o universo religioso, as necessidades cotidianas e a realidade vivida pelos falantes, que enfrentam dificuldades econômicas e acesso limitado aos serviços de saúde.

Assim, a partir de Biderman (1978), é possível observar que, no léxico das benzeções, as palavras, enquanto expressões culturais, são utilizadas não apenas para nomear e descrever as doenças contra as quais as benzedeadas atuam, mas também para invocar cura por meio da fé e restaurar o equilíbrio das pessoas e da comunidade.

Além das benzeções já mencionadas e analisadas neste trabalho – como o *mau-olhado*, *a espinhela caída*, *arma de fogo*, *ofendido de cobra*, entre outras –, também ganharam destaque nas entrevistas as rezas de *azia*, *bicheiro*, *carne quebrada*, *cobreiro*, *dor de cabeça*, *dor de pontada*, *engasgação*, *estancação de sangue*, *fogo selvagem e inzipa*, mostrando um sistema de crenças reveladoras da cultura das mulheres entrevistadas por meio dessas lexias e de outras enunciadas nas benzeções.

4.9.1 Azia

De acordo com o dicionário Houaiss, a *azia*, no contexto biomédico, refere-se a uma sensação de queimação no estômago que pode se estender até o esôfago, geralmente causada por refluxo ácido ou problemas digestivos. Na cultura das benzeções, porém, essa condição é interpretada como um desequilíbrio espiritual que pode ser tratado por meio da fé.

(31) (BZD1-DOR64): *A oração de engasgação é: "Santa Iría tinha três fia. Uma cozia, a outra lavava e a outra rezava de azia, com os poder de Deus e da Virgem Maria". E tira para o mal sagrado, cê reza três vezes essas mesmas palavras e oferece para o santo de sua devoção. Porque muitos têm devoção por Nossa Senhora, outros é com Santa Luzia, outros é com Jesus Misericordioso, Bom Jesus da Lapa, né? E a minha santa preferida é Nossa*

Senhora Aparecida, que me livrou até de atenção quando eu era pequena, né?

Analisando o exemplo (31), a benzeção contra a azia reforça a crença de que certos desconfortos físicos exigem intervenção espiritual, além dos cuidados médicos tradicionais, por serem manifestações de um desequilíbrio mais profundo, associado, conforme a benzedeira, ao “mal sagrado”.

A reza narrada pela benzedeira evoca uma santa e suas três filhas – “Santa Iría tinha três fia. Uma cozia, a outra lavava e a outra rezava de azia, com os poder de Deus e da Virgem Maria” (BZD1-DOR64) –, ressaltando, ao final da benzeção, que a eficácia do ritual também depende da devoção pessoal e da conexão espiritual com um santo específico. Desse modo, a benzedeira menciona que cada pessoa pode ter uma devoção diferente, como Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, relação importante para a cura da pessoa enferma, já que é uma troca entre o devoto e seu santo de devoção.

4.9.2 Bicheira

A *bicheira* é uma doença comum em animais, caracterizada, conforme o dicionário de Chernoviz, pela infestação de larvas de moscas em feridas abertas, podendo levar à morte do animal infectado. Embora existam tratamentos veterinários, como o uso de medicamentos receitados conforme o caso, em comunidades rurais como as de Salinas, devido à escassez de acesso a esses procedimentos formais, as benzedeadas oferecem uma alternativa espiritual para a cura da bicheira, conforme (32) e (33).

(32) (BZD11-ZIZ64): *Bicheira é quando dá bicho né, dá bicho e a gente reza e os bichos cai tudo. Muitas vezes, não precisa passar remédio, né? Os bichos caem com a oração.*

(33) (BZD13-ANA91): *A oração de bicheira é que eles reza lá, até os bichos, tem não sei quantos, perdi agora as contas, três vezes, e fala: "Com os poder de Deus e da Virgem Maria". E agora quando você pegar, cê fala: "Bicho, bicharia, nessa bicheira não fica mais nenhum bicho", Põe uma pedrinha e bate três vezes, cê vai batendo e os bicho vai caindo, caindo, caindo, vai caindo um monte lá no chão pra pessoa olhar.*

Os relatos (32) e (33) das benzedeadas evidenciam que a oração tem o poder de expulsar as larvas, promovendo a cura de forma quase milagrosa. Uma das benzedeadas explica que “os bichos caem com a oração”, de modo a indicar que a fé é suficiente para resolver o problema.

Com isso, ratifica-se a ideia de que, na tradição das benzeções, a cura espiritual é, em muitos casos, mais eficaz do que tratamentos médicos, na medida em que os “bichos”, no contexto analisado, são vistos como um mal espiritual que precisa ser removido pela força da palavra sagrada e pela intervenção divina.

No que tange aos ritos dessa benzeção, observam-se o ato de bater uma pedra três vezes e a repetição da oração em três ciclos, número recorrente e simbólico nas práticas religiosas, associado à Santíssima Trindade. Além disso, a batida da pedra acompanha as palavras, de modo a intensificar o poder da oração e materializar a ação espiritual no mundo físico.

Em linhas gerais, a reza de *bicheira* denota a cultura das comunidades rurais de tratar o bem-estar animal a partir da religiosidade. Para as benzedeadas, o ato de benzer animais e curar a *bicheira* é visto como um meio de manter o bem-estar de sua comunidade, que depende desses animais para sua subsistência.

4.9.3 *Carne quebrada*

A lexia *carne quebrada* refere-se, no contexto popular, a situações em que a pessoa sofre ferimentos, deslocamentos de membros, nervos ou lesões físicas, como torções ou luxações. Na cultura das benzeções, essa condição é tratada também como um desequilíbrio espiritual que pode ser restaurado por meio da reza, como é possível observar em (34) e (35).

(34) (BZD9-NEN76): *Se faz a reza de deslocadura, cê pega uma linha com agulha ou três palitinho de pau, e cê faz como cê tava costurando, né? "Carne quebrada, nervo torto, osso vendido, veias arrebentadas e assim mesmo eu corro". Que nem cê tá contornando e falando tornando a falar, e pergunta ao doente que tá com a perna machucada: "O que cose?". O doente fala assim: "Carne quebrada". Se responde de novo: "Carne quebrada, nervo torto, osso vendido, veias arrebentadas e assim mesmo eu coso".*

(35) (BZD10-EST72): *E a de carne quebrada também é muito boa. Eu rezo ela demais aqui, rezo até... X ali é só doer, ela já manda X falar "que reza nele, que eu tô morrendo, aí eu rezo. A de carne quebrada é assim, cê chega na pessoa se machucou o pé, que seja o pé, que seja a mão que deslocou. Aí cê pega três torrãozinho do lado, pega um, dois, três, aí cê vai e fala assim na pessoa: "Fulano, eu te benzo de carne quebrada, ouço rendido, nervo torto, veias arrebentadas, esse mesmo eu coso, com os poder de Deus e da Virgem Maria". Torna pegar o outro torrãozinho: "Fulano, eu te benzo de carne quebrada, ouço rendido, nervo torto, veias arrebentadas, esse mesmo eu coso, com os poder de Deus e da Virgem Maria", as três vezes e aí cê reza o Pai Nosso.*

A benzeção de *carne quebrada* envolve uma oração específica, gestos simbólicos e o uso de objetos, como torrões de terra, agulha e linha ou palitinhos de madeira. Essa reza segue uma estrutura repetitiva: “carne quebrada, nervo torto, osso vendido, veias arrebetadas, e assim mesmo eu coso, com os poder de Deus e da Virgem Maria”, imitando o ato repetitivo de costurar, como se o corpo fosse reparado pela força da palavra e da fé, restaurando a carne que está ferida (quebrada).

Outra característica dessa benzeção é a interação com a pessoa benzida, em que a benzedeira pergunta ao enfermo qual é a sensação que ele tem no local ferido e, quando o doente responde "carne quebrada", a benzedeira repete a expressão na oração. Assim, vê-se que as benzedeiros atuam como intermediárias entre o corpo ferido e a espiritualidade, utilizando seu conhecimento da reza e os gestos simbólicos que dominam para restaurar o equilíbrio da pessoa.

4.9.4 *Cobreiro*

O *cobreiro* (ou *cobrelo*, conforme os dicionários), conhecido na medicina como herpes-zóster, é visto na cultura das benzeções como uma enfermidade que não pode ser completamente curada pela medicina e precisa ser tratada por meio da fé e das orações.

(36) (BZD1-DOR64): *E têm coisas que o médico não cura, igual cobreiro. Cobreiro o médico não cura, não.*

(37) (BZD3-MAR86): *Pra rezar, tem a reza, né? E o cobreiro é aquele que espalha, que se deixar topar no couro ele galopa, né? Se tem de rezar nele antes dele encontrar, que ele espalha, conforme for, assim, se ele estanhar, se não pode estanhar e topar, né?*

(38) (BZD9-NEN76): *De cobreiro se reza assim: “Santa Iria tem três fia, uma reza de cobreiro, a outra de impinge, a outra de fogo selvagem”. Você tem que rezar três vezes e oferece pra santa Iria, reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois que você faz a sua oração.*

Como se observa em (36), (37) e (38), a agressividade do *cobreiro* é destacada pelas benzedeiros, que o descrevem como uma doença que "galopa" e se espalha rapidamente pelo corpo. Para elas, é essencial realizar a oração antes que a doença "toque no couro", evitando que ela se espalhe de forma incontrolável.

A benzeção para o *cobreiro* é vinculada à devoção a Santa Iria, que protege contra diferentes doenças espirituais, por meio da repetição da oração três vezes e a recitação de um Pai Nosso e uma Ave Maria.

O *cobreiro*, desse modo, é tratado pelas benzedeadas como um mal que vai além do corpo físico, e essa crença na limitação da medicina e na força da intervenção divina ressalta o papel das benzedeadas nas tradições das comunidades rurais de Salinas.

4.9.5 *Dor de cabeça e dor de pontada*

A dor de cabeça é uma enfermidade recorrente entre as pessoas, de modo que muitas delas buscam as benzeções como forma de tratamento. Uma das benzedeadas relata uma experiência em que ela mesma foi benzida e, na benzeção, um litro de água foi colocado sobre sua cabeça, simbolizando a limpeza espiritual e a remoção do mal-estar:

(39) (BZD5-MAR90): *Eu rezo, quando o povo pede pra rezar, eu rezo, que eu não nego, não. A gente não pode negar as palavras de Deus, não. Eu rezo de dor de cabeça e tem oração que eu rezo na cabeça da pessoa, depois que eu rezo de dor de cabeça, eu rezo uma oração na cabeça da pessoa. "Da claridade da Santíssima Trindade. Assim como essas palavras são certas e são a verdade, é de tirar vento e ar e enxaqueca e dor de cabeça".*

(40) (BZD5-MAR90): *Nossa, eu sentia uma dor de cabeça. Acho que foi seu Daniel que pôs um dia, acho que foi ele, um litro de água na cabeça minha assim, sabe? E fico rezando, aquele trem ferveu, nunca mais eu senti dor de cabeça. Dor de cabeça de sol, né? Que fala.*

(41) (BZD9-NEN76): *Oh, pra dor de cabeça reza assim: "Adonde vai São Francisco Fabriao, curando enxaqueca e dor de cabeça. Deus é o sol, Deus é a lua e Deus é a mesma claridade". Reza três vezes e oferece pra São Francisco Fabriao, cada oração tem seu santo de oferecer. Como se pode notar, a benzeção de dor de cabeça atua sobre camadas energéticas invisíveis que causam a dor de cabeça, como a retirada do "vento" ou do "ar", que são mencionados na oração como causas espirituais da enxaqueca. Além disso, uma das benzedeadas confessa sua devoção em São Francisco Fabrião (São Fabião), como intercessor e protetor dessa enfermidade.*

Em relação à dor de pontada, ela é descrita como uma sensação súbita sentida durante o movimento, é associada a algo que "pega um jeito" no corpo e, por isso, também é vista como um desequilíbrio espiritual. A benzeção é realizada por meio de uma oração direcionada ao

Menino Jesus e inspirada na narrativa da paixão de Cristo, cuja dor é reinterpretada como transitória e superável:

(42) (BZD11-ZIZ64): *A dor de pontada, muitas vezes cê vai numa estrada andando, isso é quando a gente tá andando, né? Sente uma dor em riba do peito, embaixo da costela, como coisa que é um jeito, né? A gente acha, assim, que é um jeito. A gente coloca o dedo em cima e fala: Menino Jesus, aquele pessoa que vai, por exemplo: "Menino Jesus e Maurício fazendo uma viagem, Jesus disse: 'Aí que dor, Senhor'. Maurício fala: 'Aí que dor, Senhor'. Jesus responde: 'Isso não é nada, Maurício, assim como eu, Jesus Cristo, fiquei livre da doença em chaga, assim tu também, Maurício fica livre dessa doença de pontada'. Com os poder de Deus e da Virgem Maria". Reza três vezes.*

Na benção de (42), a entrevistada benze usando como exemplo o nome do entrevistador, estabelecendo um diálogo entre ele e o divino, que vai promover a cura da dor que está sendo sentida. Dessa forma, percebe-se como a benzedeira atua como uma mediadora, na medida em que ela coloca a pessoa benzida em diálogo com Deus.

4.9.6 Engasgação

A benção de *engasgação*, feita em pessoas e animais engasgados, já foi previamente discutida neste capítulo, na seção 4.8.5. Porém, enfatizam-se aqui as crenças que existem por trás dessa prática. Veja-se a história contada por uma das benzedeiros de como surgiu essa oração.

(43) (BZD9-NEN76): *Jesus quando andou no mundo, ele e São Pedro, chegou na casa de uma senhora, vizinho era muito distante, quase à noite. Aí pediu um agasalho, o esposo da mulher não estava, tava um menino empregado: "Vem cá", falou pra ela. Ela disse assim: "Não, eu não quero esse povo aqui, povo mendigo, muito leproso, xujo na minha casa". Aí ele disse assim: "Como que eu vou caçar outro povo, que as casa é muito longe do lugar, eu não sei". O menino tentou de novo, aí ela deu um sim. Falou: "Faz o seguinte, cê vai lá no depósito lá das galinha, limpa lá e pega a esteira em outro depósito e joga lá dentro pra eles dormir", porque tinha muito piolho de galinha, não podia ficar nem perto, que tinha demais. O menino falou: "Meus Deus, o que que eu faço?". Chegou lá, conversou com os veizin, eles aceitou, né? Aí o menino foi lá no poleiro, o menino varreu tudo, limpou tudo, pegou uma esteira e pôs e eles agasalharam lá. Meia-noite, o homem chegou e ela contou a história: "Mulher, pra que cê faz isso? Vou puxar eles pra cá". Ela disse: "Não, de jeito nenhum deixa o homem". No outro dia o home levantou, tinha ido tomar um cafezinho, falou: "Não, não aceita, vamos*

andando". Quando a mulher foi almoçar, tinha peixe na comida e ela engasgou com osso. Aí o homem falou assim: "Olha, podia aqueles velhinho tá aqui com nós, tomar o café da manhã, até almoçar mais nós, que esse povo mais velho tem umas reza boa, mas ela não aceitou, foi embora". Mandou o dito menino: "Pega o cavalo, vai atrás, meu filho, vai atrás pra se ver aqueles velhinhos se eles sabem rezar de engasgamento, manda aqui e volta que eu pago o preço que eles cobrar". O menino achou e o menino falou, e o homem falou assim: "Eu não vou voltar, meu filho, não, eu vou te ensinar". O menino falou: "Tio, mas eu não aprendo, tio, que eu sou rudo". "Não, cê vai aprender, quando você chegar lá, cê vai do lado onde tá o osso, que ela tá sentindo, que tá engasgada e você diz assim: 'Homem bom e mulher má, esteira velha, poleiro de galinha pros velhinho deitar. Desengasgue essa mulher com os poderes de Deus e da Virgem Maria, amém'. E dá uma pancadinha nas costas dela, reza três vezes". Quando o menino tava rezando, antes das três vezes, que tava arrematando pra fazer as três vezes, já ela deu uma tosse e o osso caiu lá. Parece uma brincadeira, né? Mas era Jesus e São Pedro que tava andando no mundo, Jesus e São Pedro. Então a reza é essa.

A história narrada em (43) pela benzedeira começa com a visita de Jesus e São Pedro à casa de uma mulher que, inicialmente, recusa abrigo por vê-los como pessoas pobres e sujas. Com isso, a hesitação e a falta de hospitalidade da mulher demonstram que, no olhar das benzedeiras, recusar ajuda a quem precisa é um ato que pode ter consequências negativas, fato que, indiretamente, introduz a lição de moral de que a humildade e a generosidade são recompensadas, enquanto a arrogância e o desprezo pelos necessitados trazem sofrimento — no caso, a mulher se engasga ao comer peixe.

Mais à frente, o homem da casa envia o menino em busca dos velhos viajantes, acreditando que eles possuíam uma benção capaz de curar a mulher engasgada, detalhe que evidencia a crença, na tradição em análise, de que o conhecimento das rezas é um saber de grande valia e transmitido por pessoas humildes e experientes. Outrossim, o fato de Jesus e São Pedro ensinarem a oração ao menino reflete a tradição das benções, na qual o saber é passado oralmente e de forma simples, preservando-se na memória coletiva.

A oração ensinada por Jesus e São Pedro, conforme a benzedeira, contém elementos ligados à experiência da própria viagem e à hospitalidade negada: “homem bom e mulher má, esteira velha, poleiro de galinha pros velhinho deitar. Desengasgue essa mulher com os poderes de Deus e da Virgem Maria, amém.”

Observa-se novamente a repetição da reza três vezes e o gesto simbólico de dar uma pancadinha nas costas. Além disso, a simplicidade da reza demonstra que, na cultura das benções, não é a complexidade da oração que importa, mas a fé e a intenção sincera. De mais a mais, o fato de a mulher desengasgar antes mesmo de o menino completar as três rezas deixa

claro que a intervenção espiritual é rápida e eficaz, especialmente quando a oração é feita com fé.

O detalhe interessante na cultura das benzeções é demonstrado no momento em que o menino mostra-se relutante em aprender a oração – “tio, mas eu não aprendo, tio, que eu sou rudo” –, o que destaca que as benzeções podem ser transmitidas a qualquer pessoa, independentemente de sua condição ou escolaridade – fato comprovado pelo perfil social das benzedeadas entrevistadas, cuja maioria não estudou. Com isso, é reforçada a ideia de que o saber espiritual é democrático e acessível, transmitido de geração em geração por meio da oralidade e da experiência prática.

Ao discutir sobre essa benzeção, uma outra benzedeadora declara: *engasgação é a pessoa engasgada, se, por exemplo, ele engasga aí a gente... Muitas vezes gente não pode ir na cidade socorrer, então a gente faz os primeiros socorros da gente aqui, que é a oração* (BZD1-DOR64). Isso certifica que as benzeções são maneiras de socorrer a população rural que, muitas vezes, tem difícil acesso à medicina formal e vê na oração uma maneira possivelmente eficaz de resolver suas aflições.

4.9.7 Estancção de sangue

A benzeção de estancção de sangue, conforme relato das benzedeadas, visa à interrupção de um sangramento: “estancção de sangue, quando, vamos supor, cê pega e leva um corte e aquele corte tá dando sangue demais; tem muita gente que sai sangue pelo nariz”. De acordo com essa benzedeadora, a reza para estancar o sangue envolve a recitação do "Creio em Deus Pai", uma oração comum na tradição cristã.

(44) (BZD1-DOR64): *Aí, então, a pessoa pega e molha o dedo lá no sangue e reza o "Creio em Deus Pai" até onde se assenta, reza a palavra todinha: "Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, criador do céu e da terra...". A hora que chegar "Onde está sentado", para. Aí agora o sangue... A hora que o sangue estancar cê termina a oração. Tem que segurar, cê querer por uma folha verde, põe, com o dedo em cima. Se não, cê molha o dedo no sangue e fica segurando até terminar de rezar. A hora que terminar cê coisa, cê termina a oração, que é "Onde está sentado...", daí cê continua.*

A benzedeadora explica, em (44), que a oração deve ser recitada até a frase "onde está sentado", momento em que o sangramento deve começar a cessar. Dessa forma, a interrupção da reza nesse ponto indica que o controle sobre o corpo é exercido por meio da palavra divina,

e a cura é mediada pela fé, de modo que a oração só é concluída quando o sangue começa a parar.

Além da palavra, a benzeção, como outras, inclui gestos específicos, como molhar o dedo no sangue ou pressionar o ferimento com uma folha verde, representando a intenção de cura e o controle sobre o fluxo vital por meio das benzeções.

Sob outro ponto de vista, a prática demonstra que a eficácia do ritual dependeria da fé do benzedor e do enfermo, uma vez que a palavra sagrada invoca o poder de Deus para agir sobre o corpo. Isso se comprova com a oração que é interrompida no ponto certo e concluída somente após o estancamento do sangue, salientando que o tempo da cura é determinado pela fé.

4.9.8 Fogo selvagem

O fogo selvagem é uma enfermidade conhecida popularmente por causar ardência intensa e lesões na pele, semelhante a queimaduras. Na medicina, pode ser relacionado a doenças dermatológicas como pênfigo foliáceo, uma doença autoimune caracterizada por bolhas e feridas na pele, ou ao herpes-zóster, conhecido como cobreiro. Na perspectiva popular, o fogo selvagem é tratado como um mal espiritual e físico que precisa ser curado por meio de oração e rituais específicos, como se observa em (45).

(45) (BZD5-MAR90): *No rio de Jordão passei, bicho cheiroso eu matei, impinge, cobreiro e fogo selvagem, água do mar eu lavei. Três vezes, com a fé em Deus tá são, meu filho.*

A reza para o fogo selvagem segue a estrutura típica das benzeções, invocando lugares sagrados, como o rio Jordão e a água do mar, que podem ser associados à purificação e à renovação na visão das mulheres benzedoras. Essa menção ao Jordão ressalta que a cura vem pela intervenção divina, já que, na tradição cristã, o rio é um símbolo de batismo e purificação.

A benzeção é repetida três vezes, característica comum entre as orações analisadas, e, no caso particular do fogo selvagem, observa-se que o tratamento não é apenas das feridas físicas, mas também do plano espiritual da pessoa benzida. Nessa mesma perspectiva, há inclusão de outras doenças na oração, como impinge e cobreiro, outras doenças dermatológicas que, na cultura das benzeções, possuem uma dimensão espiritual, que precisa ser tratada com a

palavra sagrada. Isso pode ser exemplificado pela referência ao "bicho cheiroso" morto na oração, que simboliza energias negativas ou espíritos malignos que precisam ser eliminados para a cura da enfermidade.

4.9.9 *Inzipa*

A *inzipa/ezipa* (ou erisipela) é, conforme o dicionário Michaelis, uma doença infecciosa aguda, febril, da pele e do tecido subcutâneo, causada por um estreptococo hemolítico, e que se caracteriza por rubor e tumefação das áreas afetadas, muitas vezes com formação de vesículas. De acordo com as benzedeadas, a *inzipa* começa no tutano e vai se espalhando pelo corpo.

(46) (BZD10-EST72): *Ezipa cê tem que saber rezar, que se ao invés de cê tirar a ezipa pra fora, você joga ela pra dentro. Olha: "Ezipa, ezipela. Ezipa branca, ezipa preta, ezipa amarela. Ezipa deu no tutano, do tutano deu no osso, do osso deu na carne, da carne deu na veia, da veia deu na perna. Vai ezipa branca, ezipa preta, ezipa amarela para as onda no mar, nunca mais há de voltar".*

Conforme a benzeção e o relato (46), a reza específica para a *inzipa* é estruturada em uma sequência de nomes e localizações no corpo, que descrevem como a doença se espalha, mostrando que se trata de um mal progressivo, o qual precisa ser revertido com precisão e cuidado, de dentro para fora, para não se agravar. A respeito disso, a benzedeadora enfatiza que a prática exige saber rezar corretamente, pois, se a oração for feita incorretamente, o mal pode ser jogado para dentro do corpo e haver uma piora no estado do enfermo.

A benzeção faz referência a três tipos de *inzipa*, identificadas por suas cores: branca, preta e amarela, simbolizando que existem diferentes manifestações da doença ou estados espirituais específicos que precisam ser purificados e expulsos do corpo. Ao final, a oração clama que essas manifestações sejam dirigidas para as ondas do mar, como um símbolo de purificação e renovação, de onde a doença não pode retornar.

A alegada eficácia dessa benzeção é constatada por outra benzedeadora, que também reza de *inzipa*, e relata que uma das pessoas que a procurou para realizar essa benzeção foi curada.

(47) (BZD9-NEN76): *E assim, de enzipa muito. Oh, menino, eu vou te contar uma história, pode? Tem um rapaz em Salinas, que ligou pra mim, mode eu poder rezar numa perna desse rapaz, que tava com problema na perna. E aí o médico, todo eles, até Montes Claros que ele foi: "Tem que amputar". O homem chorava que fazia dó, mora em Salinas, tinha barraca na feira e parou*

que ele não aguentou nem mexer com a barraca. A perna tanto inchou demais que emprestou, virou carvão. Aí eu rezei um cordão, mandei pra ele amarrar na perna e fiquei rezando de casa. Hoje em dia o homem tá são, curado com Deus, que Deus curou, né? Ele tá com a maior alegria do mundo, tá trabalhando, cuidando de sua obrigação, é no campo, é na roça, sãozinho, mas andou que corta a perna do homem.

Analisando o exemplo (47), observa-se a cura de um homem acometido por inzipa por meio da benzeção, mesmo em uma situação considerada crítica pela medicina convencional. O enfermo, que sofria com um inchaço severo na perna, recebeu diagnósticos médicos que indicavam a necessidade de amputação. Com isso, o agravamento da condição é descrito pela benzedeira de forma dramática, com a perna "inchando tanto que virou carvão", mostrando a gravidade do caso.

Nesse âmbito, o processo de cura envolveu a palavra sagrada e o uso de um cordão benzido enviado ao enfermo, que deveria ser amarrado na perna. A benzedeira continuou rezando de sua casa – evidenciando, assim como em outros momentos das entrevistas, que a fé e a conexão espiritual não se limitam ao contato direto.

O relato da benzedeira destaca, ainda, que a medicina formal não foi capaz de oferecer uma solução satisfatória, recomendando a amputação como último recurso. No entanto, a benzeção proporcionou uma alternativa que evitou a mutilação – reforçando a confiança da comunidade nas práticas tradicionais e na capacidade das benzedeadas de oferecer soluções onde a medicina encontra limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa “Ramos, carvões, saberes e tradições: o léxico das benzedeadas na região de Salinas - MG”, apresentamos uma contribuição para os estudos linguísticos e culturais, uma vez que investigamos o léxico de uma prática religiosa enraizada na tradição popular do norte de Minas Gerais. A partir da coleta, transcrição e análise de 13 entrevistas com benzedeadas da zona rural de Salinas, identificamos 150 lexias relacionadas às práticas de benzeção, cuja sistematização em fichas lexicográficas nos permitiu compreender aspectos do vocabulário utilizado por essas mulheres e sua relação com a cultura e a religiosidade local.

Em relação a essas lexias que levantamos, destacamos a classificação gramatical das palavras, que revelou uma predominância de substantivos (82%), seguidos por verbos (12%) e adjetivos (6%). Com isso, foi possível notarmos o caráter descritivo e prático do léxico utilizado nas benzeções, que evidencia um vocabulário centrado em objetos, ações e qualidades vinculadas às práticas ritualísticas. Além disso, a análise etimológica empreendida mostrou um destaque para o latim, muito presente nos rituais religiosos desde a colonização do Brasil, que originou muitas das lexias usadas pelas benzedeadas, o que confirma a ancestralidade e a continuidade cultural das lexias ao longo do tempo.

No que tange à classificação semântica das lexias, revelamos três grandes categorias: os elementos utilizados nos rituais, os males tratados e as entidades invocadas nas orações. Dentro dos elementos ritualísticos, lexias como *ramo* e *cordão* foram os mais frequentes, destacando o uso de objetos naturais e simbólicos nas benzeções. Na categoria dos males tratados, destacaram-se lexias como *quebranto*, *olhado* e *espinhela caída*, as quais refletem tanto aspectos físicos quanto espirituais das condições enfrentadas pela comunidade. Já as entidades invocadas incluem nomes de santos e figuras religiosas, como *São Miguel*, *Virgem Maria* e *Nossa Senhora Aparecida*, confirmando a presença marcante do catolicismo nas práticas de benzeção.

Outro ponto de destaque desse estudo foi a documentação das principais crenças associadas às práticas de benzeção, como a necessidade de realizar as orações em ambientes tranquilos, a utilização de palavras sagradas restritas a momentos específicos e a crença no poder das orações para estabelecer uma conexão entre o benzido e o transcendente. Por meio dos relatos e compreensão dessas crenças, entendemos como elas reforçam a dimensão

espiritual e cultural das práticas de benzeção, na medida em que apresentam um rico sistema simbólico que estrutura o léxico e a dinâmica comunitária.

Ademais, o estudo das fichas lexicográficas nos mostrou uma significativa parcela de lexias com acepções não dicionarizadas – *como alma pesada, cambotar, corpo aberto e dor de pontada* –, o que ressalta a necessidade de registrar essas unidades para preservar um conhecimento que, até então, permanece no âmbito da oralidade. Na análise qualitativa das entrevistas, por sua vez, destacamos a dimensão social das benzedadeiras, que emergem como figuras centrais em suas comunidades rurais da região salinense. Enfatizamos que, apesar de, em sua maioria, serem idosas e não alfabetizadas, elas são reconhecidas como curadoras e guardiãs de saberes ancestrais, de modo que atuam no fortalecimento de laços comunitários e compartilham valores culturais.

Outro ponto interessante observado no léxico das benzedadeiras é que, embora a benzeção não seja formalmente um trabalho, a prática exige um conhecimento específico transmitido dentro de uma tradição cultural. Nesse contexto, as lexias utilizadas pelas benzedadeiras situam-se em um ponto intermediário entre o termo e o vocábulo: por um lado, apresentam certa especialização e recorrência dentro da prática, aproximando-se do estatuto de termo; por outro, emergem no discurso oral das entrevistas, carregando variação e contextualidade próprias dos vocábulos. Em linhas gerais, nota-se a riqueza e a complexidade da linguagem empregada na benzeção, que transita entre um saber sistematizado e, ao mesmo tempo, a fluidez da oralidade.

Com essa pesquisa, também evidenciamos que as benzeções têm resistido ao tempo, mesmo diante do avanço da medicina e da modernização, sendo vistas como complementares aos tratamentos tradicionais. Essa persistência, em nossa visão, está atrelada à transmissão oral dos conhecimentos, que confere ao léxico um caráter dinâmico e adaptável, ao mesmo tempo em que sublinha a necessidade de registro e documentação para evitar a perda desses saberes.

Assim, com a presente tese, contribuímos para o estudo do léxico regional e das suas relações com a cultura e a identidade local, bem como apresentamos essa pesquisa como uma ferramenta para a valorização das práticas religiosas e culturais que compõem o patrimônio imaterial do norte de Minas Gerais. Reafirmamos, com esse estudo, a importância das benzedadeiras como portadoras e preservadoras de saberes que conectam passado e presente, oferecendo perspectivas para investigações futuras em contextos semelhantes, bem como para iniciativas de registro e salvaguarda dessas tradições.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. VI. Campo Grande, MS: UFMS, 2012. p. 140-161.

ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. v. 1. 220 p.

AGUIAR, Eurico de. *Medicina: uma viagem ao longo do tempo*. Domínio público, 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=176959. Acesso em: 10 out. 2021.

ANDRADE, Maria Margarida de. Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia: em homenagem a Antonio Houaiss, IV, 2000, Rio de Janeiro. *Anais do CNFL* [...]. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. [Cadernos do CNFL, série IV, n. 10: Semântica e Lexicografia.]

ASSEMBLÉA LEGISLATIVA DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAES: 1855-1858. Ouro Preto (MG): Typographia Provincial de Minas, 1856-1859. 1v. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/3307?locale=en>. Acesso em: 13 jan. 2024.

AULETE, Caldas. Dicionário Aulete digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 13 dez. 2024.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *A Constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-46.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação*. In: Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília, 1990. p. 152-158.

BATTISTI, Elisa. *O estudo sociolinguístico da variação*. In: Anais do CELSUL, 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/elisa_battisti.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

BERNARDO, Jozimar Luciovanio. *Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre o catolicismo popular na comunidade São Domingos, Catalão-GO*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4780/5/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BEVILACQUA, Cleci Regina; SALES, Denise Regina de; SILVA, Marcia Moura. A ficha terminológica. In: BEVILACQUA, Cleci Regina *et al.* *Como elaborar um dicionário especializado?* Porto Alegre, RS: Zouk, 2023, p. 90-104.

BEZERRA, Maria Luzinete Lemos. *Sagradas mulheres: mistérios, rezas e bênçãos: uma história de benzeção em Caruaru - PE.* Dissertação. (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. *Estudos de Filologia e Linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum.* São Paulo: USP, 1981, p. 81-96.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.* Campo Grande, MS: UFMS, 2004, p.185-200. V. II.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional.* Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e computacional.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida (org.). *Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII.* Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 17 mai. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida (org.). *Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII.* Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 17 mai. 2022.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico.* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v.

BORDIEU, Pierre. *Sociologia* (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BORGES NETO, José. *Ensaio da filosofia da linguística.* São Paulo: Parábola, 2004.

BORGES, Miguel Angelo Velanes. *Benzer, rezar, curar: história e memória de rezadeiras e rezadores em Monte Gordo e Barra do Jacuípe.* Dissertação (Mestrado em História da África) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Cachoeira, BA, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo.* São Paulo: Brasiliense, 1980.

BROWN, Douglas. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy.* 3. ed. Nova Iorque: Longman, 2007.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Língua e cultura. In: *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Língua e cultura. In: *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. Revisitando Amadeu Amaral. *Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 1937-1944, 2006. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/715.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CASTRO, Zaíde Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. Folia de Reis. *Cadernos de Folclore nº 16*. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

CHALHOUB, Sidney. *Artes e ofícios de curar no Brasil*. UNICAMP, São Paulo, 2003

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleao. *Diccionario de medicina popular e das ciencias accessorias para uso das familias*. 6. ed. Paris: A Roger & F Chernoviz, 1890. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-de-medicina-popular-e-das-ciencias-accessorias-para-uso-das-familias/>. Acesso em: 17 maio 2022.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

COELHO, Braz José. *Linguagem: lexicologia e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora LTDA, 2008.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: Contexto, 2010.

COSERIU, Eugenio. *Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional*. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1987.

COSERIU, Eugenio. *Principios de Semántica Estructural*. Madrid: Gredos, 1977.

COSTA, Kaline Ferreira. *Em busca do fio de Ariadne: as rezadeiras no labirinto histórico da modernidade - uma crítica às teorias do desencantamento do mundo (Alagoa Nova - PB: 1980 a 2012)*. 2012. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CUNHA, Celina Gontijo. *A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras*. Dissertação de Mestrado. UFOP, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/10284>. Acesso em: 30 set. 2021.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres: as vozes do silêncio*. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001.

DUARTE, Aline do Nascimento. *A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais*. (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6596>. Acesso em: 30 abr. 2022.

- DUBOIS, Jean. *et al. Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2014.
- DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 41, p.87-100, 2012.
- ECKERT, Penelope. *Think practically and look locally: language and gender as community-based practice* (com Sally McConnell-Ginet). *Annual Review of Anthropology*, 21, 1992, 461-90.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. *In: SEABRA, Maria Cândida. O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217-234.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERRETI, Sergio. Sincretismo e religião na festa do Divino. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, volume 18(2): 105-122, 2007.
- FIORIN, José Luis. A linguagem politicamente correta. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 1-5, ago. 2008.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *Documentação sociolinguística: coleta de dados e ética em pesquisa*. São Cristóvão: UFS, 2017.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, São Paulo, n. 56, 917-944, 2012.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEWEHR, Rodrigo Barros *et al.* Sobre as práticas tradicionais de cura: subjetividade e objetivação nas propostas terapêuticas contemporâneas. *In: Revista Psicologia USP*, vol. 28, n1, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psp/a/fvdhN9Pz9GhfmbNFLnF8Pbs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 7 out. 2021.
- GUMPERZ, John. Introduction to part IV. *In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (Ed.). Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 359-373.
- GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *In: II Congresso Internacional da ABRALIN*, Fortaleza, março de 2001. Disponível em: http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

HAENSCH, Gunther. *et al. La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, Richard; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. New York: Routledge, 2002. Doi: <https://doi.org/10.4324/9780203017685>.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 13 dez. 2024.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B; HOLMES, J. *Sociolinguistics*. England: Penguin Books, 1972. 381 p. p.269-293.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. História Salinas, Minas Gerais – MG. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/salinas/historico>.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural*. UNESP/Araraquara, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES, Ana Maria P. de Oliveira. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. UFMS. Campo Grande: 2001.

KLARE, J. *Lexicologia e fraseologia no português moderno*. Revista de Filologia Românica, Madrid: Universidad Complutense, v. IV, 1986.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2006, p. 157-171.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes; 1991.

LARA, Luis Fernando. *Curso de lexicología*. México, D.F.: El Colegio de México, 2006.

LOHSE, Birger. Aurelio Buarque de Holanda Ferreira: Novo dicionário da Língua Portuguesa. *Revista Revue Romane*, 1988. Disponível em: https://tidsskrift.dk/revue_romane/article/view/30030/27670.

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *A cachaça no Brasil: Dados de Registro de Cachaças e Aguardentes*. Brasília: MAPA/AECS, 2020.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem. De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras. In: *Revista Psicologia: ciência e profissão*, v. 37, nº2, 2017, p. 446-460.

MATORÉ, Georges. *La méthode en lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.

MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. Língua e cultura. Transcrito da revista Letras, 1955. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MENDES, Camilla da Silva; MEDEIROS, Nathalia Reis de; OLIVEIRA, Thiago Soares de. A formação do português a partir do latim vulgar e sua influência no léxico cotidiano. Revista Ícone: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, v. 17, nov. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br>. Acesso em: 15 out. 2024.

MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Cláudio São Thiago. Benzedeadas e benzedeados quilombolas – construindo identidades culturais. *Interações (Campo Grande)*, v. 19, n. 1, p. 3–14, jan. 2018.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 13 dez. 2024.

MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). *Introdução à sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1989.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. ReVEL na escola: fraseologia e paremiologia: para que ensinar, se todo mundo sabe? *ReVEL*, [s. l.], v. 15, n. 29, p. 1-16, 2017.

MORAIS SILVA, Antonio. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

MORIN, Edgar. *O método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Publicações Europa-América. Biblioteca Universitária, 1991. Trad. Emílio Campos Lima.

MURAKAWA, Clotilde de A. Azevedo. *Diccionario Histórico do Português do Brasil: testemunho lexical da língua portuguesa no Brasil Colônia*. Debate Terminológico, 2015.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Contexto, 2006.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é medicina popular*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, Luanna de Sousa do Nascimento. *Fraseologismos formados por homem e mulher no português brasileiro: estudo de campos lexicais e de variação lexical*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

OLIVEIRA, Monique Andressa de. *“Mulheres de fé”: o repertório de saberes e fazeres de benzedeadas em Matinhos, litoral do Paraná*. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais). Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,

Matinhos/PR, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/62469>. Acesso em: 29 set. 2021.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PASTOR, Félix A. *O Reino e a história*. São Paulo: Loyola. Rio de Janeiro: PUC, 1982.

PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. In: *Revista Opsi*. v. 8, n. 11, p. 258-274. Catalão: 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsi/article/view/9364/6456>. Acesso em: 10 out. 2021

PEREIRA, Mauricio Alves de Souza. *O léxico da cachaça em Salinas-MG*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

PORTO DAPENA, José Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.

PREFEITURA DE SALINAS. História de Salinas. 2020. Disponível em: <https://www.salinas.mg.gov.br/portal/servicos/1001/historia-de-salinas/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão do Brasil. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 11-23.

RODRIGUES, Melina Soares. *Benzedeiras e raizeiras: entre novas e velhas práticas*. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias em Saúde). Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/33893>. Acesso: 29 set. 2021.

ROSSETTI, Regina; MUNHOZ, Marcos Martinez. Religião e cultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes de da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, v. XXIII, p. 71-89, 2017.

SALES, Cristiane Maria Pimentel. *Rezadeiras—uma fé popular*. Ceará, OPSIS, 2007.

SANTOS, Cláudia da Silva. *Rezadeiras: guardiãs da memória*. Bahia, V ENECULT, 2009.

SANTOS, Luene Gonçalves dos. *A inserção das benzedoras no meio popular (Pires do Rio e Palmelo)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

SÃO CIPRIANO. *São Cipriano – O Bruxo*. 19. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Flavia Santos da. As palavras e a frase: o funcionamento dos fraseologismos. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. ISSN 1980-5799.

SILVESTRE, João Paulo. *O Vocabulário Português, e Latino: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau*. Comunicação apresentada no encontro Dicionários da Língua Portuguesa - Património e renovação, Cursos da Arrábida, 20 a 2 de Agosto de 2001. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/vocabulario_principais_caracteristicas.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

SOUZA, Gerson Martins de. *Cultura popular*. Brasília: Projeção, 2014

TAGNIN, Stella Ortweiler. *O. Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.

TOLEDO, Valdeci. Algumas vertentes cristãs utilizam mais o verbo “orar”, outras o “rezar”. Existe alguma diferença de valor no uso desses verbos no catolicismo? *Revista Ave Maria*, Junho, 2023. Disponível em: <https://revistaavemaria.com.br/wp-content/uploads/2023/05/avemaria-junho2023-22.pdf>

UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva; ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÉNDICE

FICHAS LEXICOGRÁFICAS

1. ABATIDO Nm[Asing] _____ 1 ocorrência

a) *quando cê reza muito fica até meio assim... **abatido*** (BZD9-NEN76).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Abater-se: ter menos vigor. Desanimar, desalentar.
2. **Morais Silva (1789)**: Ânimo abatido, humilhado, vil, incapaz de cousas altas, e grandes.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Com aspecto tristonho, desanimado. Com aspecto cansado. Diminuído em suas forças físicas e/ou morais devido a doença, tristeza ou cansaço.
5. **Aurélio (2010)**: Enfraquecido, debilitado. Cansado, fatigado: fisionomia abatida. Desanimado, entibiado, deprimido.
6. **Houaiss (2012)**: Diminuído no poder, nas forças ou no ânimo; prostrado, desanimado, que foi humilhado ou aviltado.
7. **Michaelis (2015)**: Caído em desânimo; diminuído em força ou poder; prostrado.
8. **DHPB (2021)**: Variantes: abattido, habatido. Que está enfraquecido, sem forças, fraco. Humilhado, diminuído.

2. ABRICÃO DE BOCA Ncf[Ssing + Prep + Ssing] _____ 4 ocorrências

- a) *Quando é muito... Muito forte, no rezar que aquilo que cê tá rezando, cê já pressente que tem, que cê abre a boca, fica aquela **abricão de boca**, dá uns arrepio na gente e água corre no canto dos olhos* (BZD1-DOR64).
- b) *Às vezes uma hora eu tô carregada, né? As perna doendo, o corpo doendo, cabeça doendo, moleza, **abricão de boca**, um sono, que tô deitando. "Ah, fulano, benze ne mim", benze ne mim, graças a Deus, né?* (BZD3-MAR86).
- c) *Olha, tem criança que às vezes ela começa uma **abricão de boca**, ela começa a espreguiçar* (BZD7-LUC70).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

Os dicionários não registram a forma *abricão de boca*, mas registram *bocejar*, que, de acordo com o Houaiss, significa “inspirar pela boca quantidade de ar maior do que o normal, abrindo-a bastante, em processo ger. involuntário causado por sono, cansaço, fome ou fastio; oscitar” (HOUAISS, 2012).

3. AGRACIADA Nf[Asing] _____ 3 ocorrências

- a) *Então eu tenho a devoção com ela e Santo Expedito, que é os dois que eu tenho, mas pra mim todo os santos que eu peço eu sou **agraciada*** (BZD1-DOR64).
- b) *Pede, faz aquele pedido, pedindo aquela graça. A gente tá precisando daquela graça, a gente pede aquela graça e já fui muito **agraciada**, muito, muito, muito mesmo. Não tenho nem palavras pra agradecer a Deus por tantas graças que eu já recebi pra mim e pra toda a minha família, porque sempre eu sou **agraciada*** (BZD8-TER67).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** Agraciado: part. pass. de agraciar. Fazer graça, inspirar graça; dom divino.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Que recebeu graça, indulto, favor etc.
5. **Aurélio (2010):** Que recebeu graça, mercê; condecorado, galardoado.
6. **Houaiss (2012):** Que recebeu graça, indulto ou título honorífico; condecorado.
7. **Michaelis (2015):** Que recebeu indulto ou perdão; indultado, perdoado.
8. **DHPB (2021):** n.d.

4. **ALECRIM** Nm[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Não tem ramo excuído, um raminho de artimijo, de arruda também é bom, um galinho de alecrim, tudo é ramos de benzer, né?* (BZD3-MAR86).
- b) *Pra benzer eu gosto mais é do raminho de alecrim* (BZD12-LOU80).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Arbusto, cujos talos lança muitos ramitos compridos, delgados e cinzentos, guarnecidos de folhinhas estreitas, duras, de hum verde escuro por cima e branco por baixo, e entrefachadas com flores de hum azul desmayado, e de um cheiro aromático menos forte e menos aspero que o das folhas.
2. **Morais Silva (1789):** Herva, ou arbustosinho aromatico (*ros marinus*)
3. **Chernoviz (1890):** *Rosmarinus officinalis*, Linneo. Arbusto da família das ALFACE. — Alecrim. Labiadas, cultivado nos jardins; floresce todo o anno. Tem 66 centímetros de altura; folhas duras, estreitas, muito aromaticas: flores de côr azul claro. As folhas e summidades floridas d'este arbusto empregam-se na preparação dos banhos aromaticos, mui úteis na inchação das pernas, e para fortificar as crianças fracas, na dose de 1 kilogramma para um banho d'agua quente
4. **Aulete (2008):** Bot. Arbusto (*Rosmarinus officinalis*), da fam. das labiadas, cujas flores e folhas são us. como tempero, para chá, em medicamento etc.
5. **Aurélio (2010):** Arbusto da família das labiadas (*Rosmarinus officinalis*) que exala odor agradável e forte, e por destilação dá abundante quantidade de óleo essencial volátil, e se usa como medicamento e como condimento; alecrim-de-cheiro, alecrineiro, alecrinzeiro.
6. **Houaiss (2012):** arbusto aromático (*Rosmarinus officinalis*) da fam. das labiadas, de folhas lineares, flores azul-pálidas, por vezes brancas ou róseas, e aquênios ovoides; alecrim-de-cheiro, alecrineiro, alecrinzeiro, rosmaninho [Nativo da Europa, é cultivado como melífero, pelo óleo das sementes, us. como cicatrizante, estimulante e tb. em cosméticos, e pelas folhas, com várias propriedades medicinais e esp. us. como condimento.]
7. **Michaelis (2015):** Arbusto odorífero (*Rosmarinus officinalis*), da família das labiadas, nativo da Europa, com flores levemente azuladas, brancas ou róseas, cultivado devido ao óleo de suas sementes, e utilizado como cosmético e condimento e por suas propriedades medicinais; alecrim-de-cheiro, alecrineiro, alecrinzeiro, rosmaninho.
8. **DHPB (2021):** Arbusto aromático de ramos compridos, folhas estreitas e flores azuis; suas folhas em infusão são usadas na medicina. Das ervas cheirosas hortelã, segurelha, poejo, coentro, funcho, salsa, mangerona, endro, mangericaõ, alecrim, arruda, e losna.

5. **ALFAVACA** Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de erva-doce, um galinho de alfavaca, um galinho de erva-cidreira, que tem pessoas que gostam de benzer com galho de pimenta, aí já não é bom, porque o galho de pimenta se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo pela o olho* (BZD7-LUC70).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Alfabaca. Alfabâca ou alfavaca de cobra. Erva que nace junto ou dentro das paredes velhas e das febes.
2. **Morais Silva (1789):** Herva. (parietaria,nuralis).
3. **Chernoviz (1890):** Ocimum basilicum, Linneo. Planta da família das Labiadas, cultivada nas hortas. Compõe-se de talo um tanto veloso, folhas ovaes, denteadas, flores roseas, cheiro aromático. O chá de alfavaca é sudorífico; prepara-se com duas ou três folhas da planta e uma chicara d'agua fervendo. Emprega-se sobretudo nas constipações.
4. **Aulete (2008):** Bot. Nome comum a várias ervas do gênero Ocimum, esp. Ocimum gratissimum, originária da Índia, us. em temperos e saladas; MANJERICÃO.
5. **Aurélio (2010):** Bot. Planta hortense, da família das labiadas, do gênero Ocimum, cultivada nos jardins pelo seu aroma e pela beleza das folhas utilizada como condimento. [Var.: alfábega, alfádega, alfátiga, alfavega, alfávega.]
6. **Houaiss (2012):** 1 design. comum a várias plantas, arbustivas ou herbáceas, do gên. Ocimum, da fam. das labiadas. 1.1 arbusto lenhoso (Ocimum gratissimum), com pequenas folhas ovado-lanceoladas, serreadas e vilosas, flores lilases ou amarelo-esverdeadas, em racemos, e cápsulas secas; alfabaka (CAB), basilicão, manjericão, manjericão-cheiroso, manjericão-de-ceilão, manjerico, segurelha [Originário do Oriente, é muito cultivado como condimento, por vários usos medicinais e para o preparo de licores.] 1.2 arbusto (O. fluminense) nativo do Brasil (CE ao RJ), de folhas ovadas, serreadas ou denteadas, e flores violáceas, tb. us. como condimento e por propriedades medicinais; alfavaca-de-cheiro, santa-maria 1.3 erva (O. nudicaule) nativa do Brasil (SP ao RS), de folhas vermelho-rosadas e raízes com propriedades sudoríficas, diuréticas e antiespasmódicas; alfavaca-do-campo
7. **Michaelis (2015):** Denominação comum a várias plantas do gênero Ocimum, da família das labiadas, muitas das quais são cultivadas em jardins e hortas por suas propriedades medicinais e seu aroma; em culinária, a maioria é usada para conferir um sabor muito apreciado a molhos e sopas.
8. **DHPB (2021):** Variante: alfauaca. Planta arbustiva, natural do Brasil, perene, aromática, utilizada como condimento na culinária. Apresenta, ainda, propriedades curativas. Mujtas fauas e de mtas castas, Alfauaca de bõ cheiro Do eupsertio, ibira poromocaci, Lemtilhas e linho Trigo, Ceuada e milho vi no Rjo de Janro e se da mto b [...]. FRANCISCO SOARES (1966) [1591], COISAS NOTÁVEIS DO BRASIL - MANUSCRITO DECOIMBRA [A00_0065 p. 157]. Tambem esta erva he unico remedio para camaras de sangue: as raizes são todas retalhadas, os ramos muito delgadinhos, as folhas parecem de alfavaca [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585]

6. ALFAZEMA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Raminho. Raminho de erva-cidreira, de fedegoso, aquele alfazema, raminhos verde* (BZD8-TER67)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Erva conhecida. *Lavandula* ou *Lavendula*, & *Fem.* Diz Voffio, que essa palavra não he conhecida dos Antigos mas q não quizera cõdena os q ufão della.
2. **Morais Silva (1789):** Planta aromática: dá hastes com umas espigas donde se esthahe oleo mui aromático.
3. **Chernoviz (1890):** Lavandula vera, De Candolle. Planta da família das Labiadas, cultivada nos jardins (fig. 26). Tem talo esbranquiçado, folhas agudas, flores azuladas, dispostas em espigas terminaes; cheiro aromático. Estimulante. Emprega-se principalmente para os banhos aromaticos: na dose de 500 a 1,000 grammas da planta para um banho d'agua quente. Contém um oleo essencial que serve para a preparação da água de Colônia. Muitas pessoas costumam queimar alfazema nos quartos dos doentes, com o que não fazem senão encobrir incompletamente o máo cheiro, mas não destroem os miasmas; é melhor abrir as portas e janellas para renovar o ar, ou espalhar licor de Labarraque, que ataca e destroe as emanações nocivas á saúde. Veja-se DESINFECÇÃO. Colhida em plena florescência, reunida em pequenos molhos que se fazem seccar á sombra, a alfazema espalha, nos armários que contém roupa ou vestidos, um cheiro agradável, tendo além d'isto a propriedade de afugentar os bichos que atacam sobretudo as fazendas de lã.
4. **Aulete (2008):** Bot. Nome comum a várias plantas do gên. Lavandula (p.ex., o arbusto Lavandula angustifolia, de flores azuis em espigas), cultivadas como ornamentais e por seu aroma, das quais se extrai um óleo de propriedades medicinais tb. us. em perfumaria; LAVANDA.
5. **Aurélio (2010):** Arbusto aromático, da família das labiadas (*Lavandula spica*); lavanda.
6. **Houaiss (2012):** 1 design. comum a algumas plantas do gên. Lavandula, da fam. das labiadas, esp. L. stoechas, L. latifolia, L. angustifolia e L. x intermedia, um híbrido natural das duas últimas, ger. cultivadas

como ornamentais e esp. para extração de óleo essencial, us. em perfumaria, medicina e vernizes para pintura em porcelana; lavanda.

7. Michaelis (2015): Denominação comum a várias plantas do gênero *Lavandula*, da família das labiadas (*Lavandula stoechas*, *Lavandula latifolia*, *Lavandula angustifolia* etc.), cultivadas como ornamentais, e cujas flores têm propriedades medicinais. Dessas ervas se extrai o óleo de lavanda, empregado em perfumaria (água de lavanda) e na preparação de vernizes; lavanda.

8. DHPB (2021): n.d.

7. ALMA PESADA NCF[Ssing + Asing] _____ 1 ocorrência

a) *Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um fio de arame, aquela **alma pesada** tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

8. AMBIÇÃO~IBIÇÃO Nf[Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *É inveja. É **ambição** do que cê tem. É inveja (BZD1-DOR64).*
- b) *De olho grande, de olho bobo, livra fulano do mal, de olho gordo, livra de mau-olhado, de **ambição**, de... Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa usura, tudo isso tem (BZD3-MAR86).*
- c) *Nossa senhora, eu ofereço essas palavras com essas oração que eu rezei. Ofereci pra Nossa Senhora Aparecida, que proteja a fulano, que defenda fulano do quebranto, de olhado, de inveja, de **ibição**, de olho gordo", de tudo, de tudo que ocê querer falar (BZD10-EST72).*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Dezejo imoderado de honras, não merecidas , ou mayores das que merecemos . Derivado do latim *Ambire*, Rodear, porque o ambiciofo anda rodeando na República , & na corte para fe introduzir em lugares honorificos. Por ambição de ordinario entende o vulgo defejo nimio de riquezas. Vid Cobiça. Ambição de honras , cargos, dignidades , governos, &c.
2. **Morais Silva (1789):** Desejo imoderado de conseguir honras , empregos,fazenda. As artes usadas para este fim.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Desejo intenso de obter riquezas, poder, fama etc.: Sua ambição incentivava-o na carreira.
5. **Aurélio (2010):** Desejo veemente de alcançar aquilo que valoriza os bens materiais ou o amor-próprio (poder, glória, riqueza, posição social, etc.).
6. **Houaiss (2012):** forte desejo de poder ou riquezas, honras ou glórias; cobiça; cupidez <sua a. abriu-lhe as portas da alta sociedade.
7. **Michaelis (2015):** Desejo intenso de riqueza, poder, glória ou honras; avidez, cobiça.
8. **DHPB (2021):** variantes: ambição, ambissão, ambição', ambisam. Desejo imoderado de riqueza, honra, glória.

9. ANJO CUSTÓDIO NCm[Ssing + Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *É. E eu tenho a maior vontade de aprender. Igual mãe, sabia mesmo, mãe sabia tanta oração, mãe sabia a oração do Anjo Custódio, que é uma oração muito boa, tanta oração boa e essa eu não aprendi, que é umas oração muito grande, né? É uma oração que vai uma página todinha dessa, né?* (BZD10-EST72).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

10. APOSTOLADO Nm[Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *Tem, tem, tem, tem o terço, tem a festa da Padroeira, né? Que a gente faz, tem a festa do Apostolado da Oração, tudo eu sempre tô envolvida, né?* (BZD1-DOR64).
- b) *Já participei de vários, eu já participei, assim, participei que eu falo assim, pra mim trabalhar, exercer o cargo, eu já trabalhei no Apostolado da Oração, já trabalhei na Conferência, já trabalhei de ministra da Eucaristia, já trabalhei na associação e hoje eu faço comentário na igreja* (BZD7-LUC70).
- c) *Tem sim. Tem, graças a Deus, eu tenho com o Sagrado Coração de Jesus, que é nosso padroeiro do Apostolado* (BZD9-NEN76).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** O ofício apostólico. A corporação dos 12 apóstolos.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Rel. Missão de apóstolo. P.ext. Propagação, difusão, ensino de uma doutrina, uma ideologia.
5. **Aurélio (2010):** Missão de apóstolo. Grupo dos apóstolos. Propaganda de um credo ou doutrina.
6. **Houaiss (2012):** grupo de indivíduos que apostolizam, difundem uma doutrina, uma ideia.
7. **Michaelis (2015):** Grupo de pessoas que propagam, difundem ou ensinam uma doutrina, uma ideia, um preceito etc.: “[...] os aldeamentos, centros da força atrativa do apostolado, fundiam as malocas em aldeias [...] integravam as tribos [...]”.
8. **DHPB (2021):** n.d.

11. ARREPIO Nm[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Quando é muito... Muito forte, no rezar que aquilo que cê tá rezando, cê já presente que tem, que cê abre a boca, fica aquela abrição de boca, dá uns arrepio na gente e água corre no canto dos olhos. Então, muitas vezes, eu já saí daqui pra pedir dona Belmira pra rezar ne mim. Eu não tinha falado dela, não?* (BZD1-DOR64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):**
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Breve tremor causado por frio, medo, susto etc.; CALAFRIO
5. **Aurélio (2010):** Tremor resultante de frio, medo, etc.; calafrio, horripilação. [Var. (bras., N.E., pop.): arrupio.]
6. **Houaiss (2012):** estremeamento, tremor rápido e involuntário em consequência de uma reação ao frio, ao medo etc. ou devido a uma emoção intensa; calafrio.
7. **Michaelis (2015):** Tremor resultante de reação ao frio, ao medo, à comoção, ao abalo afetivo ou moral etc.; calafrio.

8. DHPB (2021): n.d.

12. ARTIMIJO Nm[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) Não tem ramo excluído, um raminho de **artimijo**, de arruda também é bom, um galhinho de alecrim, tudo é ramos de benzer, né? É um ramo que Deus deixou, um galhinho de oliveira, é ramo que Deus deixou na Terra, é molhinho de mamoneira novinho, com as folhinha de mamona, é assim, eu benzo assim (BZD3-MAR86).

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.
2. Morais Silva (1789): n.d.
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): n.d.
5. Aurélio (2010): n.d.
6. Houaiss (2012): n.d.
7. Michaelis (2015): n.d.
8. DHPB (2021): n.d.

Os dicionários não registram a forma *artimijo*, mas registram *artemísia*, que, de acordo com o Houaiss, é uma “design. comum aos arbustos e ervas do gên. Artemisia, da fam. das compostas, com cerca de 350 spp., aromáticas e com capítulos pequenos, nativas de regiões temperadas do hemisfério norte e tb. do Oeste da América do Sul e do Sul da África, ger. em áreas secas, algumas cultivadas para tempero culinário, como o estragão, para infusões estimulantes, como o absinto, medicinais ou apenas tomadas como chá” (HOUAISS, 2012).

13. ATENTAÇÃO Nf[Ssing] ~ ATENTADA Nf[Asing] _____ 5 ocorrências

- a) E a minha santa preferida é Nossa Senhora Aparecida, que me livrou até de **atentação** quando eu era pequena, né? (BZD1-DOR64)
- b) É o exemplo que Jesus dá pra gente, é coisa de Deus. Olha, Maurício, que eu fui **atentada** uma vez, e eu era pra ser... Fazer coisas só do mal, bichinho perdoa boca de fogo. Eu vi, eu vi assim, me atentado direto, quando eu... Veio que arrastou a cadeira pra deitar comigo, ele fechou, mexia no trinco da porta, queria "cre, cre, cre", que fazia assim: "Tá furtando", começa altão e ia morrendo, sabe? Baixando, baixando, até que acabava. Quando eu vi que ele ia deitar mais eu na cama, eu falei: "Valha-me, Nossa Senhora", aquilo sumiu na hora (BZD1-DOR64).
- c) O padre falou pra mim assim: "Oh, a valência sua, minha filha, foi que ocê foi livrada por Nossa Senhora, porque se você não tivesse gritado por ela, cê ia ser **atentada** no mundo, ia **atentando** um e outro". Falei: "Graças a Deus, que eu não tenho nada de **atentação** e nem maldade com ninguém". Aí fiquei desse jeito, tenho pegado, toda vida pego um cargo da igreja (BZD1-DOR64).

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): Indução, e estímulo interior da natureza humana, corrupta pelo pecado original, ou instigação interna do demônio para o mal.
2. Morais Silva (1789): Induzimento a obrar alguma coisa, e principalmente o mal.
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): Desejo que leva a ato condenável ou a pecado: livrar-se das tentações.
5. Aurélio (2010): Bras. Pop. De comportamento endiabrado; levado, azougado.
6. Houaiss (2012): impulso para a prática de alguma coisa censurável ou não recomendável.
7. Michaelis (2015): Impulso íntimo dirigido para o pecado, originado dos instintos inferiores ou da malignidade do tentador.
8. DHPB (2021): n.d.

14. AVE MARIA Ncm[Ssing] _____ 21 ocorrências

- a) Fulano, eu te benzo de quebrante, de olhado, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro ramo você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a

mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí cê reza o Pai Nosso, uma **Ave Maria** e oferece pro santo de sua devoção (BZD1-DOR64)

- b) *Dor, você vai saindo de uma, até duas, até três, quatro, até cinco, até seis, até sete. Torna a falar e tá com os ramos, até se for João ou José. Fala: "José você tá sentindo essa dor", fala três vezes. "Essa dor que cê tá sentindo vai saindo de uma até duas, até três, até quatro, até cinco, até sete". No sete aí pode rezar e reza e volta, reza um Pai Nosso com uma **Ave Maria**, tudo. Eu rezo, é o jeito, eu já esqueci tem um tanto, moço, eu esqueço (BZD2-JOR83).*
- c) *A mãe sabia rezar uma **Ave Maria**, mas não pegava um terço, ela não sabia contar uma Ave Maria, se nós aprendeu, nós aprendeu por ideia nossa. Tanto que pai chegava a babar quando ele via (BZD3-MAR86).*
- d) *De cobreiro se reza assim: "Santa Iria tem três fia, uma reza de cobreiro, a outra de impinge, a outra de fogo selvagem". Você tem que rezar três vezes e oferece pra santa Iria, reza um Pai Nosso e uma **Ave Maria** depois que você faz a sua oração. Todas as rezas que eu tô te falando, cê reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois (BZD9-NEN76).*
- e) *A dor de cabeça é reza e aí cê tá rezando, o que cê faz é pegar a cabeça da pessoa, principalmente na hora que cê tá rezando a oração do Pai Nosso e **Ave Maria**, cê reza assim oh, tem que estar apertando a cabeça (BZD9-NEN76).*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: A Saudação Angelica a N. Senhora.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: Oração católica em louvor de Nossa Senhora, e que começa com a saudação: Ave, Maria.
6. **Houaiss (2012)**: oração que se inicia pelas palavras ave e maria, consagrada à Virgem Maria inicial por vezes maiúsc.
7. **Michaelis (2015)**: ATOL, LITURG [geralmente com inicial maiúscula] Oração consagrada pelos católicos à Virgem Maria, que se inicia com a saudação Ave, Maria.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

15. **AZIA** Nf[Ssing] _____ 4 ocorrências

- a) *Engasgação é a pessoa engasgada, se, por exemplo, ele engasga aí a gente... Muitas vezes a gente não pode ir na cidade socorrer, então a gente faz os primeiros socorros da gente aqui, que é a oração. A oração de engasgação é: "Santa Iria tinha três fia. Uma cozia, a outra lavava e a outra rezava de **azia**, com os poder de Deus e da Virgem Maria". E tira para o mal sagrado, cê reza três vezes essas mesmas palavras e oferece para o santo de sua devoção (BZD1-DOR64)*
- b) *De **azia**, esse aí é de **azia**, o que eu falei foi de **azia**. Engasgação é a mesma coisa do antigamente, quando Jesus andava no mundo, né? (BZD1-DOR64)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Azia do estômago.
2. **Morais Silva (1789)**: Azedume do estômago, doença.
3. **Chernoviz (1890)**: AZIA ou AZEDUME. Dá-se vulgarmente este nome ás eructações ácidas que produzem na bocca uma sensação desagradável. Este phenomeno, que em muitos individuos se reproduz com intervallos mui breves, pôde proceder de causas mui variadas. As azias acompanham as más digestões, e precedem freqüentemente os vômitos na indigestão propriamente dita. As pessoas que soffrem de moléstias do estômago estão mui sujeitas a este incommodo, mas nem por isso deixa elle de atacar ás vezes aquellas que mostram gozar de boa saúde. Muitas mulheres grávidas padecem d'elle durante os primeiros mezes da prenhez. Ás vezes procede do uso de alimentos ácidos ou acres, de bebidas acerbis, incompletamente fermentadas.
4. **Aulete (2008)**: Med. Sensação de ardência no esôfago causada por excesso de acidez no estômago.
5. **Aurélio (2010)**: V. pirose. [Cf. asia, do v. asir, e Ásia, top.]
6. **Houaiss (2012)**: Pirose: sensação de dor epigástrica semelhante a uma queimadura, ger. acompanhada de regurgitação de suco gástrico para dentro do esôfago; azia.
7. **Michaelis (2015)**: MED Sensação de dor ou de queimação no epigástrico, geralmente acompanhada de regurgitação do suco gástrico para dentro do esôfago; pirose.

8. DHPB (2021): Azedume do estômago.

16. BANDEIRA Nf[Ssing] _____ 9 ocorrências

- a) *De igreja. de Bom Jesus, as festas de Bom Jesus, festas de São João, né, que eu comemorava, ele fui chamada em muitas festas, festa roubada, **bandeira** roubada, pra eu ir, pra poder fazer. Eu fazia tipo de um encontro bonitinho, que o povo falava (BZD9-NEN76).*
- b) *E aí pra entregar, aqueles que vinha falar algum discurso, aquele que tava, tinha falado também, pra receber, né? Eu pequena, eu tinha, o que? Uns dez, doze anos, eu fazia tudo isso, o povo chamava pra pessoal que morria e eu ia, fazia tudo, tudo, tudo, discurso de **bandeira** pra ver fazer entrega, né? (BZD9-NEN76).*
- c) *A entrega da **bandeira**, às vezes as pessoas me procurava aí eu ia, chegava: "faz o discurso pra mim pra nós fazer a entrega da **bandeira**". Oh, meu filho, eu era tão assim decidida, né? E eu cheguei a falar pra eles assim: "Oh, meu discurso é pequeno, é poucas palavras, de já peço desculpa, o pessoal não repara", pra não dizer que passou em branco, nem coisando, né? Aí eu já falava: "Viva a **bandeira** e **bandeira** viva, e lá no céu eternamente. Lá no céu tem uma flor para o seu contentamento, senhores e senhoras saia fora e venha cá. Vem nos dar licença que a **bandeira** pode chegar, se a **bandeira** puder chegar com prazer e alegria, bate palma e dando viva. Viva a **bandeira** desse dia" (BZD9-NEN76).*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.c.a.
2. **Morais Silva (1789):** n.c.a.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Peça de pano, ger. retangular, com as cores e, às vezes, legendas e/ou símbolos representativos de uma nação, instituição, agremiação etc., ou com cores e/ou desenhos específicos para transmitir sinais, presa por um dos lados a uma haste, de modo que possa desenrolar-se e flutuar; ESTANDARTE; PAVILHÃO; PENDÃO.
5. **Aurélio (2010):** Peça de pano, com uma ou mais cores, às vezes com legendas, que se hasteia num pau, e é distintivo de nação, corporação, partido, etc.; balção, estandarte, pavilhão, pendão, lábaro; e (poét.) auriflama.
6. **Houaiss (2012):** peça, ger. de pano retangular, com as cores e emblema de uma nação, estado, instituição religiosa, agremiação política, recreativa ou desportiva etc. [Simboliza união ou comunhão de ideais, de interesses.]
7. **Michaelis (2015):** Pano, em geral retangular, de uma ou mais cores, comumente com emblema e legendas, que simboliza uma nação, um estado, um município, uma agremiação, uma instituição religiosa etc.; estandarte, insígnia, pavilhão, pendão, signa.
8. **DHPB (2021):** n.c.a.

17. BENDITO Nm[Ssing] _____ 4 ocorrências

- a) *Durante a semana, de segunda à sexta, antes das 18h. Passou de seis horas da tarde eu não rezo ninguém a não ser **bendito** de comer feijão e deitar, pra benzer pessoas só se tiver ruim pra morrer (BZD1-DOR64).*
- b) *Chama Estrela do Céu, a oração que reza no terreiro pra galinha quando tá doente. Chama Estrela do Céu, aí ela é feita em cruz, assim, tem que seguir do jeito que tá ali, não sei se mãe ainda tem ele. Eu não sei se mãe ainda tem ele, mas ele era de pai, pai comprou ele na Lapa, olha quantos ano, oh, gente. Muitos anos, era do tempo em que o povo ia pra Lapa de caminhão, que nem... E aí pai comprou esse livro, aí ele morreu e mãe ficou com esse livro e me emprestou, mas pediu de volta, se ela não tiver dado, mas tinha tanta oração boa e **bendito** bonito, só **bendito** bonito, aqueles **bendito** mais antigo que tinha (BZD8-TER67).*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.c.a.
2. **Morais Silva (1789):** n.c.a.
3. **Chernoviz (1890):** n.c.a.
4. **Aulete (2008):** n.c.a.

5. **Aurélio (2010)**: n.c.a.
 6. **Houaiss (2012)**: n.c.a.
 7. **Michaelis (2015)**: n.c.a.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

18. BENZIMENTO Nm[Ssing] _____ 13 ocorrências

- a) *Quando a gente vai fazer as oração a gente pede força a Deus, pede licença a Deus e pede a Deus pra abençoar aquele **benzimento**, né?* (BZD9-NEN76).
 b) *Aí vai da fé, né, Maurício. Porque quem benze tem que benzer com fé e quem tá recebendo o **benzimento** também tem que receber com fé* (BZD7-LUC70).
 c) *Só que os **benzimento** que eu já fui benzida assim, as pessoas benziam em silêncio* (BZD7-LUC70).
 d) *Não. Domingo não serve pra **benzimento**, à noite, depois que o sol entra, também não serve pra **benzimento**, esses horários não servem, só se a pessoa, às vezes, tá pensando que a gente não acorda e faz muita questão de benzer, mas não é horário de **benzimento*** (BZD9-NEN76).
 e) *Porque já entra pra noite adentro, o domingo também não pode, mas na semana eu benzo, durante a semana, qualquer um dia. Mas o dia principal é segunda, quarta e sexta, é o dia mais bom pros **benzimento*** (BZD9-NEN76).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.c.a.
 2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: Ação ou ato de benzer(-se); BENZEÇÃO.
 5. **Aurélio (2010)**: ato ou efeito de benzer.
 6. **Houaiss (2012)**: ato ou efeito de benzer(-se), abençoar
 7. **Michaelis (2015)**: Ato ou efeito de benzer, com ou sem o sinal da cruz, e com fórmulas ou sinais supersticiosos; benzeção, benzedela, benzimento: Fez-lhe uma benzedura para tirar mau-olhado.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

19. BENZEDURA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Eu só aprendi benzer só de quebranto. Essas outra **benzedura** mãe sabia e eu não aprendi nenhum* (BZD7-LUC70).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: ação de benzer dos benzedores.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: Ação de benzer, por meio de orações.
 5. **Aurélio (2010)**: Ato de benzer, acompanhado de rezas supersticiosas.
 6. **Houaiss (2012)**: ato de benzer com ou sem o sinal da cruz, acompanhado de orações com fórmulas especiais, supersticiosas
 7. **Michaelis (2015)**: Ato ou efeito de benzer, com ou sem o sinal da cruz, e com fórmulas ou sinais supersticiosos; benzeção, benzedela, benzimento: Fez-lhe uma benzedura para tirar mau-olhado.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

20. BENZEÇÃO Nm[Ssing] _____ 24 ocorrências

- a) *Não é só a benzeção, é a fé da pessoa* (BZD1-DOR64)
 b) *Faço benzeção em animais também* (BZD1-DOR64)
 c) *Benzeção que eu sei é quebranto, não tô falando com você, é quebranto, mau-olhado, "Dois que pôs, três Deus tira, com os poder Deus e de Nossa Senhora"* (BZD4-GER72)
 d) *A benzeção é pra fazer caridade, né, moço?* (BZD6-DEL87)
 e) *Benzeção eu tinha vontade de aprender mais, reza de mais coisa* (BZD8-TER67)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Ação ou resultado de benzer(-se); BENZIMENTO.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

21. **BENZEDEIRA** Nf[Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *Ela era benzeadeira, ela sabia benzer e ela sabia as oração boa, mas ela não ensinou, ela só falou: "Oh, menina, rezar no quebranto é fácil, menina, é só falar fulano, o nome da pessoa. Fulano o que que cê tem? Quebranto e olhado com dois eu ponho, com três eu tiro* (BZD3-MAR86)
- b) *Minha mãe era benzeadeira, né* (BZD12-LOU80)
- c) *Sou benzeadeira há muito tempo* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** Mulher, que benze, ou que diz palavras , com que pretende curar doenças e feitiços.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** mulher que benze as pessoas fazendo-lhes acreditar que as livra de doenças ou de feitiços, bruxa, feiticeira. F. Benzer.
5. **Aurélio (2010):** Bruxa, feiticeira. [Var. pop.: benzadeira.]
6. **Houaiss (2012):** que ou quem pretensamente afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, eventualmente predizendo tb. o futuro; benzedor.
7. **Michaelis (2015):** Que ou aquele que pretende curar doenças, afastar o mal, defender ou proteger de feitiços etc. por meio de benzeduras; benzedor, benzilhão, curandeiro.
8. **DHPB (2021):** n.d.

22. **BENZADOR** Nm[Ssing] _____ 12 ocorrências

- a) *Então tudo Deus deixou, meu filho, e cê sabe, Deus deixou o médico pra tudo, Deus deixou o benzedor, né* (BZD3-MAR86)
- b) *Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso* (BZD3-MAR86)
- c) *Aquele também, ih, mas era bom benzedor* (BZD5-MAR90)
- d) *Eu só não sei quantos tem, mas não tem muito tempo não. Foi quando eu levava minha filha lá no benzedor pra benzer, chegava lá, cuidava dela e cuidava de mim do mesmo jeito* (BZD8-TER67)
- e) *Não, antigamente era mais. Muito benzedor Deus já levou, a modernagem de hoje não quer procurar aprender* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** o que pretende curar com orações, e palavras, e bênçãos.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** O mesmo que benzeadeira; quem exerce a função de benzer, com o que supostamente defende indivíduos de feitiços e cura doenças e maus-olhados; CURANDEIRO; REZADOR.
5. **Aurélio (2010):** Que ou aquele que pretende curar doenças, afastar o mal.
6. **Houaiss (2012):** que ou quem pretensamente afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, eventualmente predizendo tb. o futuro; benzedor.
7. **Michaelis (2015):** Que ou aquele que pretende curar doenças, afastar o mal, defender ou proteger de feitiços etc. por meio de benzeduras; benzedor, benzilhão, curandeiro.

8. DHPB (2021): n.d.

23. BENZER [V] _____ 163 ocorrências

- a) Já **benzi** assim que uma vez que as galinha minha ficava tudo doente, aí mãe tem um livrinho de pai que eles falam "Abre a Porta", ele tem a oração, como é que se fala ela? Oh, meu Deus, eu esqueci como que chama ela, aí eu peguei o livrinho de lá de mãe e pelo livrinho eu rezava (BZD8-TER67).
- b) De engasgação, filho, eu já **benzi** em criação. Um dia uma vaca até da minha irmã comeu as mangas, e aí engoliu uma manga e aí passou: "Oh, minha filha, olha com o que a vaca tá aí, naquela ânsia, naquela ânsia, como é que faz, minha filha? E pai não fazia reza de engasgação, não, de engasgação ele não sabia reza, não. "Pois sim, minha filha, vem aqui procê ter que coisar". Rapidinho eu fiz um benzimento, perguntei: "Oh, pai, a vaca é mansinha?" Ele disse: "Eu levo o cordãozinho e ponho no pescoço dela". Rapidinho pai pois, depois a vaca deu aquela tosse, afundo, quando ela tossiu a manga foi jogada na hora, desengasgou na hora (BZD9-NEN76).
- c) Não teve nem tempo do umbigo cair, ele abriu e ele fez aquelas... E eu peguei e mandei ela apanhar um pacotinho de algodão e uma agulha e pus uma linhinha, rezei na linhinha e aí eu costurei isso, **benzi** e fiz a costura assim. E essas mulher nem comia, nem dormia que essa criança não deixava, aí eu pus ela assim no meu colo e fui **benzendo** ela. Quando eles panchou ela do meu colo, tava dormindo (BZD12-LOU80).
- d) Procurava. Quando eu tava na Vereda o povo me procurava demais, quando eu morava lá. E aqui também tem hora que eles procura, né? Até de noite tem hora que eles me chama pra rezar, vem aqui mode eu **benzer**, eu **benzo**, que eu não nego, não, que ninguém pode negar as palavra de Deus a ninguém, não. Pode não (BZD5-MAR90).
- e) Igual ao de que de quebrante, que fala, de olhado e quebrante, né? Você pega os três ramos verde, três raminho verde. Aí cê vai e reza na pessoa, fala assim, fulano, fala o nome da pessoa, fulano que eu falo, você falou no nome da pessoa: "Eu te **benzo** de quebrante e olhado, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria", pega aquele raminhos separa, pega outro que não foi. Fala a mesma coisa: "Fulano, eu te **benzo** de quebrante e olhado, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria" (BZD10-EST72).

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.c.a.
2. **Morais Silva (1789)**: Lançar benções, acompanhando as de preces e ritos apropriados á coisa, que se benze. Dizer bens a alguém, a Deus.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Dar a bênção a, invocar graça divina para (algo ou alguém), inclusive si mesmo [td. : O padre benzeu os fiéis.: Benzeu -se, contrito, antes de entrar no palco].
5. **Aurélio (2010)**: Fazer o sinal-da-cruz sobre (pessoa ou coisa), recitando certas fórmulas litúrgicas, para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do Céu; abençoar.
6. **Houaiss (2012)**: litur.cat invocar (ger. com o sinal da cruz traçado no ar com os dedos) a graça divina (sobre algo ou alguém).
7. **Michaelis (2015)**: LITURG, CATOL Abençoar (fazendo o sinal da cruz com a mão direita aberta, da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito), invocando a graça divina: O sacerdote benzeu todos os devotos. Afugentar com esconjuros (demônios de si mesmo); exorcizar: Benzia-se sempre que se sentia ameaçada por algo ruim.
8. **DHPB (2021)**: Enunciar rezas para a obtenção de benefício ou cura de alguém; fazer benzeduras. Se alg a peŕŕoa adivinha, ou benze, ou cura com palavras, ou benço s fem noŕŕa licença, ou de noŕŕo Provisor, & fe ha alguem que a vâ buŕcar, crendo q com fuas bençoens pôde haver ŕaude. desconhecido (1720) [1704].

24. BICHEIRA Nf[SSing] _____ 16 ocorrências

- a) Sei rezar de **bicheira**, pra cair os bicho (BZD11-ZIZ64)
- b) **Bicheira** é quando a bicho né, dá bicho e a gente reza e os bichos cai tudo. Muitas vezes, não precisa passar remédio, né? (BZD11-ZIZ64)

- c) *Eles me procura mais pra rezar ne **bicheira** de bicho pagão, de mau olhado, muita coisa eles pedem assim pra rezar (BZD12-LOU80)*
- d) *Porque dia de domingo eu só rezo em **bicheira**, tá lá a **bicheira**, já comeu quase tudo, eu rezo, não fica um, cai tudo, os bicho cai tudo, só serve pra **bicheira**, mas pra nós, batizados, que é cristão, tem o Espírito Santo, não pode, não pode porque complica, não dá certo (BZD13-ANA91)*
- e) *A oração de **bicheira** é que eles reza lá, até os bichos, tem não sei quantos, perdi agora as contas, três vezes, e fala: "Com os poder de Deus e da Virgem Maria". E agora quando você pegar, cê fala: "Bicho, bicharia, nessa **bicheira** não fica mais nenhum bicho", põe uma pedrinha e bate três vezes, cê vai batendo e os bicho vai caindo, caindo, caindo, caindo, vai caindo um monte lá no chão pra pessoa olhar (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.

2. **Morais Silva (1789)**: n.d.

3. **Chernoviz (1890)**: Bicheiro. Dá-se este nome a uma quantidade de bichos ou larvas que se encontram em qualquer parte do corpo do homem, particularmente na pelle e no interior do nariz. Estes bichos são produzidos pela mosca varejeira, commum na província do Rio de Janeiro, onde tive accasão de a observar. A mosca varejeira é quasi duas vezes maior que a mosca commum; tem o corpo esverdeado e luzidio, a bocca roxa-amarellada, azas transparentes; quando vòta faz um zumbido particular. Introduz os seus ovos debaixo da pelle por meio de uma espécie de verruma. Posto o ovo, transforma-se este em uma larva que produz inflammação e suppuração com que se nutre. Esta larva, ou, fadando vulgarmente, esta vareja, tem desesseis a vinte millimetros de compri-inento, e quatro a seis de largura, e de côr branca um tanto rosca, e tem uma extremidade mais grossa do que a outra. Os symptomas que annunciam a presença das varejas são a principio uma comichão causada pela picada da mosca; alguns dias depois, manifesta-se uma dôr aguda; logo apparece um tumor phlegmonoso; no centro d'este existe uma pequena mancha preta, que é o logar da picada; o doente sente os bichos bolir debaixo da pelle. Abrindo o tumor, achamse muitos d'estes bichos, dez, vinte, trinta e mais.

4. **Aulete (2008)**: Ferida em animal que fica cheia de vermes.

5. **Aurélio (2010)**: Ferida nos animais, cheia de bichos, de verme

6. **Houaiss (2012)**: med, vet; B infestação de um organismo por larvas de moscas; mífase

7. **Michaelis (2015)**: MED, VET Ulceração contaminada por larvas de moscas; mífase.

8. **DHPB (2021)**: variantes: bicheyra, bixeira. Ferida nos animais cheia de bichos e vermes que depositam seus ovos.

25. BOM JESUS DA LAPA NCm[Adj + Ssing + Prep + Ssing] _____ 5 ocorrências

- a) *Porque muitos têm devoção por Nossa Senhora, outros é com Santa Luzia, outros é com Jesus Misericordioso, **Bom Jesus da Lapa**, né? (BZD1-DOR64)*
- b) *Chama Estrela do Céu, a oração que reza no terreiro pra galinha quando tá doente. Chama Estrela do Céu, aí ela é feita em cruz, assim, tem que seguir do jeito que tá ali, não sei se mãe ainda tem ele. Eu não sei se mãe ainda tem ele, mas ele era de pai, pai comprou ele na **Lapa**, olha quantos ano, oh, gente. Muitos anos, era do tempo em que o povo ia pra **Lapa** de caminhão, que nem... (BZD8-TER67)*
- c) *Já fui na **Lapa** e eu gostei demais, demais, meu sonho é voltar lá outra vez (BZD8-TER67)*
- d) *Pra Nossa Senhora Aparecida, meu **Bom Jesus da Lapa** é os dois protetor da minha vida é eles (BZD12-LOU80)*
- e) *Mas aqui eu é demais, é demais, era demais, é demais. O telefone toca o dia inteirinho de Deus Nosso Senhor. Tem hora que eu chego, falo: "Põe uma cadeira ali fora pra mim, deixa eu sentar lá fora". Eu sento lá fora, porque aqui vai perturbando, um liga, outro liga, outro liga, o outro manda rezar ne dois, manda rezar ne três, nem sei quantos. Aí eu falo: "Põe essa cadeira lá fora pra mim, deixa eu sentar lá no mato". Põe a cadeira lá no mato e eu sento lá no mato e deixo, lá eu fico sentada naquela sombra lá e tá ventando, aquilo eu tô distraindo e tô assistindo uma oração, uns cantos do Senhor **Bom Jesus da Lapa**, porque lá eu vejo falando nos anjo e tudo e eu tô seguindo aquele caminho, graças a Deus. Eu, se não fosse isso, eu já não tava viva mais não, porque já passei pra 90 anos (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

26. **BRASA** Nf[Ssing] _____ 4 ocorrências

- a) *Sempre eu uso é os raminho e três **brasa** dentro da água (BZD4-GER72)*
- b) *Tem, porque se a pessoa tiver muito forte o olho ruim, cê põe três **brasa**, cê pega as **brasa** viva e coloca dentro do copo, na mesma da horinha toca uma na outra assim, todo mundo pro fundo, não fica uma. Agora se elas ficou pro cima da água, a pessoa não tem, né? Agora, se afundou... (BZD4-GER72)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Braza. Derivafe do Grego Brafein Arder, ou ferver. Braza é carvão ou lenha, ou outra matéria combusfivel aceza, & abrasada.
2. **Morais Silva (1789)**: o carvão ardendo todo em fogo.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Carvão incandescente, sem chama.
5. **Aurélio (2010)**: Carvão incandescente.
6. **Houaiss (2012)**: carvão em incandescência, mas sem chama.
7. **Michaelis (2015)**: Carvão incandescente, sem chama.
8. **DHPB (2021)**: variante: braza. Tição em fogo incandescente, mas sem chama.

27. **BRAVURA** Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Tirou, né? O meu finado, meu filho, tinha muita **bravura**, muita coisa que não podia fazer, ele fazia, às vezes ele não tava fazendo, né? Aí algumas pessoas benzeu ele e ele melhorou, né? Graças a Deus (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Furia violenta, inquietação.
2. **Morais Silva (1789)**: Acção de Bravo, valentão.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.c.a.
5. **Aurélio (2010)**: n.c.a.
6. **Houaiss (2012)**: ferocidade, selvageria; braveza.
7. **Michaelis (2015)**: Qualidade ou estado de feroz; bestialidade, fereza, ferocidade.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

28. **BRUBUTANDO (BORBOTÃO)** [V] _____ 1 ocorrência

- a) *Eu passo a noite **brubutando** na cama, levanto, fico caminhando no meio dessa casa com uma lanterna na mão, vou lá fora, venho aqui, vou lá, venho aqui. Agora, não dá pra gente tá abrindo porta de noite, porque aqui tá chegando muita gente diferente, né? (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.c.a.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Jato impetuoso e intermitente de um líquido ou de um gás.
5. **Aurélio (2010)**: Jacto impetuoso; jorro, golfada, cachão, borbulhão:

“Com a convulsa mão súbito arranca / A lâmina fulgente da bainha, / E sobre o duro ferro penetrante / Arroja o tenro cristalino peito: / E em borbotões de espuma murmurando / O quente sangue da ferida salta” (Correia Garção, Obras Poéticas e Oratórias, p. 383).

6. **Houaiss (2012)**: borbulhão de um olho-d'água.

7. **Michaelis (2015)**: Jato forte e intermitente; borbulhão, jorro: “A cabana do velho guerreiro estava junto das formosas cascatas, onde salta o peixe no meio dos borbotões de espuma” (JAI1).

8. **DHPB (2021)**: n.d.

29. CAMBOTAR [V] _____ 1 ocorrência

a) *O raminho murcha. Aí se ocê... Se eu fico em pé assim, não sei não, mas se ocê rezou numa pessoa, que ocê termina a sua reza, aí cê vê o raminho **cambota**, né?* (BZD4-GER72)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.

2. **Morais Silva (1789)**: n.d.

3. **Chernoviz (1890)**: n.d.

4. **Aulete (2008)**: n.d.

5. **Aurélio (2010)**: n.d.

6. **Houaiss (2012)**: n.d.

7. **Michaelis (2015)**: n.d.

8. **DHPB (2021)**: n.d.

30. CAPIAÇU Nm[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Eu peguei um tal de **capiaçu** e cortei três palitinhos, fiz três burrinha e sentei em riba de onde tava coisado e costurei a perna dele. Quando eu terminei, passei bem quietinho, tornei lá em casa, vim e tava o homem bem roncando, dormindo. Quando acordou: "Dona menina, tô aqui sãozinho"* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.

2. **Morais Silva (1789)**: n.d.

3. **Chernoviz (1890)**: n.d.

4. **Aulete (2008)**: n.d.

5. **Aurélio (2010)**: n.d.

6. **Houaiss (2012)**: caapiaçu. 1 caapiá (*Dorstenia multiformis*) nativo do Brasil (BA ao RS), de folhas muito variadas, de tom verde-escuro, pálidas na página inferior, e frutos castanhos; caapiá-do-grande, caapiá-preto, capa-homem [Um dos caapiás mais reputados por suas propriedades medicinais; por vezes, a sp. é considerada como sinônimo científico de *D. arifolia*, ou seja, seria idêntica ao caapiá-do-sul.]

7. **Michaelis (2015)**: BOT Variedade de caapiá (*Dorstenia multiformis*), nativo do Brasil, de folhas grandes e frutos amarronzados; caapiá-do-grande, caapiá-preto.

8. **DHPB (2021)**: n.d.

31. CARNE QUEBRADA Ncf[Ssing + Adj] _____ 12 ocorrências

a) *E a de **carne quebrada** também é muito boa. Eu rezo ela demais aqui, rezo até...* (BZD10-EST72)

b) *A de **carne quebrada** é assim, cê chega na pessoa se machucou o pé, que seja o pé, que seja a mão que deslocou* (BZD10-EST72)

c) *Aí cê pega três torrãozinho do lado, pega um, dois, três, aí cê vai e fala assim na pessoa: "Fulano, eu te benzo de **carne quebrada**, osso rendido, nervo torto, veias arreventadas, esse mesmo eu coso, com os poder de Deus e da Virgem Maria"* (BZD10-EST72)

d) *Eu aprendi rezar de dor de dente, dor de cabeça, estancção de sangue, de **carne quebrada**, que muitas vezes gente cai, né?* (BZD11-ZIZ64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.

2. **Morais Silva (1789)**: n.d.

3. **Chernoviz (1890):** n.d.
 4. **Aulete (2008):** n.d.
 5. **Aurélio (2010):** 1.Bras. GO Alquebramento de forças físicas: “É sempre entre as pretas velhas que encontramos boas benzedadeiras. Benzem quebranto, vento-virado, carne-quebrada, nervo rendido e outros males.” (Regina Lacerda, Papa-Ceia, p. 17.) [Pl.: carnes-quebradas.]
 6. **Houaiss (2012):** n.d.
 7. **Michaelis (2015):** REG (GO) Enfraquecimento ou debilidade física.
 8. **DHPB (2021):** n.d.

32. CAROÇO Nm[Ssing] _____ 10 ocorrências

- a) *Num sabe quando na pessoa teve um **caroço**, corte, tudo?* (BZD9-NEN76)
 b) *É Praga, lavoura, lagarta, muitas vezes até em mosquito dentro de casa a gente reza também, né? Eu rezo com dedo, mesmo, com o mesmo eu rezo. É muito boa também a oração quando da **caroço** ne galinha, em casa mesmo eu tô rezando direto, porque deu **caroço** nas galinha, tô rezando, né? É bom pra cair os **caroço**, aquelas verruguinha, né, que dá nas galinha* (BZD11-ZIZ64)
 c) *Eles fala **caroço**, né? Uns fala **caroço**, outros fala verruga* (BZD2-JOR83)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.c.a.
 2. **Morais Silva (1789):** n.c.a.
 3. **Chernoviz (1890):** n.d.
 4. **Aulete (2008):** Pop. Erupção ou protuberância na pele.
 5. **Aurélio (2010):** Pop. Glândula enfartada e endurecida; íngua. Tumor ou erupção cutânea.
 6. **Houaiss (2012):** infm. glândula ou gânglio inflamado ou endurecido; íngua.
 7. **Michaelis (2015):** COLOQ Glândula ou gânglio entumescido; calombo, tumor, tundá.
 8. **DHPB (2021):** Glândula inchada; tumor na pele.

33. CARREGADO Nm[Adj] _____ 2 ocorrências

- a) *Às vezes uma hora eu tô **carregada**, né? As perna doendo, o corpo doendo, cabeça doendo, moleza, abrindo a boca, um sono, que tô deitando. "Ah, fulano, benze ne mim", benze ne mim, graças a Deus, né?* (BZD3-MAR86)
 b) *Quando a pessoa tá muito **carregada** o ramo murcha* (BZD6-DEL87)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
 2. **Morais Silva (1789):** n.c.a.
 3. **Chernoviz (1890):** n.d.
 4. **Aulete (2008):** Em que se presente perigo, aborrecimento, mal-estar (ambiente carregado); PESADO; TENSO.
 5. **Aurélio (2010):** n.c.a.
 6. **Houaiss (2012):** n.c.a.
 7. **Michaelis (2015):** Que tem semblante triste ou pesado.
 8. **DHPB (2021):** n.c.a.

34. CARVÃO Nm[Ssing] _____ 6 ocorrências

- a) *Rezo, de quebrante pode rezar com **carvão** também, com ramo e com **carvão**. Você pega e joga três brasinhas acesas dentro, aí de acordo com cê reza, se afundar os três, tá ruim; se afundar só um, é um homem; se for duas, é mulher* (BZD1-DOR64)
 b) *Tem um rapaz em Salinas, que ligou pra mim, mode de eu poder rezar numa perna desse rapaz, que tava com problema na perna. E aí o médico, todo eles, até Montes Claros que ele foi: "Tem que amputar". O homem chorava que fazia dó, mora em Salinas, tinha barraca na feira e parou que ele não aguentou nem mexer com a barraca. A perna tanto inchou demais que emprestou, virou **carvão**. Aí eu rezei um cordão, mandei pra ele amarrar na perna e fiquei rezando de casa. Hoje em dia o homem tá são, curado com Deus, que Deus curou, né?* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** CARVAM. Cepa, ou Sopro, meyo queimado que depois de apagado he capaz para tornar a arder, & converterse em braza, sem grande labareda, & com pouco fumo. carvão aceso ou apagado.
2. **Morais Silva (1789):** Materia disposta para se accender, e conservar o fogo, ou sejam pedaços de madeira queimada, e apagada; ou a que se tira de minas Sulfureas, dita carvão de pedra.
3. **Chernoviz (1890):** Designa-se com este nome uma substancia que resulta da acção do fogo sobre as matérias vegetaes ou animaes, em vasos fechados e por consequente ao abrigo do contacto do ar. Existe também um carvão de pedra ou mineral que é o resultado das reacções naturaes no seio da terra. Temos, pois, a examinar três espécies de carvão: o carvão proveniente da combustão das substancias vegetaes, que é o carvão vegetal ou de lenha; o carvão que provém da combustão das substancias animaes, como, por exemplo, os ossos, que é o carvão animal; e, em terceiro lugar, o carvão de pedra. Todo o carvão é composto de carbone, corpo simples, misturado com diversas outras substancias, segundo a sua natureza, origem e gráo de pureza.
4. **Aulete (2008):** Substância combustível, sólida e negra, resultante da combustão parcial de matéria orgânica, de origem vegetal ou animal.
5. **Aurélio (2010):** Substância combustível, sólida, negra, resultante da combustão incompleta de materiais orgânicos; carvão mineral, carvão-de-pedra, hulha.
6. **Houaiss (2012):** quím material sólido, de origem mineral ou vegetal, que principalmente consiste em carbono com pequeno percentual de hidrogênio, compostos orgânicos complexos e materiais inorgânicos, muito us. industrialmente como combustível, p.ex., em carboquímica, em metalurgia etc.; hulha.
7. **Michaelis (2015):** Substância sólida, negra, com poder de combustão, de origem animal, mineral ou vegetal, formada de carbono, hidrogênio, compostos orgânicos e inorgânicos, que provoca labaredas e é usada como combustível; carvão mineral.
8. **DHPB (2021):** 1. Corpo de certas substâncias vegetais, minerais ou animais que se torna negro após a combustão e próprio para acender e conservar o fogo. Brasa, cujo fogo se extinguiu.

35. COBREIRO Nm[Ssing] _____ 29 ocorrências

- a) *É que não pode encontrar e chama impinge, mas eu já rezo — por que tem impinge e tem o fogo selvagem e tem o **cobreiro** — a minha oração já reza dos três, você entendeu como que é, né?* (BZD9-NEN76)
- b) *E têm coisas que o médico não cura, igual **cobreiro**. **Cobreiro** o médico não cura, não* (BZD1-DOR64)
- c) ***Cobreiro** é aquela coisa que é coisa de aranha põe, aquelas bolha de água que quando quebra, escorre e vai crescendo* (BZD1-DOR64)
- d) *É um **cobreiro** que sai, que tem aquele que é o **cobreiro**, ele estanha no corpo, ce tem que rezar de **cobreiro**. O **cobreiro** é aquele que estanha, né? E o impinge é um que dá as manchinha e sai água* (BZD3-MAR86)
- e) *Santa... Não, Santa- Maria não tá tendo não, né? Santa-maria é pra rezar, assim, de impinge e **cobreiro**, é rezado com santa-maria, mas ninguém tá achando a santa-maria mais, né? *bassourinha, é bassourinha, né? É com vassourinha* (BZD5-MAR90)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** CORREIRO ou COBRELO. Assim se chama uma erupção na pelle de pequenas bolhas, cheias de um liquido amarellado, e cujo volume varia desde o da cabeça de um alfinete até ao de uma azeitona e mais. Ocupa ordinariamente o ventre, as espaldas, o peito ou os membros. No ventre forma ás vezes um meio-cinto de 27 millimetros de largo. Existe sempre dôr ou comichão em roda das bolhas. Estas bolhas, análogas ás que produz na pelle a applicação de um cáustico, deixam escorrer o liquido que contém, e seccam. Em três ou quatro dias, desaparecem todas; mas ás vezes succedem-se em maior ou menor numero durante um mez e mais. Ordinariamente o cobreiro não é acompanhado de febre; mas quando é extenso, ha fastio, dores em todo o corpo, dores de cabeça, e freqüência do pulso.
4. **Aulete (2008):** Pop. Erupção vesiculosa cutânea com base eritematosa; HERPES-ZÓSTER.
5. **Aurélio (2010):** Erupção cutânea, atribuída popularmente à passagem de algum bicho.
6. **Houaiss (2012):** Afecção caracterizada por erupções vesiculosas da pele, localizadas no trajeto dos nervos da sensibilidade.

7. **Michaelis (2015)**: MED, COLOQ Erupção cutânea (herpes-zóster) que, segunda a crença popular, é causada pela passagem de alguma cobra pela roupa; cobreiro, cobro.

8. **DHPB (2021)**: n.d.

36. CONFERÊNCIA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Já participei de vários, eu já participei, assim, participei que eu falo assim, pra mim trabalhar, exercer o cargo, eu já trabalhei no Apostolado da Oração, já trabalhei na Conferência, já trabalhei de ministra da Eucaristia, já trabalhei na associação e hoje eu faço comentário na igreja* (BZD7-LUC70)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Prática de várias pessoas sobre alguma matéria.

2. **Morais Silva (1789)**: Pratica de varias pessoas para algum ajustamento, concerto, acordo comum.

3. **Chernoviz (1890)**: n.d.

4. **Aulete (2008)**: n.c.a.

5. **Aurélio (2010)**: Conversação entre duas ou mais pessoas sobre negócios de interesse comum.

6. **Houaiss (2012)**: conversa particular ou discussão entre duas ou mais pessoas sobre um tema considerado importante.

7. **Michaelis (2015)**: Conversação ou discussão entre duas ou mais pessoas; colóquio.

8. **DHPB (2021)**: n.c.a.

37. CONFESSAR [V] _____ 3 ocorrências

a) *Faz, eu tava com 13 anos de idade. Quem me levou pra mim fazer a Primeira Comunhão, que eu não fiz, que eu confessei* (BZD1-DOR64)

b) *Que eu conheço, que eu não gosto, não. Aí o padre falou que — já confessei aqui, na Salinas, pra todos os lados —, ele falou que o meu espírito é forte, mas pra o bem* (BZD1-DOR64)

c) *Aí eu confessei e contei, eu fui na Lapa, aí eu contei pro padre, ele falou assim: "Não, muito bom a sua oração, mas a oração do anjo da guarda é uma oração muito forte e senhora reza e não oferece pra ele", aí eu parei, mas de reza, eu sei minha oração* (BZD12-LOU80)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Dizer a verdade de alguma cousa, que se sabe.

2. **Morais Silva (1789)**: Declarar , manifestar o que se sabe ; v. g confessou o delicto ; confessou a dívida , obrigação: reconhecer por seu . Declarar os seus sentimentos.

3. **Chernoviz (1890)**: n.d.

4. **Aulete (2008)**: Admitir, reconhecer (culpa, erro, crime).

5. **Aurélio (2010)**: Reconhecer a verdade, a realidade de (ação, erro, culpa, etc.). Declarar (pecado[s]) ao confessor.

6. **Houaiss (2012)**: entre os católicos, contar (seus pecados) a (um padre), ou declará-los a (Deus) em oração, para obter a absolvição <confessou (ao pároco) suas más ações> <confessou(-se) com o novo padre>.

7. **Michaelis (2015)**: REL Declarar (católicos) os pecados a um padre ou a Deus, a fim de obter absolvição.

8. **DHPB (2021)**: n.d.

38. CORDÃO Nm[Ssing] _____ 25 ocorrências

a) *Eu rezo de olhado, eu rezo se uma pessoa fazer uma invenção com o outro lá, eu rezo, tem hora que eu faço uma oração, se eu ensino a pessoa, mas eu tô rezando no cordãozinho de uma pessoa: "Eu falo: Você não deixa ninguém pegar no cordãozinho"* (BZD13-ANA91)

b) *No cordãozinho e tem que por esse cordãozinho onde é que ninguém não pega* (BZD13-ANA91)

c) *Não é algodão, não, menino, é cordão, vem os cordão por aí, até que eu tava com uns cordão aí, mas eu não sei onde é que eu pus. Eu faço uma oração num cordão, ali perto da pessoa, porque o que eu tenho devoção é com São Miguel, eu tenho só com os anjos e os o anjos tem, São Miguel tem o combate, né?* (BZD13-ANA91)

d) *Tem uns que benzem com o rosário, outros benzem com o cordão, né? A minha reza é com raminho verde lá que eu apanho, né?* (BZD3-MAR86)

e) *De engasgação, filho, eu já benzi em criação. Um dia uma vaca até da minha irmã comeu as mangas, e aí engoliu uma manga e aí passou: "Oh, minha filha, olha com o que a vaca tá aí,*

*naquela ânsia, naquela ânsia, como é que faz, minha filha? E pai não fazia reza de engasgação, não, de engasgação ele não sabia reza, não. "Pois sim, minha filha, vem aqui procê ter que coisar". Rapidinho eu fiz um benzimento, perguntei: "Oh, pai, a vaca é mansinha?" Ele disse: "Eu levo o **cordãozinho** e ponho no pescoço dela". Rapidinho pai pois, depois a vaca deu aquela tosse, afundo, quando ela tossiu a manga foi jogada na hora, desengasgou na hora (BZD9-NEN76)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: CORDAM. Corda pequena, & delgada particularmente se for de seda, algodão, outro.
2. **Morais Silva (1789)**: Corda delgadinha, de seda, algodão, fio de oiro. Corda trançada de apertar a alvã. Corda de cingir a tunica de Frades e terceiros Franciscanos.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Corda fina e bem flexível, feita de fibras ou fios (cordão de algodão); CORDEL.
5. **Aurélio (2010)**: Corda delgada.
6. **Houaiss (2012)**: corda (no sentido de 'feixe de fios torcidos') fina e flexível, de matérias têxteis diversas <o c. de um corpete>.
7. **Michaelis (2015)**: Fio comprido e flexível de fibras têxteis, torcidas, trançadas ou tecidas.
8. **DHPB (2021)**: Feixe de fios torcidos, fino e flexível, feito de material variado.

39. CORPO ABERTO NCm[Ssing + Adj] _____ 2 ocorrências

- a) *Foi no outro dia, ele tá andando por aí, cê não sabe se ele era uma pessoa que rezava, cuidava do corpo, ele caça um **corpo aberto** pra ele encostar (BZD3-MAR86)*
- b) *Às vezes a pessoa tá com o **corpo aberto**, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um fio de arame, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **(2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

40. CORPO FECHADO NCm[Ssing + Adj] _____ 1 ocorrência

- a) *Inclusive pra rezar de quebranto dessa maneira que cê tá falando é bom que é pra ficar assim, quando se tá com o **corpo fechado**. Então se aa pessoa tiver com olho mesmo, já não prejudica ele, porque ele já tem uma oração lá (BZD9-NEN76)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

41. CULTO Nm[Ssing] _____ 8 ocorrências

- a) *Ia nos **culto**, graças a Deus, mas quando era mais nova, não. Aí depois eu já participei de muitas, graças a Deus. Gostei e gosto até hoje. Hoje eu não vou (BZD3-MAR86)*
- b) *Isso aí, enrola e fica sem ir, mas lá no Boqueirão, onde nós morava, graças a Deus, eu ia no **culto**, eu ia nas missa, nós ia, nas novena... (BZD4-GER72)*
- c) *Participava. Eh, moço, eu não perco uma missa, não. Quando eu morava na Vereda não perdia uma missa, toda missa que tinha eu ia, todo **culto** que tinha eu ia. Eu gosto muito das palavras de Deus, sabe? (BZD5-MAR90)*
- d) *Tinha missa, tinha os **culto**, quase os mesmo movimentos que têm agora, desde quando a gente veio pra cá. Era missa, era **culto**, era terço, era terço na casa das pessoas, um rezava o terço na casa do outro (BZD8-TER67)*

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** Veneração, adoração. Segûndo os Theologos Culto Sagrado he huma demonstração sobre natural de excelencia alhea , & propria foyeyção a ella.
- 2. Morais Silva (1789):** Veneração , honra, adoração religiosa : v, g dar culto a Deus aos santos . Veneração profana . Dar culto a formosura ; levantar-lhe culto.
- 3. Chernoviz (1890):** n.d.
- 4. Aulete (2008):** Rel. Ritual ou conjunto de rituais: A liberdade de culto é garantida pela Constituição.
- 5. Aurélio (2010):** Adoração ou homenagem à divindade em qualquer de suas formas, e em qualquer religião: o culto da Santíssima Trindade.
- 6. Houaiss (2012):** rel qualquer religião organizada segundo princípios, dogmas etc. próprios <defendia a liberdade de c.> litur a expressão religiosa, considerada externamente <domingo, a igreja realizava um maior número de cultos>.
- 7. Michaelis (2015):** REL Conjunto de práticas e ritos organizados por uma religião que são dedicados a uma divindade; ritual. 4 LITURG Expressão religiosa considerada como um todo, do ponto de vista da fé ou de suas manifestações externas.
- 8. DHPB (2021):** Conjunto de cerimônias pelas quais se venera um deus; religião.

42. CURADOR Nm[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Quando a gente reza muito nos outros, a gente fica com aquela mortência no couro, de vez em quando eu ia lá, agora não sei, não vou. Eu vi pessoas católicas, pessoas que não é católica, que fala **curador**, não é, não é **curador**, não. Eu nunca bebi remédio de raizeira (BZD5-MAR90)*

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** CURADÔR. He aquele (que conforme as leys) o juiz tem dado , para ter cuidado de alguém, & para defender . CURAR. hum doente. Darlhes remedio para sarar.
- 2. Morais Silva (1789):** n.c.a.
- 3. Chernoviz (1890):** n.d.
- 4. Aulete (2008):** Reizador ou feiticeiro a que se atribuem poderes capazes de imunizar as pessoas contra diversos males, como agressão a faca ou a bala, mordida de cobra etc.
- 5. Aurélio (2010):** n.c.a.
- 6. Houaiss (2012):** que ou o que cura, sara um doente.
- 7. Michaelis (2015):** Que ou aquele que, graças a rezas e orações, trata de pessoas picadas por cobras ou as imuniza contra esses animais ou contra outros males; curandeiro, feiticeiro.
- 8. DHPB (2021):** Aquele que exerce o ofício de curar, sarar um doente.

43. DEPRESSÃO Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Ah, eu tava sentindo muita coisa, eu tava sentindo **depressão** (BZD7-LUC70)*

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** n.d.
- 2. Morais Silva (1789):** O abatimento.
- 3. Chernoviz (1890):** n.d.
- 4. Aulete (2008):** Psiq. Estado patológico, de natureza orgânica e psicológica, que envolve abatimento, desânimo, inércia e, às vezes, ansiedade.
- 5. Aurélio (2010):** Psiq. Distúrbio mental caracterizado por adinamia, desânimo, sensação de cansaço, e cujo quadro muitas vezes inclui, também, ansiedade, em grau maior ou menor.

6. Houaiss (2012): psicop estado de desencorajamento, de perda de interesse, que sobrevém, p.ex., após perdas, decepções, fracassos, estresse físico e/ou psíquico, no momento em que o indivíduo toma consciência do sofrimento ou da solidão em que se encontra. psic.cl, psiq problema psíquico que se exprime por períodos duráveis e recorrentes de disforia depressiva, surgindo concomitantemente com problemas reais ou imaginários ou com experiências momentâneas de sofrimento, podendo ser acompanhado de perturbações do pensamento, da ação e de um grande número de sintomas psiquiátricos cf. mania ('quadro mórbido').

7. Michaelis (2015): Ação de deprimir(-se). PSICOL. Distúrbio caracterizado por abatimento, perda de interesse, falta de concentração, baixa autoestima e alterações psíquicas, resultante de fracassos ou decepções, estresse físico ou mental, problemas reais ou imaginários, entre outras causas.

8. DHPB (2021): n.d.

44. DESLOCADURA Nf[Ssing] _____ 8 ocorrências

- a) *Se... Por exemplo de **deslocadura** eu tenho copiado no caderno; de dor de cabeça, eu tenho copiado, mas se for mandar eu benzer de cor, sem olhar no caderno eu não sei* (BZD7-LUC70)
- b) *Olha, meu pai me ensinou, eu rezo de dor de cabeça, eu rezo de **deslocadura**, eu rezo de zipa, rezo de engasgação, de quebranto, de ferida, as rezas que eu sei* (BZD9-NEN76)
- c) ***Deslocadura**, às vezes torce, cai, torce um braço, um pé, sai do lugar, a benzeção chama "Costurar" aquela enfermidade, né?* (BZD9-NEN76)
- d) *De **deslocadura** eu não rezei procê ver, ê fala assim, se faz a reza de **deslocadura**, cê pega uma linha com agulha ou três palitinho de pau, e cê faz como cê tava costurando, né?* (BZD9-NEN76)
- e) *É um raminho. Melhor ainda, aquela é apropriada pra isso mesmo. Pra **deslocadura** eu rezo, já pedi agulha e um carocinho de algodão e agulha e é deixado três dias guardado, depois de três dias que panha aquela agulha* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.c.a.

2. Moraes Silva (1789): n.c.a.

3. Chernoviz (1890): n.d.

4. Aulete (2008): n.d.

5. Aurélio (2010): n.d.

6. Houaiss (2012): ato ou efeito de deslocar(-se); deslocadura, deslocamento.

7. Michaelis (2015): n.d.

8. DHPB (2021): n.d.

45. DESTERRAR [V] _____ 1 ocorrência

- a) *Eu rezo assim: com três raminhos, um de cada vez, "Com dois que põe, com três que tira, com os poder de Deus e da Virgem Maria, com Deus na frente e Jesus na guia e vou rezando Ave Maria". Até faço as três vezes com cada raminho de cada vez e aí eu pego e rezo e ofereço pra Nossa Senhora do Desterro "que **desterrais** aquele quebranto e olhado para as ondas do mar aonde que — aquela pessoa, fala o nome da pessoa — aquela pessoa não vê nem galo cantar e nem boi berrar"* (BZD8-TER67)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.c.a.

2. Moraes Silva (1789): n.c.a.

3. Chernoviz (1890): n.d.

4. Aulete (2008):

5. Aurélio (2010): Afastar; afugentar.

6. Houaiss (2012): n.c.a.

7. Michaelis (2015): n.c.a.

8. DHPB (2021): Fazer sair, expulsar.

46. DEVOÇÃO Nf[Ssing] _____ 34 ocorrências

- a) *Fulano, eu te benzo de quebrante e olhado, com dois eu te der, com três eu te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria", e cruzando igual eu tô fazendo. E aí, depois que ocê rezou aquelas palavras, você vai e reza um Pai Nosso com uma Ave Maria e Santa Maria, viu? E oferece pro santo de **devoção** seu* (BZD10-EST72)

- b) *Que acontece, que não acredita em Nossa Senhora, né? E minha **devoção** é Nossa Senhora, né, é minha protetora é Nossa Senhora* (BZD10-EST72)
- c) *Começou essa **devoção** porque uma vez minha filha era pequena, e aí um bicho pegou ela, assim, no sistema de um barbeiro, que naquele tempo, nós morava no Sangrador e tinha muito, muito barbeiro lá naquela região. E aí esse bicho pegou ela. E Eu e eu falei: "Oh, meu Deus do céu", e aí eu fiquei muito preocupada porque ela era pequena, tinha dois anos mais ou menos. Aí eu falei assim: "Oh, minha Nossa Senhora Aparecida, se a senhora me ajudar, que não der nada na minha filha desse bicho que ferrou ela, eu vou rezar o terço de Nossa Senhora Aparecida todo ano, meio-dia e chamar os vizinhos, as pessoas e do almoço e dou às crianças uma coisinha", as crianças repartir alguma coisa pra criança, bala, pirulito, essas coisa e aí, graças a Deus, não deu nada* (BZD11-ZIZ64)
- d) *Minha **devoção** é Nossa Senhora Aparecida* (BZD12-LOU80)
- e) *Mas eu tenho a **devoção** com ele, eu sei a oração dele e aí eu rezava e não oferecia e aí não pode, fica muito forte, né?* (BZD12-LOU80)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728): n.d.**
2. **Morais Silva (1789):** Olação, oferecimento da vontade, e obras de Deos , e aos santos, . A alguma pessoa. Ter pessoas à sua devoção. I é dispostas a seu arbitrio , e querer.
3. **Chernoviz (1890):**
4. **Aulete (2008):** Forte sentimento religioso [+ a : Tem extrema devoção a são Jorge.]
5. **Aurélio (2010):** Ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou entidade. Sentimento religioso: Era evidente a sua devoção ao rezar.
6. **Houaiss (2012):** apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas; sentimento religioso, piedade.
7. **Michaelis (2015):** REL Sentimento religioso; dedicação às coisas religiosas; culto especial a um santo; práticas religiosas.
8. **DHPB (2021):** Sentimento de dedicação e amor a Deus e às coisas da religião.

47. **DIABO** Nm[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *às vezes chega uma pessoa: "Você sabe rezar de quebranto, o **diabo** veio ne mim". E eu rezo porque eu sei, né?* (BZD3-MAR86)
- b) *Sarou, ela operou da vesícula e sarou e eu também da perna, mas tem dia que essa perna que quebrou dói a noite inteirinha, não sei que **diabo** é isso* (BZD6-DEL87)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Diabo é palavra grega , derivada de Diabolos , & essa se compoe em dia , que quer dizer Dous , & de Bolos, que he Bocado, porque o Diabo queres quem devorer faz do homê dous bocados, morden corpus, & animam como diz certo contemplativo.
2. **Morais Silva (1789):** Anjo máo, demônio.
3. **Chernoviz (1890): n.d.**
4. **Aulete (2008):** Teol. Espírito do mal; DEMÔNIO.
5. **Aurélio (2010):** O chefe dos demônios, ger. representado, na tradição popular, como um ser meio homem e meio cabra, de orelhas pontudas, chifres, asas, braços, e com a ponta da cauda e as patas bifurcadas; Demônio, Satanás, Satã, Lúcifer, anjo rebelde, belzebu, bruxo do inferno, dragão, espírito das trevas, espírito maligno, gênio das trevas, gênio do mal, pai da mentira, pai do mal, príncipe da treva, príncipe das trevas, príncipe do ar, príncipe dos demônios, serpente infernal, serpente maldita.
6. **Houaiss (2012):** rel, teol segundo a crença de diferentes povos antigos e modernos, espírito ou gênio do mal; anjo das trevas, anjo mau.
7. **Michaelis (2015):** REL, TEOL Espírito ou gênio do mal; anjo mau. O anjo rebelde que, segundo a crença cristã, foi banido do céu e lançado no inferno; anhangá, anhanguera, anjo das trevas, anjo mau, anjo rebelde, arrenegado, atentado, azucrim, beçudo, belzebu, bicho, bicho-preto, bode-preto, bruxo do inferno, bute, cafuçu, cafute, caneco, canheta, canhim, canhoto, cão, cão-miúdo, capeta, capete, capirocho, capiroto, careca, cifé, coisa, coisa à toa, coisa-má, coisa-ruim, cujo, debo, decho, demo, demônio, diá, diabro, diacho, diale, dialho, diangas, dianho, diogo, dragão, droga, dubá, ele, espírito das trevas, espírito maligno, excomungado, exu, fute, futrico, gato-preto, gênio das trevas, gênio do mal, grão-tinioso, indivíduo, inimigo, Lúcifer, mafarrico, manfarrico, maioral, maldito, mal-encarado, maligno, malino,

malvado, mau, mofento, mofino, moleque, moleque-do-surrão, não sei que diga, nem sei que diga, pai da mentira, pai do mal, pé-cascudo, pé de cabra, pé de gancho, pé de pato, pé de peia, pedro-botelho, perobotelho, porco, porco-sujo, príncipe das trevas, que-diga, rabão, rabudo, romãozinho, sapucaio, sarnento, satânico, serpente infernal, serpente maldita, sujo, temba, tendeiro, tentação, tentador, tinoso.

8. DHPB (2021): Anjo mau, demônio.

48. DOR DE CABEÇA Ncf[Ssing + Prep + Ssing] _____ 51 ocorrências

- a) *Oh, pra dor de cabeça reza assim: "Adonde vai São Francisco Fabriao, curando enxaqueca e dor de cabeça. Deus é o solo, Deus é a lua e Deus é a mesma claridade". Reza três vezes e oferece pra São Francisco Fabriao, cada oração tem seu santo de oferecer (BZD9-NEN76)*
- b) *Pra dor de cabeça e engasgação eu rezo com a mão mesmo, entendeu? (BZD9-NEN76)*
- c) *A dor de cabeça é reza e aí cê tá rezando, o que cê faz é pegar a cabeça da pessoa, principalmente na hora que cê tá rezando a oração do Pai Nosso e Ave maria, cê reza assim oh, tem que estar apertando a cabeça (BZD9-NEN76)*
- d) *Só tinha um que eu tinha dó e eu rezava, ele só vivia chorando de dor de cabeça. Mas a dor de cabeça da minha família é de geração (BZD12-LOU80)*
- e) *Rezo de dor de cabeça, mas só rezo com folha de mamoinha branca. Vai rezando e vai apanhando, vai rezando e vai apanhando e jogando lá, jogando lá, jogando lá, a dor de cabeça, ninguém sente dor de cabeça mais (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.

2. Morais Silva (1789): n.d.

3. Chernoviz (1890): Dores de cabeça . Não tratarei n'este logar da enxaqueca, que é de natureza nervosa, e á qual destino um artigo especial. Não há cousa mais commum do que as dores de cabeça symptomaticas de diversas affecções. São um symptoma essencial, digno de attenção, nas affecções agudas e chronicas do cérebro. São também occasionadas por qualquer affecção que vem acompanhada de febre. O defluxo produz freqüentemente uma dôr na parte inferior da testa. Ás vezes, emfim, os soffrimentos da cabeça são o único incidente que perturba a saúde, e constitue por si só o incommodo e a moléstia. Occupemo-nos primeiramente das dores idiopathicas; isto é d'aquellas cuja sede se deve presumir na cabeça; tratarei depois das que são sympathicas ou symptomaticas. Deve-se presumir que as dores de cabeça são da primeira categoria, quando as causas obram directamente sobre o cérebro. Taes são os trabalhos de espirito mui prolongados, vigílias teimosas, paixões violentas, insomnias ou um somno immoderado, o abuso de bebidas alcoólicas e narcóticas, a insolação, a inspiração de gazes deletérios, do vapor de carvão, por exemplo, e pancadas na cabeça. Todas estas causas, e algumas outras da mesma natureza, determinam no cérebro uma fadiga, uma congestão que se manifesta pelo embaraço, peso, dores obtusas ou agudas da cabeça : ás vezes até resulta d'isto uma inflammação, um phrenesi; então a febre e o delírio ajuntam-se ás dores de cabeça e aos outros symptomas, para annunciarem uma moléstia grave. A apoplexia, a epilepsia, a catalepsia, são também precedidas de dores de cabeça igualmente idiopathicas ou cerebraes.

4. Aulete (2008): n.d.

5. Aurélio (2010): n.d.

6. Houaiss (2012): med sensação desagradável produzida pela excitação de terminações nervosas sensíveis aos estímulos dolorosos e classificada de acordo com o seu lugar, tipo, intensidade, periodicidade, difusão e caráter <d. de cabeça> <após a queda, sentia uma d. generalizada>.

7. Michaelis (2015): n.d.

8. DHPB (2021): n.d.

49. DOR DE PONTADA Ncf[Ssing + Prep + Ssing] _____ 8 ocorrências

- a) *Justamente, essa uma mesmo eu não aprendi, não sei. De dor de pontada, eu tinha aprendido e voltei a esquecer (BZD9-NEN76)*
- b) *De dor de pontada, porque tem gente que sente assim uma dor (BZD9-NEN76)*
- c) *Dor de pontada, aquela dor que eles fala que dá no peito, né? Eles fala que é dor de pontada, também eu sei (BZD11-ZIZ64)*
- d) *A dor de pontada, muitas vezes cê vai numa estrada andando, isso é quando a gente tá andando, né? Sente uma dor em riba do peito, embaixo da costela, como coisa que é um jeito, né? A gente acha, assim, que é um jeito (BZD11-ZIZ64)*
- e) *A gente coloca o dedo em cima e fala: Menino Jesus, aquele pessoa que vai, por exemplo: "Menino Jesus e Maurício fazendo uma viagem, Jesus disse: 'Aí que dor, Senhor'. Maurício fala:*

'Aí que dor, Senhor'. Jesus responde: 'Isso não é nada, Maurício, assim como eu, Jesus Cristo, fiquei livre da doença em chaga, assim tu também, Maurício fica livre dessa **doença de pontada**'. Com os poder de Deus e da Virgem Maria". Reza três vezes (BZD11-ZIZ64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

50. ENCRUZILHADA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Foi no outro dia, ele tá andando por aí, cê não sabe se ele era uma pessoa que rezava, cuidava do corpo, ele caça um corpo aberto pra ele encostar. Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na **encruzilhada**, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um fio de arame, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Dous caminhos que se atravessão em cruz. Lugar em que três ou quatro ruas se cruzão.
2. **Morais Silva (1789)**: Encontro de caminhos, que se cruzão.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Lugar em que dois ou mais caminhos, ou estradas, ou ruas se cruzam; CRUZAMENTO.
5. **Aurélio (2010)**: Lugar onde se cruzam estradas ou caminhos; ambívio, cômputo, encruzada, cruzamento.
6. **Houaiss (2012)**: lugar onde se cruzam ruas, estradas, caminhos; cruzamento, encruzada.
7. **Michaelis (2015)**: Lugar onde ruas, caminhos e estradas se cruzam; cruzamento, encruzada.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

51. ENGASGAÇÃO Nf[Ssing] _____ 36 ocorrências

- a) *Aí ela me ensinou. Aí, passado o tempo, já veio outras pessoas me ensinar, me ensinou fazer remédio de bronquite, me ensinou rezar de cobreiro, **engasgação**, eu sei de um mucado de oração, só que eu não falo, sabe?* (BZD1-DOR64)
- b) ***Engasgação** é a pessoa engasgada, se, por exemplo, ele engasga aí a gente... Muitas vezes gente não pode ir na cidade socorrer, então a gente faz os primeiros socorros da gente aqui, que é a oração. A oração de **engasgação** é: "Santa Iria tinha três fia. Uma cozia, a outra lavava e a outra rezava de azia, com os poder de Deus e da Virgem Maria". E tira para o mal sagrado, cê reza três vezes essas mesmas palavras e oferece para o santo de sua devoção* (BZD1-DOR64)
- c) *Da mesma forma que querer, se for de **engasgação**, que os bicho também engasga.* (BZD1-DOR64)
- d) *Olha, meu pai me ensinou, eu rezo de dor de cabeça, eu rezo de deslocadura, eu rezo de zipa, rezo de **engasgação**, de quebranto, de ferida, as rezas que eu sei* (BZD9-NEN76)
- e) *De **engasgação**, filho, eu já benzi em criação. Um dia uma vaca até da minha irmã comeu as mangas, e aí engoliu uma manga e aí passou: "Oh, minha filha, olha com o que a vaca tá aí, naquela ânsia, naquela ânsia, como é que faz, minha filha? E pai não fazia reza de **engasgação**, não, de **engasgação** ele não sabia reza, não. "Pois sim, minha filha, vem aqui procê ter que coisar". Rapidinho eu fiz um benzimento, perguntei: "Oh, pai, a vaca é mansinha?" Ele disse: "Eu levo o cordãozinho e ponho no pescoço dela". Rapidinho pai pois, depois a vaca deu aquela tosse, afundo, quando ela tossiu a manga foi jogada na hora, desengasgou na hora.* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** ação ou efeito de engasgar ou engasgar-se; engasgamento, engasgo: Cantando a escala, quando chegava ao si, esganitava-me numa engasgação.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

52. ENXAQUECA Nf[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *“Da claridade da Santíssima Trindade. Assim como essas palavras são certas e são a verdade, é de tirar vento e ar e **enxaqueca** e dor de cabeça”* (BZD5-MAR90)
- b) *Oh, pra dor de cabeça reza assim: "Adonde vai São Francisco Fabriao, curando **enxaqueca** e dor de cabeça. Deus é o solo, Deus é a lua e Deus é a mesma claridade". Reza três vezes e oferece pra São Francisco Fabriao, cada oração tem seu santo de oferecer* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Que no Arabico quer dizer , Apartamento , ou Rachadura, porque ha dor he taõ grande , que parece que racha , e parte a cabeça pelo meyo.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** A enxaqueca é uma dôr nervosa, não acompanhada de febre, ordinariamente circumscripta n'um ponto ou em uma metade dà cabeça, sujeita a repetir-se por acessos, cujos iutervallos são variáveis; e quando desaparece momentaneamente, ou para sempre, não deixa vestígio algum.
4. **Aulete (2008):** Med. Crise de forte cefaleia, por vezes num só lado do crânio e acompanhada de náuseas e vômitos, iiritabilidade e aversão à luz e ao barulho; HEMICRANIA.
5. **Aurélio (2010):** Med. Síndrome constituída por cefaléias periódicas, muitas vezes unilaterais, e que se acompanham de náusea, vômito e perturbações sensoriais variáveis.
6. **Houaiss (2012):** cefaleia de causa desconhecida na qual ocorre constrição, seguida de dilatação, das artérias da cabeça, caracterizada por dor no meio do crânio, intensa e pulsátil, associada a problemas digestivos (náuseas e vômitos) e sensoriais; mururu.
7. **Michaelis (2015):** MED Cefaleia periódica, de etiologia desconhecida, acompanhada, às vezes, de distúrbios digestivos (náuseas e vômitos), que se torna mais intensa com a luz, barulho ou qualquer atividade física; hemialgia, hemicrania, mururu.
8. **DHPB (2021):** n.d.

53. ERVA-CIDREIRA Ncf[Ssing] _____ 6 ocorrências

- a) *Na hora cê vai benzer, acontece que se cê não acha um raminho de erva-doce, você não acha um raminho de **erva-cidreira**, você não acha um raminho assim de outra erva que é remédio, né? Então é o que cê achar, sendo ramo verde, né?* (BZD10-EST72)
- b) *Eu costume mais... Lá em casa sempre quando as meninas pedem pra rezar — que elas pede pra rezar daqui, pra mim rezar de lá —, eu pego uns raminho de **erva-cidreira**, uns raminho de... Eu sempre pego uma folha que faz chá, depois, assim que gente usa, né? Não colho mato qualquer, não. Colho mais de **erva-cidreira** ou folha de laranja, umas coisas assim* (BZD11-ZIZ64)
- c) *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de erva-doce, um galinho de alfavaca, um galinho de **erva-cidreira**, que tem pessoas que gostam de benzer com galho de pimenta, aí já não é bom* (BZD7-LUC70)
- d) *Raminho. Raminho de **erva-cidreira**, de fedegoso, aquele alfazema, raminhos verde* (BZD8-TER67)
- e) *Eu pego mais é folha de **erva-cidreira*** (BZD8-TER67)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.

3. Chernoviz (1890): n.d.

4. Aulete (2008): Erva da fam. das labiadas (*Melissa officinalis*), nativa da região mediterrânea, de uso medicinal, esp. como calmante e digestivo; CITRONELA; MELISSA.

5. Aurélio (2010): Bot. Planta da família das labiadas (*Melissa officinalis*); apiastro, melissa.

6. Houaiss (2012): erva aromática (*Melissa officinalis*) da fam. das labiadas, originária da região do Mediterrâneo, de folhas ovais, flores brancas ou róseas e aquênios oblongos, pardos e lisos, muito us. na medicina caseira, como antiespasmódico, antinevrálgico e calmante; melissa.

7. Michaelis (2015): Erva perene (*Melissa officinalis*) da família das labiadas, originária do Mediterrâneo, com folhas ovais serradas, flores brancas, usada na medicina popular como calmante e antiespasmódico; citronela, melissa.

8. DHPB (2021): n.d.

54. ERVA-DOCE Ncf[Ssing + Adj] _____ 2 ocorrências

a) *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de erva-doce* (BZD7-LUC70)

b) *Na hora cê vai benzer, acontece que se cê não acha um raminho de erva-doce, você não acha um raminho de erva-cidreira, você não acha um raminho assim de outra erva que é remédio, né? Então é o que cê achar, sendo ramo verde, né?* (BZD10-EST72)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728):

2. Morais Silva (1789):

3. Chernoviz (1890): ANIS ou HERVA DOCE. *Pimpinella anisum*, Linneo. Planta da família das Umbellíferas, originária da África, cultivada nas hortas de Portugal e do Brasil (fig. 64). Os fruetos, impropriamente chamados sementes, usam-se em medicina, na perfumaria e confeitaria. Apresentam-se debaixo da fôrma de grãos ovoides, de côr esverdeada, sabor aromático, e cheiro agradável. São estimulantes e empregadas nas eólicas em infusão que se prepara á maneira de chá, com uma colher rfe chá de fruetos de herva doce e uma chicara d'aguaferendo.

4. Aulete (2008): Erva (*Pimpinella vilosa*) da família das umbelíferas, semelhante ao anis.

5. Aurélio (2010): anis.

6. Houaiss (2012): bot planta fanerógama não lignificada, freq. pequena, anual ou vivaz.

7. Michaelis (2015): n.d.

8. DHPB (2021): n.d.

55. ESPINHELA Nf[Ssing] _____ 9 ocorrências

a) *Levantar espinhela, cê que levantar espinhela é rezado na boa do estômago puxando pra cima a espinhela, mãe sabia e não me ensinou. Então tem várias reza que o povo sabe, minha mãe sabia, minha avó, minhas tia, mas meu pai me castigou muito na roça* (BZD3-MAR86)

b) *Graças a Deus, Nosso Senhor do Céu, que eu ainda sei vencer, com a força de Deus eu ainda venço muitas coisas, muitos mal, muitos mal de qualquer pessoa. Só tem uma coisa, só tem os dias de eu rezar. Tem umas reza que eu rezo, eu rezo de espinhela caída* (BZD13-ANA91)

c) *A espinhela caiu, eu meço a espinhela e agora eu rezo, eu vejo que tanto que tá caído, se é do lado direito ou se é do lado esquerdo, ali eu sei, no cordão, os médico não mede no cordãozinho, agora rezo, agora falando não sei o que, umas coisas lá mais que fala e levanta a espinhela da pessoa* (BZD13-ANA91)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): É uma cartilagem ou uma espécie de osso branco e flexível que está no fim do peito, pegada ao osso esterno, a qual cartilagem chama os médicos *Cartilago Enfi formis*.

2. Morais Silva (1789): Cartilagem , que remata inferiormente o Sternon. Cair a espinhela ; relaxar-se a tal cartilagem.

3. Chernoviz (1890): Na parte anterior e média do peito acha-se um osso que se estende desde a parte inferior do pescoço até ao lugar chamado bocca do estômago: este osso tem o nome de esterno. A sua extremidade inferior é terminada por um prolongamento cartilaginoso, chamado espinhela. Muitas pessoas servem-se da expressão espinhela cahida, o que é um erro, porque a espinhela não pôde cair. Esta expressão designa para certas pessoas a inflammação do estômago, para outras a tísica pulmonar; emfim

um emmagrecimento rápido; mas, torno a dizer, a expressão de espinhela cahida nada significa e deveria desaparecer da linguagem.

4. Aulete (2008): Pop. Nome vulgar do apêndice cartilágneo na extremidade inferior do esterno, o apêndice xifoide.

5. Aurélio (2010): Designação vulgar do apêndice cartilágneo do esterno.

6. Houaiss (2012): designação vulgar do apêndice xifoide (extremidade inferior do osso esterno).

7. Michaelis (2015): ANT, COLOQ Apêndice cartilaginoso, na parte inferior do esterno.

8. DHPB (2021): Cartilagem que remata inferiormente o osso esterno.

56. ESPINHO DE COBRA NCm[Ssing + Prep + Ssing] _____ 2 ocorrências

a) *Isso aí eu sei rezar, mas outras rezas eu não sei, não. Agora o marido meu sabia rezar tudo quanto é oração, rezava de ofendido de cobra, tirava **espinho de cobra** do povo que espinhava de **espinho de cobra**, ele tirava os espinho, sabia as oração, tirava os espinho* (BZD5-MAR90)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.

2. Morais Silva (1789): n.d.

3. Chernoviz (1890): n.d.

4. Aulete (2008): n.d.

5. Aurélio (2010): n.d.

6. Houaiss (2012): n.d.

7. Michaelis (2015): n.d.

8. DHPB (2021): n.d.

57. ESPÍRITO Nm[Ssing] _____ 2 ocorrências

a) *Que eu conheço, que eu não gosto, não. Aí o padre falou que — já confessei aqui, na Salinas, pra todos os lados —, ele falou que o meu **espírito** é forte, mas pra o bem* (BZD1-DOR64)

b) *Tava, eu tava muito ruim. Quem benzeu ne mim foi uma pessoa que trabalhava com negócio de, assim com aquelas coisas de **espírito*** (BZD7-LUC70)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): Substância vigente, incorpora e imaterial . Dizse de Deos, dos anjos, e dos demônios. Imaginam os críticos que a palavra Spiritus não é muito latina.

2. Morais Silva (1789): O sopro, ou halito v. g o espirito do vento. Porção mais subtil dos corpos , extraída quimicamente . A alma , substância espiritual, simples.

3. Chernoviz (1890): n.d.

4. Aulete (2008): Componente não corporal de ser humano vivo, que segundo crenças religiosas ou de outra natureza sobrevive à morte do corpo; ALMA.

5. Aurélio (2010): A parte imaterial do ser humano; alma (por oposição ao corpo); alma.

6. Houaiss (2012): a parte imaterial do ser humano; alma.

7. Michaelis (2015): Porção imaterial ou imortal do ser humano; alma.

8. DHPB (2021): Alma. Poder sobrenatural.

58. ESPREGUIÇAR [V] _____ 1 ocorrência

a) *Olha, tem criança que às vezes ela começa a abrir a boca, ela começa a **espreguiçar*** (BZD7-LUC70)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): Lançar fora a preguiça, alargando os braços e diltando os nervos.

2. Morais Silva (1789): n.d.

3. Chernoviz (1890): n.d.

4. Aulete (2008): Mover(-se) lentamente, esticando (os membros, o corpo) para aliviar o retraimento muscular, ger. após período de sono ou por cansaço [td. : espreguiçar as pernas] [int. : Cansado, passou o dia espreguiçando (-se)].

5. Aurélio (2010): Estirar (os membros) de modo preguiçoso.

6. Houaiss (2012): estirar os membros de modo preguiçoso; preguiçar «e. as pernas» «e. faz bem à saúde» «emite estranhos sons ao e.(-se)».

7. **Michaelis (2015)**: Estender os braços e as pernas, por efeito do sono ou moleza: Espreguiçou as pernas e os braços antes de sair da cama. Espreguiça bem ao despertar. Vive se espreguiçando.

8. **DHPB (2021)**: n.d.

59. ESTANCAÇÃO DE SANGUE Ncf[Ssing + Prep + Ssing] _____ 14 ocorrências

- a) *Sempre rezo de quebrante, mas eu sei de engasgação, de **estancação de sangue**, tudo eu sei. Foi tudo ensinado pelas pessoas mais velhas* (BZD1-DOR64)
- b) ***Estancação de sangue**, quando, vamos supor, cê pega e leva um corte e aquele corte tá dando sangue demais; tem muita gente que sai sangue pelo nariz* (BZD1-DOR64)
- c) ***Estancação de sangue**, essas coisa, tudo a gente rezava, né? Eles ensinava, umas nós gravava; outras, nós não gravava, né? Aí nós anotava no papel. E aí ia rezando e aprendemos* (BZD11-ZIZ64)
- d) *Eu aprendi rezar de dor de dente, dor de cabeça, **estancação de sangue**, de carne quebrada, que muitas vezes gente cai, né? Machuca* (BZD11-ZIZ64)
- e) *Mas o mais de **estancação de sangue**, isso aí eu já rezei ne muitas* (BZD11-ZIZ64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.

2. **Morais Silva (1789)**: n.d.

3. **Chernoviz (1890)**: n.d.

4. **Aulete (2008)**: n.d.

5. **Aurélio (2010)**: n.d.

6. **Houaiss (2012)**: fazer parar ou parar de correr; deter(-se), estagnar(-se) <e. uma hemorragia>.

7. **Michaelis (2015)**: n.d.

8. **DHPB (2021)**: n.d.

60. ESTANHAR [V] _____ 5 ocorrências

- a) *Pra rezar, tem a reza, né? E o cobreiro é aquele que espalha, que se deixar topar no couro ele galopa, né? Se tem de rezar nele antes dele encontrar, que ele espalha, conforme for, assim, se ele **estanh**, senão pode **estanh** e topar, né?* (BZD3-MAR86)
- b) *É um cobreiro que sai, que tem aquele que é o cobreiro, ele **estanha** no corpo, ce tem que rezar de cobreiro. O cobreiro é aquele que **estanha**, né? E o impinge é um que dá as manchinha e sai água* (BZD3-MAR86)
- c) *Assim com o outro ele **estanha** e aí toma conta do corpo* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.

2. **Morais Silva (1789)**: n.c.a.

3. **Chernoviz (1890)**: n.d.

4. **Aulete (2008)**: n.c.a.

5. **Aurélio (2010)**: n.c.a.

6. **Houaiss (2012)**: n.c.a.

7. **Michaelis (2015)**: n.c.a.

8. **DHPB (2021)**: n.c.a.

61. ESTRELA ROTA Ncf[Ssing + Adj] _____ 2 ocorrências

- a) *Pois é, de engasgação é "Homem bom e mulher má, **estrela rota**, poleiro de galinha", esse eu não te falei, não* (BZD1-DOR64)
- b) *Aí ele falou assim: "Pois eu vou atrás desse homem". Quando chegou lá adiante, ele encontrou o véim e aí falou com ele: "Olha, eu vim aqui procê rezar na minha mulher, a minha mulher tá como morrer lá engasgada". Ele só falou essas palavras: "Homem bom, muié má, **estrela rota** e poleiro de galinha, sobe ou desce", três vezes. Falou com ele assim: "Pode voltar, chegar lá a sua muiê tá boa". Quando chegou lá a muiê já tinha desengasgado* (BZD1-DOR64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.

2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

62. EXCOMUNGADO Nm[Adj] _____ 3 ocorrências

- a) *Quebranto. Quebranto, fala assim: "Reza ne mim o quebranto". Quebranto, quebranto, olho ruim, malvado, **excomungado**, dois põe, três tira, um Pai Nosso e uma Ave Maria (BZD2-JOR83)*
- b) *De quebranto é fácil: "Quebranto e olhado tem olho **excomungado**, dois que põe, três que tira, com os poder de Deus e da Virgem Maria. Amém". Três vezes também, depois no final reza um Pai Nosso e uma Ave Maria e oferece, né? (BZD9-NEN76)*
- c) *Rezo de quebranto, rezo de olhado, rezo de inveja, sonho de assombrado, olho **excomungado**, mau-olhado, mal estado, esse quebranto: "Vai quebranto, olhado e inveja, vai para as ondas do mar, vai para o rio de São Francisco, onde galo não canta, boi não berra, cachorro não late". É do mesmo jeito (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Fulminado a terrível censura da Excomunhão. Aliquem Excomunicare . É o termo de que usa a igreja.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Rel. Que sofreu a pena da excomunhão. Fig. Maldito, amaldiçoado
5. **Aurélio (2010):** Péssimo; detestável; amaldiçoado.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** Que foi amaldiçoado.
8. **DHPB (2021):** Que recebeu a pena de ser banido do gozo de todos os bens espirituais comuns aos fiéis que pertencem à Igreja e à religião cristã. Pessoa que recebeu a pena de ser banido da Igreja ou da religião cristã deixando de usufruir dos seus bens espirituais.

63. FÉ Nf[Ssing] _____ 51 ocorrências

- a) *Que é Deus é quem cura, não sou eu não, é a fé em Deus, a sua fé (BZD1-DOR64)*
- b) *E a fé da gente é tão forte que a gente pressente ela na própria família da gente (BZD1-DOR64)*
- c) *Pois, sarou. Sarou. Rezou e sarou. Umás palavrinhas que cê fala "oh gente", mas a gente tem fé em Deus (BZD2-JOR83)*
- d) *Não. Que rezou, eu penso assim, que reza, você tem fé em Deus, né? E quando melhora eu pergunto: "Que fulano lá, miorô?". Graças a Deus. Torna noto canto, vem, vai embora. Chega tem gente chegou pra cá, pra Vereda, também tem um mucado. Veio uma pra mim rezar, rezei nele. Prometeu um presente. Segunda nós foi em Salinas, a mulher veio. O homem veio pra rezar, rezei nele. Aí foi que eu rezei e eu falei: "Oh, fulano". E ele falou: "O que?". "Tu sarou?". "Sarou". A mulher dele veio e ainda trouxe uma cobertinha pra eu, uma cobertinha fininha pra eu (BZD2-JOR83)*
- e) *Não é? Pra gente fazer pra gente e pra quem merece. Não é? Aí eu rezo, né? A pessoa pede pra mim e eu rezo, tem gente que tem muita fé, né? (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** É um dom de Deus na Alma, com o qual cremos firme e catholicamente tudo que Deus tem nos revelado segundo a madre igreja nos ensina.. Fé infuja chamam os theologos , o hábito de crer, que sobrenaturalmente infude Deus na alma do batizado.
2. **Morais Silva (1789):** A crença de alguma coisa por amor da autoridade , e respeito da pessoa, que a affirma; Fé divina , fundada na revelação.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Convicção e crença firme e incondicional, alheia a argumentos da razão.
5. **Aurélio (2010):** Crença religiosa.

- 6. Houaiss (2012):** no catolicismo, a primeira das três virtudes teológicas, pela qual o homem adere livremente às verdades reveladas por Deus e preservadas pela Igreja.
- 7. Michaelis (2015):** Convicção da existência de algum fato ou da veracidade de alguma asserção; credulidade, crença.
- 8. DHPB (2021):** Crença em um ser divino; crença religiosa. Geralmente, se refere ao conjunto dos dogmas e doutrinas da religião cristã ou da igreja católica.

64. FEDEGOSO Nm[Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *Qualquer ramo. Eu pego um ramo uma hora de fedegoso, outra hora é um molho de bassourinha, outra hora é um molho de qualquer uma plantinhazinha aí, não sendo rama braba* (BZD3-MAR86)
- b) *Sempre eu gosto mais é de rezar no raminho de fedegoso, bassourinha, só, infelizmente, que a bassourinha aqui não tem, né?* (BZD4-GER72)
- c) *Raminho. Raminho de erva-cidreira, de fedegoso, aquele alfazema, raminhos verde* (BZD8-TER67)

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** n.d.
- 2. Morais Silva (1789):** Herva ; Esp de urtiga morta . Coisas fedegosas, fedorentas.
- 3. Chernoviz (1890):** FEDEGOSO, ou Pajamarioba (fig. 459; . Cássia occidentalis, Linneo. Leguminosas. Arbusto do Rrazil. Caule ramoso, levantado; folhas pinnatas, compostas de cinco pares de folíolos ovaes, lanceolados; flores de côr amarella alaranjada, dispostas em espigas curtamente pedunculadas, terminaes; fructo, vagem comprida contendo grande numero de sementes cordiformes ; raiz grossa, composta de duas partes; isto é, da parte cortical, mais molle, de côr amarellaalaranjada, coberta com epiderme roxa; cheiro forte e desagradável, sabor amargo. A casca da raiz emprega-se na medicina do Rio de Janeiro como diuretica e tônica, em infusão, que se prepara com 4 grammas da raiz e 180 grammas d'agua fervendo; esta dose é para um dia.
- 4. Aulete (2008):** Bot. Nome comum a diversas plantas da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, dos gêneros Cassia, Senna e Chamaecrista, ger. fétidas, das quais há espécies forrageiras, medicinais e ornamentais.
- 5. Aurélio (2010):** Bras. N. a S. Bot. Designação de vários arbustos ou árvores pequenas da família das legumi-nosas, pertencentes ao gênero Cassia, algumas medi-cinais, dotadas de flores amarelas, cujos frutos são vagens, às vezes recurvadas; bico-de-corvo, fedegoso-dos-jardins, feijão-bravo-amarelo, pasto-rasteiro, paramarioba, tararucu.
- 6. Houaiss (2012):** arbusto pequeno (Senna cernua) ou erva anual sublenhosa, que ocorre no Brasil (MG, RJ, SP), de flores amarelas, grandes, em racemos axilares, e vagens lineares; bico-de-corvo.
- 7. Michaelis (2015):** Denominação comum a várias plantas dos gêneros Cassia, Senna e Chamaecrista, da família das leguminosas, algumas medicinais, outras forrageiras ou ornamentais, muitas delas de odor desagradável.
- 8. DHPB (2021):** variante: fedegozo. Nome dado a diversas plantas, algumas medicinais, outras ornamentais; tem o caule ereto, ramos cobertos por penugem e flores amarelas; seu fruto é uma vagem achatada; é usada em medicamento contra a febre e a sífilis.

65. FERIDA Nf[Ssing] _____ 13 ocorrências

- a) *Olha, meu pai me ensinou, eu rezo de dor de cabeça, eu rezo de deslocadura, eu rezo de zipa, rezo de engasgação, de quebranto, de ferida, as rezas que eu sei* (BZD9-NEN76)
- b) *E para feridas, às vezes a pessoa tá, até tem gente que tem ferida na boca, no corpo, né?* (BZD9-NEN76)
- c) *É, de ferida, né? De ferida... De ferida eu rezo ela de duas qualidades, assim de duas qualidade, que é a mesma reza* (BZD9-NEN76)
- d) *Essa aí é: "Jesus a nascer, do nascido ele é, me cura essas feridas, meu Jesus de Nazaré* (BZD10-EST72)

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** Ferida, solução de continuidade, fresca & sangrenta em partes moles do corpo. Ferida simples é aquela que não tem perdimento de substância , nem outra coisa complicada que lhe possa impedir união. Ferida composta que a tem perdimento de substância ou qualquer outro acidente que lhe possa impedir união.

2. Morais Silva (1789): Qualquer rotura, ou golpe recente com instrumento cortante; ferida simples , a que pode unir-se bem composta é pelo contrário ; a espedaçada , aquella em que o golpe cortou do corpo alguma porção de carne.

3. Chernoviz (1890): Designa-se por este nome uma solução de continuidade feita nas partes molles por uma causa externa, isto é, que obra mecanicamente. Uma queda, uma topada, ou qualquer violência um pouco forte, podem produzir ferida. A solução de continuidade produzida por causa interna, como a syphilis, a escrophula, o escorbuto, etc , tem o nome de ulcera. A ferida chama-se ás vezes chaga, do pérsico xaga, cortadura, e algumas pessoas dão ás ulceras o nome de feridas antigas. As causas das feridas, bem que numerosas, podem reduzir-se a estes pontos: instrumentos cortantes, furantes e contundentes, esforços consideraveis que rasgam e separam as partes, picadas ou mordeduras de animaes venenosos; emfim, balas e outros projectis lançados pela pólvora. Os symptomas das feridas são a dôr, a separação das margens da divisão o corrimento de sangue produzido pelos orifícios dos vasos divididos. Estes symptomas não persistem ordinariamente muito tempo; logo a dôr acalma-se e é substituída por uma sensação de calor; o sangue deixa de correr, as margens da ferida incham e tornam-se vermelhas e dolorosas; produzem um liquido transparente, viscoso e pouco abundante; e se estiverem em contacto perfeito, se tem sido cuidadosamente desembaraçadas de todo o corpo estranho ; emfim, se não foram pisadas pelo instrumento vulnerante, a adhesão immediata opera-se rapidamente. Quando, pelo contrario, existe uma perda de substancia que não permite o contacto das margens da ferida, ou quando estas margens foram machucadas pelo instrumento vulnerante, a dôr e a inchação augmentam, a ferida suppura, e a cicatriz, que se forma muito mais tarde do que no caso precedente, é muito mais visível e disforme. Tal é a marcha regular das feridas ; mas grande numero de accidentes podem desarranjal-a, como sejam a hemorragia, as dores excessivas, a inflammação mui viva, a gangrena, as convulsões, o tétano, a podridão de hospital, etc. Todas estas complicações podem dar ás feridas uma gravidade que estavam longe de apresentar por si mesma.

4. Aulete (2008): Lesão, ulceração em parte do corpo causada por doença, pancada, corte etc.

5. Aurélio (2010): Cir. Solução de continuidade em um órgão, em uma área, como resultado de incisão. P. ext. Ulceração, chaga.

6. Houaiss (2012): lesão produzida na pele ou na mucosa por pancada, golpe ou impacto de instrumento rijo, afiado ou perfurante; ferimento.

7. Michaelis (2015): Lesão provocada na pele ou na mucosa por objeto cortante ou perfurante, golpe, queda etc.; ferimento: O tiro que o atingiu na perna lhe fez uma ferida profunda.

8. DHPB (2021): Lesão na pele produzida por pancada, choque, contusão ou elemento cortante.

66. FIO DE ARAME NCm[Ssing + Prep + Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Foi no outro dia, ele tá andando por aí, cê não sabe se ele era uma pessoa que rezava, cuidava do corpo, ele caça um corpo aberto pra ele encostar. Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um fio de arame, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.

2. Morais Silva (1789): n.d.

3. Chernoviz (1890): n.d.

4. Aulete (2008): n.d.

5. Aurélio (2010): n.d.

6. Houaiss (2012): n.d.

7. Michaelis (2015): n.d.

8. DHPB (2021): n.d.

67. FOGO SELVAGEM NCm[Ssing + Adj] _____ 8 ocorrências

a) *De cobreiro se reza assim: "Santa Iria tem três fia, uma reza de cobreiro, a outra de impinge, a outra de fogo selvagem". Você tem que rezar três vezes e oferece pra santa Iria, reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois que você faz a sua oração. Todas as rezas que eu tô te falando, cê reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois (BZD9-NEN76)*

- b) *É que não pode encontrar e chama impinge, mas eu já rezo — por que tem impinge e tem o **fogo selvagem** e tem o cobreiro — a minha oração já reza dos três, você entendeu como que é, né?* (BZD9-NEN76)
- c) *É assim: "No rio de Jordão passei, bicho cheiroso eu matei, impinge, cobreiro e **fogo selvagem**, água do mar eu lavei". Três vezes, com a fé em Deus tá são, meu filho* (BZD5-MAR90)
- d) *Foi minha mãe. Foi minha mãe que me ensinou e minha avó que me ensinou, rezar de impinge, cobreiro, **fogo selvagem**, tudo eu sei rezar. Foi minha avó quem me ensinou e a mãe minha que me ensinou* (BZD5-MAR90)
- e) *Mãe? Procurava. Mãe era procurada pra benzer, porque ela sabia benzer de muitas coisas. De cobreiro, de **fogo selvagem**, de ezipa* (BZD7-LUC70)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: Derm. Dermatose de evolução crônica, potencialmente letal, só reconhecida no Brasil, e que se assemelha a uma forma de pênfigo foliáceo.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: Moléstia de pele em que aparecem bolhas na epiderme, provocando erosão dolorosa ao serem rompidas; ponfólige.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

68. FOLHA DE TOMATE NCf[Ssing + Prep + Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Qualquer ramo. Eu pego um ramo uma hora de fedegoso, outra hora é um molho de bassourinha, outra hora é um molho de qualquer uma plantinhazinha aí, não sendo rama braba. **Folhinha de tomate*** (BZD3-MAR86)
- b) *É as **folhinha de tomate**, um galinho de pimenta também, conforme tiver um ramo maiorzinho* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

69. GALHO DE PIMENTA NCm[Ssing + Prep + Ssing] _____ 4 ocorrências

- a) *Um **galhinho de pimenta** também, conforme tiver um ramo maiorzinho* (BZD3-MAR86)
- b) *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de erva-doce, um galinho de alfavaca, um galinho de erva-cidreira, que tem pessoas que gostam de benzer com **galho de pimenta**, aí já não é bom, porque o galho de pimenta se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo pela o olho* (BZD7-LUC70)
- c) *É. Diz que pela, né? Não sei, porque eu nunca benzi com **galho de pimenta*** (BZD7-LUC70)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.

8. DHPB (2021): n.d.

70. HÓSTIA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Eu me lembro de muitas, lembro muitas coisas. Reza, tem oração aí que quando eu rezo eu vou "mexo em Roma, mexo em São Miguel Arcanjo, eu mexo na mesa branca do altar, onde está a **hóstia** consagrada". Essas oração assim, quando eu rezo eu mexo com isso tudo (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.c.a.
2. **Morais Silva (1789)**: Roda delgadinha de massa de pão de azimo , sobre que o sacerdote diz a palavra da consagração, a qual se converte por ellas no Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Christo.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Rel. Na Igreja Católica, pequeno e fino disco de pão ázimo que o sacerdote consagra durante a missa e, em seguida, distribui entre os fiéis.
5. **Aurélio (2010)**: Partícula circular de massa de pão ázimo (obreia), que é consagrada na missa.
6. **Houaiss (2012)**: litur.cat no catolicismo, pequena rodela muito fina, feita de pão ázimo, que é consagrada durante a missa e oferecida aos fiéis na comunhão.
7. **Michaelis (2015)**: REL Lâmina circular de massa de trigo sem fermento que o sacerdote consagra e oferece aos fiéis durante a comunhão na ocasião da missa.
2 REL, ANT Vítima de sacrifício a divindades.
8. **DHPB (2021)**: variantes: hostia; ostia; óstia. Partícula de forma circular de massa de pão sem fermento que é consagrada durante o sacrifício da missa.

71. IMPINGE Nf[Ssing] _____ 27 ocorrências

- a) *Ah, meu filho, eu tinha. Eu tinha vontade de aprender a rezar de izipa, eu não sei; eu tinha vontade de rezar de **impinge**, eu não sei, minha mãe sabia e não me ensinou (BZD3-MAR86)*
- b) *E o **impinge** é um que dá as manchinha e sai água (BZD3-MAR86)*
- c) *É que não pode encontrar e chama **impinge**, mas eu já rezo — por que tem impinge e tem o fogo selvagem e tem o cobreiro — a minha oração já reza dos três, você entendeu como que é, né? (BZD9-NEN76)*
- d) *A **impinge**, ela é rodinha, é uma rodinha que ela coça, coça, coça e vai crescendo, né? Vai crescendo, crescendo e vai ficando aquela roda. Ela não pode encontrar, né? Que diz que ele encontrar às vezes nem tem cura, né? A **impinge** é assim: " Impinja, reimpinja sai daqui pra fora para as ondas do mar, que é onde é que galo canta, cachorro não late, boi não berra, pelo amor de Deus". Aí você fala três vezes. Impinja, reimpinja sai daqui pra fora para as ondas do mar, que é onde é que galo canta, cachorro não late, boi não berra, pelo amor de Deus", três vezes (BZD9-NEN76)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: (impigem) Designação popular de várias dermatoses; erupção cutânea, dartro: O corar é uma cláusula dos temperamentos. Tem a mesma origem que a vertoeja, e o herpes e a impigem. (Camilo, Mulher Fatal, c. 3, p. 45, 2ª ed.) F. lat. Impetiginie.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: designação vulgar de várias dermatoses.
7. **Michaelis (2015)**: MED Denominação vulgar e imprecisa a diferentes dermatoses; impigem.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

72. INVEJA Nf[Ssing] _____ 9 ocorrências

- a) *É inveja. É ambição do que cê tem. É **inveja** (BZD1-DOR64)*

- b) *Não, graças a Deus, não. As palavrinhas que eu sei é essas, né? De quebranto e olhado é esse, né? De olho grande, de olho bobo, livra fulano do mal, de olho gordo, livra de mau-olhado, de ambição, de... Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa usura, tudo isso tem (BZD3-MAR86)*
- c) *É o olho gordo, olho grande. Olho de inveja, a pessoa tem uma coisa: "Fulano tem isso, podia ser eu que tenho, podia ser meu", né? (BZD3-MAR86)*
- d) *Rezo de quebranto, rezo de olhado, rezo de inveja, sonho de assombrado, olho excomungado, mau-olhado, mal estado, esse quebranto: "Vai quebranto, olhado e inveja, vai para as ondas do mar, vai para o rio de São Francisco, onde galo não canta, boi não berra, cachorro não late". É do mesmo jeito (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Paixão vil, dôr indigna e maligno pesar do bem do próximo. Desafoga a ira tomando vingança, recreasse a sensualidade nas delícias, deleitasse a cobiça nas riquezas, levasse a gula nos banquetes mas não olha a enveja para o bem se não para o converter em tormento.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Misto de desgosto e ódio provocado pelo sucesso ou pelas posses de outrem. Desejo intenso de possuir os bens de alguém ou de usufruir sua felicidade.
5. **Aurélio (2010):** Desgosto ou pesar pelo bem ou pela felicidade de outrem. Desejo violento de possuir o bem alheio.
6. **Houaiss (2012):** Sentimento em que se misturam o ódio e o desgosto, e que é provocado pela felicidade, prosperidade de outrem. Desejo irrefreável de possuir ou gozar, em caráter exclusivo, o que é possuído ou gozado por outrem.
7. **Michaelis (2015):** Sentimento de ódio, desgosto ou pesar que é provocado pelo bem-estar ou pela prosperidade ou felicidade de outrem. Desejo muito forte de possuir ou desfrutar de algum bem possuído ou desfrutado por outra pessoa; avidez, cobiça, cupidez.
8. **DHPB (2021):** Desprazer, desgosto que se tem do bem e prosperidade alheia.

73. **INVIÇÃO (IBIÇÃO)** Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Que seja a Nossa Senhora Aparecida, cê fala: Nossa senhora, eu ofereço essas palavras com essas oração que eu rezei. Ofereci pra Nossa Senhora Aparecida, que proteja a fulano, que defenda fulano do quebranto, de olhado, de inveja, de ibição, de olho gordo", de tudo, de tudo que ocê querer falar (BZD10-EST72)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

74. **IZIPA~INZIPA~EZIPA~ZIPA** Nf[Ssing] _____ 39 ocorrências

- a) *Ah, meu filho, eu tinha. Eu tinha vontade de aprender a rezar de izipa, eu não sei; eu tinha vontade de rezar de impinge, eu não sei, minha mãe sabia e não me ensinou (BZD3-MAR86)*
- b) *E zipa é aquela que você vê, queima, cê tá com uma enfermidade e nunca que sara e fica queimando, queimando, queimando, é zipa, né? (BZD3-MAR86)*
- c) *Ela rezava de inzipa, se a pessoa tivesse com inzipa na perna e ela enxergava, ela mandava panhar um ramo na mesma hora ela rezava com o ramo dela e melhorava (BZD6-DEL87)*
- d) *Olha, meu pai me ensinou, eu rezo de dor de cabeça, eu rezo de deslocadura, eu rezo de zipa, rezo de engasgação, de quebranto, de ferida, as rezas que eu sei (BZD9-NEN76)*
- e) *Aí cê fala: "Ezipa, ezipela. Ezipa branca, ezipa preta, preta, ezipa amarela. Zipa deu no tutano, do tutano deu no osso, do osso deu na carne, da carne deu na veia, da veia deu na perna. Vai*

ezipa branca, ezipa preta, ezipa amarela pra as onda no mar, nunca mais há de voltar" (BZD10-EST72)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

Os dicionários registram a *lexia erisipela*, que, de acordo com o dicionário Michaelis (2015), é: doença infecciosa aguda, febril, da pele e do tecido subcutâneo, causada por um estreptococo hemolítico, e que se caracteriza por rubor e tumefação das áreas afetadas, muitas vezes com formação de vesículas; *esipra*, mal da praia, mal de monte, mal do monte.

75. JESUS MISERICORDIOSO NCm[Ssing + Adj] _____ 4 ocorrências

- a) *Porque muitos têm devoção por Nossa Senhora, outros é com Santa Luzia, outros é com Jesus Misericordioso, Bom Jesus da Lapa, né?* (BZD1-DOR64)
- b) *Tenho Nossa Senhora Aparecida, tenho eles aqui, tenho ali. Tem Santa Luzia ali, tem uma lá dentro. Tem a imagem de Senhor Jesus, tem a imagem de Jesus Sagrado Coração; de Jesus Misericordioso, eu tenho, tá ali dentro* (BZD3-MAR86)
- c) *Tem. Jesus Misericordioso, que eu já recebi muitas graças de Jesus misericordioso. Muita fé nele* (BZD11-ZIZ64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

76. JUDIAR [V] _____ 1 ocorrência

- a) *Que o olhar do mau-olhado também **judeia** com a gente, né?* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** Escarnecer. Está judiando comigo?
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Fazer sofrer, tratar mal; ATORMENTAR; MALTRATAR.
5. **Aurélio (2010):** Fazer sofrer; atormentar, fazer judiaria.
6. **Houaiss (2012):** causar sofrimento físico ou moral; atormentar, maltratar.
7. **Michaelis (2015):** Causar tormento a; apoquentar, atormentar, brutalizar: Judiava dos alunos.
8. **DHPB (2021):** n.d.

77. MÃE RAINHA NCm[Ssing + Adj] _____ 1 ocorrência

- a) *É justamente que eu sou devota, porque eu sou católica, a Nossa Senhora aparecida, né? Mãe Rainha, enfim, tudo, todos os santos. Todo dia eu rezo meu terço e ofereço pros santos* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.

2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.d.
 5. **Aurélio (2010)**: n.d.
 6. **Houaiss (2012)**: n.d.
 7. **Michaelis (2015)**: n.d.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

78. MÁGOA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) Pra tirar alguma **mágoa**, algum mal que às vezes tá na gente, né? (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: Magoa de culpa. Magoas: espessões de dor que a indicação, e causam compaixão.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: Sentimento de dor moral e decepção de quem é alvo de atitude indelicada ou desrespeitosa.
 5. **Aurélio (2010)**: Fig. Desgosto, amargura, pesar, tristeza.
 6. **Houaiss (2012)**: fig. desgosto recolhido cujas marcas transparecem no semblante, nas palavras; tristeza, amargura, pesar.
 7. **Michaelis (2015)**: FIG Tristeza recolhida, mas que se deixa revelar na fisionomia; amargura, desgosto, pesar.
 8. **DHPB (2021)**: variantes: magoa, mágua, magua. Desgosto, tristeza, pesar. Impressão produzida na alma por um fato negativo, desagradável. Lamento, queixume.

79. MAL Nm[Ssing] _____ 12 ocorrências

- a) "Santa Iría tinha três fia. Uma cozia, a outra lavava e a outra rezava de azia, com os poder de Deus e da Virgem Maria". E tira para o **mal** sagrado, cê reza três vezes essas mesmas palavras e oferece para o santo de sua devoção (BZD1-DOR64)
 b) Pra tirar alguma mágoa, algum **mal** que às vezes tá na gente, né? (BZD3-MAR86)
 c) Por exemplo, se eu for benzer nocê, eu falo: "Maurício, Deus que te fez, Deus que te criou, Deus é quem diz, olha de quem de **mal** não te olhou. Com dois pôs, com três tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria". Reza três vezes e reza as três Ave Maria (BZD7-LUC70)
 d) Só Deus. Graças a Deus, Nosso Senhor do Céu, que eu ainda sei vencer, com a força de Deus eu ainda venço muitas coisas, muitos **mal**, muitos **mal** de qualquer pessoa. Só tem uma coisa, só tem os dias de eu rezar (BZD13-ANA91)
 e) O homem é mais forte assim, que o **mal** do homem é mais forte, da mulher é mais fraco (BZD13-ANA91)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: Tudo que concorre para o damnificamento , destruição, damno, reuina de outra coisa , e este é mal físico. Mal Moral: as acções contrárias ás leis de moralidade .
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.c.a.
 5. **Aurélio (2010)**: Aquilo que é nocivo, prejudicial, mau; aquilo que prejudica ou fere.
 6. **Houaiss (2012)**: n.c.a.
 7. **Michaelis (2015)**: Qualquer coisa que causa prejuízo ou pode ferir; infelicidade. Tudo o que se opõe ao bem ou que é indesejável.
 8. **DHPB (2021)**: variante: mall. Aquilo que é contrário ao bem; que causa dano. Prejuízo; infortúnio, desgraça.

80. MAL-ESTAR NCm[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) Exatamente, às vezes você tá sentindo um problema, você fala: "Eu tô ruim, vou passar no médico". Você passa no médico, você toma um remédio, você toma o remédio, você toma injeção e cê vai e cê tá sentindo que cê tá com aquele corpo ruim, aquele **mal-estar**, né? Você fala:

"Danou-se". *Aí cê vê uma pessoa que benze: "Oh, fulano, você pode benzer ne mim?"* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Sensação física ou emocional desagradável: Sentia um leve mal-estar, quando em jejum: A difícil tarefa provocava-lhe mal-estar por antecipação.
5. **Aurélio (2010)**: Indisposição ou perturbação orgânica; doença de pouca gravidade; incômodo.
6. **Houaiss (2012)**: sensação desagradável de perturbação do organismo; indisposição que não chega a configurar doença; incômodo, indisposição.
7. **Michaelis (2015)**: Indisposição física ou moral.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

81. MALVADEZA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Ele tava de cama. Hoje ele puxa da perna um pouco, né? Mas melhorou, muitas coisas levou ele daquelas coisas ruim que tava com ele, né? Jogaram nele, né? Por malvadeza e melhorou, né? Só que essas pessoas que já fez isso já acabou, né? Não existe, já morreu, né, essas pessoas, mas ele deu bem com as rezas. E minha casa também, Zé Pedro já tratou com reza também, já melhorou, graças a Deus, seguiu os passos de vida* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: O mesmo que malvadez: Eu fui o primeiro a atirar, por vingança e malvadeza, dentro de uma cova cheia de fogo, não uma ovelha, mas um meu semelhante! (Franclim Távora , Matuto , c. 8, p, 85, ed. 1902.)
5. **Aurélio (2010)**: malvadez.
6. **Houaiss (2012)**: atitude de malvado
7. **Michaelis (2015)**: Atitude de crueldade.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

82. MALVADO Nm[Adj] _____ 1 ocorrência

a) *Quebranto. Quebranto, fala assim: "Reza ne mim o quebranto". Quebranto, quebranto, olho ruim, malvado, excomungado, dois põe, três tira, um Pai Nosso e uma Ave Maria* (BZD2-JOR83)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: Mão, improbo, maliclinado; v.g. homem . Costume malvado
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Diz-se de pessoa que pratica ou é capaz de praticar atos maus, cruéis, desumanos.
5. **Aurélio (2010)**: Que pratica atos cruéis, ou é capaz de praticá-los; cruel, mau, celerado, perverso.
6. **Houaiss (2012)**: aquele cuja índole é perversa, que pratica ou é capaz de praticar crueldades; mau, perverso.
7. **Michaelis (2015)**: Que ou aquele que pratica atos cruéis.
8. **DHPB (2021)**: Que tem índole perversa. Aquele que pratica atos infames ou criminosos; malfeitor.

83. MESA BRANCA Ncf[Ssing + Adj] _____ 2 ocorrências

a) *Não pode, não pode, mas eu rezo de quebranto, eu rezo de olhado, eu rezo, eu falo em tudo quanto é coisa, fala ne Jesus Cristo no altar, fala na mesa branca, fala da mesa do altar, da primeira comunhão, fala ne tudo quanta é coisa, assim fala, nesses caminho tudo fala assim. Mas essa devoção é com São Miguel que eu faço* (BZD13-ANA91)

b) *Eu me lembro de muitas, lembro muitas coisas. Reza, tem oração aí que quando eu rezo eu vou "mexo em Roma, mexo em São Miguel Arcanjo, eu mexo na **mesa branca** do altar, onde está a **hóstia consagrada**" (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

84. MESA DO ALTAR Nm[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Não pode, não pode, mas eu rezo de quebranto, eu rezo de olhado, eu rezo, eu falo em tudo quanto é coisa, fala ne Jesus Cristo no altar, fala na mesa branca, fala da **mesa do altar**, da primeira comunhão, fala ne tudo quanta é coisa, assim fala, nesses caminho tudo fala assim. Mas essa devoção é com São Miguel que eu faço (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

85. MISSA Nf[Ssing] _____ 27 ocorrências

- a) *Fazia as novena, mas depois de mãe de família já, né? Meus filhos já tudo grandinho, mas tem de eu mais nova, moça, não tinha oportunidade pra nada. Até pra ir numa **missa** a gente ia, as missa era tudo longe, a gente ia na **missa** e tudo, na Baixa Grande, lá no Boqueirão, que morava era longe (BZD3-MAR86)*
- b) *Participava. Eh, moço, eu não perco uma **missa**, não. Quando eu morava na Vereda não perdia uma missa, toda **missa** que tinha eu ia, todo culto que tinha eu ia. Eu gosto muito das palavras de Deus, sabe? No dia 30 mesmo tem a **missa** lá (BZD5-MAR90)*
- c) *Já morreu, teve um dia que eu mandei celebrar eu acho que nove **missas**. Celebrou pra mãe, pra pai, pra finada minha avó (BZD5-MAR90)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** Sacrificio incuento e Eucharistico da lei da graça , em que por virtude das palavras da consagração a hostia , e o vinho, e agua se convertemno corpo, Sangue, Alma, e divindade de Christo ; do mesmo modo que está nos Ceos; nelle se dizem varias preces , e se recitão Evangelhos & cantando ou recitando.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Rel. Na Igreja Católica, celebração da Eucaristia, ministrada por um sacerdote, no altar.
5. **Aurélio (2010):** Rel. Na Igreja Católica, celebração da Eucaristia, sacrificio do corpo e do sangue de Jesus Cristo, feito no altar pelo ministério de um sacerdote. [O Concílio Vaticano (1962-1965) renovou a liturgia da missa, modificando-a no sentido da simplificação e da participação dos fiéis. V. liturgia da missa.
6. **Houaiss (2012):** rel na Igreja católica, celebração da Eucaristia (sacrifício do corpo e do sangue de Jesus Cristo), feita no altar pelo ministério de um sacerdote inicial freq. maiúsc.
7. **Michaelis (2015):** [geralmente com inicial maiúscula] Cerimônia eucarística realizada sob a presidência de um padre, com que a Igreja católica comemora o sacrifício de Jesus Cristo pela humanidade.

8. DHPB (2021): variante: missa. Ato religioso da Igreja Católica em que se celebra o sacrifício de Jesus Cristo pela Humanidade.

86. MOFINA Nf[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Eu sei reza de olhado, quebranto, de olho ruim, **mofina** no corpo, isso eu sei, né?* (BZD5-MAR90)
- b) *Maurício? Pois é, se for pra rezar você é assim: “Maurício, assim como Deus te fez, ele quem te criou, ele a de te tirar quebranto e olhado e oio ruim e **mofina** no corpo, com dois te botaram e com três te tiraram, com os poder de Deus e da Virgem Maria”. Três vezes, né? Rezar três vezes com a fé em Deus, a pessoa tá são. É* (BZD5-MAR90)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.c.a.
2. **Morais Silva (1789):** n.c.a.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Infelicidade, infortúnio, caiporismo.
5. **Aurélio (2010):** caiporismo.
6. **Houaiss (2012):** circunstância adversa; situação dolorosa; desdita, infortúnio, desgraça, azar.
7. **Michaelis (2015):** Má sorte ou situação adversa; azar, desgraça, infortúnio.
8. **DHPB (2021):** n.d.

87. MORTÊNCIA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Quando a gente reza muito nos outros, a gente fica com aquela **mortência** no couro, de vez em quando eu ia lá, agora não sei, não vou. Eu vi pessoas católicas, pessoas que não é católica, que fala curador, não é, não é curador, não. Eu nunca bebi remédio de raizeira* (BZD1-DOR64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

88. MURCHAR [V] _____ 9 ocorrências

- a) *O raminho **murcha**. Aí se ocê... Se eu fico em pé assim, não sei não, mas se ocê rezou numa pessoa, que ocê termina a sua reza, aí cê vê o raminho cambota, né?* (BZD4-GER72)
- b) *Eu não sei, pois é, eles veio aqui, mandou ela rezar, ela falou que não reza nele não, a doença pegava nela. Aí ele passou aqui, eu rezei nele, mas o ramo chegou a **murchar**, falei “aou diá”* (BZD6-DEL87)
- c) *E se ocê benzer com ramo, ela tiver com muito quebranto, o ramo **murcha**. Você pode pegar ele inteirinho assim, em pezinho, ele **murcha** e deita assim* (BZD7-LUC70)
- d) *Sabe aquelas que dá manchinhas na gente, impinge, reza, é só rezar, **murcha** aquilo ali, seca também. Já rezei ne várias gente, em muitas pessoas, né?* (BZD11-ZIZ64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Tirar aquele esmalte natural, cor viva, & primeiro vigor que as flores tem nos seus primeiros dias, & as folhas das árvores no seu tempo. Vai acalma murchando as as flores.
2. **Morais Silva (1789):** Fazer perder o verdor, e o viço das plantas, e flores "murchar a alma para todo bem e reverdece-la para todo mal".
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Tornar(-se) murcho (xx); perder o viço (vegetal), o frescor [td. : O tempo seco murchou as rosas] [int. : As margaridas murcharam.]

5. **Aurélio (2010)**: Tornar ou pôr murcho; privar da frescura ou viço.
 6. **Houaiss (2012)**: Fazer perder ou perder o viço, o frescor.
 7. **Michaelis (2015)**: Pôr(-se) murcho; fazer perder ou perder o viço, o frescor; emurcheçar, ressequir, secar: O calor excessivo murcho as flores que enfeitavam a igreja. As rosas que ganhei murcharam uma semana depois. As plantas murcham-se com a falta de chuva.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

90. NOSSA SENHORA DA AJUDA Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing] __ 1 ocorrência

- a) *Os poder Dele ali, o Pai Nosso com... Reza o Pai Nosso com duas Ave Maria ou três, oferece a pessoa a Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora de Fátima. O santo que a gente tiver, como diz, mais, assim, devoção, né?* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.d.
 5. **Aurélio (2010)**: n.d.
 6. **Houaiss (2012)**: n.d.
 7. **Michaelis (2015)**: n.d.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

89. NOSSA SENHORA APARECIDA Ncf[Pron + Pron + Ssing] ____ 30 ocorrências

- a) *E a minha santa preferida é Nossa Senhora Aparecida, que me livrou até de atentação quando eu era pequena, né?* (BZD1-DOR64)
 b) *Fulano o que que cê tem? Quebranto e olhado com dois eu ponho, com três eu tiro, e Ave Maria, né?" Era isso que ela ensinou, não é quebranto pelas ondas do mar, tanto que o galo não canta, o jegue não urra, o cachorro não late, o jegue não urra, não morre mulher de pata, nem cavalo no estábulo, nem menina folgada, galo letrado, com os poderes de Deus e da Virgem Maria, nem isso ela ensinou pra nós. Aí oferece, né? Intenção de Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora Aparecida, "vai pros lados do mato pra nunca mais voltar, vai quebranto pra nunca mais voltar, com fé em Deus e da Vigem Maria", e é isso que eu sei, né?* (BZD3-MAR86)
 c) *Aí eu uso a imagem de Nossa Senhora Aparecida, eu abraço com ela e aí eu falo o nome da pessoa e rezo* (BZD7-LUC70)
 d) *Começou essa devoção porque uma vez minha filha era pequena, e aí um bicho pegou ela, assim, no sistema de um barbeiro, que naquele tempo, nós morava no Sangrador e tinha muito, muito barbeiro lá naquela região. E aí esse bicho pegou ela. E Eu e eu falei: "Oh, meu Deus do céu", e aí eu fiquei muito preocupada porque ela era pequena, tinha dois anos mais ou menos. Aí eu falei assim: "Oh, minha Nossa Senhora Aparecida, se a senhora me ajudar, que não der nada ne minha filha desse bicho que ferrou ela, eu vou rezar o terço de Nossa Senhora Aparecida todo ano, meio-dia e chamar os vizinhos, as pessoas e do almoço e dou às crianças uma coisinha", as crianças repartir alguma coisa pra criança, bala, pirulito, essas coisa e aí, graças a Deus, não deu nada. Graças a Deus ela ficou boa, não sentiu nada. Aí eu continuei a promessa durante a vida minha, durante a vida eu tenho que rezar o terço* (BZD11-ZIZ64)
 e) *Tem, meu filho, eu tenho tanta coisa em comum com Nossa Senhora Aparecida, porque todos os pedidos meus que eu tenho com ela é valido* (BZD12-LOU80)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.d.
 5. **Aurélio (2010)**: n.d.
 6. **Houaiss (2012)**: n.d.
 7. **Michaelis (2015)**: n.d.

8. DHPB (2021): n.d.

91. NOSSA SENHORA DE FÁTIMA Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing] 2 ocorrências

- a) *Os poder Dele ali, o Pai Nosso com... Reza o Pai Nosso com duas Ave Maria ou três, oferece a pessoa a Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora de Fátima. O santo que a gente tiver, como diz, mais, assim, devoção, né?* (BZD3-MAR86)
- b) *Tenho. Tenho Nossa Aparecida, Maria Passa na Frente, e várias, várias, Nossa Senhora de Fátima, todos pra mim eu tenho fé. Nossa Senhora Aparecida e Maria Passa na Frente* (BZD8-TER67)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.
2. Moraes Silva (1789): n.d.
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): n.d.
5. Aurélio (2010): n.d.
6. Houaiss (2012): n.d.
7. Michaelis (2015): n.d.
8. DHPB (2021): n.d.

92. NOSSA SENHORA DO DESTERRO Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing] 2 ocorrências

- a) *Eu rezo assim: com três raminhos, um de cada vez, "Com dois que põe, com três que tira, com os poder de Deus e da Virgem Maria, com Deus na frente e Jesus na guia e vou rezando Ave Maria". Até faço as três vezes com cada raminho de cada vez e aí eu pego e rezo e ofereço pra Nossa Senhora do Desterro "que desterrais aquele quebranto e olhado para as ondas do mar aonde que — aquela pessoa, fala o nome da pessoa — aquela pessoa não vê nem galo cantar e nem boi berrar"* (BZD8-TER67)
- b) *Os poder Dele ali, o Pai Nosso com... Reza o Pai Nosso com duas Ave Maria ou três, oferece a pessoa a Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora de Fátima. O santo que a gente tiver, como diz, mais, assim, devoção, né?* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.
2. Moraes Silva (1789): n.d.
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): n.d.
5. Aurélio (2010): n.d.
6. Houaiss (2012): n.d.
7. Michaelis (2015): n.d.
8. DHPB (2021): n.d.

93. NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing] 2 ocorrências

- a) *Era isso que ela ensinou, não é quebranto pelas ondas do mar, tanto que o galo não canta, o jegue não urra, o cachorro não late, o jegue não urra, não morre mulher de pata, nem cavalo no estábulo, nem menina folgada, galo letrado, com os poderes de Deus e da Virgem Maria, nem isso ela ensinou pra nós. Aí oferece, né? Intenção de Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora Aparecida, "vai pros lados do mato pra nunca mais voltar, vai quebranto pra nunca mais voltar, com fé em Deus e da Vigem Maria", e é isso que eu sei, né?* (BZD3-MAR86)
- b) *Os poder Dele ali, o Pai Nosso com... Reza o Pai Nosso com duas Ave Maria ou três, oferece a pessoa a Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora de Fátima. O santo que a gente tiver, como diz, mais, assim, devoção, né?* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

94. NOSSA SENHORA DO MONTE SERRADO Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing + Adj] 4 ocorrências

- a) *Então eu não cheguei a aprender, eu aprendi, aprendi não, eu tenho a oração **Nossa Senhora do Monte Serrado**. É uma oração muito boa, essa eu tenho ela em cópia* (BZD10-EST72)
- b) *Ela defende a pessoa, a pessoa que bem souber anda com ela na carteira, a cópia dela na carteira, né? Porque ela protege a pessoa, é uma oração muito boa, é oração de **Nossa Senhora do Monte Serrado**, então era bom demais* (BZD10-EST72)
- c) *Mas é boa pra gente rezar. X, se ela entrou no carro, se ela entrou no ônibus, é a primeira que ela reze essa oração, **Nossa Senhora do Monte Serrado**, que eu tô falando com ocê e essa do anjo da guarda, é muito boa essa oração. Agora você que viaja pro o mundo inteiro* (BZD11-ZIZ64)
- d) *É a oração de **Nossa Senhora do Monte Serrado**, não posso rezar, eu não durmo de noite* (BZD13-ANA91)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

95. NOVENA Nf[Ssing] _____ 24 ocorrências

- a) *Existia, mas as pessoas mais católicas, mas como eu tô te contando, meu pai não me dava oportunidade, eu não tinha oportunidade. Depois de eu já casada, mãe de família eu vim participar de **novena**, o povo fazia novena, ia na minha casa, né?* (BZD3-MAR86)
- b) *Fazia as **novena**, mas depois de mãe de família já, né? Meus filhos já tudo grandinho, mas tem de eu mais nova, moça, não tinha oportunidade pra nada. Até pra ir numa missa a gente ia, as missa era tudo longe, a gente ia na missa e tudo, na Baixa Grande, lá no Boqueirão, que morava era longe* (BZD3-MAR86)
- c) *Sim, rezar. Eu fazia **novena** lá toda a vida, fazia novena, nós ia* (BZD6-DEL87)
- d) *Muito, tem muitos anos, porque toda vida, desde quando eu era, praticamente, desde quando eu era criança já participava e continuei participando, às vezes não vou direto, mas continuo sempre participando, terço, eu rezo meu terço todo dia, todo dia, assisto minha missa, às vezes não vou pra igreja, mas assisto na televisão e vou pra igreja também, **novena** e tudo* (BZD8-TER67)
- e) *Num dia deram novena, nós foi fazer. Nós foi fazer a **novena** num tempo desse assim, aí ela: "Oh, cumade, quanto testemunho que a senhora reza e deu testemunho agora a senhora tem", mas eu apeguei com Nossa Senhora Aparecida e o testemunho meu é esse dela, porque eu rezo, mas eu peço pelo aquele santo que a gente tem* (BZD12-LOU80)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** O espaço de nove dias dedicado ao culto de algum santo.

2. **Morais Silva (1789)**: Orações, preces repetidas por nove dias.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Rel. Conjunto de orações ou outras práticas religiosas feitas por nove dias consecutivos.
5. **Aurélio (2010)**: Período de devoção e oração pública ou particular com a duração de nove dias.
6. **Houaiss (2012)**: litur.cat série de orações e práticas litúrgicas realizadas durante um período de nove dias para obtenção de alguma graça divina.
7. **Michaelis (2015)**: No catolicismo, série de atos e orações durante nove dias consecutivos para se alcançar uma graça divina.
8. **DHPB (2021)**: Série de orações e práticas litúrgicas realizadas durante um período de nove dias para obtenção de alguma graça divina.

96. OFENDIDO DE COBRA Nm[Ssing + Prep + Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *Isso aí eu sei rezar, mas outras rezas eu não sei, não. Agora o marido meu sabia rezar tudo quanto é oração, rezava de **ofendido de cobra**, tirava espinho de cobra do povo que espinhava de espinho de cobra, ele tirava os espinho, sabia as oração, tirava os espinho* (BZD5-MAR90)
- b) *Tem, tem várias, né? Várias rezas, igual a de fogo, tem a de cobra. Só que é de cobra eu nunca rezei, e nem me arrisco a rezar. De **ofendido de cobra*** (BZD10-EST72)
- c) *For **ofendido de cobra**. É. Essa é umas palavras muito assim, eu não sei. Ela, ela, ela é assim, eu sei ela mais ou menos, só que eu nunca rezei e não rezo, não, porque eu tenho medo* (BZD10-EST72)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

97. OLHADO~MAU-OLHADO Nm[Ssing] _____ 71 ocorrências

- a) *Aí no primeiro... No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de **olhado**, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro ramo você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí cê reza o Pai Nosso, uma Ave Maria e oferece pro santo de sua devoção* (BZD1-DOR64)
- b) *Ela falou que era olho gordo, né? **Olhado**, mau-olhado, né?* (BZD3-MAR86)
- c) *Eu sei reza de **olhado**, quebranto, de olho ruim, mofina no corpo, isso eu sei, né?* (BZD4-GER72)
- d) *Maurício? Pois é, se for pra rezar nocê é assim: "Maurício, assim como Deus te fez, ele quem te criou, ele a de te tirar quebranto e **olhado** e oio ruim e mofina no corpo, com dois te botaram e com três te tiraram, com os poder de Deus e da Virgem Maria". Três vezes, né? Rezar três vezes com a fé em Deus, a pessoa tá são. É* (BZD5-MAR90)
- e) *Qualquer uma, né? Igual ao de que de quebrante, que fala, de **olhado** e quebrante, né? Você pega os três ramos verde, três raminho verde. Aí cê vai e reza na pessoa, fala assim, fulano, fala o nome da pessoa, fulano que eu falo, você falou no nome da pessoa: "Eu te benzo de quebrante e **olhado**, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria", pega aquele raminhos separa, pega outro que não foi. Fala a mesma coisa: "Fulano, eu te benzo de quebrante e **olhado**, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria"* (BZD10-EST72)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Quebranto que da fé da olhando. Dar olhado a alguém.
2. **Morais Silva (1789)**: Doença de vulgarmente se cré proceder de haver olhado para o enfermo alguma pessoa , que dá quebranto; quebranto
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.

4. **Aulete (2008)**: O mesmo que mau-olhado.
 5. **Aurélio (2010)**: Feitiço ou quebranto que a credice popular atribui ao olhar de certas pessoas, e que influiria nas crianças robustas, nas plantas e nos animais domésticos, causando-lhes atraso no desenvolvimento, ou perda, ou morte; mau-olhado.
 6. **Houaiss (2012)**: olhar a que se atribuem poderes de causar malefícios, infortúnios; afito, jetatura, olhado <pôr m. em alguém>
 7. **Michaelis (2015)**: n.c.a.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

98. **OLHO BOBO** NCm[Ssing + Adj] _____ 1 ocorrência

- a) *Não, graças a Deus, não. As palavrinhas que eu sei é essas, né? De quebranto e olhado é esse, né? De olho grande, de **olho bobo**, livra fulano do mal, de olho gordo, livra de mau-olhado, de ambição, de... Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa usura, tudo isso tem, né (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.d.
 5. **Aurélio (2010)**: n.d.
 6. **Houaiss (2012)**: n.d.
 7. **Michaelis (2015)**: n.d.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

99. **OLHO GORDO** NCm[Ssing + Adj] _____ 10 ocorrências

- a) *Entendeu? **Olho gordo**, tudo é o quebrante que cê reza (BZD1-DOR64)*
 b) *Não, graças a Deus, não. As palavrinhas que eu sei é essas, né? De quebranto e olhado é esse, né? De olho grande, de olho bobo, livra fulano do mal, de **olho gordo**, livra de mau-olhado, de ambição, de... Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa usura, tudo isso tem, né (BZD3-MAR86)*
 c) *De ruindade é. O mau-olhado é de olha pros outros com raiva e tem o **olho gordo** pro lado da gente, do que a pessoa tem, do que a pessoa é, né? (BZD3-MAR86)*
 d) *É o **olho gordo**, olho grande. Olho de inveja, a pessoa tem uma coisa: "Fulano tem isso, podia ser eu que tenho, podia ser meu", né? (BZD3-MAR86)*
 e) *Porque, conforme a pessoa olha pra gente às vezes com raiva ou com olho ruim, ou de só do que cê é, do que cê tem, do que cê é, ali já pões o olho gordo nocê, já te dá a quebradeira no corpo, uma moleza, assim um sono, tô assim meio quebrado, cê já sabe, cê não mandou benzer, não sabe não. Um **olho gordo** nocê, um olhado nocê, mau-olhado pegou. Então é isso, né? (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.d.
 5. **Aurélio (2010)**: n.d.
 6. **Houaiss (2012)**: n.d.
 7. **Michaelis (2015)**: n.d.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

100. **OLHO GRANDE** NCm[Ssing + Adj] _____ 4 ocorrências

- a) *Não, graças a Deus, não. As palavrinhas que eu sei é essas, né? De quebranto e olhado é esse, né? De **olho grande**, de olho bobo, livra fulano do mal, de olho gordo, livra de mau-olhado, de ambição, de...* (BZD3-MAR86)
- b) *É o olho gordo, **olho grande**. Olho de inveja, a pessoa tem uma coisa: "Fulano tem isso, podia ser eu que tenho, podia ser meu", né?* (BZD3-MAR86)
- c) *Mais assim de **olho grande**, **olho grande** é inveja mesmo, a mesma coisa, olho ruim, né?* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: Pessoa invejosa, que tem olho grande.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

101. OLIVEIRA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Não tem ramo excuído, um raminho de artimijo, de arruda também é bom, um galhinho de alecrim, tudo é ramos de benzer, né? É um ramo que Deus deixou, um galhinho de **oliveira**, é ramo que Deus deixou na Terra* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Arvore conhecida , tem esta singularidade que a sua lenha arde tão bem verde , como seca, & tem o carvalho, & a oliveyra uma tão grande, & recíproca antipathya que hum junto do outro não medra.
2. **Morais Silva (1789)**: Arvore que da azeitonas.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Bot. . Árvore da fam. das oleáceas (*Olea europaea*), natural da Macaronésia ao Himalaia e ao Sul da África, de cujo fruto, a azeitona, muito apreciado na alimentação, se extrai o óleo de oliva ou azeite; OLIVA.
5. **Aurélio (2010)**: Bot. Arvoreta da família das oleáceas (*Olea europaea*), originária da região mediterrânea, de pequenas folhas acinzentadas, frutos (azeitonas) que são drupas oleaginosas e servem na alimentação humana em espécie e sob a forma de azeite deles extraído; oliva.
6. **Houaiss (2012)**: árvore (*Olea europaea*) nativa da Macaronésia ao Himalaia e sul da África, de folhas verde-acinzentadas, flores brancas em cachos axilares e frutos drupáceos (azeitonas), com diversos cultivares; oliva, oliveira-comum
7. **Michaelis (2015)**: BOT Árvore (*Olea europea*) da família das oleáceas, nativa da região do Mediterrâneo, de tronco nodoso, folhas persistentes, verde-acinzentadas, flores brancas e frutos drupáceos (azeitonas), comestíveis e usados na produção de azeite; oliva.
8. **DHPB (2021)**: variantes: oliueira, oliveyra. Árvore que produz a azeitona.

102. ORAÇÃO Nf[Ssing] _____ 177 ocorrências

- a) *Era só de... Pai sabia rezar de quebranto, de bicheira também, mas só que pai, isso aí nós não aprendeu não. Geralda, irmã minha, sabe. Agora, eu não aprendi isso não. Pai sabia muita **oração**, agora que ensinou nós só de quebranto, só o que eu aprendi* (BZD4-GER72)
- b) *Eu acho que já diminui muito, né? Que igual todo mundo fala, parece que muita gente perdeu a fé, não tem mais fé na reza, só quer saber do médico, mas eu tenho muita fé na **oração**, porque toda **oração** que a gente faz coloca o nome de Deus e Nossa Senhora junto, como é que não vai ter fé? Tem que ter fé, a **oração** sem fé, ela não é válida, não* (BZD8-TER67)
- c) *Já benzi assim que uma vez que as galinha minha ficava tudo doente, aí mãe tem um livrinho de pai que eles falam "Abre a Porta", ele tem a **oração**, como é que se fala ela? Oh, meu Deus, eu esqueci como que chama ela, aí eu peguei o livrinho de lá de mãe e pelo livrinho eu rezava* (BZD8-TER67)

- d) *Oh, pra dor de cabeça reza assim: "Adonde vai São Francisco Fabriao, curando enxaqueca e dor de cabeça. Deus é o solo, Deus é a lua e Deus é a mesma claridade". Reza três vezes e oferece pra São Francisco Fabriao, cada **oração** tem seu santo de oferecer (BZD9-NEN76)*
- e) *Quando a gente vai fazer as **oração** a gente pede força a Deus, pede licença a Deus e pede a Deus pra abençoar aquele benzimento, né? (BZD9-NEN76)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Oração que se faz a Deos e a seus santos.
2. **Morais Silva (1789)**: Prece dirigida a Deus ou a um santo, reza.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Prece dirigida a Deus ou a um santo, reza.
5. **Aurélio (2010)**: Súplica religiosa; reza.
6. **Houaiss (2012)**: Súplica, pedido dirigido a Deus, a santo, a uma divindade; reza, prece.
7. **Michaelis (2015)**: Prece dirigida a qualquer divindade; reza.
8. **DHPB (2021)**: variantes: oração, orasão, oraçam. Súplica religiosa dirigida a uma divindade, a Deus ou a um santo; prece, reza.

103. ORAÇÃO DE COMER FEIJÃO NCm[Ssing + Prep + V + Ssing] _ 1 ocorrência

- a) *Tem. Durante a semana, de segunda à sexta, antes das 18h. Passou de seis horas da tarde eu não rezo ninguém a não ser a **oração de comer feijão** e deitar, pra benzer pessoas só se tiver ruim pra morrer (BZD1-DOR64)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

104. ORAÇÃO DE DEITAR NCf[Ssing + Prep + V] _____ 1 ocorrência

- a) *Tem. Durante a semana, de segunda à sexta, antes das 18h. Passou de seis horas da tarde eu não rezo ninguém a não ser a **oração de comer feijão** e deitar, pra benzer pessoas só se tiver ruim pra morrer (BZD1-DOR64)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

105. ORAÇÃO PRA ACHAR UMA COISA PERDIDA NCf[Ssing + Prep + V + Art + Ssing + Adj]

_____ 1 ocorrência

a) *A oração pra achar uma coisa perdida, um exemplo, mas pode ser qualquer outra coisa. Aí você pega e faz o pedido, que vai querer que reaparece e aí você reza a Salve rainha até "Mostrai-me, Jesus", aí Nossa Senhora que vai ficar assim, sabe? Caçando onde que tá pra te apresentar. E você consegue* (BZD1-DOR64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

106. OSSO VENDIDO NCm[Ssing + Adj] _____ 2 ocorrências

a) *"Carne quebrada, nervo torto, osso vendido, veias arreventadas e assim mesmo eu corro". Que nem você tá contornando e falando tornando a falar, e pergunta ao doente que tá com a perna machucada: "O que cose?". O doente fala assim: "Carne quebrada". Se responde de novo: "Carne quebrada, nervo torto, osso vendido, veias arreventadas e assim mesmo eu corro"* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

107. PADROEIRO Nm[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Tem, tem, tem, tem o terço, tem a festa da Padroeira, né? Que a gente faz, tem a festa do Apostolado da Oração, tudo eu sempre tô envolvida, né?* (BZD1-DOR64)
- b) *Tem sim. Tem, graças a Deus, eu tenho com o Sagrado Coração de Jesus, que é nosso padroeiro do apostolado* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: A mulher que tem direito para nomear sujeito a sua Igreja.
2. **Morais Silva (1789)**: A mulher, que tem o direito de padroado . Fautora, protectora a fortuna ... outros a tem como madrinha , e padroeira de seus atrevimentos .
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Amaral (1982)**: n.d.
5. **Aulete (2008)**: Mulher que tem o direito de padroado. || (Fig.) Protetora, defensora.
6. **Aurélio (2010)**: Defensor; protetor, patrono.
8. **Houaiss (2012)**: catol diz-se de ou santo escolhido como protetor ou intercessor junto a Deus.
9. **Michaelis (2015)**: CATOL Diz-se de ou santo escolhido para proteger os fiéis e ser seu intercessor junto a Deus; protetor.
10. **DHPB (2021)**: n.d.

108. PAGÃO Nm[Adj] _____ 5 ocorrências

a) *Faz. Pagão, né? Bicho pagão. Os animais, eles são os bicho pagão, e as pessoas humanas são...* (BZD1-DOR64)

- b) *Ah, tanto filho meu, como meu irmão caçula — era novinho e aí morava umas velhinhas aqui, uma senhora e a filha e é até minha comadre — desceu no Boqueirão, aí chegou lá mãe tinha ganhado, cumpade, "Oi, dona X, deixa eu ver". E aquilo olhava, olhava, olhava, quando mãe pegou o menino dos braços dela, o menino não tava dormindo, mas o danadinho tava dormindo, mãe pôs o menino na cama. E ficou esse menino, coisou, deitou lá, ela botou um olhado no menino, minha filha, a cumade, que o menino era **pagão** e foi se chamar de noite seu X dona X pra batizar o menino em casa, poque viu que não escapava (BZD9-NEN76)*
- c) *Eles me procura mais pra rezar ne bicheira de bicho **pagão**, de mau olhado, muita coisa eles pedem assim pra rezar (BZD12-LOU80)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Gentio. Idolatra. Pagão vem de Paganus que quer dizer Aldea. Também se chama o Idolatra pagão de Paganus, que quer dizer Aldeao, Villão, Rustico. PORque o odolatra não é morador da cidade de Deos, que he igreja.
2. **Morais Silva (1789)**: Idólatra, gentio; o pagão rito
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Diz-se de quem não foi batizado.
5. **Aurélio (2010)**: Diz-se do indivíduo que não foi batizado.
6. **Houaiss (2012)**: que ou aquele que não foi batizado.
7. **Michaelis (2015)**: Que ou aquele que não foi batizado, que não é cristão.
8. **DHPB (2021)**: Indivíduo que não foi batizado.

109. PAI NOSSO NCm[Ssing] _____ 15 ocorrências

- a) *Aí no primeiro... No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de olhado, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro ramo você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí cê reza o **Pai Nosso**, uma Ave Maria e oferece pro santo de sua devoção (BZD1-DOR64)*
- b) *Aí ele rezou e eu fico escutando ele rezar, ensinou nos rezar **Pai Nosso**, tudo. Só o terço que eu não sei rezar, que eu sabia, assim tinha até... Sabia um pouquinho de leitura, assim de escrever, tudo. Agora, até o meu nome eu esqueci, mode a mão e também pejejo, pejejo, mas não acerto mais não. Aí, cumpoca a muiê foi, parece que é era moça, era bonita, do cabelão, era bonita. Pois ele rezou um pouco e foi embora, parece que es morava no Calção, na Itinga. Aí, quando ela sarou, ela foi ver, ver, agradecer, mas ele ficou alegre. Ela: "Oh, eu quero, seu sarar, eu fico alegre". Pois, sarou. Sarou. Rezou e sarou. Umas palavrinhas que cê fala "oh gente", mas a gente tem fé em Deus (BZD2-JOR83)*
- c) *Agora, tem a reza que se for de dore, fala assim, meu pai fala assim: "Dor, você vai saindo de uma, até duas, até três, quatro, até cinco, até seis, até sete. Torna a falar e tá com os ramos, até se for João ou José. Fala: "José você tá sentindo essa dor", fala três vezes. "Essa dor que cê tá sentindo vai saindo de uma até duas, até três, até quatro, até cinco, até sete". No sete aí pode rezar e reza e volta, reza um **Pai Nosso** com uma Ave Maria, tudo (BZD2-JOR83)*
- d) *Quebranto. Quebranto, fala assim: "Reza ne mim o quebranto". Quebranto, quebranto, olho ruim, malvado, excomungado, dois põe, três tira, um **Pai Nosso** e uma Ave Maria (BZD2-JOR83)*
- e) *Quebranto, mau-olhado vai para as ondas do mar, onde galo não canta, nem boi num berra, com os poder de Deus e da Virgem Maria. Amém. **Pai Nosso** que estás no céu, santificado seja o Vosso Nome, vem a nós o Vosso reino e seja feita a Vossa Vontade assim na Terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoai as nossas ofensas, não nos deixei Senhor cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém (BZD6-DEL87)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: Rel. Oração dominical que principia por estas palavras.
6. **Houaiss (2012)**: rel oração que começa com essas palavras; pai-nosso
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

110. PELAR O OLHO [V] _____ 1 ocorrência

- a) *Tem pessoas que gostam de benzer com galho de pimenta, aí já não é bom, porque o galho de pimenta se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo **pela o olho** (BZD7-LUC70)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

111. PENITÊNCIA Nm[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Era na semana Santa, quando dava a Sexta-feira da Paixão, nós morava lá na... Perto de Curral Dentro... É, perto de Curral Dentro e nós ia pra casa da vizinha nossa na Sexta-feira da Paixão e ficava acordada a noite inteira rezando, rezando, rezando, só fazendo **penitência**, ficava todo mundo a noite todinha lá, rezando assim, sem parar. Quando era de madrugada ia todo mundo pedir os avisos de Nossa Senhora e aí todo mundo ia comer e beber, mas respeitava. Na sexta-feira ninguém fazia nada, nada, nada, nada, a não ser fazer a comidinha pra comer, as verduras eram cortadas tudo na quinta-feira, ninguém pegava ne faca, ninguém fazia nada. E aí quando era de noite nos ia pra casa dessa vizinha nossa e ia só rezar, ninguém fazia gracinha, ninguém fazia bagunça, era a coisa mais respeitosa do mundo, não tinha nem comparação. Aí quando dava meia-noite corria todo mundo: "paga minhas vistas, Nossa Senhora, paga minhas vistas Nossa Senhora", aí ia comer e beber todo mundo e todo mundo ia embora para as suas casas (BZD8-TER67)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Mortificações do corpo, como jejuns, disciplinas, cilícios, vigílias e outros rigores.
2. **Morais Silva (1789)**: Qualquer obra, que se faz em satisfação do pecado, ou seja mortificações do corpo, feitas de modo próprio.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.c.a.
5. **Aurélio (2010)**: Aquilo que se faz para remissão dos próprios pecados; a absolvição dada pelo sacerdote (padre) a quem se arrepende e confessa seus pecados.
6. **Houaiss (2012)**: Sacrifício (jejum, oração etc.) para expiação dos pecados.
7. **Michaelis (2015)**: Qualquer sacrifício (jejum, oração etc.) feito para expiação dos próprios pecados.
8. **DHPB (2021)**: Ato de expiação, de pesar por mal cometido, particularmente por ofensa a Deus.

112. PERDÃO Nm[Ssing] _____ 5 ocorrências

- a) *Já tinha morrido, veio atrás de eu, acho que pedir **perdão**, **perdão**. O povo pergunta se eu não fiquei com medo, não fiquei com um pingo de medo. Dali que eu tô, daqui ele foi ali praquele cantinho do fogão a gás e entrou praquele outro cômodo, até hoje. E eu não sei se eu perdoei, nem nada (BZD2-JOR83)*
- b) *Não sabia que tinha morrido, não. Eu acho que ele veio é pedir **perdão** (BZD2-JOR83)*
- c) *Vinha amontado que aquilo chegou a vim e eu falei: "Não importa ele querer dar. Pois chegou pôs os dois pé em cima de mim e eu acho que pra mode de pedir o **perdão** do prato de amendoim que ele comprou na minha mão (BZD2-JOR83)*
- d) *Eu olhei tudo, tirava fumo pra mim, fazia as bola de fumo pra mim. Aí eu penso que eu perdoei, eu perdoei porque os pé dele ficou assim pretinho e eu tô assim isolada, pois ela veio, encostou os pé ne mim eu não posso nem vi da cabeça, só vi os pé. Era o **perdão** que ele queria, mas eu perdoei (BZD2-JOR83)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Remissão de culpa, ou ofensa. Pedir perdão a alguém.
2. **Morais Silva (1789)**: Absolvição da culpa, crime, delito, e remissão da pena incorrida.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Remissão de culpa (perdão dos pecados).
5. **Aurélio (2010)**: Remissão de pena; desculpa; indulto.
6. **Houaiss (2012)**: ação de perdoar; ato pelo qual uma pessoa é desobrigada de cumprir o que era de seu dever ou obrigação por quem competia exigí-lo.
7. **Michaelis (2015)**: Remissão de uma culpa, dívida ou pena.
8. **DHPB (2021)**: Ato de desculpar, absolver de uma culpa, erro ou falta.

113. **PORTEIRA** Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

*a) Foi no outro dia, ele tá andando por aí, cê não sabe se ele era uma pessoa que rezava, cuidava do corpo, ele caça um corpo aberto pra ele encostar. Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma **porteira**, debaixo de um fio de arame, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.c.a.
2. **Morais Silva (1789)**: n.c.a.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Portão de entrada de fazendas, sítios etc.; CANCELA.
5. **Aurélio (2010)**: Portão de entrada em propriedades rurais.
6. **Houaiss (2012)**: Largo portão, não muito alto, que fecha a entrada de fazenda, sítio etc.; cancela.
7. **Michaelis (2015)**: Portão largo, de pouca altura, à entrada de propriedades rurais.
8. **DHPB (2021)**: Portão de entrada em propriedades rurais.

114. **PRIMEIRA COMUNHÃO** Ncf[Num + Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) Faz, eu tava com 13 anos de idade. Quem me levou pra mim fazer a **primeira comunhão**, que eu não fiz, que eu confessei, foi a finada X, que é a mãe de X, catador, me levou e me falou assim: "Eu vim trazer aqui essa cara de toucinho ardido", que ela não xingava a gente, né? Chamava a gente era cara de toucinho ardido, que era um cheiro... (BZD1-DOR64)*
- b) Não pode, não pode, mas eu rezo de quebranto, eu rezo de olhado, eu rezo, eu falo em tudo quanto é coisa, fala ne Jesus Cristo no altar, fala na mesa branca, fala da mesa do altar, da **primeira comunhão**, fala ne tudo quanta é coisa, assim fala, nesses caminho tudo fala assim (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

Os dicionários registram a lexia Eucaristia: litur o sacramento da Eucaristia freq. com inicial maiúsc. p.met.; litur a administração ou a recepção da Eucaristia <dar a c.> (HOUAISS)

115. **QUEBRANTE~QUEBRANTO** Nm[Ssing] _____ 103 ocorrências

- a) Aí no primeiro... No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de **quebrante**, de olhado, com os poder de Deus e*

da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro ramo você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí cê reza o Pai Nosso, uma Ave Maria e oferece pro santo de sua devoção (BZD1-DOR64)

- b) *Qualquer uma, né? Igual ao de que de **quebrante**, que fala, de olhado e **quebrante**, né? Você pega os três ramos verde, três raminho verde. Aí cê vai e reza na pessoa, fala assim, fulano, fala o nome da pessoa, fulano que eu falo, você falou no nome da pessoa: "Eu te benzo de **quebrante** e olhado, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria", pega aquele raminhos separa, pega outro que não foi. Fala a mesma coisa: "Fulano, eu te benzo de quebrante e olhado, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria" (BZD10-EST72)*
- c) **Quebranto. Quebranto**, fala assim: "Reza ne mim o **quebranto**". **Quebranto**, quebranto, olho ruim, malvado, excomungado, dois põe, três tira, um Pai Nosso e uma Ave Maria (BZD2-JOR83)
- d) *Não, graças a Deus, não. As palavrinhas que eu sei é essas, né? De **quebranto** e olhado é esse, né?* (BZD3-MAR86)
- e) *A que eu sei é **quebranto**, não tô falando com você, é quebranto, mau-olhado, "Dois que pôs, três Deus tira, com os poder Deus e de Nossa Senhora" (BZD4-GER72)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Bras. Pop. O mesmo que quebranto (espantando o quebrante): "O ar morno e pesado produzia quebrantes no corpo e convidava a gente a estender-se no chão, sobre a esteira, e deixar-se ficar de olhos fechados em plena preguiça." (Aluísio Azevedo, Girândola de amores)).
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: sofrer ação de quebranto, mau-olhado.
7. **Michaelis (2015)**: OCULT Suposto estado mórbido que se diz produzido pelo mau-olhado de certas pessoas, nas crianças, nos animais, nas plantas e até nos alimentos; mau-olhado: "Seu pai era curandeiro e plantava ervas milagrosas no quintal e fazia garrafadas e benzina as crianças da cidade pra tirar quebranto" (Z2).
8. **DHPB (2021)**: n.d.

116. QUEBRANTE DE QUERER BEM Ncm[Ssing + Prep + V + Ssing] _____ 4 ocorrências

- a) *É. É a mesma coisa. Quebrante e olhado é a mesma coisa, cê põe o quebrante, tem ele de **querer bem** e tem ele de raiva (BZD1-DOR64)*
- b) *[Quebrante] De **querer bem** é uma coisa, e o de raiva, de matar, é outra (BZD8-TER67)*
- c) *assim é [quebrante] de **querer bem**, mas é parecendo como coisa que não é pra pessoa nem ficar vivo?... (BZD8-TER67)*
- d) *Tem o **quebranto de querer bem** e tem o de ruindade (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

117. QUEBRANTE DE RAIVA Ncm[Ssing + Prep + Ssing] _____ 6 ocorrências

- a) *É. É a mesma coisa. Quebrante e olhado é a mesma coisa, cê põe o quebrante, tem ele de querer bem e tem ele **de raiva** (BZD1-DOR64)*
- b) *De querer bem é uma coisa, e o [quebrante] **de raiva**, de matar, é outra (BZD8-TER67)*
- c) *Às vezes [quebrante] **de raiva** ou olho gordo, né? (BZD3-MAR86)*

d) *Tem o olhado que eles fala, tem o mau-olhado, que a pessoa olha pro outro [quebrante] de raiva, aquele é o pior, quando a pessoa olha pro outro com raiva e põe aquele olhar de raiva, aquele que é o de matar (BZD8-TER67)*

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.
2. Morais Silva (1789): n.d.
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): n.d.
5. Aurélio (2010): n.d.
6. Houaiss (2012): n.d.
7. Michaelis (2015): n.d.
8. DHPB (2021): n.d.

118. QUEBRANTE DE RUINDADE NCm[Ssing + Prep + Ssing] ____ 2 ocorrências

a) *Tem o quebrante de querer bem e tem o [quebrante] de ruindade (BZD3-MAR86)*
 b) *[Quebrante] de ruindade é. O mau-olhado é de olha pros outros com raiva e tem o olho gordo pro lado da gente, do que a pessoa tem, do que a pessoa é, né? (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.
2. Morais Silva (1789): n.d.
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): n.d.
5. Aurélio (2010): n.d.
6. Houaiss (2012): n.d.
7. Michaelis (2015): n.d.
8. DHPB (2021): n.d.

119. RAIZEIRA Nf[Ssing] _____ 2 ocorrências

a) *Quando a gente reza muito nos outros, a gente fica com aquela mortência no couro, de vez em quando eu ia lá, agora não sei, não vou. Eu vi pessoas católicas, pessoas que não é católica, que fala curador, não é curador, não. Eu nunca bebi remédio de raizeira (BZD1-DOR64)*
 b) *E eu faço remédio igual X faz, mas nunca bebi remédio de raizeira e nem bebo. Eu bebo o que eu faço (BZD1-DOR64)*

Registro em dicionários

1. Bluteau (1728): n.d.
2. Morais Silva (1789): n.d.
3. Chernoviz (1890): n.d.
5. Aulete (2008): MG Curandeiro que trata de doenças com a utilização de raízes; RAIZISTA.
6. Aurélio (2010): Bras. N.E. MG Curandeiro que trata doenças valendo-se de raízes vegetais. [Sin.: raizista (MG), remedista (MG), doutor-de-raiz (AL e BA).]
8. Houaiss (2012): Curandeiro que faz tratamentos com raízes; raizista, remedista.
9. Michaelis (2015): REG (MG, N.E.) Curandeiro que faz tratamentos com raízes cozidas; raizista, remedista.
10. DHPB (2021): n.d.

120. RAMA BRAVA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Qualquer ramo. Eu pego um ramo uma hora de fedegoso, outra hora é um molho de bassourinha, outra hora é um molho de qualquer uma plantinhazinha aí, não sendo rama brava (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

121. RAMO Nm[Ssing] _____ 48 ocorrências

- a) *Aí no primeiro... No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de olhado, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro **ramo** você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí cê reza o Pai Nosso, uma Ave Maria e oferece pro santo de sua devoção (BZD1-DOR64)*
- b) *"Dor, você vai saindo de uma, até duas, até três, quatro, até cinco, até seis, até sete. Torna a falar e tá com os **ramos**, até se for João ou José. Fala: "José você tá sentindo essa dor", fala três vezes (BZD2-JOR83)*
- c) *Qualquer **ramos** verde, tudo o que cê ver, três ramo (BZD2-JOR83)*
- d) *Mas tem dia que eu tô ruim demais, eu acho que eu benzo muito nos outros e eu acho que o olhado passa pra mim, tem dia que eu vou lá no mato, pego uns três **ramo** e rezo ne mim, eu mesma rezo ne mim. E serve, serve, eu fico boa (BZD5-MAR90)*
- e) *Sabia, ela rezava de inzipa, se a pessoa tivesse com inzipa na perna e ela enxergava, ela mandava panhar um ramo na mesma hora ela rezava com o **ramo** dela e melhorava (BZD6-DEL87)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Erva, que em cada raminho tem cinco folhas.
2. **Morais Silva (1789):** He como o braço da árvore, que se divide o tronco.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Bot. Subdivisão do caule ou tronco das plantas; GALHO.
5. **Aurélio (2010):** Pequeno galho de árvore, de planta.
6. **Houaiss (2012):** Partes formadas pela divisão ou subdivisão do caule.
7. **Michaelis (2015):** Cada uma das partes formadas pela divisão ou subdivisão do caule ou tronco central; galho.
8. **DHPB (2021):** Braço de árvore em que se divide o tronco; galho.

122. RAMO DE ANDU NCm[Ssing + Prep + Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *É... Pega aqueles ramo de andu, tudo reza na pessoa (BZD2-JOR83)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Amaral (1982):** n.d.
5. **Aulete (2008):** n.d.
6. **Aurélio (2010):** n.d.
7. **Cunha (2012):** n.d.
8. **Houaiss (2012):** n.d.
9. **Michaelis (2015):** n.d.
10. **DHPB (2021):** n.d.

Os dicionários registram a lexia andu, como subarbusto de grande porte, ereto (*Cajanus cajan*), da família das leguminosas, possivelmente nativo da África, de folhas trifoliadas, flores amareladas e vagens lineares; é cultivado em várias regiões tropicais do mundo pelas sementes, usadas como alimento, por suas propriedades medicinais e para alimentar o gado; andu, anduzeiro, ervilha-de-angola, ervilha-de-árvore, ervilha-de-sete-anos, ervilha-do-congo, feijão-de-árvore, feijão-guando, guandeiro, conforme o Michaelis.

123. REZA Nf[Ssing] _____ 165 ocorrências

- a) *Então a mesma reza de quebranto é a de olhado* (BZD1-DOR64)
- b) *A reza é a mesma, a oração é a mesma* (BZD1-DOR64)
- c) *Porque tem a... Assim, faz de conta, assim, tem um doente "Eu vim aqui procê rezar". E eu falo: "De que? O que que cê está sentindo?". Ele vai e fala assim: "Eu tô sentindo é gripe, é febre, é dor no estômago, é de coluna, dor em perna"... aí tem a reza que fala assim. Ai Teve uma reza, se rezar a gente não fala não, senão, eu não falo não, senão diz que não cede* (BZD2-JOR83)
- d) *É um ramo que Deus deixou, um galhinho de oliveira, é ramo que Deus deixou na Terra, é molhinho de mamoneira novinho, com as folhinha de mamona, é assim, eu benzo assim. Tem uns que benzem com o rosário, outros benzem com o cordão, né? A minha reza é com raminho verde lá que eu apanho, né?* (BZD3-MAR86)
- e) *Um esforço de "Oh, menina, cê aprende isso aí, cê aprende isso aqui". Não aprendi, só aprendi trabalhar ne roça pronto. Só essa tia minha, me deu essa palavras: "Oh, minha filha, rezar de quebranto é assim assim, assim". É uma reza simples* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: O que alguém costuma rezar por sua devoção, ou de obrigação.
2. **Morais Silva (1789)**: Orações , que se dizem por obrigação, ou devoção.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Bras. Ação de benzer, dizendo frases que supostamente afastam o mal ou curam doenças: A curandeira fez-lhe uma reza com folhas.
5. **Aurélio (2010)**: Bras. Pop. Palavras que se proferem por credence ou superstição, para benzer ou afastar o mal.
6. **Houaiss (2012)**: súplica, rogo que se faz à divindade; oração, prece.
7. **Michaelis (2015)**: Palavras que são proferidas, por credence ou superstição, com a intenção de benzer, de afastar o mal.
8. **DHPB (2021)**: Oração que se diz por devoção ou obrigação.

124. REZA DE ARMA DE FOGO Ncf[Ssing + Prep + Ssing + Prep + Ssing] _____

4 ocorrências

- a) *Reza de arma de fogo, essas coisas, mas ele me ensinou. Eu tinha vontade de aprender e tinha vontade mesmo* (BZD11-ZIZ64)
- b) *Não posso falar a reza de arma de fogo, não. Pra arma não dar fogo* (BZD5-MAR90)
- c) *Sei [reza] de arma de fogo, mas essa eu não ensino ninguém, não. Perigosa* (BZD5-MAR90)
- d) *É moço, é. Com fé em Deus, se falar essas palavra da reza [de arma de fogo], oh, meu Deus, a arma não dá fogo de jeito nenhum* (BZD5-MAR90)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

125. REZA PARA CORTAR O VENTO Ncf[Ssing + Prep + V + Art + Ssing] _____

18 ocorrências

- a) *Benzo de, por exemplo, tá ventando, ventando, aquele vento brabo que vem, eu benzo também passa o vento; vem a chuva não...* (BZD10-EST72)
- b) *É do vento eu já falei, do vento é assim: "Jesus é nascido, nascido ele é..."* (BZD10-EST72)
- c) *É assim, o vento, aquela chuva pesada com aquele ventão que vem rebentando tudo, aquilo eu que eu sou muito medrosa de vento, eu não posso ver vento, que eu tenho mais medo do vento do que os trovão. Aí eu falo: "Jesus na paz, na paz é sal. O sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo vai derramar entre nós esta, esta, esta, esta", três vezes. Aí se torna a rezar a oração: "Jesus na*

paz, na paz está, sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo vai derramar entre nós esta, esta, esta, esta", aí se reza as três vezes com o esta, três vezes (BZD10-EST72)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

126. REZAR [V] _____ 438 ocorrências

- a) *Naquele tempo que quando ela pegou me ensinar a rezar, eu tinha essa base de uns 16 anos (BZD12-LOU80)*
- b) *Eles me procura mais pra **rezar** ne bicheira de bicho pagão, de mau olhado, muita coisa eles pedem assim pra **rezar** (BZD12-LOU80)*
- c) *Não teve nem tempo do umbigo cair, ele abriu e ele fez aquelas... E eu peguei e mandei ela apanhar um pacotinho de algodão e uma agulha e pus uma linhinha, **rezei** na linhinha e aí eu costurei isso, benzi e fiz a costura assim. E essas mulher nem comia, nem dormia que essa criança não deixava, aí eu pus ela assim no meu colo e fui benzendo ela. Quando eles pnhou ela do meu colo, tava dormindo (BZD12-LOU80)*
- d) *De deslocadura eu não **rezei** procê ver, ê fala assim, se faz a reza de deslocadura, cê pega uma linha com agulha ou três palitinho de pau (BZD9-NEN76)*
- e) ***Rezei** na vaca. Não levou meia hora, ela ligou, falando que a vaca tinha desengasgado (BZD10-EST72)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Deriva-se do grego Rezo que val o mesmo que , Sacrificio , porque a Reza , es sacrificium laudis ou se deriva do verbo latino Recitare que val o mesmo que ler em voz alta ou dizer de cor.
2. **Morais Silva (1789):** Dizer as orações a Deus . Fazer menção por escrito , ou no escrito .
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Rel. Proferir ou dizer (orações ou rezas); ORAR.
5. **Aurélio (2010):** Dizer ou fazer (oração ou súplica religiosa)
6. **Houaiss (2012):** dizer em voz baixa ou apenas internamente (oração ou súplica religiosa).
7. **Michaelis (2015):** Dizer oração ou súplica, em voz baixa ou apenas interiormente; orar: Reza a avermaria todos os dias. Rezou uma oração ao santo de sua devoção.
8. **DHPB (2021):** n.d.

127. RIO JORDÃO NCm[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Pode falar, ué. É assim: "No **Rio Jordão** passei, bicho cheiroso eu matei, impinge, cobreiro e fogo selvagem, água do mar eu lavei". Três vezes, com a fé em Deus tá são, meu filho (BZD5-MAR90)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

128. ROSÁRIO Nm[Ssing] _____ 1 ocorrência

a) *Tem uns que benzem com o **rosário**, outros benzem com o cordão, né? A minha reza é com raminho verde lá que eu apanho, né?* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: Cento e cinquenta contas á honra da Virgem nossa Senhora, & compoe tres terços , cada hum de cinquenta Ave Marias , & cinco Padre nossos em cada terço. No primeiro terço se considerão os mysterios Gozosos no segundo os Dolorosos, no terceiro os gloriosos.
2. **Morais Silva (1789)**: Contas, que marção os padrenossos , e avemarias que rezamos.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Enfiada de 165 contas: 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos, para serem5 rezados como prática religiosa.
5. **Aurélio (2010)**: Enfiada de 165 contas, correspondentes ao número de 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos, para serem rezados como prática religiosa.
6. **Houaiss (2012)**: litur.cat fileira de 220 pequenas contas dispostas de maneira sucessiva, representando cada uma delas uma oração.
7. **Michaelis (2015)**: CATOL Objeto de devoção e oração constituído tradicionalmente de 165 contas, que correspondem a 150 ave-marias e 15 pai-nossos. Em 2002, o papa João Paulo II acrescentou ao rosário 50 ave-marias e 5 pai-nossos [junto com cada pai-nosso é rezada uma jaculatória].
8. **DHPB (2021)**: variantes: rrosairo, rosairo, rusário, rozario, rosario. Devoção que consiste em rezar quinze vezes um pai-nosso e quinze vezes dez ave-marias em honra dos mistérios da vida de Jesus Cristo e da Virgem Maria.

129. SAGRADO CORAÇÃO NCm[Adj + Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Tenho Nossa Senhora Aparecida, tenho eles aqui, tenho ali. Tem Santa Luzia ali, tem uma lá dentro. Tem a imagem de Senhor Jesus, tem a imagem de Jesus **Sagrado Coração**; de Jesus Misericordioso, eu tenho, tá ali dentro* (BZD3-MAR86)
- b) *Tem sim. Tem, graças a Deus, eu tenho com o **Sagrado Coração**, que é nosso padroeiro do apostolado* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

130. SANTA IRIA NCf[Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *De cobreiro se reza assim: "**Santa Iria** tem três fia, uma reza de cobreiro, a outra de impinge, a outra de fogo salvagem". Você tem que rezar três vezes e oferece pra **Santa Iria**, reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois que você faz a sua oração. Todas as rezas que eu tô te falando, cê reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois* (BZD9-NEN76)
- b) *É, ficou zipa. E zipa é assim, cê reza do tutano, deslocando pra fora: "E zipa, erisipela de um tutano vai pro outro; do outro vai pro nervos; dos nervos pra carne; da carne vai pra pele e vai para as ondas do mar, onde galo não canta, boi na urra e bode não berra". Três vezes e reza pra **Santa Iria*** (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
5. **Aulete (2008)**: n.d.

6. **Aurélio (2010)**: n.d.
 8. **Houaiss (2012)**: n.d.
 9. **Michaelis (2015)**: n.d.
 10. **DHPB (2021)**: n.d.

131. SANTA LUZIA Ncf[Ssing] _____ 5 ocorrências

- a) *Porque muitos têm devoção por Nossa Senhora, outros é com **Santa Luzia**, outros é com Jesus Misericordioso, Bom Jesus da Lapa, né?* (BZD1-DOR64)
 b) *Tenho Nossa Senhora Aparecida, tenho eles aqui, tenho ali. Tem **Santa Luzia** ali, tem uma lá dentro. Tem a imagem de Senhor Jesus, tem a imagem de Jesus Sagrado Coração* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.d.
 5. **Aurélio (2010)**: n.d.
 6. **Houaiss (2012)**: n.d.
 7. **Michaelis (2015)**: n.d.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

132. SANTÍSSIMA TRINDADE Ncf[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *"Deus é lua, Deus é sol, Deus é a claridade da **Santíssima Trindade**. Assim como essas palavras são certas e são a verdade, é de curar sua dor de cabeça..."* (BZD5-MAR90)
 b) *"Da claridade da **Santíssima Trindade**. Assim como essas palavras são certas e são a verdade, é de tirar vento e ar e enxaqueca e dor de cabeça"* (BZD5-MAR90)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
 2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
 3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
 4. **Aulete (2008)**: n.d.
 5. **Aurélio (2010)**: n.d.
 6. **Houaiss (2012)**: n.d.
 7. **Michaelis (2015)**: n.d.
 8. **DHPB (2021)**: n.d.

Os dicionários registram a lexia trindade, como principal mistério do cristianismo, que proclama a unidade de Deus na sua natureza e substância, bem como a existência de três pessoas distintas unidas nessa natureza (Pai, Filho e Espírito Santo), conforme o Michaelis.

133. SANTO EXPEDITO NCm[Ssing] _____ 4 ocorrências

- a) *Então eu tenho a devoção com ela e **Santo Expedito**, que é os dois que eu tenho, mas pra mim todo os santos que eu peço eu sou agraciada* (BZD1-DOR64)
 b) *Eu faço todo ano o terço de **Santo Expedito**, não sei de agora em diante, mas todo ano eu tenho a tradição de rezar* (BZD1-DOR64)
 c) *Foi a época época assim que meu filho tava muito ruim, ruim, ruim. Aí chegou dona X com oraçãozinha de **Santo Expedito**, aí naquela ânsia eu falei assim: "Pela fé que eu tenho em Jesus e **Santo Expedito**, se meu filho ficar bom, eu vou continuar rezando o terço até eu aguentar", e tem muitos e muitos anos que eu rezo. Reúno o pessoal na comunidade e rezo. Aí, agora, esse ano quando eu tiver assim baqueando, que eu não aguentar, eu vou, os dias que eu gastar com o terço aqui em casa, eu vou passar pra minha igreja, se Deus quiser. É o pedido que eu tenho* (BZD1-DOR64)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

134. SÃO BISPO NCm[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Aí o homem correu atrás daquele mendigo, né? Que era Jesus. "Oh, senhor, reza em minha mulher, minha mulher engasgou". Aí Jesus voltou, rezou assim: "Homem bom, mulher má. Casa velha, esteira rota não me fala mal. São Bispo, São João de Cristo. Cristo disse que desengasgasse pra cima ou pra baixo", três vezes, a mulher desengasgou (BZD10-EST72)*
- b) *Animais também, pode ser pessoa, pode ser animal, cê cruza também, fala: "Homem bom, mulher má. Casa velha, esteira rota não me fala mal. São Bispo, São João de Cristo, Cristo disse que desengasgasse pra cima ou pra baixo", três vezes cê encruza os dedos falando as palavras, e aí faz o sinal da Cruz e pronto (BZD10-EST72)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

135. SÃO FRANCISCO FABRIÃO (SÃO FABIÃO) NCm[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Oh, pra dor de cabeça reza assim: "Adonde vai São Francisco Fabrião, curando enxaqueca e dor de cabeça. Deus é o solo, Deus é a lua e Deus é a mesma claridade". Reza três vezes e oferece pra São Francisco Fabrião, cada oração tem seu santo de oferecer (BZD9-NEN76)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.
6. **Houaiss (2012):** n.d.
7. **Michaelis (2015):** n.d.
8. **DHPB (2021):** n.d.

136. SÃO JOÃO NCm[Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *Aí o homem correu atrás daquele mendigo, né? Que era Jesus. "Oh, senhor, reza em minha mulher, minha mulher engasgou". Aí Jesus voltou, rezou assim: "Homem bom, mulher má. Casa velha, esteira rota não me fala mal. São Bispo, São João de Cristo. Cristo disse que desengasgasse pra cima ou pra baixo", três vezes, a mulher desengasgou (BZD10-EST72)*
- b) *Animais também, pode ser pessoa, pode ser animal, cê cruza também, fala: "Homem bom, mulher má. Casa velha, esteira rota não me fala mal. São Bispo, São João de Cristo (BZD10-EST72)*

- c) *De igreja. de Bom Jesus, as festas de Bom Jesus, festas de São João, né, que eu comemorava, ele fui chamada em muitas festas, festa roubada, bandeira roubada, pra eu ir, pra poder fazer. Eu fazia tipo de um encontro bonitinho, que o povo falava* (BZD9-NEN76)

Registro em dicionários

1. . **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

137. SÃO MIGUEL NCm[Ssing] _____ 14 ocorrências

- a) *Não existem mais, né. E muita coisa eu não aprendi com o benzedor, que era meu, eu não aprendi muita coisa com ele, mas depois Deus me ensinou como é que fizesse. Eu tenho uma devoção com São Miguel, que vê no dia 29, eu fazia isso mais minha mãe, minha mãe saiu e deixou pra mi,, falou: "Olha, ocê continue essa vida durante vida ocê tiver". Todo dia de São Miguel eu ponho as doze luz pra ele, ele faz as puxadinha, as candeinha de vaso puxado, o azeite, tá aí o litrão de azeite que eu comprei, dia de São Miguel eu vou pôr de novo. Eu tenho uma devoção com São Miguel e tudo que eu peço pra São Miguel, São Miguel me dá. Ele rebate e fala e eu falo com ele, ele combate, ele rebate o inimigo, ele rebate doença, ele rebate tudo quanto é coisa. Eu já ganhei, mas eu já ganhei muitas graças, me pede eu pra ligar pra dizer que graça eu recebi, eu recebi com São Miguel, eu tenho devoção é com os santos?* (BZD13-ANA91)
- b) *Eu comecei, meu pai ensinou, eu era pequena, meu pai panhava uma bíblia lá e lia e falava aquelas coisas tudo e eu aprendi com o meu pai e umas coisas e as outras eu aprendi porque com São Miguel eu aprendi* (BZD13-ANA91)
- c) *Não é algodão, não, menino, é cordão, vem os cordão por aí, até que eu tava com uns cordão aí, mas eu não sei onde é que eu pus. Eu faço uma oração num cordão, ali perto da pessoa, porque o que eu tenho devoção é com São Miguel, eu tenho só com os anjos e os o anjos tem, São Miguel tem o combate, né?* (BZD13-ANA91)

Registro em dicionários

1. . **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: n.d.
5. **Aurélio (2010)**: n.d.
6. **Houaiss (2012)**: n.d.
7. **Michaelis (2015)**: n.d.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

138. SARAR [V] _____ 56 ocorrências

- a) *Lembra como é que ela ficou aí cortada, cortada, cortada, cortada e eu pedi pra Nossa Senhora emenda os pedaço dela tudo, fui daqui, paguei a passagem, fui lá, cumpri essa promessa, dei a ela e ela me escreveu a carta e me deu pra eu levar e eu levei e botei nos pés de Nossa Senhora e chegou lá eu contei a ela o caso. Ela sarou, cê não viu a grossura que ela tá aí hoje, largou a lei de Deus, passou pra lei dos crente. Um monte de graça eu já recebi, só que o povo não respeitou as minha oração* (BZD13-ANA91)
- b) *Sabia um pouquinho de leitura, assim de escrever, tudo. Agora, até o meu nome eu esqueci, mode a mão e também pelejo, pelejo, mas não acerto mais não. Aí, cumpoca a muiê foi, parece que é era moça, era bonita, do cabelão, era bonita. Pois ele rezou um pouco e foi embora, parece que es morava no Calção, na Itinga. Aí, quando ela sarou, ela foi ver, ver, agridecer, mas ele ficou alegre. Ela: "Oh, eu quero, seu sarar, eu fico alegre". Pois, sarou. Sarou. Rezou e sarou. Umas palavrinhas que cê fala "oh gente", mas a gente tem fé em Deus* (BZD2-JOR83)

- c) *Queimadura é assim: "Santo Antônio tinha três filhas. Uma fiava, uma tecia, uma caiu no fogo e ardeu. Perguntou à Virgem: 'o que que sararia?'. 'Cospe três vezes que mais tarde sararia'" (BZD13-ANA91)*
- d) *Aí ela rezou ne mim, oh gente, eu sarei, não voltou mais, graças a Deus (BZD10-EST72)*
- e) *De olhado, eu já fui benzida de olhado e já fui benzida de cobra também, fedida de cobra. Finado meu avô, sabia dessas oração tudo também, inclusive ele ensinou mãe, mãe ensinou nós. Aí uma vez cobra me picou e ele rezou, foi no médico também, mas ele rezou e eu fiquei guardando repouso, né? Graças a Deus, sarei (BZD11-ZIZ64)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** Dar Saúde, curar.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Tornar ou ficar são, curado, ou extinguir (doença); recobrar a saúde; CURAR(-SE) [td. : sarar um doente.]
5. **Aurélio (2010):** Dar ou restituir a saúde a (quem está doente); curar.
6. **Houaiss (2012):** Dar ou restituir a saúde a; curar(-se).
7. **Michaelis (2015):** Recuperar ou restituir a saúde; sarar(-se).
8. **DHPB (2021):** Dar ou restituir a saúde a; curar(-se).

139. SEMANA SANTA NCF[Ssing + Adj] _____ 5 ocorrências

- a) *Eu tenho uns quadro na varanda, os menino tirou e pôs ali quando foi o tempo da semana santa (BZD3-MAR86)*
- b) *Era na semana santa, quando dava a Sexta-feira da Paixão, nós morava lá na... Perto de Curral Dentro... É, perto de Curral Dentro e nós ia pra casa da vizinha nossa na Sexta-feira da Paixão e ficava acordada a noite inteira rezando, rezando, rezando, só fazendo penitência, ficava todo mundo a noite todinha lá, rezando assim, sem parar (BZD8-TER67)*
- c) *Não, não é por causa da semana santa. Não, não, é porque é o dia melhor da semana, já próprio de benzer. Segunda, quarta e sexta, cê benze qualquer dia, mas esse dia é o melhor dia (BZD9-NEN76)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
5. **Aulete (2008):** n.d.
6. **Aurélio (2010):** n.d.
8. **Houaiss (2012):** n.d.
9. **Michaelis (2015):** n.d.
10. **DHPB (2021):** n.d.

140. SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO NCm[Ssing + Prep + Ssing] _____ 3 ocorrências

- a) *Sexta-feira da Paixão. ele me mandou carregar, até hoje eu tenho em minha carteira (BZD5-MAR90)*
- b) *Era na semana Santa, quando dava a Sexta-feira da Paixão, nós morava lá na... Perto de Curral Dentro... É, perto de Curral Dentro e nós ia pra casa da vizinha nossa na Sexta-feira da Paixão e ficava acordada a noite inteira rezando, rezando, rezando, só fazendo penitência (BZD8-TER67)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** n.d.
5. **Aurélio (2010):** n.d.

- 6. Houaiss (2012):** A sexta-feira da Semana Santa, dia em que a Igreja relembra a morte de Jesus Cristo; Sexta-Feira Maior, Sexta-Feira Santa.
7. Michaelis (2015): n.d.
8. DHPB (2021): n.d.

141. SOMBRA Nf[Ssing] _____ 2 ocorrências

- a) *Que encosta na gente, alguma **sombra**, cê nem sabe que tem, né? Essa **sombra** ruim* (BZD3-MAR86)

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** Os males, almas dos mortos.
2. Morais Silva (1789):
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): Fig. Espírito, alma, fantasma: Sentia a sombra dos parentes mortos.
5. Aurélio (2010): Alma, espírito, visão, fantasma: a sombra de Aquiles.
6. Houaiss (2012): Espírito de pessoa já falecida; fantasma.
7. Michaelis (2015): Espírito de pessoa já falecida; fantasma.
8. DHPB (2021): n.c.a.

142. TERÇO Nm[Ssing] _____ 33 ocorrências

- a) *"Pela fé que eu tenho em Jesus e Santo Expedito, se meu filho ficar bom, eu vou continuar rezando o **terço** até eu aguentar", e tem muitos e muitos anos que eu rezo* (BZD1-DOR64)
b) *Tem, tem, tem, tem o **terço**, tem a festa da Padroeira, né? Que a gente faz, tem a festa do Apostolado da Oração, tudo eu sempre tô envolvida, né?* (BZD1-DOR64)
c) *Só o **terço** que eu não sei rezar, que eu sabia, assim tinha até... Sabia um pouquinho de leitura, assim de escrever, tudo. Agora, até o meu nome eu esqueci, mode a mão e também pelejo, pelejo, mas não acerto mais não* (BZD2-JOR83)
d) *Recebo em minha casa: "Oh, tô indo aí na sua casa". Quero. "Oh, eu vou rezar um **terço** procê". "Eu quero, pode vir"* (BZD3-MAR86)
e) *Muito, tem muitos anos, porque toda vida, desde quando eu era, praticamente, desde quando eu era criança já participava e continuei participando, às vezes não vou direto, mas continuo sempre participando, **terço**, eu rezo meu **terço** todo dia, todo dia, assisto minha missa, às vezes não vou pra igreja, mas assisto na televisão e vou pra igreja também, novena e tudo* (BZD8-TER67)

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** Terço do Rosário. Dividi-se o Rosário em tres terços; consta cada um deles de cinco Padre Nossos e cinquenta Ave Marias.
2. Morais Silva (1789): Terça parte do Rosário
3. Chernoviz (1890): n.d.
4. Aulete (2008): Um terço do rosário: Guardava o terço da avó.
5. Aurélio (2010): A terça parte do rosário.
6. Houaiss (2012): rel a terça parte do rosário, composta de cinco dezenas de contas, para a reza da ave-maria, intercaladas por cinco contas, correspondentes à oração do padre-nosso.
7. Michaelis (2015): CATOL A terça parte do rosário, composta de cinco dezenas de contas para a Ave-maria, intercalada por cinco contas, que correspondem ao Pai-nosso; também chamado popularmente de rosário.
8. DHPB (2021): Sequência de orações formada por um pai-nosso para cada grupo de dez ave-marias; corresponde a terça parte de um rosário.

143. TRIBULAÇÃO Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Noventa anos pra você viver numa **tribulação** que nós tamos vivendo hoje em dia, nós tudo tá vivendo daquela maneira, dessa situação que nós tamos vendo aí. Foi fácil? Não foi fácil, né? E nem é fácil e nós tamos levando a vida, né?* (BZD13-ANA91)

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: Trabalho, perseguição
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Acontecimento penoso, desagradável; ADVERSIDADE; CONTRARIEDADE.
5. **Aurélio (2010)**: Adversidade, contrariedade.
6. **Houaiss (2012)**: acidente, açoite, adversidade, aflição, agrura, apertada, apertadela, apertado, apertão, aperto, abertura, apuro, atribulação, baldão, cambapé, cólicas, conjuntura, contrariedade, contratempo, crise, desar, dificuldade, frágua, incômodo, lance, perigo, precisão, problema, prova, provação, provança, sobrevento, transtorno, vicissitude; ver tb. sinonímia de desdita, desgosto, óbice, pobreza e revés.
7. **Michaelis (2015)**: Grande aflição causada por sofrimento moral ou físico.
8. **DHPB (2021)**: Aflição, angústia.

144. TUTANO Nm[Ssing] _____ 8 ocorrências

- a) *É, ficou zipa. E zipa é assim, cê reza do **tutano**, deslocando pra fora: "E zipa, erisipela de um **tutano** vai pro outro; do outro vai pro nervos; dos nervos pra carne; da carne vai pra pele e vai para as ondas do mar, onde galo não canta, boi na urra e bode não berra". Três vezes e reza pra santa Iria (BZD9-NEN76)*
- b) *Aí cê fala: "Ezipa, ezipela. Ezipa branca, ezipa preta, preta, ezipa amarela. Zipa deu no **tutano**, do **tutano** deu no osso, do osso deu na carne, da carne deu na veia, da veia deu na perna. Vai ezipa branca, ezipa preta, , ezipa amarela pra as onda no mar, nunca mais há de voltar" (BZD10-EST72)*
- c) *Qualquer jeito fala: "Ezipa, ezipela, aí pela brancas e pretas e amarelas. Deu no **tutano**; **tutano** de no osso; do osso na canela; da canela deu no sangue, do sangue nas veias; das veias deu na pele; da pele vai para as onda do mar" (BZD13-ANA91)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: O suco ou substância que está nos olhos de um animal.
2. **Morais Silva (1789)**: A medulla pingue dos ossos grandes do boi .
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
4. **Aulete (2008)**: Substância mole que se encontra no interior dos ossos.
5. **Aurélio (2010)**: Substância mole e gordurosa, do interior dos ossos; medula óssea.
6. **Houaiss (2012)**: matéria que preenche as cavidades ósseas; medula.
7. **Michaelis (2015)**: medula óssea.
8. **DHPB (2021)**: n.d.

145. USURA Nf[Ssing] _____ 1 ocorrência

- a) *Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa **usura**, tudo isso tem (BZD3-MAR86)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728)**: n.d.
2. **Morais Silva (1789)**: n.d.
3. **Chernoviz (1890)**: n.d.
5. **Aulete (2008)**: Ambição ou cobiça exacerbada.
6. **Aurélio (2010)**: Ambição
8. **Houaiss (2012)**: Qualidade ou característica de quem é avarento, mesquinho, tem apego excessivo ao dinheiro, aos bens materiais; avareza, mesquinharia, sovínice.
9. **Michaelis (2015)**: Qualidade ou característica de quem é mesquinho e que tem apego exagerado ao dinheiro, às riquezas ou a qualquer outra coisa; avareza, mesquinhez.
10. **DHPB (2021)**: n.c.a.

146. VALIDA [V – Adj] _____ 2 ocorrências

- a) *Eu tenho. Tenho devoção com Nossa Senhora da Aparecida, tudo o que eu pego com ela, eu sou **valida**. Eu tenho devoção com essa santa, que eu vou falar com ocê. Graças a Deus, tudo o que eu peço pra Nossa Senhora da Aparecida eu sou **valida**, né? (BZD5-MAR90)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
5. **Aulete (2008):** n.d.
6. **Aurélio (2010):** n.d.
7. **Cunha (2012):** n.d.
8. **Houaiss (2012):** n.d.
9. **Michaelis (2015):** n.d.
10. **DHPB (2021):** n.d.

147. **VASSOURINHA~BASSOURINHA** Nf[Ssing] _____ 12 ocorrências

- a) *É, **vassourinha**, é o que é mais certo pra benzer (BZD12-LOU80)*
- b) *Qualquer ramo. Eu pego um ramo uma hora de fedegoso, outra hora é um molho de **bassourinha**, outra hora é um molho de qualquer uma plantinhazinha aí, não sendo rama braba (BZD3-MAR86)*
- c) *Sempre eu gosto mais é de rezar no raminho de fedegoso, **bassourinha**, só, infelizmente, que a **bassourinha** aqui não tem, né? (BZD4-GER72)*
- d) *Santa... Não, Santa- Maria não tá tendo não, né? Santa-maria é pra rezar, assim, de impinge e cobreiro, é rezado com santa-maria, mas ninguém tá achando a santa-maria mais, né? **bassourinha**, é **bassourinha**, né? É com **bassourinha** (BZD5-MAR90)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** n.d.
2. **Morais Silva (1789):** n.d.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Erva (*Scoparia dulcis*), da fam. das escrofulariáceas, nativa da América tropical; com até 80 cm de altura, de grande ramificação, com ramos ascendentes em uma estrutura que permite seu uso como vassoura; TAPEIÇABA; TUPIÇABA; TUPIXAVA; VASSOURINHA-DOCE.
5. **Aurélio (2010):** Erva da família das escrofulariáceas (*Scoparia dulcis*), amplamente disseminada como ruderal, que tem pequenas flores alvas inaparentes e que, como é muito ramosa e lenhificada, pode ser congregada em feixes para compor vassouras simples e baratas; vassourinha-de-varrer, tupixaba.
6. **Houaiss (2012):** erva ou arbusto (*Sida acuta*) da fam. das malváceas, nativos do Brasil, de folhas alternas, flores amarelo-pálidas, solitárias ou em cachos, e cápsulas pequenas; guaxuma, malva-brasileira, malva-de-marajó, malva-reloginho, relógio-de-vaqueiro, relógio-vassoura, tupitixa, tupixá, vassoura-preta [Desta planta se extrai material para cordoaria e fabrico de papel; apresenta propriedades emolientes, tônicas, febrifugas e anti-hemorroidais; as folhas e as sementes são forrageiras e os galhos são us. no fabrico de vassouras rústicas.]
7. **Michaelis (2015):** Trepadeira (*Buddleia brachiata*) da família das loganiáceas, nativa de Minas Gerais, de folhas ovais e flores dispostas em cimeiras paniculadas; barbasco, verbasco.
8. **DHPB (2021):** n.d.

148. **VERME** Nm[Ssing] _____ 8 ocorrências

- a) *Ele rezava cada coisa, cuidava de cada coisa. Eliana de Edson tava falando comigo esses dias ali, diz que ele rezava até de **verme**, criança que tinha **verme**, que ele rezava (BZD1-DOR64)*
- b) *Diz que não ficava um **verme** no bichinho (BZD1-DOR64)*
- c) *Diz que até de **verme**, né? Se tivesse **verme**, diz que ele rezava (BZD5-MAR90)*

Registro em dicionários

1. **Bluteau (1728):** Bicho, como os que se criam na madeira, na fruta, & nos corpos depois da morte.
2. **Morais Silva (1789):** Bicho que se cria nos frutos, , arvores, no corpo do animal , nas conchas.
3. **Chernoviz (1890):** n.d.
4. **Aulete (2008):** Denominação comum e imprecisa dada a todos os animais invertebrados de corpo longo e mole; HELMINTE; HELMINTO.

- 5. Aurélio (2010):** Designação comum às larvas de muitos insetos.
- 6. Houaiss (2012):** design. comum e imprecisa a todos os animais alongados de corpo mole; helminte, helminto.
- 7. Michaelis (2015):** Denominação comum e pouco precisa dada aos animais alongados e invertebrados; haminte, haminto. Alguns podem infestar o corpo humano, principalmente os intestinos.
- 8. DHPB (2021):** Nome dado aos parasitas que se desenvolvem no corpo vivo; bicheira.

149. VERRUGA Nf[Ssing] _____ 7 ocorrências

- a) *Eles fala caroço, né? Uns fala caroço, outros fala verruga* (BZD2-JOR83)
- b) *E verruga e tudo. Caroço, nós falamos verruga, acho que dá mais certo, né?* (BZD2-JOR83)
- c) *Galinha adoeceu de verruga e tudo* (BZD2-JOR83)

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** Pequeno tumor, redondo, & curo, ou espécie de callo, e escrescencia de carne , quase a modo de ervilha produzida de petuita endurecida.
- 2. Morais Silva (1789):** Excrescencia de corpo caloso , com raizes , que nasce pelo corpo de gente. Algumas verrugas são superficiais , e caidças por si, sem se arrancarem.
- 3. Chernoviz (1890):** n.d.
- 4. Aulete (2008):** Derm. Tumor, ger. arredondado e duro, na superfície da pele, causado pelo crescimento anormal de estruturas cutâneas.
- 5. Aurélio (2010):** Tumor epidérmico de origem virótica.
- 6. Houaiss (2012):** Excrescência rugosa na epiderme vegetal.
- 7. Michaelis (2015):** Pequena protuberância arredondada na superfície da pele, de consistência áspera, causada pela hipertrofia de certas estruturas cutâneas.
- 8. DHPB (2021):** Pequena excrescência cutânea de corpo caloso.

150. VIRGEM MARIA NCF[Ssing] _____ 22 ocorrências

- a) *A oração de engasgação é: "Santa Iria tinha três fia. Uma cozia, a outra lavava e a outra rezava de azia, com os poder de Deus e da Virgem Maria"* (BZD1-DOR64)
- b) *No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de olhado, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado"* (BZD1-DOR64)
- c) *Pois é, se for pra rezar nocê é assim: "Maurício, assim como Deus te fez, ele quem te criou, ele a de te tirar quebranto e olhado e oio ruim e mofina no corpo, com dois te botaram e com três te tiraram, com os poder de Deus e da Virgem Maria"* (BZD5-MAR90)
- d) *De quebranto é fácil: "Quebranto e olhado tem olho excomungado, dois que põe, três que tira, com os poder de Deus e da Virgem Maria. Amém"* (BZD9-NEN76)
- e) *"Fulano, eu te benzo de carne quebrada, ouço rendido, nervo torto, veias arrebetadas, esse mesmo eu coso, com os poder de Deus e da Virgem Maria"* (BZD10-EST72)

Registro em dicionários

- 1. Bluteau (1728):** n.d.
- 2. Morais Silva (1789):** n.d.
- 3. Chernoviz (1890):** n.d.
- 5. Aulete (2008):** n.d.
- 6. Aurélio (2010):** A mãe de Jesus Cristo; Virgem Maria. [Nesta acepç., com inicial maiúscula, é claro.]
- 8. Houaiss (2012):** A mãe de Jesus Cristo; Virgem Maria inicial maiúsc.
- 9. Michaelis (2015):** n.d.
- 10. DHPB (2021):** n.d.

VOCABULÁRIO DAS BENZEÇÕES

Para a organização dos verbetes que compõem este vocabulário, foram adotados os seguintes critérios:

- a) As entradas estão em ordem alfabética, grafadas com letras maiúsculas e em negrito, para melhor visualização do leitor.
- b) Os substantivos e os adjetivos foram registrados da forma como ocorreram nas entrevistas, e são considerados nomes, ao passo que os verbos foram registrados no infinitivo.
- c) Após a entrada, encontra-se a sua categoria gramatical, de modo que:
 - Nm: nome simples masculino
 - Nf: nome simples feminino
 - NCm: nome composto masculino
 - NCF: nome composto feminino
 - S: substantivo
 - Adj: adjetivo
 - Art: artigo
 - V: verbo
 - Prep: preposição
 - Pron: pronome
 - Sing: singular
 - Pl: plural
- d) Em seguida, há o significado da lexia, observando-se o sentido que ela apresenta no contexto em que foi empregada nas entrevistas.
- f) Por fim, é apresentado um trecho das entrevistas em que a lexia ocorreu.

A

ABATIDO • Nm[Asing] • Estado da pessoa que foi alvo de quebrante ou olhado, ou mesmo da benzedeira que praticou muitas benzeções, marcado pelo desânimo, cansaço e pela diminuição da força física.

- *Quando cê reza muito fica até meio assim... **abatido** (BZD9-NEN76)*

ABRIÇÃO DE BOCA • Ncf[Ssing + Prep + Ssing] • O mesmo que bocejo, ato repetidamente praticado por um indivíduo que foi alvo de quebrante ou olhado.

- *Às vezes uma hora eu tô carregada, né? As perna doendo, o corpo doendo, cabeça doendo, moleza, **abrição de boca**, um sono, que tô deitando. "Ah, fulano, benze ne mim", benze ne mim, graças a Deus, né? (BZD3-MAR86).*

AGRACIADA • Nf[Asing] • Pessoa que recebeu uma graça por meio de benzeção ou pela intercessão de um santo de sua devoção.

- *Pede, faz aquele pedido, pedindo aquela graça. A gente tá precisando daquela graça, a gente pede aquela graça e já fui muito **agraciada**, muito, muito, muito mesmo. Não tenho nem palavras pra agradecer a Deus por tantas graças que eu já recebi pra mim e pra toda a minha família, porque sempre eu sou **agraciada** (BZD8-TER67).*

ALECRIM • Nm[Ssing] • Arbusto (*Rosmarinus officinalis*), da família das labiadas, cujas flores e folhas são usadas como tempero, para chá, em medicamento etc. No caso das benzeções, são usadas como instrumentos para benzer contra quebrante e olhado.

- *Pra benzer eu gosto mais é do raminho de **alecrim** (BZD12-LOU80).*

ALFAVACA • Nf[Ssing] • Planta arbustiva, natural do Brasil, perene, aromática, utilizada como condimento na culinária e que possui propriedades curativas. No caso das benzeções, são usadas como instrumentos para benzer contra quebrante e olhado.

- *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de erva-doce, um galinho de **alfavaca**, um galinho de erva-cidreira, que tem pessoas que gostam de benzer com galho de pimenta, aí já não é bom, porque o galho de pimenta se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo pela o olho (BZD7-LUC70).*

ALFAZEMA • Nf[Ssing] • Denominação comum a várias plantas do gênero *Lavandula*, da família das labiadas (*Lavandula stoechas*, *Lavandula latifolia*, *Lavandula angustifolia* etc.), cultivadas como ornamentais, e cujas flores têm propriedades medicinais. Dessas ervas se extrai

o óleo de lavanda, empregado em perfumaria (água de lavanda) e na preparação de vernizes; lavanda. No caso das benzeções, são usadas como instrumentos para benzer contra quebrante e olhado.

- *Raminho. Raminho de erva-cidreira, de fedegoso, aquele **alfazema**, raminhos verde (BZD8-TER67).*

ALMA PESADA • NCf[Ssing + Asing] • alma do purgatório que, segundo a crença popular, vagueia na terra. Alma penada.

- *Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um fio de arame, aquela **alma pesada** tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura (BZD3-MAR86)*

AMBIÇÃO~IBIÇÃO • Nf[Ssing] • Desejo intenso de riqueza, poder, glória ou honras; avidez, cobiça.

- *De olho grande, de olho bobo, livra fulano do mal, de olho gordo, livra de mau-olhado, de **ambição**, de... Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa usura, tudo isso tem (BZD3-MAR86).*

ANJO CUSTÓDIO • NCm[Ssing + Ssing] • Anjo que se supõe atribuído por Deus a cada pessoa para protegê-la e encaminhá-la para o bem.

- *É. E eu tenho a maior vontade de aprender. Igual mãe, sabia mesmo, mãe sabia tanta oração, mãe sabia a oração do **Anjo Custódio**, que é uma oração muito boa, tanta oração boa e essa eu não aprendi, que é umas oração muito grande, né? É uma oração que vai uma página todinha dessa, né? (BZD10-EST72).*

APOSTOLADO • Nm[Ssing] • Grupo de indivíduos que apostolizam, difundem uma doutrina, uma ideia religiosa.

- *Já participei de vários, eu já participei, assim, participei que eu falo assim, pra mim trabalhar, exercer o cargo, eu já trabalhei no **Apostolado** da Oração, já trabalhei*

na Conferência, já trabalhei de ministra da Eucaristia, já trabalhei na associação e hoje eu faço comentário na igreja (BZD7-LUC70).

ARREPIO • Nm[Ssing] • Estremecimento, tremor rápido e involuntário em consequência de quebrante ou olhado.

- *Quando é muito... Muito forte, no rezar que aquilo que cê tá rezando, cê já pressente que tem, que cê abre a boca, fica aquela abrição de boca, dá uns **arrepio** na gente e água corre no canto dos olhos. Então, muitas vezes, eu já saí daqui pra pedir dona Belmira pra rezar ne mim. Eu não tinha falado dela, não? (BZD1-DOR64)*

ARTIMIJO • Nm[Ssing] • Design. comum aos arbustos e ervas do gênero Artemísia, cultivadas para tempero culinário, como o estragão, para infusões estimulantes, como o absinto, medicinais ou apenas tomadas como chá. No caso das benzeções, são usadas como instrumentos para benzer contra quebrante e olhado.

- *Não tem ramo excluído, um raminho de **artimijo**, de arruda também é bom, um galhinho de alecrim, tudo é ramos de benzer, né? É um ramo que Deus deixou, um galhinho de oliveira, é ramo que Deus deixou na Terra, é molhinho de mamoneira novinho, com as folhinha de mamona, é assim, eu benzo assim (BZD3-MAR86).*

ATENTAÇÃO Nf[Ssing] ~ **ATENTADA** Nf[Asing] • Impulso íntimo dirigido para o pecado, originado dos instintos inferiores ou da malignidade do tentador.

- *O padre falou pra mim assim: "Oh, a valência sua, minha filha, foi que ocê foi livrada por Nossa Senhora, porque se você não tivesse gritado por ela, cê ia ser **atentada** no mundo, ia **atentando** um e outro". Falei: "Graças a Deus, que eu não tenho nada de **atentação** e nem maldade com ninguém". Aí fiquei desse jeito, tenho pegado, toda vida pego um cargo da igreja (BZD1-DOR64).*

AVE MARIA • NCm[Ssing] • Oração consagrada pelos católicos à Virgem Maria, que se inicia com a saudação Ave, Maria. Sempre rezada ao final das benzeções.

- *A mãe sabia rezar uma **Ave Maria**, mas não pegava um terço, ela não sabia contar uma Ave Maria, se nós aprendeu, nós aprendeu por ideia nossa. Tanto que pai chegava a babar quando ele via (BZD3-MAR86).*

AZIA • Nf[Ssing] • Sensação de ardência no esôfago causada por excesso de acidez no estômago.

- *"Santa Iria tinha três fia. Uma cozia, a outra lavava e a outra rezava de **azia**, com os poder de Deus e da Virgem Maria". E tira para o mal sagrado, cê reza três vezes essas mesmas palavras e oferece para o santo de sua devoção (BZD1-DOR64).*

B

BANDEIRA • Nf[Ssing] • Pano, em geral retangular, de uma ou mais cores, com a imagem de um santo. A bandeira é o símbolo de aclamação em festas e rituais religiosos nos quais se quer dar graças a algum santo padroeiro.

- *A entrega da **bandeira**, às vezes as pessoas me procurava aí eu ia, chegava: "faz o discurso pra mim pra nós fazer a entrega da **bandeira**". Oh, meu filho, eu era tão assim decidida, né? E eu cheguei a falar pra eles assim: "Oh, meu discurso é pequeno, é poucas palavras, de já peço desculpa, o pessoal não repara", pra não dizer que passou em branco, nem coisando, né? Aí eu já falava: "Viva a **bandeira** e **bandeira** viva, e lá no céu eternamente. Lá no céu tem uma flor para o seu contentamento, senhores e senhoras saia fora e venha cá. Vem nos dar licença que a **bandeira** pode chegar, se a **bandeira** puder chegar com prazer e alegria, bate palma e dando viva. Viva a **bandeira** desse dia" (BZD9-NEN76).*

BENDITO • Nm[Ssing] • Oração que pode ser fala ou cantada.

- *Chama Estrela do Céu, a oração que reza no terreiro pra galinha quando tá doente. Chama Estrela do Céu, aí ela é feita em cruz, assim, tem que seguir do jeito que tá ali, não sei se mãe ainda tem ele. Eu não sei se mãe ainda tem ele, mas ele era de pai, pai comprou ele na Lapa, olha quantos ano, oh, gente. Muitos anos, era do tempo em que o povo ia pra Lapa de caminhão, que nem... E aí pai comprou esse livro, aí ele morreu e mãe ficou com esse livro e me emprestou, mas pediu de volta, se ela não tiver dado, mas tinha tanta oração boa e **bendito** bonito, só **bendito** bonito, aqueles **bendito** mais antigo que tinha (BZD8-TER67).*

BENZIMENTO • Nm[Ssing] • Ato ou efeito de benzer contra alguma aflição ou mal espiritual.

- *Não. Domingo não serve pra **benzimento**, à noite, depois que o sol entra, também não serve pra **benzimento**, esses horários não servem, só se a pessoa, às vezes, tá pensando que a gente não acorda e faz muita questão de benzer, mas não é horário de **benzimento** (BZD9-NEN76).*

BENZEDURA • Nf[Ssing] • Ato ou efeito de benzer contra alguma aflição ou mal espiritual.

- *Eu só aprendi benzer só de quebranto. Essas outra **benzedura** mãe sabia e eu não aprendi nenhum (BZD7-LUC70).*

BENZEÇÃO • Nm[Ssing] • Ato ou efeito de benzer contra alguma aflição ou mal espiritual. V. benzimento.

- *Faço benzeção em animais também (BZD1-DOR64)*

BENZEDEIRA • Nf[Ssing] • Mulher que realiza benzeções, curando doenças e afastando males espirituais por meio de suas orações e pela intercessão de algum santo de sua devoção.

- *Ela era **benzedeira**, ela sabia benzer e ela sabia as oração boa, mas ela não ensinou, ela só falou: "Oh, menina, rezar no quebranto é fácil, menina, é só falar fulano, o nome da pessoa. Fulano o que que cê tem? Quebranto e olhado com dois eu ponho, com três eu tiro (BZD3-MAR86)*

BENZEDOR • Nm[Ssing] • Homem que realiza benzeções, curando doenças e afastando males espirituais por meio de suas orações e pela intercessão de algum santo de sua devoção.

- *Então tudo Deus deixou, meu filho, e cê sabe, Deus deixou o médico pra tudo, Deus deixou o **benzedor**, né (BZD3-MAR86)*

BENZER • [V] • Enunciar rezas para a obtenção de benefício ou cura de alguém ou de si próprio; fazer benzeções.

- *Quando eu tava na Vereda o povo me procurava demais, quando eu morava lá. E aqui também tem hora que eles procura, né? Até de noite tem hora que eles me chama pra rezar, vem aqui mode eu **benzer**, eu **benzo**, que eu não nego, não, que*

ninguém pode negar as palavra de Deus a ninguém, não. Pode não (BZD5-MAR90).

BICHEIRA • Nf[Ssing] • Ferida em animal que fica cheia de vermes.

- *A oração de **bicheira** é que eles reza lá, até os bichos, tem não sei quantos, perdi agora as contas, três vezes, e fala: "Com os poder de Deus e da Virgem Maria". E agora quando você pegar, cê fala: "Bicho, bicharia, nessa **bicheira** não fica mais nenhum bicho", põe uma pedrinha e bate três vezes, cê vai batendo e os bicho vai caindo, caindo, caindo, caindo, vai caindo um monte lá no chão pra pessoa olhar* (BZD13-ANA91)

BOM JESUS DA LAPA • NCm[Adj + Ssing + Prep + Ssing] • Nome de um santo do catolocismo em quem as benzedeiiras têm devoção e de uma cidade no estado da Bahia para a qual fiéis, entre eles as benzedeiiras, fazem caravanas para participar de missas e rituais religiosos.

- *Porque muitos têm devoção por Nossa Senhora, outros é com Santa Luzia, outros é com Jesus Misericordioso, **Bom Jesus da Lapa**, né?* (BZD1-DOR64)

BRASA • Nf[Ssing] • Carvão em incandescência, mas sem chama, usado para benzer de olhado. Diz-se que ele é capaz de absorver os males espirituais e mostrar a carga negativa que se encontra na pessoa benzida.

- *Tem, porque se a pessoa tiver muito forte o olho ruim, cê põe três **brasa**, cê pega as **brasa** viva e coloca dentro do copo, na mesma da horinha toca uma na outra assim, todo mundo pro fundo, não fica uma. Agora se elas ficou pro cima da água, a pessoa não tem, né? Agora, se afundou...* (BZD4-GER72)

BRAVURA • Nf[Ssing] • Qualidade ou estado de feroz; bestialidade, fereza, ferocidade, que pode ser minimizada pela benzeção.

- *Tirou, né? O meu finado, meu filho, tinha muita **bravura**, muita coisa que não podia fazer, ele fazia, às vezes ele não tava fazendo, né? Aí algumas pessoas benzeu ele e ele melhorou, né? Graças a Deus* (BZD3-MAR86)

BRUBUTANDO • [V] • Estado de inquietação em que se encontra uma benzedeira que praticou muitas benzeções e absorveu para ela os males espirituais das pessoas benzidas.

- *Eu passo a noite **brubutando** na cama, levanto, fico caminhando no meio dessa casa com uma lanterna na mão, vou lá fora, venho aqui, vou lá, venho aqui. Agora, não dá pra gente tá abrindo porta de noite, porque aqui tá chegando muita gente diferente, né?* (BZD13-ANA91)

C

CAMBOTAR • [V] • Murchar, deitar, perder o viço, cair as folhas do ramo durante a benzeção, quando a pessoa benzida está com forte carga espiritual negativa.

- *O raminho murcha. Aí se ocê... Se eu fico em pé assim, não sei não, mas se ocê rezou numa pessoa, que ocê termina a sua reza, aí cê vê o raminho **cambota**, né?* (BZD4-GER72)

CAPIAÇU • Nm[Ssing] • Variedade de caapiá (*Dorstenia multiformis*), planta nativa do Brasil, de folhas grandes e frutos amarronzados, que possui propriedades medicinais e é utilizada em práticas de benzeção contra cortes e feridas.

- *Eu peguei um tal de **capiaçú** e cortei três palitinhos, fiz três burrinha e sentei em riba de onde tava coisado e costurei a perna dele. Quando eu terminei, passei bem quietinho, tornei lá em casa, vim e tava o homem bem roncando, dormindo. Quando acordou: "Dona menina, tô aqui sãozinho"* (BZD9-NEN76).

CARNE QUEBRADA • NCf[Ssing + Adj] • Enfraquecimento ou debilidade física causada por alguma torção.

- *Aí cê pega três torrãozinho do lado, pega um, dois, três, aí cê vai e fala assim na pessoa: "Fulano, eu te benzo de **carne quebrada**, osso rendido, nervo torto, veias arreventadas, esse mesmo eu coso, com os poder de Deus e da Virgem Maria"* (BZD10-EST72)

CAROÇO • Nm[Ssing] • Glândula enfartada e endurecida; íngua. Tumor ou erupção cutânea.

- *Num sabe quando na pessoa teve um **caroço**, corte, tudo?* (BZD9-NEN76).

CARREGADO • Nm[Adj] • Estado da pessoa que está com alta carga de males espirituais, alvo de inveja, e que precisa de intervenção de uma benzedeira para curar os sintomas decorrentes, como dor no corpo, dor de cabeça e enfraquecimento.

- *Às vezes uma hora eu tô **carregada**, né? As perna doendo, o corpo doendo, cabeça doendo, moleza, abrindo a boca, um sono, que tô deitando. "Ah, fulano, benze ne mim", benze ne mim, graças a Deus, né? (BZD3-MAR86)*

CARVÃO • Nm[Ssing] • Substância combustível, sólida e negra, resultante da combustão parcial de matéria orgânica, de origem vegetal ou animal. É usado em benzeções contra quebrante e olhado quando está em brasa.

- *Rezo, de quebrante pode rezar com carvão também, com ramo e com **carvão**. Você pega e joga três brasinhas acesas dentro, aí de acordo com cê reza, se afundar os três, tá ruim; se afundar só um, é um homem; se for duas, é mulher (BZD1-DOR64)*

COBREIRO • Nm[Ssing] • Erupção cutânea (herpes-zóster) que, segundo a crença popular, é causada pela passagem de alguma cobra pela roupa; cobreiro, cobro.

- *É um **cobreiro** que sai, que tem aquele que é o **cobreiro**, ele estanha no corpo, ce tem que rezar de **cobreiro**. O **cobreiro** é aquele que estanha, né? E o impinge é um que dá as manchinha e sai água (BZD3-MAR86)*

CONFERÊNCIA • Nf[Ssing] • Reunião em grupo feita por uma organização de fiéis, entre eles as benzedeiros, para discutir assuntos religiosos.

- *Já participei de vários, eu já participei, assim, participei que eu falo assim, pra mim trabalhar, exercer o cargo, eu já trabalhei no Apostolado da Oração, já trabalhei na **Conferência**, já trabalhei de ministra da Eucaristia, já trabalhei na associação e hoje eu faço comentário na igreja (BZD7-LUC70)*

CONFESSAR • [V] • Declarar os pecados a um padre ou a Deus, a fim de obter absolvição. É um ato necessário para tornar-se benzedeira.

- *Aí eu **confessei** e contei, eu fui na Lapa, aí eu contei pro padre, ele falou assim: "Não, muito bom a sua oração, mas a oração do anjo da guarda é uma oração muito forte e senhora reza e não oferece pra ele", aí eu parei, mas de reza, eu sei minha oração (BZD12-LOU80)*

CORDÃO • Nm[Ssing] • Corda fina feita de algodão, a qual é benzida e entregue a um enfermo, e não pode sair de sua posse para não perder a eficácia da oração.

- *Eu rezo de olhado, eu rezo se uma pessoa fazer uma invenção com o outro lá, eu rezo, tem hora que eu faço uma oração, se eu ensino a pessoa, mas eu tô rezando no **cordãozinho** de uma pessoa: "Eu falo: Você não deixa ninguém pegar no **cordãozinho**" (BZD13-ANA91)*

CORPO ABERTO • NCm[Ssing + Adj] • Estado em que se encontra o corpo de uma pessoa que não costuma rezar e, por essa razão, pode ser afligido por males espirituais.

- *Às vezes a pessoa tá com o **corpo aberto**, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um fio de arame, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso (BZD3-MAR86)*

CORPO FECHADO • NCm[Ssing + Adj] • Estado do corpo do indivíduo que recebeu uma benção e encontra-se blindado pela oração contra males espirituais.

- *Inclusive pra rezar de quebranto dessa maneira que cê tá falando é bom que é pra ficar assim, quando se tá com o **corpo fechado**. Então se aa pessoa tiver com olho mesmo, já não prejudica ele, porque ele já tem uma oração lá (BZD9-NEN76).*

CULTO • Nm[Ssing] • Celebração religiosa católica das quais as benzedeiças participam, realizada normalmente em igrejas de zona rural, que não conta com a participação de um padre, mas de ministros instituídos para realizar a partilha da palavra e da eucaristia.

- *Participava. Eh, moço, eu não perco uma missa, não. Quando eu morava na Vereda não perdia uma missa, toda missa que tinha eu ia, todo **culto** que tinha eu ia. Eu gosto muito das palavras de Deus, sabe? (BZD5-MAR90)*

CURADOR • Nm[Ssing] • Que ou aquele que, graças a benzeções e outras orações, trata de pessoas picadas por cobras ou as imuniza contra esses animais ou contra outros males; curandeiro.

- *Quando a gente reza muito nos outros, a gente fica com aquela mortência no couro, de vez em quando eu ia lá, agora não sei, não vou. Eu vi pessoas católicas, pessoas que não é católica, que fala **curador**, não é, não é **curador**, não. Eu nunca bebi remédio de raizeira (BZD5-MAR90).*

D

DEPRESSÃO • Nf[Ssing] • Estado de desencorajamento, de perda de interesse, que sobrevém, normalmente, após perdas, decepções, fracassos, estresse físico e/ou psíquico, no momento em que o indivíduo toma consciência do sofrimento ou da solidão em que se encontra, e que pode receber intervenção de benzeção para a sua cura.

- *Ah, eu tava sentindo muita coisa, eu tava sentindo **depressão** (BZD7-LUC70).*

DESLOCADURA • Nf[Ssing] • Torção em algum membro do corpo, que causa dores agudas, e que necessita da intervenção da benzedeira para ser realocada e curada.

- ***Deslocadura**, às vezes torce, cai, torce um braço, um pé, sai do lugar, a benzeção chama "Costurar" aquela enfermidade, né? (BZD9-NEN76)*

DESTERRAR • [V] • Fazer sair, expulsar o mal que se encontra na vida de um indivíduo.

- *Eu rezo assim: com três raminhos, um de cada vez, "Com dois que põe, com três que tira, com os poder de Deus e da Virgem Maria, com Deus na frente e Jesus na guia e vou rezando Ave Maria". Até faço as três vezes com cada raminho de cada vez e aí eu pego e rezo e ofereço pra Nossa Senhora do Desterro "que **desterrais** aquele quebranto e olhado para as ondas do mar aonde que — aquela pessoa, fala o nome da pessoa — aquela pessoa não vê nem galo cantar e nem boi berrar" (BZD8-TER67).*

DEVOÇÃO • Nf[Ssing] • Apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas.

- *Começou essa **devoção** porque uma vez minha filha era pequena, e aí um bicho pegou ela, assim, no sistema de um barbeiro, que naquele tempo, nós morava no Sangrador e tinha muito, muito barbeiro lá naquela região. E aí esse bicho pegou ela. E Eu e eu falei: "Oh, meu Deus do céu", e aí eu fiquei muito preocupada porque ela era pequena, tinha dois anos mais ou menos. Aí eu falei assim: "Oh, minha Nossa Senhora Aparecida, se a senhora me ajudar, que não der nada ne minha filha desse bicho que ferrou ela, eu vou rezar o terço de Nossa Senhora Aparecida todo ano, meio-dia e chamar os vizinhos, as pessoas e do almoço e dou às crianças uma coisinha", as crianças repartir alguma coisa pra criança, bala, pirulito, essas coisa e aí, graças a Deus, não deu nada (BZD11-ZIZ64).*

DIABO • Nm[Ssing] • Espírito ou gênio do mal; anjo mau. O anjo rebelde que, segundo a crença cristã, foi banido do céu e lançado no inferno. Na crença das benzedeadas, assim como o diabo tentou Jesus no deserto por quarenta dias, pode também tentar os fiéis, sendo necessária a prática regular de orações e, em casos particulares, a benzeção.

- *Às vezes chega uma pessoa: "Você sabe rezar de quebranto, o **diabo** veio ne mim". E eu rezo porque eu sei, né? (BZD3-MAR86)*

DOR DE CABEÇA • NCf[Ssing + Prep + Ssing] • Sensação desagradável produzida pela excitação de terminações nervosas sensíveis aos estímulos dolorosos e classificada de acordo com o seu lugar, tipo, intensidade, periodicidade, difusão e caráter. Pode ser tratada por meio de benzeções.

- *Oh, pra **dor de cabeça** reza assim: "Adonde vai São Francisco Fabriao, curando enxaqueca e dor de cabeça. Deus é o solo, Deus é a lua e Deus é a mesma claridade". Reza três vezes e oferece pra São Francisco Fabriao, cada oração tem seu santo de oferecer (BZD9-NEN76).*

DOR DE PONTADA • NCf[Ssing + Prep + Ssing] • Dor aguda repentina sentida acima do peito ou embaixo da costela, que pode ser curada pela intervenção da benzeção.

- *A gente coloca o dedo em cima e fala: Menino Jesus, aquele pessoa que vai, por exemplo: "Menino Jesus e Maurício fazendo uma viagem, Jesus disse: 'Aí que dor, Senhor'. Maurício fala: 'Aí que dor, Senhor'. Jesus responde: 'Isso não é nada, Maurício, assim como eu, Jesus Cristo, fiquei livre da doença em chaga, assim tu também, Maurício fica livre dessa **doença de pontada**'. Com os poder de Deus e da Virgem Maria". Reza três vezes (BZD11-ZIZ64).*

E

ENCRUZILHADA • Nf[Ssing] • Lugar em que dois ou mais caminhos, ou estradas, ou ruas se cruzam. Acredita-se, na tradição das benzedeadas, que há nesses locais forças espirituais negativas que podem ser absorvidas por indivíduos que passam por eles.

- *Foi no outro dia, ele tá andando por aí, cê não sabe se ele era uma pessoa que rezava, cuidava do corpo, ele caça um corpo aberto pra ele encostar. Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na **encruzilhada**, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um fio de arame, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso (BZD3-MAR86)*

ENGASGAÇÃO • Nf[Ssing] • Ação ou efeito de engasgar-se, comum em pessoas e animais, e que pode ser curado de imediato pela prática da benzeção.

- *De **engasgação**, filho, eu já benzi em criação. Um dia uma vaca até da minha irmã comeu as mangas, e aí engoliu uma manga e aí passou: "Oh, minha filha, olha com o que a vaca tá aí, naquela ânsia, naquela ânsia, como é que faz, minha filha? E pai não fazia reza de **engasgação**, não, de **engasgação** ele não sabia reza, não. "Pois sim, minha filha, vem aqui procê ter que coisar". Rapidinho eu fiz um benzimento, perguntei: "Oh, pai, a vaca é mansinha?" Ele disse: "Eu levo o cordãozinho e ponho no pescoço dela". Rapidinho pai pois, depois a vaca deu*

aquela tosse, afundo, quando ela tossiu a manga foi jogada na hora, desengasgou na hora (BZD9-NEN76).

ENXAQUECA • Nf[Ssing] • Ao contrário da dor de cabeça, que é esporádica, a enxaqueca é uma cefaleia periódica, de etiologia desconhecida, acompanhada, às vezes, de distúrbios digestivos (náuseas e vômitos), que se torna mais intensa com a luz, barulho ou qualquer atividade física.

- *“Da claridade da Santíssima Trindade. Assim como essas palavras são certas e são a verdade, é de tirar vento e ar e **enxaqueca** e dor de cabeça” (BZD5-MAR90)*

ERVA-CIDREIRA • Ncf[Ssing] • Erva aromática (*Melissa officinalis*) da família das labiadas, originária da região do Mediterrâneo, de folhas ovais, flores brancas ou róseas e aquênios oblongos, pardos e lisos, muito usada na medicina caseira, como antiespasmódico, antinevrálgico e calmante. No caso das benzeções, é usada como instrumento para benzer contra quebrante e olhado.

- *Na hora cê vai benzer, acontece que se cê não acha um raminho de erva-doce, você não acha um raminho de **erva-cidreira**, você não acha um raminho assim de outra erva que é remédio, né? Então é o que cê achar, sendo ramo verde, né? (BZD10-EST72)*

ERVA-DOCE • Ncf[Ssing + Adj] • Também conhecido como anis, é uma planta da família das Umbellíferas, originária da África, cujas sementes são usadas na medicina, perfumaria e confeitaria. As folhas são usadas como instrumento para práticas de benzeção.

- *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de **erva-doce** (BZD7-LUC70)*

ESPINHELA • Nf[Ssing] • É uma cartilagem ou uma espécie de osso branco e flexível que está no fim do peito, pegada ao osso esterno. Na crença das benzedeadas, acredita-se que ela pode cair, causando dores ao indivíduo, o qual precisa da intervenção da benzeção para ser curado.

- *A **espinhela** caiu, eu meço a **espinhela** e agora eu rezo, eu vejo que tanto que tá caído, se é do lado direito ou se é do lado esquerdo, ali eu sei, no cordão, os médico*

*não mede no cordãozinho, agora rezo, agora falando não sei o que, umas coisas lá mais que fala e levanta a **espinhela** da pessoa (BZD13-ANA91)*

ESPINHO DE COBRA • NCm[Ssing + Prep + Ssing] • Na crença popular das benzedadeiras, é visto como um osso ou estrutura interna da cobra que pode causar malefícios ao ser humano. Acredita-se que, quando uma pessoa entra em contato direto com esse espinho, ele pode penetrar o corpo, gerando dores intensas, inflamações ou até enfermidades difíceis de diagnosticar, necessitando da benzeção para a cura.

- *Isso aí eu sei rezar, mas outras rezas eu não sei, não. Agora o marido meu sabia rezar tudo quanto é oração, rezava de ofendido de cobra, tirava **espinho de cobra** do povo que espinhava de **espinho de cobra**, ele tirava os espinho, sabia as oração, tirava os espinho (BZD5-MAR90).*

ESPÍRITO • Nm[Ssing] • Componente não corporal de ser humano vivo, que segundo crenças religiosas ou de outra natureza sobrevive à morte do corpo; alma.

- *Que eu conheço, que eu não gosto, não. Aí o padre falou que — já confessei aqui, na Salinas, pra todos os lados —, ele falou que o meu **espírito** é forte, mas pra o bem (BZD1-DOR64)*

ESPREGUIÇAR • [V] • Mover(-se) lentamente, esticando (os membros, o corpo) para aliviar o retraimento muscular. Na crença das benzedadeiras, é uma ação realizada repetidamente quando um indivíduo está carregado por energias negativas, como quebrante e olhado, necessitando, pois, de benzeção.

- *Olha, tem criança que às vezes ela começa a abrir a boca, ela começa a **espreguiçar** (BZD7-LUC70).*

ESTANCAÇÃO DE SANGUE • NCf[Ssing + Prep + Ssing] • Fazer com que, por meio de uma benzeção, o sangue pare de correr após um corte em alguma parte do corpo.

- *Estancação de sangue, quando, vamos supor, cê pega e leva um corte e aquele corte tá dando sangue demais; tem muita gente que sai sangue pelo nariz (BZD1-DOR64)*

ESTANHAR • [V] • Refere-se ao ato de um cobreiro manifestar-se ou espalhar-se pelo corpo. A lexia é usada para descrever o momento em que a enfermidade começa a se expandir, tomando conta da pele, geralmente de forma agressiva, caso não seja tratada com as rezas apropriadas.

- *Pra rezar, tem a reza, né? E o cobreiro é aquele que espalha, que se deixar topar no couro ele galopa, né? Se tem de rezar nele antes dele encontrar, que ele espalha, conforme for, assim, se ele **estanh**, senão pode **estanh** e topar, né?* (BZD3-MAR86)

ESTRELA ROTA • NcF[Ssing + Adj] • Expressão usada em orações contra engasgamento, simbolizando desordem ou bloqueio no fluxo natural do corpo. A estrela, que é símbolo de direcionamento, ao estar rota, refere-se metaforicamente a algo quebrado ou desalinhado, cuja menção na reza busca restaurar o equilíbrio e liberar a obstrução.

- *Aí ele falou assim: "Pois eu vou atrás desse homem". Quando chegou lá adiante, ele encontrou o véim e aí falou com ele: "Olha, eu vim aqui procê rezar na minha mulher, a minha mulher tá como morrer lá engasgada". Ele só falou essas palavras: "Homem bom, muié má, **estrela rota** e poleiro de galinha, sobe ou desce", três vezes. Falou com ele assim: "Pode voltar, chegar lá a sua muiê tá boa". Quando chegou lá a muiê já tinha desengasgado* (BZD1-DOR64)

EXCOMUNGADO • Nm[Adj] • Olhar carregado de inveja, olhado ou energia negativa capaz de causar mal-estar. Associado a forças espirituais prejudiciais, é alvo de orações que visam afastá-lo, devolvendo proteção e equilíbrio à pessoa afetada.

- *Rezo de quebranto, rezo de olhado, rezo de inveja, sonho de assombrado, olho **excomungado**, mau-olhado, mal estado, esse quebranto: "Vai quebranto, olhado e inveja, vai para as ondas do mar, vai para o rio de São Francisco, onde galo não canta, boi não berra, cachorro não late". É do mesmo jeito* (BZD13-ANA91)

F

FÉ • Nf[Ssing] • Convicção e crença firme e incondicional, alheia a argumentos da razão.

- *Não. Que rezou, eu penso assim, que reza, você tem fé em Deus, né? E quando melhora eu pergunto: "Que fulano lá, miorô?". Graças a Deus. Torna noto canto, vem, vai embora. Chega tem gente chegou pra cá, pra Vereda, também tem um mucado. Veio uma pra mim rezar, rezei nele. Prometeu um presente. Segunda nós foi em Salinas, a mulher veio. O homem veio pra rezar, rezei nele. Aí foi que eu rezei e eu falei: "Oh, fulano". E ele falou: "O que?". "Tu sarou?". "Sarou". A mulher dele veio e ainda trouxe uma cobertinha pra eu, uma cobertinha fininha pra eu (BZD2-JOR83)*

FEDEGOSO • Nm[Ssing] • Nome dado a diversas plantas, algumas medicinais, outras ornamentais; tem o caule ereto, ramos cobertos por penugem e flores amarelas; seu fruto é uma vagem achatada; é usada em medicamento contra a febre e a sífilis. No caso das benzeções, é usada como instrumento para benzer contra quebrante e olhado.

- *Qualquer ramo. Eu pego um ramo uma hora de **fedegoso**, outra hora é um molho de bassourinha, outra hora é um molho de qualquer uma plantinhazinha aí, não sendo rama braba (BZD3-MAR86)*

FERIDA • Nf[Ssing] • Lesão na pele produzida por pancada, choque, contusão ou elemento cortante. Pode ser tratada com intervenção da benzeção própria para esse fim.

- *Essa aí é: "Jesus a nascer, do nascido ele é, me cura essas **feridas**, meu Jesus de Nazaré (BZD10-EST72)*

FIO DE ARAME • NCm[Ssing + Prep + Ssing] • Elemento de transição ou passagem que pode abrir o corpo espiritual de uma pessoa, tornando-a vulnerável a influências negativas, como almas pesadas ou espíritos desencarnados que causam mal-estar ou sofrimento espiritual. A proteção contra isso envolve a benzeção para fechar o corpo e restaurar o equilíbrio.

- *Foi no outro dia, ele tá andando por aí, cê não sabe se ele era uma pessoa que rezava, cuidava do corpo, ele caça um corpo aberto pra ele encostar. Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma porteira, debaixo de um **fio de arame**, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê*

vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso (BZD3-MAR86).

FOGO SELVAGEM • NCm[Ssing + Adj] • Doença de pele grave, associada ao pênfigo foliáceo, caracterizada por bolhas, feridas e ardência intensa, atribuída a desequilíbrios espirituais e tratada por benzedoras com rezas específicas.

- *É assim: "No rio de Jordão passei, bicho cheiroso eu matei, impinge, cobreiro e fogo selvagem, água do mar eu lavei". Três vezes, com a fé em Deus tá são, meu filho (BZD5-MAR90)*

FOLHA DE TOMATE • NCf[Ssing + Prep + Ssing] • Planta utilizada pelas benzedoras para aliviar males espirituais e físicos, como quebranto, olhado e enfermidades leves. É valorizada por seu simbolismo de limpeza e purificação, sendo passada sobre o corpo do paciente durante a reza, acompanhada de orações que visam remover energias negativas e restaurar o equilíbrio.

- *É as folhinha de tomate, um galinho de pimenta também, conforme tiver um ramo maiorzinho (BZD3-MAR86)*

G

GALHO DE PIMENTA • NCm[Ssing + Prep + Ssing] • Ramo da planta de pimenta usado por algumas benzedoras em práticas de cura, mas com restrições devido à sua forte simbologia. Acredita-se que, ao benzer com o galho de pimenta, ele pode potencializar ou reter energias negativas em casos de quebranto muito forte, especialmente quando a benzedora é sensível a essas influências. Por isso, é menos recomendado em comparação a outros ramos mais associados à purificação e equilíbrio.

- *É melhor mais cê benzer com raminho que serve pra você fazer remédio. Igual um galinho de erva-doce, um galinho de alfavaca, um galinho de erva-cidreira, que tem pessoas que gostam de benzer com galho de pimenta, aí já não é bom, porque o galho de pimenta se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo pela o olho (BZD7-LUC70).*

H

HÓSTIA • Nf[Ssing] • Lâmina circular de massa de trigo sem fermento que o sacerdote consagra e oferece aos fiéis durante a comunhão na ocasião da missa. É invocada em algumas benzeções por ser símbolo de pureza e santidade, capaz de promover intervenção espiritual e cura.

- *Eu me lembro de muitas, lembro muitas coisas. Reza, tem oração aí que quando eu rezo eu vou "mexo em Roma, mexo em São Miguel Arcanjo, eu mexo na mesa branca do altar, onde está a **hóstia** consagrada". Essas oração assim, quando eu rezo eu mexo com isso tudo (BZD13-ANA91)*

I

IMPINGE • Nf[Ssing] • Doença de pele caracterizada por lesões em forma de rodinhas que causam coceira intensa e podem crescer, sendo associada a infecções fúngicas. É tratada com rezas específicas, como a repetição de orações que buscam expulsar a enfermidade, direcionando-a para longe, em um movimento simbólico de cura e restauração do equilíbrio corporal e espiritual.

- *A **impinge**, ela é rodinha, é uma rodinha que ela coça, coça, coça e vai crescendo, né? Vai crescendo, crescendo e vai ficando aquela roda. Ela não pode encontrar, né? Que diz que ele encontrar às vezes nem tem cura, né? A **impinge** é assim: "Impinja, reimpinja sai daqui pra fora para as ondas do mar, que é onde é que galo canta, cachorro não late, boi não berra, pelo amor de Deus". Aí você fala três vezes. Impinja, reimpinja sai daqui pra fora para as ondas do mar, que é onde é que galo canta, cachorro não late, boi não berra, pelo amor de Deus", três vezes (BZD9-NEN76).*

INVEJA • Nf[Ssing] • Misto de desgosto e ódio provocado pelo sucesso ou pelas posses de outrem. Desejo intenso de possuir os bens de alguém ou de usufruir sua felicidade. Ao ser alvo desse sentimento gerador de olhado, o indivíduo pode sentir mal-estar e necessitar da intervenção de uma benzedeira.

- *Rezo de quebranto, rezo de olhado, rezo de inveja, sonho de assombrado, olho excomungado, mau-olhado, mal estado, esse quebranto: "Vai quebranto, olhado e inveja, vai para as ondas do mar, vai para o rio de São Francisco, onde galo não canta, boi não berra, cachorro não late". É do mesmo jeito (BZD13-ANA91)*

INVIÇÃO (IBIÇÃO) • Nf[Ssing] • Sentimento semelhante à inveja, que pode causar olhado e conseqüentemente mal-estar no indivíduo alvo. Carece de benzeção para restauração do equilíbrio e afastamento desse mal espiritual.

- *Que seja a Nossa Senhora Aparecida, cê fala: Nossa senhora, eu ofereço essas palavras com essas oração que eu rezei. Ofereci pra Nossa Senhora Aparecida, que proteja a fulano, que defenda fulano do quebranto, de olhado, de inveja, de **ibição**, de olho gordo", de tudo, de tudo que ocê querer falar (BZD10-EST72).*

IZIPA~INZIPA~EZIPA~ZIPA • Nf[Ssing] • Doença infecciosa aguda, febril, da pele e do tecido subcutâneo, que se caracteriza por rubor e tumefação das áreas afetadas, muitas vezes com formação de vesículas. É associada ao desequilíbrio espiritual e carece da intervenção de uma benzedeira para restauração e cura.

- *Aí cê fala: "Ezipa, ezipela. Ezipa branca, ezipa preta, preta, ezipa amarela. Zipa deu no tutano, do tutano deu no osso, do osso deu na carne, da carne deu na veia, da veia deu na perna. Vai ezipa branca, ezipa preta, ezipa amarela pra as onda no mar, nunca mais há de voltar" (BZD10-EST72)*

J

JESUS MISERICORDIOSO • NCm[Ssing + Adj] • Figura da devoção católica, que representa o amor e a compaixão divina, especialmente ligado ao momento de sua Dolorosa Paixão, em que Jesus, ao ser crucificado, jorrou água e sangue de seu lado aberto como símbolos

de purificação e redenção para a humanidade. É invocado nas benzeções e associado à obtenção de graças, bênçãos e cura espiritual.

- *Tem. Jesus Misericordioso, que eu já recebi muitas graças de Jesus misericordioso. Muita fé nele* (BZD11-ZIZ64).

JUDIAR • [V] • Causar sofrimento físico ou moral; atormentar, maltratar.

- *Que o olhar do mau-olhado também judeia com a gente, né?* (BZD3-MAR86)

M

MÃE RAINHA • NCm[Ssing + Adj] • Título devocional atribuído à Virgem Maria, reconhecida como intercessora poderosa e protetora dos fiéis. É invocada nas benzeções como símbolo de cuidado, amor materno e orientação espiritual. Representa a confiança dos devotos em sua misericórdia e na intercessão junto a Deus.

- *É justamente que eu sou devota, porque eu sou católica, a Nossa Senhora aparecida, né? Mãe Rainha, enfim, tudo, todos os santos. Todo dia eu rezo meu terço e ofereço pros santos* (BZD9-NEN76)

MÁGOA • Nf[Ssing] • Tristeza recolhida, mas que se deixa revelar na fisionomia; amargura, desgosto, pesar. Pode ser minimizado pela prática da benzeção.

- *Pra tirar alguma mágoa, algum mal que às vezes tá na gente, né?* (BZD3-MAR86).

MAL • Nm[Ssing] • Qualquer coisa que causa prejuízo ou pode ferir; infelicidade. Tudo o que se opõe ao bem ou que é indesejável e pode ser afastado pela benzeção.

- *Por exemplo, se eu for benzer nocê, eu falo: "Maurício, Deus que te fez, Deus que te criou, Deus é quem diz, olha de quem de mal não te olhou. Com dois pôs, com três tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria". Reza três vezes e reza as três Ave Maria* (BZD7-LUC70)

MAL-ESTAR • NCm[Ssing] • Sensação desagradável de perturbação do organismo; indisposição que não chega a configurar doença; incômodo, indisposição. Pode ser causado pelo olhar e tratado pela benzeção.

- *Exatamente, às vezes você tá sentindo um problema, você fala: "Eu tô ruim, vou passar no médico". Você passa no médico, você toma um remédio, você toma o remédio, você toma injeção e cê vai e cê tá sentindo que cê tá com aquele corpo ruim, aquele **mal-estar**, né? Você fala: "Danou-se". Aí cê vê uma pessoa que benze: "Oh, fulano, você pode benzer ne mim?" (BZD3-MAR86)*

MALVADEZA • Nf[Ssing] • Atitude de crueldade que pode ser miminizada pela benzeção e restauração espiritual do indivíduo.

- *Ele tava de cama. Hoje ele puxa da perna um pouco, né? Mas melhorou, muitas coisas levou ele daquelas coisas ruim que tava com ele, né? Jogaram nele, né? Por **malvadeza** e melhorou, né? Só que essas pessoas que já fez isso já acabou, né? Não existe, já morreu, né, essas pessoas, mas ele deu bem com as rezas. E minha casa também, Zé Pedro já tratou com reza também, já melhorou, graças a Deus, seguiu os passos de vida (BZD3-MAR86).*

MALVADO • Nm[Adj] • Força ou influência negativa, como olhado ou energia prejudicial, que pode causar mal-estar em uma pessoa e que necessita da intervenção de uma benzedeira.

- *Quebranto. Quebranto, fala assim: "Reza ne mim o quebranto". Quebranto, quebranto, olho ruim, **malvado**, excomungado, dois põe, três tira, um Pai Nosso e uma Ave Maria (BZD2-JOR83).*

MESA BRANCA • Ncf[Ssing + Adj] • Lexia usada nas benzeções para se referir ao altar sagrado, que simboliza pureza, espiritualidade e conexão com o divino. É um espaço de intercessão espiritual, associado à presença da hóstia consagrada e à comunhão com figuras sagradas como Jesus Cristo e São Miguel Arcanjo. **V.** mesa do altar.

- *Eu me lembro de muitas, lembro muitas coisas. Reza, tem oração aí que quando eu rezo eu vou "mexo em Roma, mexo em São Miguel Arcanjo, eu mexo na **mesa branca** do altar, onde está a hóstia consagrada" (BZD13-ANA91).*

MESA DO ALTAR • Nm[Ssing] • Lexia utilizada nas benzeções para designar o altar religioso, lugar de sacralidade e conexão com o divino, que simboliza a presença de Jesus Cristo

e de elementos sagrados, como na primeira comunhão, sendo mencionada para reforçar orações e pedir intercessão espiritual.

- *Não pode, não pode, mas eu rezo de quebranto, eu rezo de olhado, eu rezo, eu falo em tudo quanto é coisa, fala ne Jesus Cristo no altar, fala na mesa branca, fala da **mesa do altar**, da primeira comunhão, fala ne tudo quanta é coisa, assim fala, nesses caminho tudo fala assim. Mas essa devoção é com São Miguel que eu faço (BZD13-ANA91)*

MISSA • Nf[Ssing] • Ato religioso da Igreja Católica em que se celebra o sacrifício de Jesus Cristo pela Humanidade.

- *Já morreu, teve um dia que eu mandei celebrar eu acho que nove **missas**. Celebrou pra mãe, pra pai, pra finada minha avó (BZD5-MAR90).*

MOFINA • Nf[Ssing] • Condição de fraqueza, mal-estar ou enfermidade que afeta o corpo, associada a influências negativas como quebrante e olhado. É mencionada nas benzeções como algo a ser removido para a restauração do corpo e alcance do bem-estar.

- *Maurício? Pois é, se for pra rezar nocê é assim: “Maurício, assim como Deus te fez, ele quem te criou, ele a de te tirar quebranto e olhado e oio ruim e **mofina** no corpo, com dois te botaram e com três te tiraram, com os poder de Deus e da Virgem Maria”. Três vezes, né? Rezar três vezes com a fé em Deus, a pessoa tá são. É (BZD5-MAR90).*

MORTÊNCIA • Nf[Ssing] • Sensação de cansaço, fraqueza ou peso no corpo, descrita pelas benzedeadas como um efeito decorrente de rezar ou cuidar intensamente de outras pessoas. É percebida como uma consequência do esforço espiritual ou energético empregado no ato de cura. Pode também ser um sintoma de quebranto ou olhado.

- *Quando a gente reza muito nos outros, a gente fica com aquela **mortência** no couro, de vez em quando eu ia lá, agora não sei, não vou. Eu vi pessoas católicas, pessoas que não é católica, que fala curador, não é, não é curador, não. Eu nunca bebi remédio de raizeira (BZD1-DOR64)*

MURCHAR • [V] • Pôr(-se) murcho; fazer perder ou perder o viço, o frescor; emurcheçar, ressequir, secar. Ocorre com os ramos usados nas benzeções ao absorverem o mal espiritual que se encontra no indivíduo benzido.

- *Eu não sei, pois é, eles veio aqui, mandou ela rezar, ela falou que não reza nele não, a doença pegava nela. Aí ele passou aqui, eu rezei nele, mas o ramo chegou a murchar, falei “aou diá”* (BZD6-DEL87)

N

NOSSA SENHORA DA AJUDA • NCf[Pron + Pron + Prep + Ssing] • Título devocional atribuído à Virgem Maria, invocada nas benzeções como intercessora em momentos de necessidade, para oferecer auxílio e proteção.

- *Os poder Dele ali, o Pai Nosso com... Reza o Pai Nosso com duas Ave Maria ou três, oferece a pessoa a Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora de Fátima. O santo que a gente tiver, como diz, mais, assim, devoção, né?* (BZD3-MAR86)

NOSSA SENHORA APARECIDA • NCf[Pron + Pron + Ssing] • Título dado à padroeira do Brasil, venerada como símbolo de proteção, fé e esperança, e invocada como intercessora divina, associada à cura de males físicos e espirituais.

- *Começou essa devoção porque uma vez minha filha era pequena, e aí um bicho pegou ela, assim, no sistema de um barbeiro, que naquele tempo, nós morava no Sangrador e tinha muito, muito barbeiro lá naquela região. E aí esse bicho pegou ela. E Eu e eu falei: "Oh, meu Deus do céu", e aí eu fiquei muito preocupada porque ela era pequena, tinha dois anos mais ou menos. Aí eu falei assim: "Oh, minha Nossa Senhora Aparecida, se a senhora me ajudar, que não der nada ne minha filha desse bicho que ferrou ela, eu vou rezar o terço de Nossa Senhora Aparecida todo ano, meio-dia e chamar os vizinhos, as pessoas e do almoço e dou às crianças uma coisinha", as crianças repartir alguma coisa pra criança, bala, pirulito, essas coisa e aí, graças a Deus, não deu nada. Graças a Deus ela ficou boa, não sentiu nada. Aí eu continuei a promessa durante a vida minha, durante a vida eu tenho que rezar o terço* (BZD11-ZIZ64)

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA • Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing] • Título dado à Virgem Maria em referência às aparições em Fátima, Portugal, em 1917. É venerada como símbolo de paz, fé e devoção e invocada nas benzeções como intercessora poderosa para proteção, cura de males e alívio de aflições, sobretudo na busca de milagres.

- *Os poder Dele ali, o Pai Nosso com... Reza o Pai Nosso com duas Ave Maria ou três, oferece a pessoa a Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Ajuda, **Nossa Senhora de Fátima**. O santo que a gente tiver, como diz, mais, assim, devoção, né? (BZD3-MAR86)*

NOSSA SENHORA DO DESTERRO • Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing] • Título dado à Virgem Maria, representando sua proteção e amparo durante momentos de exílio e dificuldade, como na fuga para o Egito. É invocada nas benzeções para afastar males, energias negativas, perigos e aflições, com o seu poder de desterrar tudo aquilo que traz sofrimento.

- *Eu rezo assim: com três raminhos, um de cada vez, "Com dois que põe, com três que tira, com os poder de Deus e da Virgem Maria, com Deus na frente e Jesus na guia e vou rezando Ave Maria". Até faço as três vezes com cada raminho de cada vez e aí eu pego e rezo e ofereço pra **Nossa Senhora do Desterro** "que desterrais aquele quebranto e olhado para as ondas do mar aonde que — aquela pessoa, fala o nome da pessoa — aquela pessoa não vê nem galo cantar e nem boi berrar" (BZD8-TER67)*

NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO • Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing] • Título atribuído à Virgem Maria, venerada como intercessora em momentos de perigo, opressão e sofrimento. É invocada em algumas benzeções para pedir proteção e libertação de males físicos, espirituais e emocionais, sendo associada à esperança e à superação de dificuldades, que trazem à pessoa benzida alívio e livramento em situações adversas.

- *Era isso que ela ensinou, não é quebranto pelas ondas do mar, tanto que o galo não canta, o jegue não urra, o cachorro não late, o jegue não urra, não morre mulher de pata, nem cavalo no estábulo, nem menina folgada, galo letrado, com os poderes de Deus e da Virgem Maria, nem isso ela ensinou pra nós. Aí oferece, né? **Intenção de Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora Aparecida, "vai pros lados do***

mato pra nunca mais voltar, vai quebranto pra nunca mais voltar, com fé em Deus e da Virgem Maria", e é isso que eu sei, né? (BZD3-MAR86)

NOSSA SENHORA DO MONTE SERRADO • Ncf[Pron + Pron + Prep + Ssing + Adj] •

Título popularmente referido como Nossa Senhora do Monte Serrat, padroeira da cidade de Santos, em São Paulo, e venerada em diferentes regiões do Brasil. Sua devoção tem origem na Espanha, no mosteiro de Montserrat, onde é conhecida como *La Moreneta*, uma imagem negra da Virgem Maria esculpida no século XII, associada a milagres e à proteção contra perigos. É invocada em algumas benzeções e orações com intuito de proteção contra adversidades, como acidentes.

- *Ela defende a pessoa, a pessoa que bem souber anda com ela na carteira, a cópia dela na carteira, né? Porque ela protege a pessoa, é uma oração muito boa, é oração de **Nossa Senhora do Monte Serrado**, então era bom demais (BZD10-EST72)*

NOVENA • Nf[Ssing] • No catolicismo, série de atos e orações durante nove dias consecutivos para se alcançar uma graça divina.

- *Num dia deram novena, nós foi fazer. Nós foi fazer a **novena** num tempo desse assim, aí ela: "Oh, cumade, quanto testemunho que a senhora reza e deu testemunho agora a senhora tem", mas eu apeguei com Nossa Senhora Aparecida e o testemunho meu é esse dela, porque eu rezo, mas eu peço pelo aquele santo que a gente tem (BZD12-LOU80)*

O

OFENDIDO DE COBRA • Nm[Ssing + Prep + Ssing] • Expressão utilizada pelas benzedeadas para se referir à pessoa que sofreu uma picada de cobra, evento que ultrapassa a dimensão física do envenenamento, tendo impacto espiritual e energético e sendo necessária a intervenção da benzeção.

- *For ofendido de cobra. É. Essa é umas palavras muito assim, eu não sei. Ela, ela, ela é assim, eu sei ela mais ou menos, só que eu nunca rezei e não rezo, não, porque eu tenho medo* (BZD10-EST72)

OLHADO~MAU-OLHADO • Nm[Ssing] • Força negativa atribuída ao olhar de certas pessoas, e que influi nos indivíduos de diferentes idades, nas plantas e nos animais domésticos, causando-lhes atraso no desenvolvimento, ou perda, ou morte.

- *Aí no primeiro... No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de **olhado**, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro ramo você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí cê reza o Pai Nosso, uma Ave Maria e oferece pro santo de sua devoção* (BZD1-DOR64)

OLHO BOBO • NCm[Ssing + Adj] • Forma de mau-olhado associada à distração ou ao olhar desatento que, de maneira involuntária, transmite energias negativas ou causa desconforto em outra pessoa, sendo alvo de orações para proteção e alívio de males físicos e espirituais, como dores de cabeça ou indisposição.

- *Não, graças a Deus, não. As palavrinhas que eu sei é essas, né? De quebranto e olhado é esse, né? De olho grande, de **olho bobo**, livra fulano do mal, de olho gordo, livra de mau-olhado, de ambição, de... Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa usura, tudo isso tem, né* (BZD3-MAR86)

OLHO GORDO • NCm[Ssing + Adj] • Olhar carregado de inveja ou cobiça, considerado capaz de causar mal-estar, azar ou desequilíbrios físicos e espirituais em outra pessoa. As benzeções para esse mal invocam a ajuda divina, como a de Nossa Senhora, para livrar o indivíduo afetado e restaurar sua paz e bem-estar.

- *Entendeu? **Olho gordo**, tudo é o quebrante que cê reza* (BZD1-DOR64)

OLHO GRANDE • NCm[Ssing + Adj] • V. olho gordo.

- *Mais assim de **olho grande, olho grande** é inveja mesmo, a mesma coisa, olho ruim, né?* (BZD9-NEN76)

OLIVEIRA • Nf[Ssing] • Árvore que produz a azeitona, cujas folhas são usadas em práticas de benzeção, como quebrante e olhado.

- *Não tem ramo excuído, um raminho de artimijo, de arruda também é bom, um galhinho de alecrim, tudo é ramos de benzer, né? É um ramo que Deus deixou, um galhinho de **oliveira**, é ramo que Deus deixou na Terra* (BZD3-MAR86)

ORAÇÃO • Nf[Ssing] • Prece dirigida a qualquer divindade; reza.

- *Era só de... Pai sabia rezar de quebranto, de bicheira também, mas só que pai, isso aí nós não aprendeu não. Geralda, irmã minha, sabe. Agora, eu não aprendi isso não. Pai sabia muita **oração**, agora que ensinou nós só de quebranto, só o que eu aprendi* (BZD4-GER72)

ORAÇÃO DE COMER FEIJÃO • NCm[Ssing + Prep + V + Ssing] • Oração realizada pelas benzedeadas e outras pessoas antes das refeições, normalmente o Pai Nosso e a Ave Maria.

- *Tem. Durante a semana, de segunda à sexta, antes das 18h. Passou de seis horas da tarde eu não rezo ninguém a não ser a **oração de comer feijão** e deitar, pra benzer pessoas só se tiver ruim pra morrer* (BZD1-DOR64)

ORAÇÃO DE DEITAR • NCf[Ssing + Prep + V] • Oração realizada pelas benzedeadas e outras pessoas antes de dormir, normalmente o Pai Nosso, a Ave Maria e orações de anjos da guarda.

- *Tem. Durante a semana, de segunda à sexta, antes das 18h. Passou de seis horas da tarde eu não rezo ninguém a não ser a **oração de comer feijão** e deitar, pra benzer pessoas só se tiver ruim pra morrer* (BZD1-DOR64)

ORAÇÃO PRA ACHAR UMA COISA PERDIDA • NCf[Ssing + Prep + V + Art + Ssing + Adj] • Benzeção em que se recorre à intercessão de Nossa Senhora para localizar algo perdido. Consiste em fazer um pedido específico, seguido da recitação da oração Salve Rainha até o trecho "Mostrai-me, Jesus", momento em que se acredita que Nossa Senhora age como mediadora, buscando e revelando o paradeiro do objeto perdido.

- *A oração pra achar uma coisa perdida, um exemplo, mas pode ser qualquer outra coisa. Aí você pega e faz o pedido, que vai querer que reaparece e aí cê reza a Salve rainha até "Mostrai-me, Jesus", aí Nossa Senhora que vai ficar assim, sabe? Caçando onde que tá pra te apresentar. E cê consegue* (BZD1-DOR64)

OSSO VENDIDO • NCm[Ssing + Adj] • Lexia utilizada nas práticas de benção para descrever uma condição física associada a dores ou lesões nos ossos, como fraturas, desalinhamentos ou fraquezas. Embora seja uma variação de "osso rendido", mantém o sentido simbólico de algo vulnerável ou debilitado.

- *"Carne quebrada, nervo torto, **osso vendido**, veias arreventadas e assim mesmo eu corro". Que nem cê tá contornando e falando tornando a falar, e pergunta ao doente que tá com a perna machucada: "O que cose?". O doente fala assim: "Carne quebrada". Se responde de novo: "Carne quebrada, nervo torto, **osso vendido**, veias arreventadas e assim mesmo eu corro" (BZD9-NEN76)*

P

PADROEIRO • Nm[Ssing] • Santo escolhido para proteger as benzedeadas e os demais fiéis e ser seu intercessor junto a Deus; protetor.

- *Tem, tem, tem, tem o terço, tem a festa da **Padroeira**, né? Que a gente faz, tem a festa do Apostolado da Oração, tudo eu sempre tô envolvida, né?* (BZD1-DOR64)

PAGÃO • Nm[Adj] • Que ou aquele que não foi batizado, que não é cristão. Crê-se que estão mais suscetíveis a energias negativas, como o olhado.

- *Ah, tanto filho meu, como meu irmão caçula — era novinho e aí morava umas velhinhas aqui, uma senhora e a filha e é até minha comadre — desceu no Boqueirão, aí chegou lá mãe tinha ganhado, cumpade, "Oi, dona X, deixa eu ver". E aquilo olhava, olhava, olhava, quando mãe pegou o menino dos braços dela, o menino não tava dormindo, mas o danadinho tava dormindo, mãe pôs o menino na cama. E ficou esse menino, coisou, deitou lá, ela botou um olhado no menino, minha*

*filha, a cumade, que o menino era **pagão** e foi se chamar de noite seu X dona X pra batizar o menino em casa, poque viu que não escapava (BZD9-NEN76)*

PAI NOSSO • NCm[Ssing] • Oração que começa com essas palavras e que é rezada ao final de todas as benzeções.

- *Aí no primeiro... No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de olhado, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro ramo você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí cê reza o **Pai Nosso**, uma Ave Maria e oferece pro santo de sua devoção (BZD1-DOR64)*

PELAR O OLHO • [V] • Sensação de ardência nos olhos da benzedeira ao utilizar para a benzeção galhos ou ramos de pimenta, que absorvem as energias negativas da pessoa benzida e podem atingir quem está benzendo.

- *Tem pessoas que gostam de benzer com galho de pimenta, aí já não é bom, porque o galho de pimenta se a pessoa tiver algum quebranto muito forte, aquela pessoa que tiver benzendo **pela o olho** (BZD7-LUC70)*

PENITÊNCIA • Nm[Ssing] • Qualquer sacrifício (jejum, oração etc.) feito para expiação dos próprios pecados.

- *Era na semana Santa, quando dava a Sexta-feira da Paixão, nós morava lá na... Perto de Curral Dentro... É, perto de Curral Dentro e nós ia pra casa da vizinha nossa na Sexta-feira da Paixão e ficava acordada a noite inteira rezando, rezando, rezando, só fazendo **penitência**, ficava todo mundo a noite todinha lá, rezando assim, sem parar. Quando era de madrugada ia todo mundo pedir os avisos de Nossa Senhora e aí todo mundo ia comer e beber, mas respeitava. Na sexta-feira ninguém fazia nada, nada, nada, nada, a não ser fazer a comidinha pra comer, as verduras eram cortadas tudo na quinta-feira, ninguém pegava ne faca, ninguém fazia nada. E aí quando era de noite nos ia pra casa dessa vizinha nossa e ia só rezar, ninguém fazia gracinha, ninguém fazia bagunça, era a coisa mais respeitosa do mundo, não tinha nem comparação. Aí quando dava meia-noite corria todo mundo: "paga minhas vistas, Nossa Senhora, paga minhas vistas Nossa Senhora",*

aí ia comer e beber todo mundo e todo mundo ia embora para as suas casas (BZD8-TER67)

PERDÃO • Nm[Ssing] • Remissão de uma culpa, dívida ou pena.

- *Já tinha morrido, veio atrás de eu, acho que pedir **perdão, perdão**. O povo pergunta se eu não fiquei com medo, não fiquei com um pingo de medo. Dali que eu tô, daqui ele foi ali praquele cantinho do fogão a gás e entrou praquele outro cômodo, até hoje. E eu não sei se eu perdoei, nem nada (BZD2-JOR83)*

PORTEIRA • Nf[Ssing] • Portão largo, de pouca altura, à entrada de propriedades rurais. Acredita-se que é carregado de energias e espíritos negativos e, ao passar debaixo dele, o indivíduo absorve essas energias, necessitando de intervenção da benzeção.

- *Foi no outro dia, ele tá andando por aí, cê não sabe se ele era uma pessoa que rezava, cuidava do corpo, ele caça um corpo aberto pra ele encostar. Às vezes a pessoa tá com o corpo aberto, não rezou, não fechou o corpo, passou na encruzilhada, passou debaixo de uma **porteira**, debaixo de um fio de arame, aquela alma pesada tá ali pra descansar e às vezes ele encaixa na pessoa pra descansar e a pessoa fica sofrendo, sofrendo. Você vai num médico, o médico não dá jeito, cê vai no médico não dá jeito; cê procura um benzedor de fé mais ou menos, ele te informa, cura, cê tem é isso (BZD3-MAR86)*

PRIMEIRA COMUNHÃO • Ncf[Num + Ssing] • Sacramento da Igreja Católica, necessário a todas as benzedeadas, em que uma pessoa, geralmente na infância, recebe pela primeira vez a Eucaristia, simbolizando a integração plena à comunidade de fé.

- *Faz, eu tava com 13 anos de idade. Quem me levou pra mim fazer a **primeira comunhão**, que eu não fiz, que eu confessei, foi a finada X, que é a mãe de X, catador, me levou e me falou assim: "Eu vim trazer aqui essa cara de toucinho ardido", que ela não xingava a gente, né? Chamava a gente era cara de toucinho ardido, que era um cheiro... (BZD1-DOR64)*

Q

QUEBRANTE~QUEBRANTO • Nm[Ssing] • Condição espiritual caracterizada por cansaço, fraqueza, ou mal-estar inexplicável, atribuída ao mau-olhado, inveja ou excesso de atenção direcionada a uma pessoa, especialmente crianças. É tratado com benzeção específica e auxílio de ramos capazes de absorver a energia negativa.

- *Qualquer uma, né? Igual ao de que de **quebrante**, que fala, de olhado e **quebrante**, né? Você pega os três ramos verde, três raminho verde. Aí cê vai e reza na pessoa, fala assim, fulano, fala o nome da pessoa, fulano que eu falo, você falou no nome da pessoa: "Eu te benzo de **quebrante** e olhado, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria", pega aquele raminhos separa, pega outro que não foi. Fala a mesma coisa: "Fulano, eu te benzo de quebrante e olhado, com dois eu te der, com os três te tiro, com os poder de Deus e da Virgem Maria" (BZD10-EST72)*

QUEBRANTE DE QUERER BEM • Ncm[Ssing + Prep + V + Ssing] • Tipo de quebrante atribuído ao excesso de afeto ou admiração direcionados a uma pessoa, especialmente crianças, sem intenção negativa. Acredita-se que essa energia, mesmo positiva, pode causar cansaço, fraqueza ou mal-estar, sendo tratada com benzeção para equilibrar as energias.

- *É. É a mesma coisa. Quebrante e olhado é a mesma coisa, cê põe o quebrante, tem ele de **querer bem** e tem ele de raiva (BZD1-DOR64)*

QUEBRANTE DE RAIVA • NCm[Ssing + Prep + Ssing] • Forma de quebrante resultante de olhares ou pensamentos carregados de irritação ou ressentimento direcionados a alguém. É considerado mais intenso e prejudicial, podendo causar mal-estar ou desconforto físico e emocional.

- *Tem o olhado que eles fala, tem o mau-olhado, que a pessoa olha pro outro [quebrante] **de raiva**, aquele é o pior, quando a pessoa olha pro outro com raiva e põe aquele olhar de raiva, aquele que é o de matar (BZD8-TER67)*

QUEBRANTE DE RUINDADE • NCm[Ssing + Prep + Ssing] • Quebrante originado de sentimentos de inveja, malícia ou intenções negativas intencionais, considerado grave e que necessita de benzeção para recuperação do equilíbrio e bem-estar.

- *[Quebrante] de ruindade é. O mau-olhado é de olha pros outros com raiva e tem o olho gordo pro lado da gente, do que a pessoa tem, do que a pessoa é, né? (BZD3-MAR86).*

R

RAIZEIRA • Nf[Ssing] • Curandeira que trata de doenças com a utilização de raízes.

- *Quando a gente reza muito nos outros, a gente fica com aquela mortência no couro, de vez em quando eu ia lá, agora não sei, não vou. Eu vi pessoas católicas, pessoas que não é católica, que fala curador, não é curador, não. Eu nunca bebi remédio de **raizeira** (BZD1-DOR64).*

RAMA BRAVA • Nf[Ssing] • Lexia utilizada para se referir a plantas ou ramos considerados inapropriados ou potencialmente perigosos para o uso em benzeções, como plantas venenosas.

- *Qualquer ramo. Eu pego um ramo uma hora de fedegoso, outra hora é um molho de bassourinha, outra hora é um molho de qualquer uma plantinhazinha aí, não sendo **rama brava** (BZD3-MAR86).*

RAMO • Nm[Ssing] • Cada uma das partes formadas pela divisão ou subdivisão do caule ou tronco central; galho. Geralmente são utilizados três nas práticas de benzeção.

- *Aí no primeiro... No primeiro você faz o sinal da cruz, aí você fala o nome da criança ou da pessoa que você for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de olhado, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado", o primeiro **ramo** você fala a mesma coisa. O segundo ramo, você fala a mesma coisa. O terceiro ramo, a mesma coisa. Aí você reza o Pai Nosso, uma Ave Maria e oferece pro santo de sua devoção (BZD1-DOR64)*

RAMO DE ANDU • NCm[Ssing + Prep + Ssing] • Parte da planta andu, também conhecida como feijão-guandu, utilizada benzeções como quebrante e olhado.

- *É... Pega aqueles ramo de andu, tudo reza na pessoa (BZD2-JOR83).*

REZA • Nf[Ssing] • Palavras que se proferem para benzer ou afastar o mal.

- *Porque tem a... Assim, faz de conta, assim, tem um doente "Eu vim aqui procê rezar". E eu falo: "De que? O que que cê está sentindo?". Ele vai e fala assim: "Eu tô sentindo é gripe, é febre, é dor no estômago, é de coluna, dor em perna"... aí tem a reza que fala assim. Ai Teve uma **reza**, se rezar a gente não fala não, senão, eu não falo não, senão diz que não cede (BZD2-JOR83).*

REZA DE ARMA DE FOGO • Ncf[Ssing + Prep + Ssing + Prep + Ssing] • Benzeção específica destinada a impedir que uma arma de fogo dispare, tornando-a ineficaz. É realizada com a recitação de palavras consideradas poderosas, repetidas geralmente três vezes, com forte intenção e fé. É uma oração sigilosa e que não pode ser compartilhada indiscriminadamente.

- *Sei [reza] de arma de fogo, mas essa eu não ensino ninguém, não. Perigosa (BZD5-MAR90).*

REZA PARA CORTAR O VENTO • Ncf[Ssing + Prep + V + Art + Ssing] • Benzeção realizada com o objetivo de dissipar ou enfraquecer ventos fortes, como os que antecedem ou acompanham tempestades, e que podem causar prejuízos materiais às casas.

- *É assim, o vento, aquela chuva pesada com aquele ventão que vem rebentando tudo, aquilo eu que eu sou muito medrosa de vento, eu não posso ver vento, que eu tenho mais medo do vento do que os trovão. Aí eu falo: "Jesus na paz, na paz é sal. O sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo vai derramar entre nós esta, esta, esta, esta", três vezes. Aí se torna a rezar a oração: "Jesus na paz, na paz está, sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo vai derramar entre nós esta, esta, esta, esta", aí se reza as três vezes com o esta, três vezes (BZD10-EST72).*

REZAR • [V] • Dizer oração ou súplica, em voz baixa ou apenas interiormente, também sinônimo de benzer.

- *Não teve nem tempo do umbigo cair, ele abriu e ele fez aquelas... E eu peguei e mandei ela apanhar um pacotinho de algodão e uma agulha e pus uma linhinha, **rezei** na linhinha e aí eu costurei isso, benzi e fiz a costura assim. E essas mulher nem comia, nem dormia que essa criança não deixava, aí eu pus ela assim no meu*

colo e fui benzendo ela. Quando eles panhou ela do meu colo, tava dormindo (BZD12-LOU80).

RIO JORDÃO • NCm[Ssing] • Referência simbólica e sagrada ao rio mencionado na Bíblia, conhecido como o local onde Jesus Cristo foi batizado por João Batista. É evocado nas benzeções como símbolo de purificação e renovação.

- *Pode falar, ué. É assim: "No **Rio Jordão** passei, bicho cheiroso eu matei, impinge, cobreiro e fogo selvagem, água do mar eu lavei". Três vezes, com a fé em Deus tá são, meu filho (BZD5-MAR90).*

ROSÁRIO • Nm[Ssing] • Devoção que consiste em rezar quinze vezes um pai-nosso e quinze vezes dez ave-marias em honra dos mistérios da vida de Jesus Cristo e da Virgem Maria.

- *Tem uns que benzem com o **rosário**, outros benzem com o cordão, né? A minha reza é com raminho verde lá que eu apanho, né? (BZD3-MAR86)*

S

SAGRADO CORAÇÃO • NCm[Adj + Ssing] • Representação do coração de Jesus Cristo como símbolo de amor divino, compaixão e misericórdia infinita. É invocado nas benzeções como uma fonte de proteção, cura e fortalecimento espiritual, sendo associado à entrega total de Cristo pela humanidade. Sua imagem é rodeada por chamas, uma cruz e uma coroa de espinhos.

- *Tem sim. Tem, graças a Deus, eu tenho com o **Sagrado Coração**, que é nosso padroeiro do apostolado (BZD9-NEN76).*

SANTA IRIA • NCf[Ssing] • Santa cristã também conhecida como Santa Irene, venerada como mártir da fé. Segundo a tradição, Santa Iria viveu no século VII em Portugal, na região de Nabância (atual Tomar), e dedicou sua vida à oração e à pureza espiritual. Acusada injustamente de desonra, foi martirizada, e seu corpo, jogado no rio Nabão, foi milagrosamente transportado até Santarém, onde sua memória se tornou objeto de devoção. É invocada em benzeções de cobreiro, impinge e fogo selvagem.

- *De cobreiro se reza assim: "Santa Iria tem três fia, uma reza de cobreiro, a outra de impinge, a outra de fogo salvagem". Você tem que rezar três vezes e oferece pra Santa Iria, reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois que você faz a sua oração. Todas as rezas que eu tô te falando, cê reza um Pai Nosso e uma Ave Maria depois (BZD9-NEN76).*

SANTA LUZIA • NCf[Ssing] • Santa cristã venerada como padroeira dos olhos e da visão. Viveu no século IV, em Siracusa, na Itália, e é conhecida por sua fé inabalável e martírio durante as perseguições aos cristãos. Segundo a tradição, Santa Luzia sofreu torturas que incluíram a perda dos olhos, motivo pelo qual é representada segurando-os em uma bandeja, simbolizando sua devoção e proteção espiritual àqueles que a invocam. É invocada em benzeções para a proteção contra males físicos e espirituais.

- *Porque muitos têm devoção por Nossa Senhora, outros é com Santa Luzia, outros é com Jesus Misericordioso, Bom Jesus da Lapa, né? (BZD1-DOR64).*

SANTÍSSIMA TRINDADE • NCf[Ssing] • Doutrina central do Cristianismo que representa a unidade divina em três pessoas distintas: o Pai, o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo, formando um único Deus. Simboliza, nas benzeções, a perfeição, o amor e a comunhão divina.

- *“Da claridade da Santíssima Trindade. Assim como essas palavras são certas e são a verdade, é de tirar vento e ar e enxaqueca e dor de cabeça” (BZD5-MAR90).*

SANTO EXPEDITO • NCm[Ssing] • Santo cristão venerado como o padroeiro das causas urgentes e impossíveis. Segundo a tradição, foi um soldado romano que se converteu ao cristianismo e enfrentou o martírio por sua fé no século IV. É representado segurando uma cruz com a palavra hodie ("hoje" em latim) e esmagando um corvo que diz cras ("amanhã"), o que simboliza a decisão imediata de seguir Cristo e a rejeição à procrastinação espiritual. É invocado em benzeções que requerem soluções rápidas, auxílio em momentos de desespero e fortalecimento espiritual diante de dificuldades.

- *Foi a época época assim que meu filho tava muito ruim, ruim, ruim. Aí chegou dona X com oraçãozinha de Santo Expedito, aí naquela ânsia eu falei assim: "Pela fé que eu tenho em Jesus e Santo Expedito, se meu filho ficar bom, eu vou continuar rezando o terço até eu aguentar", e tem muitos e muitos anos que eu rezo. Reúno o pessoal na comunidade e rezo. Aí, agora, esse ano quando eu tiver assim*

baqueando, que eu não aguentar, eu vou, os dias que eu gastar com o terço aqui em casa, eu vou passar pra minha igreja, se Deus quiser. É o pedido que eu tenho (BZD1-DOR64).

SÃO BISPO • NCm[Ssing] • Santo cristão associado ao episcopado, reconhecido como pastor e líder espiritual de sua comunidade. É invocado nas benzeções como símbolo de proteção, sabedoria e intercessão divina, especialmente em pedidos relacionados à liderança espiritual, cura e fortalecimento da fé.

- *Aí o homem correu atrás daquele mendigo, né? Que era Jesus. "Oh, senhor, reza em minha mulher, minha mulher engasgou". Aí Jesus voltou, rezou assim: "Homem bom, mulher má. Casa velha, esteira rota não me fala mal. **São Bispo**, São João de Cristo. Cristo disse que desengasgasse pra cima ou pra baixo", três vezes, a mulher desengasgou (BZD10-EST72).*

SÃO FRANCISCO FABRIÃO (SÃO FABIÃO) • NCm[Ssing] • Santo cristão e mártir, também conhecido como São Fabiano, foi Papa da Igreja Católica entre os anos 236 e 250 d.C. É reconhecido por sua liderança espiritual durante um período de perseguições aos cristãos, dedicou-se à organização e fortalecimento da Igreja, especialmente na Roma antiga. Foi martirizado sob o imperador Décio e é venerado como símbolo de coragem e devoção à fé. É invocado nas benzeções de enxaqueca e dor de cabeça.

- *Oh, pra dor de cabeça reza assim: "Adonde vai **São Francisco Fabrião**, curando enxaqueca e dor de cabeça. Deus é o solo, Deus é a lua e Deus é a mesma claridade". Reza três vezes e oferece pra **São Francisco Fabrião**, cada oração tem seu santo de oferecer (BZD9-NEN76).*

SÃO JOÃO • NCm[Ssing] • Santo cristão, primo de Jesus, celebrado como o precursor do Messias, conhecido por batizar Cristo no Rio Jordão e pregar o arrependimento. Sua festa ocorre em 24 de junho e coincide com as tradicionais festas juninas no Brasil.

- *De igreja. de Bom Jesus, as festas de Bom Jesus, festas de **São João**, né, que eu comemorava, ele fui chamada em muitas festas, festa roubada, bandeira roubada, pra eu ir, pra poder fazer. Eu fazia tipo de um encontro bonitinho, que o povo falava (BZD9-NEN76).*

SÃO MIGUEL • NCm[Ssing] • Arcanjo venerado como defensor do povo de Deus e líder do exército celestial na luta contra o mal. É mencionado na Bíblia como aquele que combateu Lúcifer e os anjos rebeldes, símbolo de proteção, justiça e força divina. É representado com armadura, espada e escudo. É invocado nas benzeções para afastar perigos espirituais e físicos, proteger contra forças malignas e fortalecer a fé.

- *Não existem mais, né. E muita coisa eu não aprendi com o benzedor, que era meu, eu não aprendi muita coisa com ele, mas depois Deus me ensinou como é que fizesse. Eu tenho uma devoção com **São Miguel**, que vê no dia 29, eu fazia isso mais minha mãe, minha mãe saiu e deixou pra mi,, falou: "Olha, ocê continue essa vida durante vida ocê tiver". Todo dia de **São Miguel** eu ponho as doze luz pra ele, ele faz as puxadinha, as candeinha de vaso puxado, o azeite, tá aí o litrão de azeite que eu comprei, dia de **São Miguel** eu vou pôr de novo. Eu tenho uma devoção com São Miguel e tudo que eu peço pra **São Miguel, São Miguel** me dá. Ele rebate e fala e eu falo com ele, ele combate, ele rebate o inimigo, ele rebate doença, ele rebate tudo quanto é coisa. Eu já ganhei, mas eu já ganhei muitas graças, me pede eu pra ligar pra dizer que graça eu recebi, eu recebi com **São Miguel**, eu tenho devoção é com os santos? (BZD13-ANA91).*

SARAR • [V] • Dar ou restituir a saúde a; curar(-se).

- *Lembra como é que ela ficou aí cortada, cortada, cortada, cortada e eu pedi pra Nossa Senhora emenda os pedaço dela tudo, fui daqui, paguei a passagem, fui lá, cumpri essa promessa, dei a ela e ela me escreveu a carta e me deu pra eu levar e eu levei e botei nos pés de Nossa Senhora e chegou lá eu contei a ela o caso. Ela **sarou**, cê não viu a grossura que ela tá aí hoje, largou a lei de Deus, passou pra lei dos crente. Um monte de graça eu já recebi, só que o povo não respeitou as minha oração (BZD13-ANA91).*

SEMANA SANTA • NCf[Ssing + Adj] • Período litúrgico do cristianismo que celebra a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, compreendido entre o Domingo de Ramos e o Domingo de Páscoa, marcado por rituais religiosos, procissões e práticas de devoção popular que relembram os últimos momentos da vida de Cristo na terra. Crê-se que é um momento de intensificação da espiritualidade, em que as benzeções ganham maior força, devido à conexão simbólica com o sacrifício e a vitória de Jesus sobre o pecado e a morte.

- *Não, não é por causa da **semana santa**. Não, não, é porque é o dia melhor da semana, já próprio de benzer. Segunda, quarta e sexta, cê benze qualquer dia, mas esse dia é o melhor dia (BZD9-NEN76).*

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO • NCm[Ssing + Prep + Ssing] • A sexta-feira da Semana Santa, dia em que a Igreja relembra a morte de Jesus Cristo; Sexta-Feira Maior, Sexta-Feira Santa.

- *Era na semana Santa, quando dava a **Sexta-feira da Paixão**, nós morava lá na... Perto de Curral Dentro... É, perto de Curral Dentro e nós ia pra casa da vizinha nossa na **Sexta-feira da Paixão** e ficava acordada a noite inteira rezando, rezando, rezando, só fazendo penitência (BZD8-TER67).*

SOMBRA • Nf[Ssing] • Espírito de pessoa já falecida, que carrega consigo energias negativas que podem ser absorvidas pelos vivos.

- *Que encosta na gente, alguma **sombra**, cê nem sabe que tem, né? Essa **sombra** ruim (BZD3-MAR86).*

T

TERÇO • Nm[Ssing] • A terça parte do rosário, composta de cinco dezenas de contas para a Ave-maria, intercalada por cinco contas, que correspondem ao Pai-nosso; também chamado popularmente de rosário.

- *"Pela fé que eu tenho em Jesus e Santo Expedito, se meu filho ficar bom, eu vou continuar rezando o **terço** até eu aguentar", e tem muitos e muitos anos que eu rezo (BZD1-DOR64).*

TRIBULAÇÃO • Nf[Ssing] • Grande aflição causada por sofrimento moral ou físico.

- *Noventa anos pra você viver numa **tribulação** que nós tamos vivendo hoje em dia, nós tudo tá vivendo daquela maneira, dessa situação que nós tamos vendo aí. Foi fácil? Não foi fácil, né? E nem é fácil e nós tamos levando a vida, né? (BZD13-ANA91).*

TUTANO • Nm[Ssing] • Substância mole e gordurosa, do interior dos ossos; medula óssea. É onde, segundo as benzedeadas, se inicia a ezipa.

- *É, ficou zipa. E zipa é assim, cê reza do **tutano**, deslocando pra fora: "E zipa, erisipela de um **tutano** vai pro outro; do outro vai pro nervos; dos nervos pra carne; da carne vai pra pele e vai para as ondas do mar, onde galo não canta, boi na urra e bode não berra". Três vezes e reza pra santa Iria (BZD9-NEN76).*

U

USURA • Nf[Ssing] • Qualidade ou característica de quem é avarento, mesquinho, tem apego excessivo ao dinheiro, aos bens materiais; avareza, mesquinha, sovínice. Esse sentimento causa o olhado e carece da intervenção da benzeção.

- *Às vezes, assim, uns problemas que tiver, dor de barriga, dor de cabeça. Nossa Senhora ajudar que tira essa dor de cabeça, tira esse mau-olhado, esse olho gordo, essa inveja, essa **usura**, tudo isso tem (BZD3-MAR86).*

V

VALIDA • [V – Adj] • Lexia utilizada para expressar a condição de ser atendido ou agraciado por uma intercessão divina, especialmente em pedidos feitos a santos ou figuras sagradas. Nas falas das benzedeadas, ser "valida" significa que as orações e súplicas foram eficazes e resultaram em bênçãos, curas ou proteção.

- *Eu tenho. Tenho devoção com Nossa Senhora da Aparecida, tudo o que eu peço com ela, eu sou **valida**. Eu tenho devoção com essa santa, que eu vou falar com ocê. Graças a Deus, tudo o que eu peço pra Nossa Senhora da Aparecida eu sou **valida**, né? (BZD5-MAR90).*

VASSOURINHA~BASSOURINHA • Nf[Ssing] • Trepadeira da família das loganiáceas, nativa de Minas Gerais, de folhas ovais e flores dispostas em cimeiras paniculadas; barbasco, verbasco. É usada em benzeções de impinge e cobreiro.

- *Santa... Não, Santa- Maria não tá tendo não, né? Santa-maria é pra rezar, assim, de impinge e cobreiro, é rezado com santa-maria, mas ninguém tá achando a santa-*

maria mais, né? bassourinha, é bassourinha, né? É com bassourinha (BZD5-MAR90).

VERME • Nm[Ssing] • Nome dado aos parasitas que se desenvolvem no corpo vivo e pode ser curado pela benzeção específica a essa finalidade.

- *Ele rezava cada coisa, cuidava de cada coisa. Eliana de Edson tava falando comigo esses dias ali, diz que ele rezava até de verme, criança que tinha verme, que ele rezava* (BZD1-DOR64).

VERRUGA • Nf[Ssing] • Pequena protuberância arredondada na superfície da pele, de consistência áspera, causada pela hipertrofia de certas estruturas cutâneas. É, para as benzedeadas, comum em galinhas e pode ser tratada pela benzeção.

- *Galinha adoeceu de verruga e tudo* (BZD2-JOR83)

VIRGEM MARIA • Ncf[Ssing] • Figura central do cristianismo, mãe de Jesus Cristo e símbolo de pureza, amor e intercessão divina. É invocada na maioria das benzeções.

- *No primeiro você faz o sinal da cruz, aí cê fala o nome da criança ou da pessoa que cê for rezar e fala: "Fulano, eu te benzo de quebrante, de olhado, com os poder de Deus e da Virgem Maria que tira para o mal sagrado"* (BZD1-DOR64).

Roteiro semiestruturado para realização das entrevistas

- 1) Quem te ensinou a benzer? De onde veio essa prática? Há mais pessoas em sua família que benzem?
- 2) De quais males a senhora benze? Poderia falar um pouco de cada um deles?
- 3) Seria possível verbalizar as benzeções que a senhora conhece?
- 4) As pessoas te procuram muito para pedir benzeção? Quais são os males mais procurados para benzeção?
- 5) A senhora acha que as benzeções hoje continuam tão fortes e populares quanto antigamente? Por quê?
- 6) Houve algum momento em que a senhora precisou de benzimento e foi curada?
- 7) Qualquer pessoa pode ser benzida?
- 8) Qual o melhor horário pra benzer?
- 9) O que a senhora usa para as benzeções?
- 10) Tem algum mal que a senhora não sabe rezar e gostaria de saber?
- 11) Quando a senhora reza numa pessoa, é em voz alta ou em silêncio? Por quê?
- 12) O que cura mais, a benzeção ou a fé da pessoa? Tem algum caso que a senhora lembre que comprove isso?
- 13) A senhora faz benzeção em animais também?
- 14) A senhora já ensinou suas benzeções a alguém?
- 15) O que te motiva a benzer?
- 16) Há algum caso que a senhora lembre que te marcou com relação às benzeções?
- 17) Quais as principais práticas religiosas da região em que a senhora mora?
- 18) Há práticas ou movimentos religiosos de que a senhora se lembra quando era mais nova?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: RAMOS, CARVÕES, SABERES E TRADIÇÕES: O LÉXICO DAS BENZEDEIRAS NA REGIÃO DE SALINAS-MG

Prezado Senhor(a):

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador os devidos esclarecimentos.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de estudar o léxico das benzedeadas na cidade de Salinas-MG. Você foi selecionado porque reside em Salinas e lida com a prática de interesse desta pesquisa, a benzeção. Salientamos que sua participação não é obrigatória.

2) Procedimentos do Estudo

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em participar das conversas que serão gravadas somente por meio de áudio e em caráter particular com o pesquisador, sendo que cada conversa terá a duração média de 40 minutos. Essas conversas serão conduzidas por meio de um roteiro de entrevista previamente elaborado pelo pesquisador. Os dados coletados serão armazenados e utilizados para atender ao objetivo da pesquisa: levantar léxias relacionadas às benzeções. Além disso, os dados serão armazenados em dispositivo pessoal do pesquisador, não serão compartilhados com ninguém e serão guardados por cinco anos, de modo que, após esse período, poderão ser eliminados.

3) Riscos e desconfortos

Consideramos que o risco possível para sua participação neste estudo seja algum desconforto durante a gravação, porém deixamos claro que os procedimentos serão feitos conforme sua disponibilidade e, caso esta pesquisa cause a você qualquer tipo de insatisfação, o pesquisador compromete-se a reparar o fato, ou prover meios para a reparação.

4) Benefícios

Consideramos que esta pesquisa levantará um interessante material (fichas lexicográficas e glossário) sobre o produto. Além disso, contribuirá para o registro e a divulgação da cultura salinense no que tange às práticas de benzeção, tão importantes para a cultura salinense.

5) Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento por ela.

6) Caráter Confidencial dos Registros

A sua identidade será mantida em sigilo, de modo que você não será identificado(a) quando o material de seu registro for utilizado na realização de trabalhos científicos. As gravações comporão o *corpus* de uma tese de doutorado, e todas as informações referentes à sua identificação serão mantidas em total sigilo. Seu nome, endereço e outras informações pessoais não serão divulgados e não constarão em nenhum trabalho científico que for decorrente da análise dos dados desta pesquisa. Caso você autorize, esta gravação e/ou sua

respectiva transcrição serão publicadas em obra científica e em apresentação de trabalho. Você tem total liberdade para autorizar ou não:

- () autorizo a publicação da gravação e da transcrição;
 () autorizo a publicação somente da () gravação () transcrição;
 () não autorizo a publicação nem da gravação nem da transcrição.

7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informar ao pesquisador.

8) Informações

Em caso de dúvida e eventuais esclarecimentos, é possível entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo telefone 3409-4592, por email coep@prpq.ufmg.br ou no seguinte endereço: Av. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

O pesquisador responsável poderá fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do pesquisador: Mauricio Alves de Souza Pereira
 Endereço: Rua Professor Darcy Ribeiro, 65, apartamento 302, Edgar Pereira, Montes Claros – MG. Cep 39400-594.
 Telefone: (38) 991786599
 Email: mauaspereira@gmail.com

9) Declaração de Consentimento

Li, ou alguém leu para mim, as informações contidas neste documento antes de assinar este Termo de Consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste

estudo. Nome do participante (em letra de forma):

Assinatura do participante ou representante legal

Data: _____

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Nome (em letra de forma) e Assinatura do pesquisador

Data: _____